

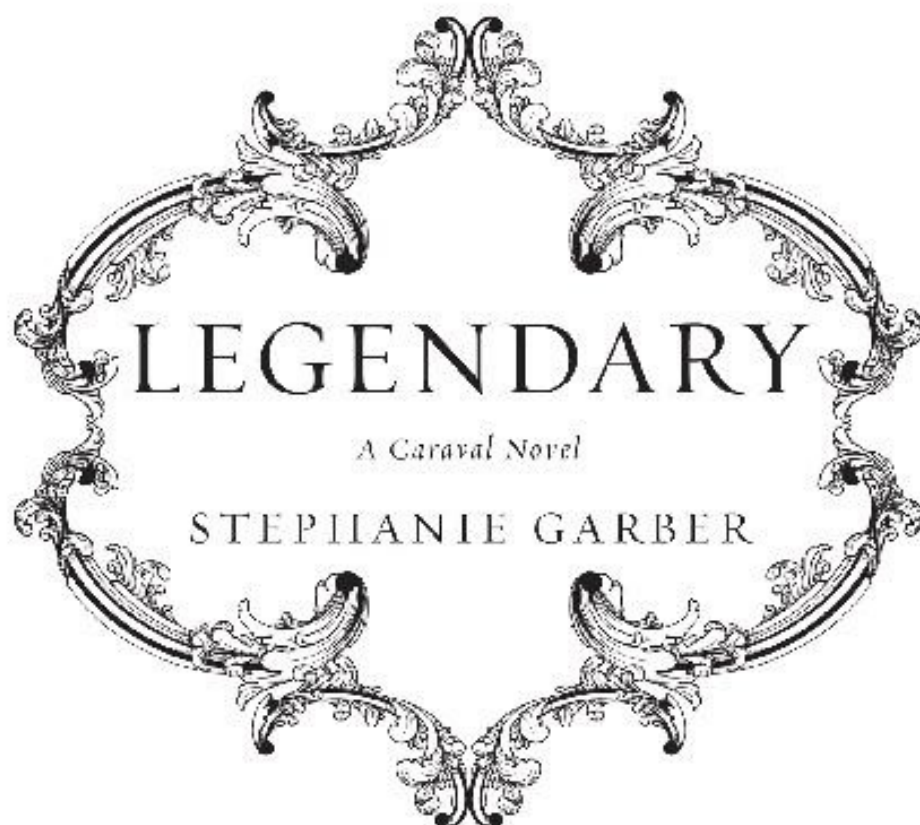
NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

STEPHANIE
GARBER

LEGENDARY

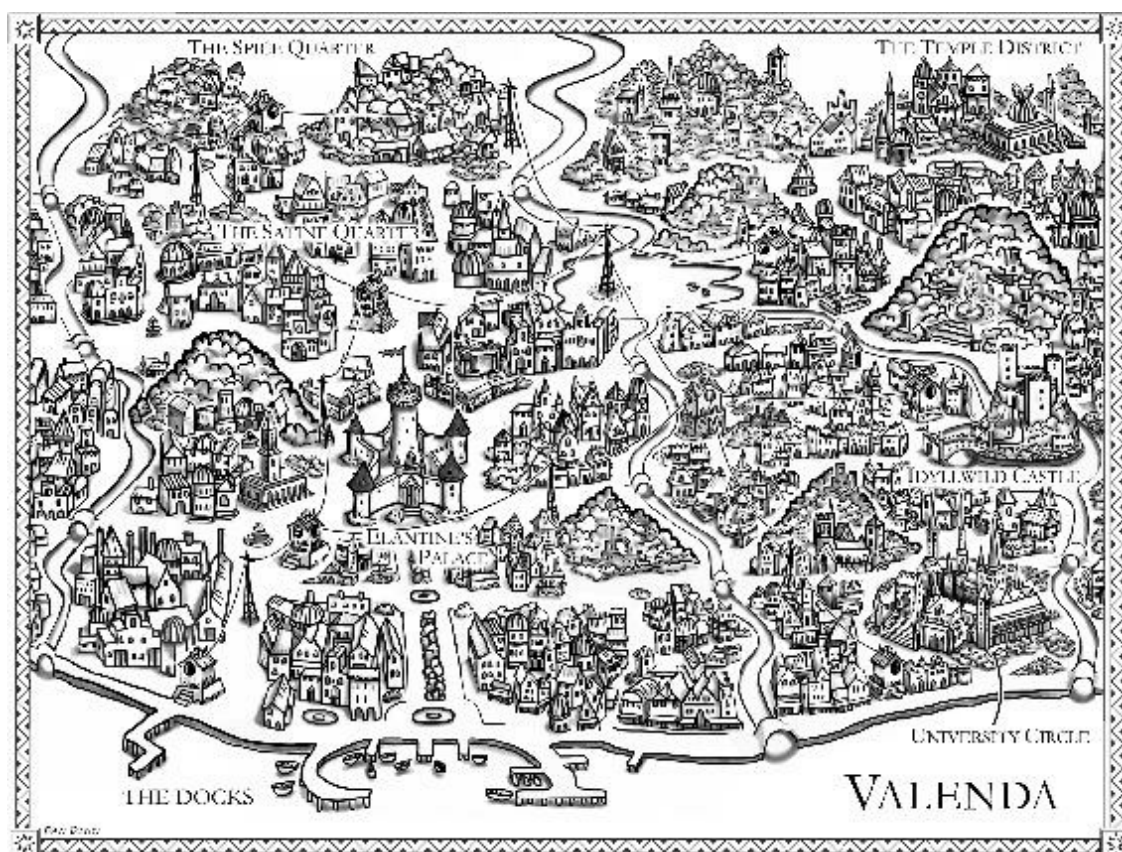
A
CARAVAL
NOVEL





FLATIRON
BOOKS
NEW YORK

Para Matthew, para a pedra-sabão
Para Allison, por me dizer que Dashiell era o nome errado
E para vocês dois, por serem irmãos incríveis



Tradução por: Whitethornteca: Drive e Traduções.
Siga nosso Twitter: @whitethornteca

SETE ANOS ATRÁS

Enquanto alguns quartos da propriedade tinham monstros escondidos debaixo das camas, Tella praguejou o encantamento oculto da suíte da mãe. Pontas de luz esmeralda polvilhavam o ar como se fadas viessem a brincar sempre que a mãe partisse. A sala cheirava a flores arrancadas de jardins secretos, e mesmo quando não havia brisa, as cortinas cobriam a magnífica cama de dossel. Acima, um candelabro de citrino cumprimentou Tella com os sons musicais de beijar vidro, facilitando para ela imaginar que a suíte era um portal enfeitiçado para outro mundo.

Os minúsculos pés de Tella não emitiam nenhum som quando ela passou pelos tapetes grossos de marfim até a cômoda de sua mãe. Rapidamente, ela roubou um olhar por cima do ombro e depois pegou a caixa de jóias da mãe. Lenta e pesada nas mãos de Tella, a caixa era feita de madrepérola e coberta de filigrana de ouro com teia de aranha; Tella gostava de fingir que também estava encantada, pois mesmo quando seus dedos estavam sujos, felizmente nunca deixavam impressões digitais.

A mãe de Tella não se importava se suas filhas brincavam com seus vestidos ou experimentavam seus chinelos sofisticados, mas pedia que não tocassem nessa caixa, o que só a tornava mais irresistível para Tella.

Scarlett podia passar as tardes sonhando com shows itinerantes como Caraval, mas Tella gostava de ter aventuras de *verdade*.

Hoje ela fingiu que uma rainha perversa estava segurando um jovem príncipe elfo cativo, e para salvá-lo, ela precisava roubar o anel de opala de sua mãe, a jóia favorita de Tella. A pedra leitosa era crua e áspera, em forma de explosão estelar, com pontas afiadas que às vezes picavam seus dedos. Mas quando Tella segurou a opala em direção à luz, a pedra faiscou, cobrindo a sala em brasas de cerejeira, ouro e lavanda luminescentes que indicavam

maldições mágicas e pó de duende rebelde.

Infelizmente, a banda era muito grande para o dedo de Tella, embora toda vez que ela abrisse a caixa, ela ainda a vestia para o caso de ela ter crescido. Mas neste dia, assim que Tella deslizou no ringue, ela notou outra coisa.

O candelabro acima dela parou, como se também tivesse sido pego de surpresa.

Tella sabia de cor todos os itens no estojo de jóias de sua mãe: uma fita de veludo cuidadosamente dobrada em ouro, brincos escarlates vermelhos, uma garrafa de prata manchada que sua mãe dizia ter lágrimas de anjo, um medalhão de marfim que não se abria, uma pulseira de jato. Parecia como se pertencesse ao braço de uma bruxa, em vez do pulso elegante de sua mãe.

O único item que Tella nunca tocou foi o sachê cinza-sujo, que cheirava a folhas mofadas e morte doce. *Isso mantém os goblins longe*, sua mãe brincou. Isso manteve Tella longe também.

Mas hoje, a pequena bolsa feia cintilou, atraindo Tella para ela. Um momento, parecia um monte de podridão e cheirava a decadência. Um piscar depois, em seu lugar, havia um baralho de cartas reluzente, amarrado com uma delicada fita de cetim. Então, num piscar de olhos, voltou para a bolsa desagradável antes de se transfigurar nas cartas novamente.

Abandonando sua missão de jogo, Tella rapidamente pegou o cordão de seda e levantou o baralho da caixa. Instantaneamente eles pararam de se mexer.

Os cartões eram muito, muito bonitos. Um tom tão escuro de beladona que eles eram quase pretos, com pequenas manchas douradas que brilhavam na luz, e fios de gravura violeta-avermelhada que fizeram Tella pensar em flores úmidas, sangue de bruxa e *magia*.

Estes não eram nada como os frágeis cartões em preto-e-branco que os guardas de seu pai haviam lhe ensinado a jogar jogos de apostas. Tella sentou-se no tapete. Seus dedos ágeis formigaram quando ela desamarrou a fita e virou o primeiro cartão.

A jovem retratada lembrou Tella de uma princesa cativa. Seu lindo vestido branco estava rasgado, e seus olhos em formato de lágrima eram tão bonitos quanto o vidro polido do mar, mas tão tristes que doíam olhar. Muito provavelmente porque sua cabeça estava enjaulada em um globo redondo de

pérolas.

As palavras *A Morte da Donzela* foram escritas na parte inferior do cartão.

Tella estremeceu. Ela não gostava do nome e não gostava de gaiolas, nem mesmo de pérolas. De repente, ela teve a sensação de que sua mãe não iria querer que ela visse essas cartas, mas isso não impediu Tella de virar outra.

O nome na parte inferior deste era *O Príncipe de Copas*.

Mostrava um jovem com um rosto feito de ângulos e lábios afiados como duas lâminas de faca. Uma das mãos, perto do queixo pontiagudo, apertava o cabo de uma adaga e lágrimas vermelhas caíam de seus olhos, combinando com o sangue que manchava o canto de sua boca estreita.

Tella se encolheu quando a imagem do príncipe piscou, indo e vindo, do mesmo jeito que o sachê sujo havia oscilado antes.

Ela deveria ter parado então. Esses cartões definitivamente não eram brinquedos. No entanto, uma parte dela sentia como se ela estivesse destinada a encontrá-los. Eles eram mais reais que a rainha má ou o príncipe élfico de sua imaginação, e Tella ousou pensar que talvez eles a levassem a uma verdadeira aventura.

A próxima carta pareceu especialmente quente contra seus dedos quando Tella a virou.

O Oráculo.

Ela não sabia o que o nome estranho significava, e ao contrário das outras cartas, esta não parecia ser violenta. As bordas estavam cobertas de redemoinhos ornados de ouro fundido, e o centro era prateado como um espelho - *não*, era um espelho. O brilho do meio refletia os cachos melosos de Tella e seus olhos castanhos redondos. Mas quando Tella olhou mais de perto, a imagem estava errada. Os lábios rosados de Tella estavam tremendo, e lágrimas gordas corriam por suas bochechas.

Tella nunca chorou. Nem mesmo quando seu pai usou palavras duras, ou Felipe a ignorou em favor de sua irmã mais velha.

— Eu me perguntei se eu te encontraria aqui, meu amorzinho. — A suave soprano de sua mãe encheu a sala enquanto ela entrava. — Que aventuras você está tendo hoje?

Enquanto sua mãe se inclinava em direção ao tapete onde Tella estava sentada, seu cabelo caiu em torno de seu rosto inteligente em rios elegantes.

Os cabelos de sua mãe eram da mesma cor marrom-escura de Scarlett, mas Tella compartilhava a pele azeitonada de sua mãe, que brilhava como se tivesse sido beijada pelas estrelas. Embora naquele momento Tella observasse sua mãe ficar pálida como uma pedra da lua enquanto seus olhos se prendiam às imagens arrebitadas da Donzela da Morte e do Príncipe de Copas.

— Onde você encontrou isso? — A voz doce de sua mãe permaneceu, mas suas mãos rapidamente pegaram os cartões, dando a Tella a impressão de que ela fez algo muito errado. E enquanto Tella frequentemente fazia coisas que ela não deveria fazer, geralmente a mãe não se importava. Ela corrige gentilmente sua filha ou ocasionalmente diz a ela como se safar com seus pequenos crimes. Foi seu pai que ficou facilmente irritado. Sua mãe era o suave sopro de ar que soprava suas faíscas antes que elas pudessem se inflamar. Mas agora sua mãe parecia querer acender uma fogueira e usar os cartões para acender.

— Eu os encontrei em sua caixa de jóias — disse Tella. — Eu sinto muito. Eu não sabia que eles eram ruins.

— Está tudo bem. — Sua mãe passou a mão sobre os cachos de Tella. — Eu não queria assustar você. Mas até eu não gosto de tocar nesses cartões.

— Então por que você os tem?

Sua mãe escondeu os cartões dentro das saias de seu vestido antes de colocar a caixa em uma prateleira alta ao lado da cama, além do alcance de Tella.

Tella temia que a conversa acabasse - como, sem dúvida, teria sido com o pai dela. Mas a mãe dela não ignorou as perguntas de suas filhas. Uma vez que a caixa foi escondida com segurança, sua mãe se dobrou no tapete ao lado de Tella.

— Eu gostaria de nunca ter encontrado essas cartas — ela sussurrou. — Mas eu vou falar sobre elas se você jurar nunca mais tocar neste baralho, ou em outro baralho como esse, novamente.

— Eu pensei que você disse para Scarlett e eu para nunca jurar.

— Isso é diferente. — Um canto do sorriso de sua mãe retornou, como se Tella estivesse deixando entrar um segredo muito especial. Sempre foi assim: quando sua mãe escolheu focar sua atenção brilhante apenas em Tella, ela fez

Tella se sentir como se fosse uma estrela e o mundo girasse em torno apenas dela. — O que eu sempre falei sobre o futuro?

— Toda pessoa tem o poder de escrever o seu próprio — disse Tella.

— Isso mesmo — disse sua mãe. — Seu futuro pode ser o que você quiser. Todos nós temos o poder de escolher nosso próprio destino. Mas, meu doce, se você jogar com esses cartões, você dá aos Destinos imaginados dentro deles a oportunidade de mudar seu caminho. As pessoas usam Baralho do Destino, semelhante ao que você acabou de tocar, para prever o futuro, e uma vez que um futuro é predito, esse futuro se torna uma coisa viva, e ele lutará muito para se dedicar. É por isso que eu preciso que você nunca toque nas cartas novamente. Você entende?

Tella assentiu, embora não entendesse de verdade; ela ainda estava nessa tenra idade, quando o futuro parecia longe demais para ser real. Também não lhe escapou que sua mãe nunca disse de onde vinham as cartas. E isso fez os dedos de Tella apertarem um pouco mais ao redor do que ainda estava em sua mão.

Na pressa de pegar o deque, a mãe de Tella não notou a terceira carta que Tella havia entregado. O que ainda está em sua posse. O Oráculo. Tella escondeu-a cuidadosamente sob suas pernas cruzadas quando disse: — Juro nunca tocar em um baralho como este novamente.

ISLA DE LOS SUEÑOS

1

Tella não estava mais flutuando.

Ela estava no chão úmido, sentindo-se longe, longe da coisa clara e brilhante que tinha sido na noite anterior. De volta, quando a ilha particular de Lenda irradiava uma luz âmbar, que soprava encanto e admiração, junto com um toque de decepção. Uma combinação deliciosa. E Tella se divertiu com isso. Durante a festa para celebrar o fim do Caraval, ela dançou até seus chinelos ficarem manchados de grama e beberam taças de vinho borbulhante até que ela praticamente flutuou.

Mas agora ela estava de bruços no chão frio e duro da floresta.

Não ousando abrir os olhos, ela gemeu e tirou a natureza de seus cabelos, desejando que alguns dos outros restos da noite passada pudessem ser facilmente removidos. Tudo cheirava a bebida velha, agulhas de pinheiro e erros. Sua pele coçava e rastejava, e a única coisa pior do que a fiação em sua cabeça era a dor retorcida nas costas e no pescoço. Por que ela pensou que adormecer do lado de fora era uma idéia brilhante?

— Argh. — Alguém grunhiu o som não muito satisfeito de uma pessoa prestes a acordar.

Tella abriu os olhos, olhou para o lado e depois fechou as pálpebras imediatamente. *Santos sujos.*

Ela não estava sozinha.

Entre as árvores imponentes e os verdes indomados do chão da floresta, Tella abriu os olhos apenas o tempo suficiente para vislumbrar uma cabeleira escura, pele bronzeada, um pulso marcado e uma mão de menino coberta com uma tatuagem de rosa negra. *Dante.*

Tudo correu de volta em uma onda de memórias embaçadas. A sensação das mãos experientes de Dante envolveu seus quadris.

Seus beijos no pescoço, no queixo e depois na boca quando os lábios se tornaram intimamente conhecidos.

O que em todos os infernos ela estava pensando?

Claro, Tella sabia exatamente o que seus pensamentos tinham sido durante a festa dos artistas de Caraval na noite anterior. O mundo tinha gosto de magia e brilho de estrelas, como desejos e sonhos concedidos, mas ainda assim, a morte ainda cobria a língua de Tella.

Não importa quanto champanhe ela bebesse, ou quão quente o ar crescesse de dança, Tella ainda tremia da lembrança arrepiante de como tinha sido a sensação de morrer.

Seu salto da varanda de Lenda não foi um ato de desespero; foi um salto de fé. Mas por apenas uma noite ela não queria pensar sobre isso, ou porque isso importava. Ela queria celebrar seu sucesso, esquecer todo o resto. E Dante parecia a maneira perfeita de fazer as duas coisas. Ele era atraente, podia ser encantador e fazia muito tempo desde que ela fora devidamente beijada. E, santos, Dante sabia beijar.

Com outro gemido, ele se esticou ao lado dela. Sua grande mão pousou na parte inferior das costas, quente e firme, e muito mais tentadora do que deveria ter sido.

Tella disse a si mesma que precisava escapar antes que ele acordasse. Mas mesmo dormindo, Dante era tão bom com as mãos.

Ele correu os dedos pela espinha dela até o pescoço dela, preguiçosamente cavando em seu cabelo apenas o suficiente para fazê-la arquear as costas.

Seus dedos pararam.

A respiração de Dante ficou subitamente quieta de um jeito que disse a Tella que ele também estava acordado agora.

Engolindo uma maldição, ela apressadamente se levantou do chão, longe de seus dedos hábeis e hábeis. Ela não se importava se ele a visse se esgueirando; seria muito menos desconfortável do que trocar gentilezas forçadas antes que um deles se tornasse corajoso o suficiente para justificar por que ele ou ela precisava se apressar.

Tella havia beijado homens jovens o suficiente para saber que qualquer coisa dita por um garoto logo antes ou diretamente depois que ela o beijou não poderia ser acreditada. E ela realmente precisava sair.

As memórias de Tella podem ter sido borradas, mas de alguma forma ela não conseguia esquecer a carta que tinha recebido antes que as coisas se tornassem interessantes com Dante. Um estranho, com o rosto escondido sob o manto da noite, colocou o bilhete no bolso e desapareceu antes que ela pudesse segui-lo. Ela queria reler a mensagem imediatamente, mas considerando o que ela devia ao *amigo* que a enviou, ela não achou que seria muito sensato. Ela precisava voltar para o quarto dela.

Terra úmida e agulhas de árvores cravadas se infiltraram entre os dedos quando ela começou a se afastar. Ela deve ter perdido seus chinelos em algum lugar, mas ela não queria perder tempo procurando por eles. A floresta estava tingida de mel indolente e pontuada por rancos pesados e murmúrios que fizeram Tella pensar que ela e Dante não eram os únicos que desmaiavam sob as estrelas. Ela não se importava se algum deles a via se esgueirando para longe do menino bonito, mas ela não queria que ninguém contasse à sua irmã.

Dante tinha sido mais do que um pouco desagradável para Scarlett durante o Caraval. Ele trabalhava para Lenda, então tinha sido apenas um ato – mas embora Caraval tivesse acabado, ainda era um pouco difícil eliminar os fatos da ficção. E Tella não queria que a irmã se machucasse ainda mais porque Tella tinha escolhido se divertir com um garoto que foi tão cruel com Scarlett durante o jogo.

Felizmente o mundo permaneceu adormecido quando Tella chegou à beira da floresta, e depois, a casa da torre de Lenda.

Mesmo agora, com Caraval oficialmente encerrado, e todas as velas e lanternas dentro apagadas, a mansão ainda soprava fiapos de sedutora luz de brasa, lembrando Tella de truques ainda a serem jogados.

Até ontem, essa propriedade continha todo o mundo do Caraval.

Suas grandes portas de madeira levavam os visitantes a varandas elegantes envoltas em exuberantes cortinas vermelhas, que cercavam uma cidade feita de canais, ruas que tinham mentes próprias e lojas misteriosas cheias de prazeres mágicos. Mas no breve tempo desde que o jogo terminou, a casa da torre encolheu de tamanho e o efêmero país das maravilhas escondido dentro de suas paredes havia desaparecido, deixando para trás apenas as partes que normalmente pertenceriam a uma grande casa.

Tella subiu a escada mais próxima. Seu quarto ficava no segundo andar. Com uma porta azul redonda de ovo robin, era fácil de encontrar. Também era impossível sentir falta de Scarlett e Julian, em pé ao lado dela, segurando um ao outro como se tivessem esquecido como dizer a palavra *adeus*.

Tella estava feliz por sua irmã ter finalmente se perdido em alguma felicidade. Scarlett merecia toda a alegria do Império, e Tella esperava que durasse. Ela tinha ouvido que Julian não tinha uma reputação de amarrar garotas, ele nunca mantinha relacionamentos depois de Caraval, e ele nem tinha sido roteirizado para ficar com Scarlett depois de trazê-la para a ilha de Lenda. Mas ele mentiu para ganhar a vida, o que dificultou que Tella confiasse nele. No entanto, como o par estava lá com os braços em volta um do outro e as cabeças inclinadas juntas, pareciam duas metades do mesmo coração.

Seus olhos ficaram trancados quando Tella se aproximou deles em direção ao seu quarto.

— Isso é um sim? — Julian murmurou.

— Eu preciso falar com a minha irmã — disse Scarlett.

Tella parou na frente da porta. Ela jurou que a carta no bolso subitamente ficou pesada, como se impaciente para ser lida novamente. Mas se Julian tivesse acabado de perguntar a Scarlett o que Tella esperava, então Tella precisava fazer parte dessa conversa.

— O que é que você quer falar comigo? — Tella interrompeu.

Scarlett se afastou de Julian, mas suas mãos continuaram envolvendo sua cintura, tecendo as fitas coradas de seu vestido, claramente não estavam prontas para deixá-la ir.

— Eu perguntei a sua irmã se vocês vão nos acompanhar para a celebração do septuagésimo quinto aniversário de Valenda para a Imperatriz Elantine. Haverá outro Caraval e eu tenho dois ingressos. — Julian piscou.

Tella jogou a irmã um sorriso. Isso era exatamente o que ela esperava. Embora uma parte dela ainda não acreditasse que os rumores que ela ouvira na semana anterior eram verdadeiros. Caraval só acontecia uma vez por ano, e ela nunca soube de dois jogos sendo jogados tão próximos um do outro. Mas Tella supunha que até mesmo Lenda fez exceções para a imperatriz.

Tella continuou a olhar para a irmã, esperançosa.

— Estou surpresa que isso seja uma pergunta!

— Achei que você não gostou do Dia de Elantine porque sempre ofuscou seu aniversário.

Tella balançou a cabeça enquanto avaliava sua resposta. Suas verdadeiras razões para querer ir tinham pouco a ver com o Dia de Elantine, embora sua irmã estivesse certa. Enquanto Elantine era imperatriz do Império Meridiano, seu aniversário tinha sido feriado, o Dia de Elantine, que foi inaugurado com uma semana inteira de festas e danças, regras distorcidas e leis quebradas. Na ilha das meninas, em Trisda, esse feriado era celebrado apenas por um dia, no trigésimo sexto dia da Growing Season, mas ainda ofuscava o aniversário de Tella, que teve a infelicidade de ocorrer no dia seguinte.

— Vai valer a pena visitar Valenda — disse Tella. — Quando vamos embora?

— Três dias — respondeu Julian.

Scarlett enrugou a boca.

— Tella, precisamos discutir isso primeiro.

— Eu pensei que você sempre quis ir para a capital, para ver todas as suas ruínas antigas e as carruagens que flutuam pelo céu, e esta será a festa do século! O que há para conversar?

— A conta.

A pele marrom de Julian ficou cinza.

O rosto de Tella poderia ter feito o mesmo.

— O conde mora em Valenda e não podemos deixá-lo ver você — disse Scarlett.

Scarlett era a irmã excessivamente cautelosa, mas Tella não podia culpá-la por essa reserva.

O conde Nicolas d'Arcy era o ex-noivo de Scarlett que o pai de Scarlett tinha arranjado para ela se casar. Antes do Caraval, Scarlett só tinha escrito cartas para ele, mas ela acreditava que estava apaixonada por ele. Ela também achava que o conde manteria ela e Tella a salvo – até que Scarlett o conheceu durante o Caraval e aprendeu que ser humano desprezível ele era.

Scarlett estava certa em se preocupar com a contagem. Se o ex-noivo de Scarlett descobrisse que Tella estava viva, ele poderia mandar uma mensagem ao pai – que acreditava que Tella estava morta – e acabar com

tudo.

Mas as coisas também desmoronariam se Tella não fosse com Lenda e seus artistas para Valenda, a capital do Império. Ela poderia não ter tido a chance de reler a carta de sua amiga, mas sabia o que queria, e nunca conseguiria isso para ele se fosse separada de Lenda e de seus artistas.

Durante o Caraval, Tella não tinha certeza de quem trabalhava para o Lenda. Mas todos os seus artistas estariam no barco para Valenda.

Lenda poderia até estar no barco também, dando a ela a oportunidade que precisava para finalmente conseguir a única coisa que seu amigo exigia.

— O conde está tão preocupado consigo mesmo que provavelmente não me reconheceria mesmo se eu andasse até ele e lhe desse um tapa na cara — disse Tella. — Nós apenas nos conhecemos por um momento, e eu não estava procurando o meu melhor.

— Tella...

— Eu sei, eu sei, você quer que eu seja séria — Tella cortou. — Eu não estou tentando zombar de você. Eu estou totalmente ciente do perigo, mas eu não acho que precisamos ter medo disso. Nós poderíamos facilmente perecer em um naufrágio, mas se deixarmos que o medo nos pare, nunca mais sairemos desta ilha.

Scarlett fez uma careta e se virou para Julian.

— Você se importaria de dar a minha irmã e a mim um momento sozinha?

Julian respondeu contra o ouvido de Scarlett, muito baixo para Tella ouvir. Qualquer coisa que ele tenha dito fez Scarlett corar.

Então ele saiu e a boca de Scarlett se achatou quando ela e Tella se fecharam no quarto de Tella.

No interior, os inomináveis estavam por toda parte. Meias estalavam das gavetas de uma cômoda coberta com capotas, enquanto uma variedade de capas, vestidos e saíotes formavam um caminho até a cama, coberta por uma pilha de peles que ela ganhara em um jogo de cartas.

Tella sabia que Scarlett achava que ela era preguiçosa. Mas Tella tinha uma teoria: salas simples eram fáceis de vasculhar e procurar sem serem detectadas, porque era simples colocar as coisas cuidadosamente colocadas exatamente onde elas estavam. Mas as bagunças, por outro lado, eram difíceis de recriar. Com um olhar penetrante, Tella viu que ninguém fora

valente o suficiente para pôr um dedo em seu desastre pessoal. Tudo parecia intocado, embora agora parecesse haver uma cama adicional, que Tella imaginava ter aparecido magicamente ou, mais provavelmente, ter sido levada para sua irmã no andar de cima.

Tella não sabia quanto tempo eles poderiam ficar na ilha. Ela ficou aliviada por eles não estarem sendo expulsos imediatamente, embora se tivessem sido despejados, talvez Scarlett estivesse mais ansiosa para viajar para Valenda. Mas Tella na verdade não queria que sua irmã fosse forçada a nada; ela esperava que Scarlett fizesse a escolha por si mesma. Embora Tella pudesse entender a relutância de sua irmã. Tella morreu no último jogo. Mas essa foi a decisão dela, foi por um bom motivo, e ela não estava planejando morrer novamente. Fora tão horrível para Tella quanto para Scarlett. E ainda havia tantas coisas que Tella queria – e precisava – fazer.

— Scar, eu sei que você acha que eu não estava falando sério, mas acho que precisamos começar a ser mais felizes do que sérias. Não estou dizendo que precisamos participar do Caraval, mas acho que devemos pelo menos ir a Valenda com o Julian e os outros. Qual é o sentido de toda essa liberdade gloriosa se não aproveitarmos? Nosso pai vence se continuarmos vivendo como se ainda estivéssemos presos sob os punhos pesados.

— Você está certa.

Tella deve ter ouvido mal.

— Você disse que eu estou certa?

Scarlett assentiu.

— Estou farto de estar com medo o tempo todo. — Ela ainda parecia nervosa, mas seu queixo agora levantava com algo como determinação. — Eu prefiro não jogar o jogo novamente, mas eu quero ir com Julian para Valenda. Eu não quero me prender aqui como nosso pai nos prendeu em Trisda.

Tella sentiu uma onda de orgulho. De volta a Trisda, Scarlett manteve seu medo, como se fosse mantê-la segura, mas Tella podia ver sua irmã lutando para deixá-lo ir. Ela realmente mudou durante o Caraval.

— Você estava certa ontem à noite, quando me encorajou a dar outra chance a Julian. Fico feliz de ter ido à festa e sei que vou me arrepender se não formos com ele. Mas – acrescentou Scarlett –, se formos a Valenda, você

tem que prometer que terá cuidado. Eu não posso te perder de novo.

— Não se preocupe. Eu juro. — Tella solenemente pegou as mãos da irmã e apertou. — Eu gosto muito da minha liberdade para deixá-la ir.

E enquanto estivermos na capital, vou usar vestidos impossivelmente brilhantes, então sempre serei impossível perder.

A boca de Scarlett se inclinou para um sorriso. Tella podia ver sua irmã tentando lutar, mas depois se transformou em uma risada melodiosa. A felicidade deixou Scarlett ainda mais bonita.

Tella riu com ela até que seus sorrisos combinaram, como se as preocupações fossem coisas feitas para outras pessoas. No entanto, Tella não podia esquecer a carta no bolso, lembrando-a de uma dívida a ser paga e de uma mãe que ainda precisava ser salva.

2

Fazia sete anos que a mãe de Tella e Scarlett, Paloma, havia desaparecido.

Houve um período de tempo que começou cerca de um ano depois que sua mãe partiu, quando Tella preferiu a ideia de Paloma estar morta. Se ela ainda estava viva, Tella argumentou, ela fez a escolha de nunca mais voltar para suas filhas, o que significava que ela não poderia realmente amá-las. Mas se Paloma estivesse morta, então talvez ela pretendesse retornar, mas nunca teve a chance; se ela estivesse morta, era possível que ela ainda amava Scarlett e Tella.

Então, durante anos, Tella se agarrou à esperança de que sua mãe tivesse encontrado a morte, porque não importava o quanto Tella tentasse, ela não conseguia parar de amar sua mãe, e doía muito imaginar que sua mãe não a amava de volta.

Tella pegou a carta que ela recebeu do amigo. Scarlett tinha saído para dizer a Julian que iriam com ele para Valenda. Mas Tella não sabia quanto tempo ela iria embora, então ela leu rapidamente.

Querida Donatella, Parabéns por ter escapado do seu pai e sobrevivido ao Carnaval. Estou contente que nosso plano funcionou, embora eu não tenha dúvidas de que você sobreviveria ao jogo.

Tenho certeza de que sua mãe ficará bastante orgulhosa e acredito que você será capaz de vê-la em breve. Mas primeiro você deve manter sua parte no

nosso trato. Espero que você não tenha esquecido o que me deve em troca de tudo o que compartilhei com você.

Eu pretendo cobrar meu pagamento muito em breve.

Verdadeiramente seu, Um amigo

A dor na cabeça de Tella retornou, e desta vez não tinha nada a ver com as bebidas que ela consumiu na noite anterior. Ela não conseguia afastar a sensação de que faltava alguma coisa na carta.

Ela jurou que havia sido mais quando leu na festa.

Tella segurou a mensagem para a luz de caramelo que entrava pela janela dela. Nenhuma linha oculta de script apareceu. Nenhuma palavra mudou diante de seus olhos. Ao contrário de Lenda, seu amigo não atava suas cartas com truques de mágica, mas muitas vezes ela esperava que ele fizesse isso. Talvez então ela pudesse confirmar sua identidade.

Ela o contatou pela primeira vez há mais de um ano, para ajudar ela e sua irmã a escapar do pai. Mas Tella ainda não tinha ideia de quem era seu amigo. Por um tempo, ela se perguntou se seu correspondente era realmente Lenda. Mas seu amigo e Lenda não podiam ser a mesma pessoa – o pagamento a que seu amigo se referiu fez Tella ter certeza disso.

Ela ainda precisava adquirir esse pagamento. Mas agora que ela e Scarlett estavam indo para Valenda com os jogadores de Lenda, Tella se sentiu mais confiante que ela. Ela tinha que se sentir.

Seu pulso dançou mais rápido enquanto ela escondia a carta do amigo e abria seu pequeno baú – o que ela não permitia que os jogadores vasculhassem durante o Caraval. Ela havia enchido com dinheiro roubado de seu pai. Mas esse não era o único tesouro que escondia. O interior era forrado com um brocado laranja-torrado e verde-limão, que a maioria das pessoas nunca olhava o suficiente para notar a fenda ao longo da borda, o que lhe permitia esconder o catalisador de toda essa situação: *O Oráculo*.

Os dedos de Tella formigaram como sempre faziam quando ela pegava o pequeno cartão. Depois que sua mãe desapareceu, seu pai enlouqueceu de raiva. Ele não tinha sido um homem violento antes, mas quando sua esposa o

deixou, ele mudou quase que instantaneamente. Ele jogou suas roupas na sarjeta, transformou sua cama em lenha e queimou todo o resto em cinzas. Os únicos itens que escaparam foram os brincos escarlates que Paloma dera a Scarlett, o anel de opala de fogo cru que Tella havia roubado e o estranho cartão na mão de Tella. Se ela não tivesse levado este cartão e o anel antes de sua mãe sair, Tella não teria nada para se lembrar de sua mãe.

O anel de opala mudou de cor logo após o desaparecimento da mãe, ficando vermelho e roxo. As bordas da carta do Oráculo ainda eram feitas de ouro fundido, mas a imagem em seu centro cintilante também havia mudado, inúmeras vezes. Tella não sabia o que era quando ela roubou do baralho de sua mãe. Mesmo dias depois, quando ela se olhou no espelho e viu lágrimas gordas escorrendo pelo rosto – recriando a imagem que o Oráculo revelara pela primeira vez – Tella não juntou as peças. Não foi até mais tempo que ela percebeu que quando o Oráculo revelava uma imagem, isso sempre acontecia.

No início, as imagens eram irrelevantes: uma empregada experimentando o vestido favorito de Tella; seu pai traindo as cartas.

Então as visões do futuro ficaram mais perturbadoras, até que um dia, imediatamente após o noivado de Scarlett, Tella viu uma imagem muito perturbadora.

Scarlett estava vestida com um vestido de noiva branco como a neve, cravejado de rubis e pétalas e rendas finas como sussurros. Deveria ter sido lindo. Mas na visão do Oráculo, estava manchado de lama, sangue e lágrimas, enquanto Scarlett soluçava violentamente em suas mãos.

A imagem horrível permaneceu por meses, como se o cartão estivesse pedindo a Tella para impedir o casamento arranjado de sua irmã e mudar o futuro - não que Tella precisasse de estímulos. Ela já estava formando um plano para ela e sua irmã fugirem de seu pai controlador, que envolvia Lenda e Caraval. Tella sabia que se alguma coisa tentasse sua irmã avessa ao risco a ter uma chance em outra vida, seria o Caraval. Mas a Lenda não responderia a nenhuma das cartas da Tella, assim como ele nunca respondeu à Scarlett.

A imagem no Oráculo incitou Tella a procurar mais informações sobre Lenda. Havia rumores loucos de que Lenda tinha matado alguém durante um jogo anos antes, e Tella esperava descobrir mais sobre isso para convencê-lo

a prestar atenção nela.

Para abastecer sua busca, Tella colecionava todos os favores que lhe deviam, até que lhe disseram para escrever em um estabelecimento chamado Mais Desejada de Elantine. Era supostamente um negócio na cidade capital Valienda do Império Meridiano. Ninguém nunca lhe disse exatamente em que tipo de negócio estava. Mas depois que Tella pediu informações sobre Lenda, a loja respondeu com uma mensagem que dizia: *Encontramos um homem que concordou em ajudá-la, mas esteja avisada, ele geralmente exige pagamentos que envolvem mais do que dinheiro.*

Quando Tella escreveu de volta para pedir o nome desse homem, o próprio homem simplesmente respondeu: *É melhor que você não saiba.*

— *Um amigo* Tella sempre usou essa resposta para dizer que seu *amigo* era um criminoso, mas ele era um correspondente fiel e inteligente. A informação que ele forneceu sobre Lenda não era o que ela esperava, mas usando-a, Tella havia escrito para Lenda novamente e implorou por sua ajuda.

Ela conseguiu desta vez. Lenda respondeu a Tella, e assim que ele concordou em ajudá-la e sua irmã escapar de seu pai, o Oráculo mudou de Scarlett em um vestido de casamento destruído para Scarlett em um baile luxuoso, com um vestido feito de rubis que atraiu a atenção de todos os pretendente ela passou. *Este* era o futuro que Tella queria para sua irmã, cheia de glamour, celebrações e escolhas.

Infelizmente, um dia depois, a visão foi substituída por outro vislumbre do futuro que não havia mudado desde então.

Tella não sabia se o cartão encantado mostraria a mesma foto horrível hoje; depois de tudo o que aconteceu durante o Caraval, ela esperava que talvez tivesse mudado.

Mas a imagem não mudou.

Todo o ar e a esperança fugiram dos pulmões de Tella.

O cartão ainda mostrava sua mãe. Ela parecia uma versão surrada da Senhora Prisioneira, representada na Baralho do Destino, coberta de sangue,

e enjaulada atrás das barras de ferro duras de uma cela de prisão fraca.

Este foi o futuro que levou Tella a fazer outro pedido de seu amigo e perguntar se ele também poderia ajudar a encontrar sua mãe. As buscas anteriores de Tella por Paloma não levaram a lugar algum, mas seu amigo, que não estava ligado a uma ilha remota como Tella, claramente tinha ideias e métodos melhores de como pesquisar.

Ela havia memorizado sua resposta de coração.

Querida Donatella, Estou investigando o pedido sobre sua mãe e eu játenho uma vantagem forte. Eu acredito que a razão pela qual você não conseguiu encontrá-la antes é porque Paloma não é seu nome verdadeiro. No entanto, eu não serei capaz de reunir você com ela até você me pagar de volta pelas informações que lhe enviei sobre Lenda Mestre do Caraval.

Caso você tenha esquecido, eu preciso do nome verdadeiro de Lenda. Os outros que eu encarreguei de fazer isso falharam. Mas já que você passará um tempo em sua ilha particular, tenho certeza que você terá sucesso. Depois de ter o nome, podemos discutir meu pagamento por encontrar sua mãe.

Seu, Um amigo

Essa notícia sobre o nome de Paloma era a única informação que Tella tinha aprendido sobre sua mãe desde que ela havia partido sete anos atrás. Isso deu a Tella uma esperança genuína. Ela não tinha ideia de por que seu amigo queria o nome de Lenda, fosse para uso pessoal, ou se fosse informação que outro cliente tentara comprar.

Mas Tella não se importou; ela faria o que fosse preciso para descobrir o nome de Lenda. Se Tella pudesse fazer isso, ela acreditava que finalmente veria sua mãe novamente. Seu amigo não a decepcionou antes.

— Bom Deus!

Tella olhou para cima para ver os grandes olhos da irmã se arregalarem quando ela entrou novamente no quarto.

— Onde você conseguiu todas aquelas moedas? — Scarlett apontou para o porta-malas aberto de Tella.

Mas na palavra moedas, os pensamentos de Tella estavam de repente em outro lugar. Seu amigo tinha embrulhado uma moeda estranha dentro da última carta que ele enviou. Isso é o que ela estava perdendo! Deve ter saído do bolso quando ela estava caindo no chão da floresta com Dante.

Tella precisava voltar para a floresta e encontrá-lo. Ela escondeu o Oráculo dentro de seu bolso enquanto disparava em direção à porta.

— Onde você está indo? — Scarlett chamou. — Não me diga que você roubou todo esse dinheiro!

— Não se preocupe — respondeu Tella. — Eu tirei tudo do nosso pai, e ele acha que eu estou morta.

Antes que Scarlett pudesse responder, Tella correu do quarto.

Ela se moveu tão rápido que já estava do lado de fora da casa da torre, em uma rua repleta de lojas em formato de caixa de chapéus, quando percebeu que ainda estava descalça. Um erro que ela sentiu rapidamente.

— Deuses — Tella gritou. Ela estava apenas a meio caminho da floresta e foi a terceira vez que ela bateu o dedão do pé. Desta vez, ela jurou que uma pedra pulou da rua de paralelepípedos e atacou seus pés expostos de propósito. — Eu juro, se outro de vocês morderem meus dedos, eu vou afogar vocês no oceano, onde as sereias podem usá-lo para limpar a sua...

Tella ouviu uma risada baixa, profunda e irritantemente familiar.

Ela disse a si mesma para não se virar. Não ceder à sua curiosidade.

Mas ser-lhe dito não – até de si mesma – só fez Tella querer fazer o oposto.

Com cuidado, ela deu uma olhada por cima do ombro e instantaneamente se arrependeu.

Dante atravessou o outro lado da rua tranquila com olhos divertidos fixos nela.

Tella desviou o olhar, esperando que, se o ignorasse, ele ficaria do seu lado da estrada e fingiria que ele não a tinha visto apenas gritando com uma

pedra.

Em vez disso, atravessou a rua, caminhando intencionalmente em direção a ela com aquelas pernas incrivelmente longas, a boca larga sorrindo como se tivesse um segredo.

3

Tella disse a si mesma que seu estômago só embrulhou porque ela não tinha comido naquela manhã. Dante poderia ter dormido no chão da floresta, mas nem mesmo uma folha de grama se agarrou às botas polidas. Vestido em tons escuros de preto, sem sequer uma gravata solta, ele parecia um anjo negro e sem asas que tinha sido jogado do céu e caiu de pé.

Tella teve um súbito lampejo do jeito que ele se aproximou dela na festa na noite passada, e suas entranhas fizeram outro movimento. Ele respondeu com desinteresse que beirava a ignorá-la quando ela disse oi pela primeira vez. Mas então ela o pegou observando-a do outro lado da festa – apenas vislumbres, aqui e ali – até que, do nada, ele apareceu ao lado dela e a beijou até que seus joelhos cederam.

— Por favor, não pare um discurso tão interessante por minha causa — disse ele, retornando-a ao momento presente. — Tenho certeza que ouvi maldições muito mais coloridas.

— Você acabou de insultar o meu uso de palavrões?

— Eu pensei que eu pedisse por mais palavras sujas. — Sua voz soou tão baixa que Tella jurou que enrolava as fitas na parte de trás de seu vestido.

Mas este foi Dante. Ele falava assim para todas as garotas, mostrando seu sorriso devastador e dizendo coisas más e sedutoras até que ele as desabotoasse ou levantasse as saias. Então ele fingiu que elas não existiam. Ela ouviu as histórias durante o Carnaval. Então Tella deveria ter sido segura para assumir que, depois de ontem à noite, esse garoto nunca mais falaria com ela novamente, que era o que ela queria.

Tella gostou do beijo, e talvez uma vez em outro tempo ela poderia ter sido tentada pela ideia de mais. Mas o problema com mais foi que também poderia trazer mais sentimentos, como o amor. Tella não queria nada com

amor; ela aprendeu há muito tempo que não estava em seu destino. Ela deu a si mesma a liberdade de beijar tantos meninos quanto quisesse, mas nunca mais do que uma vez.

— O que você quer? — Tella perguntou.

Os olhos de Dante se arregalaram o suficiente para trair surpresa em seu tom agudo, mas sua voz permaneceu agradável quando ele disse: — Você derrubou isso na floresta ontem à noite. — Ele estendeu uma palma grande, mostrando uma espessa moeda estrelada gravada com uma imagem desconexa, que se assemelhava a metade de um rosto.

Ele tinha a moeda dela! Tella poderia ter saltado de sua pele para agarrá-lo, mas ela duvidava que agir com muita ansiedade fosse sábio.

— Obrigado por pegá-la — ela respondeu friamente. — Não é valioso, mas eu gosto de carregá-la como um amuleto de boa sorte.

Ela alcançou isto.

Dante puxou a mão para trás e jogou o disco no ar antes de pegá-lo.

— Escolha interessante para um encanto. — De repente, ele parecia mais sério, sobrancelhas grossas aproximando-se mais de olhos escuros de carvão, como ele jogou a moeda mais e mais, deixando-a dançar entre os dedos tatuados. — Eu vi algumas coisas estranhas durante o Caraval, mas nunca conheci alguém para levar uma delas para dar sorte.

— Eu suponho que eu gosto de ser original.

— Ou você não tem idéia do que é. — Sua voz rica parecia mais entretida do que antes.

— E o que você acha que é?

Dante jogou a moeda mais uma vez.

— Dizem que estes foram forjados pelas Moiras. As pessoas costumavam chamá-las de moedas sem sorte.

— Não admira que nunca funcionou bem. — Tella conseguiu dar uma risada, mas alguma coisa roeu – tolice, talvez – por não ter reconhecido o objeto.

Tella estava obcecada com as Moiras desde que encontrou o Baralho do Destino de sua mãe. Havia trinta e dois deles, incluindo uma corte de dezesseis imortais, oito lugares e oito objetos. Cada Moira era conhecido por um poder em particular, mas essa não foi a única razão pela qual elas vieram

a governar a maior parte do mundo séculos atrás. Também foi dito que elas não poderiam ser mortas por mortais, e que elas eram mais rápidas e mais fortes também.

Séculos atrás, antes de desaparecerem, as Moiras retratadas no Baralho do Destino dominavam a maior parte da Terra como deusas cruéis. Tella leu tudo o que podia sobre elas, então ela tinha ouvido falar de moedas sem sorte, mas ela se sentia ridícula admitindo isso agora.

— As pessoas as chamavam sem sorte porque encontrar uma sempre era um mau presságio — disse Dante. — Havia rumores de que as moedas tinham a capacidade mágica de rastrear o paradeiro de uma pessoa. As Moiras as colocaria nos bolsos de seus servos humanos, seus amantes ou qualquer outra pessoa que desejasse seguir, manter-se perto ou controlar. Eu nunca segurei uma antes de hoje, mas eu ouvi que se você girar uma moeda sem sorte, você pode ver qual destino ela pertence.

Dante colocou a moeda no topo de um banco próximo.

Uma emoção desagradável subiu pela espinha de Tella. Embora ele parecesse conhecer muita história obscura, ela não sabia dizer se Dante acreditava no poder das Moiras, mas acreditava nelas.

Dizia-se que a Morte da Donzela previa a perda de um ente querido ou membro da família. E depois de alguns dias de virar e ver a donzela com a cabeça presa em pérolas, a mãe de Tella havia desaparecido. Ela sabia que era infantil acreditar que virar o cartão causará esse desaparecimento. Mas nem todas as crenças infantis estavam erradas. Sua mãe a avisara, as Moiras tinha um jeito de torcer o futuro. E Tella tinha visto o Oráculo, uma e outra vez, prever futuros que vieram a acontecer.

Tella prendeu a respiração enquanto Dante dava ao objeto uma forte torção.

Whir, whir, whir.

A moeda girou até as gravuras de cada lado começarem a tomar uma forma sólida, fundindo-se como que por mágica para formar uma imagem brutalmente familiar. Um jovem arrojado com um sorriso sangrento e o tipo de sorriso devastador que fez Tella imaginar os dentes mordendo corações e lábios pressionados contra veias perfuradas.

Embora fosse pequeno, Tella podia ver claramente a imagem. O jovem

cruel segurava uma das mãos perto do queixo pontudo, apertando o punho de uma adaga, enquanto lágrimas vermelhas caíam de seus olhos, combinando com o sangue manchando o canto de sua boca.

O Príncipe de Copas.

Um símbolo de amor não correspondido e erros irrevogáveis que nunca deixaram de preencher Tella com tanto pavor e feioso encantamento.

Scarlett passou metade de sua infância obcecada por Lenda e Caraval. Mas Tella era fascinada pelo Príncipe de Copas desde que ele previu seu futuro sem amor quando o puxou do baralho de destino de sua mãe.

Os mitos de que os beijos do Príncipe de Copas valeram a pena morrer, e Tella sempre se perguntava como seria um beijo tão mortal.

Mas como ela cresceu e beijou meninos o suficiente para perceber que nenhum beijo poderia valer a pena, Tella começou a suspeitar que as histórias eram meras fábulas para ilustrar os perigos de se apaixonar.

Pois também foi dito que o Príncipe de Copas não era capaz de amar porque seu coração havia parado de bater há muito tempo.

Apenas uma pessoa poderia bater de novo: seu único amor verdadeiro. Eles disseram que seu beijo foi fatal para todos, menos para ela – sua única fraqueza – e como ele a procurou, ele deixou um rastro de cadáveres.

Um frio fresco lambeu a parte de trás do pescoço de Tella, e ela bateu a palma da mão sobre a moeda.

— Eu levo já que você não é fã do Príncipe? — Perguntou Dante.

— A moeda parecia prestes a cair, e então eu teria que persegui-la.

O canto da boca de Dante subiu; ele não poderia ter parecido menos convencido.

Também não escapou ao aviso de Tella que ele tinha acabado de falar do Príncipe de Copas como se ele e os outros destinos ainda estivessem andando pelo Império, e não desaparecessem por mais de um século.

— Eu não sei por que você está realmente carregando aquela moeda — disse Dante, — mas tenha cuidado. Nada de bom chegou de algo que uma Moira tenha tocado. — Seus olhos se ergueram para o céu, como se a Moira estivesse olhando de cima, espiando enquanto falavam.

Então, antes que Tella pudesse responder, Dante estava indo embora com confiança, deixando Tella com uma moeda que queimou a palma da mão, e a

estranha sensação de que talvez houvesse mais no menino bonito do que ela suspeitava originalmente.

4

Tella se viu pensando em amor não correspondido e beijos pelos quais vale a pena morrer, enquanto girava a moeda infeliz do Príncipe de Copas no mesmo banco que Dante tinha. Por que seu amigo lhe deu uma relíquia de um mito tão antigo? Ela esperava que não fosse porque ele não confiava nela e queria acompanhá-la.

Talvez a moeda rara foi um presente de seu amigo para lembrar Tella de quão habilidoso ele estava em adquirir coisas que eram difíceis para a maioria das pessoas a encontrar – um lembrete de que ele era o único que sabia como localizar sua mãe.

Um sino da loja tocou. Apenas um minúsculo som de duende, mas Tella pegou sua moeda e olhou para a rua, onde um jovem saiu de uma loja. Ela seguiu as linhas vermelhas profundas do casaco matutino até os olhos vibrantes do jovem, mais verdes do que as esmeraldas recém cortadas...

E um banho de carmesim nublou a visão de Tella.

Ela conhecia esse jovem. Ele derramou seu tapa-olho desde Caraval, mas ele ainda tinha o mesmo cabelo preto-tinta, exagerada roupas aristocráticas e expressão impossivelmente vão como Conde Nicolas d'Arcy – ex-noivo de Scarlett.

As mãos de Tella se fecharam, unhas cavando crescentes nas palmas das mãos. Ela havia conhecido oficialmente o conde Nicolas d'Arcy uma vez, mas ela o espionou em várias ocasiões durante o Caraval. Ela o viu perseguir sua irmã, e ouviu que uma vez que ele a pegou, ele estava disposto a fazer coisas indescritíveis para mantê-la.

Scarlett conseguiu escapar. Mas Tella poderia tê-lo estrangulado, ou envenenado, ou mutilado seu lindo rosto, se Lenda não promettesse em uma de suas cartas que ele removeria sua irmã do jogo se Tella se afastasse de seu

papel e interferisse de alguma forma.

Então Tella foi forçada a não fazer nada.

Mas o jogo acabou agora; Tella poderia fazer o que quisesse.

O Conde estava atualmente a várias lojas de distância, ocupado demais olhando seu reflexo em uma janela para notar Tella. O mais sensato seria entrar em uma rua diferente para que ele não descobrisse que ela ainda estava viva.

Mas Tella quis dizer isso quando disse que duvidava que o conde a reconhecesse se ela andasse até ele e lhe desse um tapa no rosto.

Pelo que ele fez com sua irmã durante o Caraval, ele mereceu mais do que um tapa, mas Tella não tinha nenhum veneno nos bolsos.

Ela aproximou-se. Talvez ela tivesse lançado um pontapé bem apontado e...

Uma mão apertou a boca de Tella, enquanto outra se uniu em volta de sua cintura. Ela chutou, mas isso não impediu seu agressor de arrastá-la de volta a um beco sem ponta.

— Tiraasmãosdemim!

Tella se adiantou quando os braços ao redor dela se afastaram.

— Está tudo bem. — A voz estava baixa com um sotaque cadenciado. — Eu não vou te machucar, mas não corra.

Tella se virou.

O cabelo escuro de Julian ainda estava desalinhado dos dedos de Scarlett, mas seus olhos já não eram o âmbar líquido quente que eles tinham quando olhavam para a irmã mais cedo. Eles estavam apertados nos cantos, com força.

— Julian? O que em todos os infernos você está fazendo?

— Eu estou tentando impedi-la de cometer um erro que você vai se arrepender. — Seu olhar disparou pela ruela estreita de tijolos vermelhos, de volta para a rua com o abominável Conde Nicolas d'Arcy.

— Não — disse Tella, — tenho certeza de que, se eu cometer esse erro, ficarei muito feliz. Estou surpresa que você não queira sangrá-lo também, pelo que ele permitiu que meu pai fizesse com você. — Ela assentiu com a cabeça em direção à cicatriz irregular que ia do queixo de Julian até o canto do olho. Os jogadores de Caraval poderiam voltar à vida se morressem

durante o jogo, mas suas cicatrizes permaneciam. Tella tinha ouvido falar que durante o Caraval, o noivo de Scarlett tinha acabado de chegar lá, não fazendo nada para impedir o pai de Tella quando ele cortou o rosto de Julian.

— Confie em mim — Julian disse. — Eu queria Armando sangrando mais de uma vez, mas...

— Armando? — Tella interrompeu. Não o Conde. Não Nicolas. Não d'Arcy, ou aquele lixo imundo que conta o conde Nicolas d'Arcy.

Julian o chamara de Armando.

— Por que você acabou de chamá-lo de Armando?

— Pelo seu rosto, acho que você já adivinhou. Armando nunca foi noivo da sua irmã. Ele trabalha para a Lenda, assim como eu.

Tella balançou em seus pés descalços enquanto o mantra familiar do Caraval se apressava: *Lembre-se, é apenas um jogo. Nós queremos que você seja varrido, mas cuidado para não ser levado muito longe...*

Aquele vilão.

Tella se achava imune, já que ela estava escrevendo cartas para Lenda enquanto ele planejava o jogo. Mas aparentemente ela estava errada. Lenda a havia enganado, exatamente como se tivesse enganado todo mundo. Nunca ocorrera a Tella que um ator pudesse estar representando o papel do noivo de sua irmã.

Lenda realmente merecia o nome que ele havia dado a si mesmo.

Tella se perguntou se os jogos de Lenda terminariam ou se o mundo dele era um labirinto sem fim de fantasia e realidade que deixava os que estavam presos para sempre suspensos em algum lugar entre os dois.

Em frente a ela, Julian puxou a parte de trás de seu pescoço, parecendo mais nervoso do que apologetico. Julian foi impulsivo.

Tella duvidou que ele pensasse nas consequências de contar a verdade. Ele provavelmente só reagiu quando a viu prestes a ir atrás de Armando.

— Minha irmã não tem ideia, não é?

— Não — disse Julian. — E por enquanto eu quero continuar assim.

— Você está me pedindo para mentir para ela?

— Não é como se você não tivesse feito isso antes.

Tella se arrepiou.

— Eu fiz isso para o bem dela.

— Isso é para o bem dela também. — Julian cruzou os braços magros e recostou-se na parede do beco.

Naquele momento, Tella não tinha certeza se gostava dele. Ela odiava a afirmação que ele acabara de fazer. Dizer que algo era para o bem de outra pessoa era quase sempre outra maneira de justificar algo errado. É claro que desde que ela disse isso primeiro, ela não poderia repreender Julian do jeito que ela queria.

— Vamos a Valenda daqui a alguns dias — continuou Julian. — O que você acha que sua irmã fará se descobrir que nunca conheceu seu noivo durante o Caraval?

— Ela procuraria por ele — admitiu Tella. Seria fácil fazer isso desde que ele morava em Valenda. Tella nunca tinha entendido, mas Scarlett realmente queria se casar com esse homem de quem ela nunca tinha visto um retrato. Ela o imaginou com corações em seus olhos, sempre lendo as melhores coisas em suas letras sem graça e sem romantismo.

Scarlett provavelmente alegaria que era curiosidade, conhecendo sua irmã, no fundo ela provavelmente sentiria como se precisasse lhe dar uma chance, o que poderia ser desastroso. Tella mais uma vez viu a imagem de Scarlett soluçando em um vestido de noiva ensanguentado. O Oráculo mostrou que ela apagou esse futuro, mas ainda havia uma chance que poderia acontecer.

— Scarlett não vai gostar quando descobrir que você mentiu para ela — disse Tella.

— Eu penso nisso como lutar por ela. — Julian esfregou a barba escura cobrindo o queixo. Ele parecia um menino um pouco ansioso demais para pular em uma briga de rua, mas Tella sentia um tom genuíno sob suas palavras. Ela ainda se sentia um pouco insegura quanto a quanto tempo duraria os sentimentos de Julian em relação a sua irmã, mas naquele momento Tella imaginou que Julian iria cruzar qualquer linha moral para manter o coração de Scarlett.

Estranhamente, isso a fez confiar mais nele.

Isso poderia ter tornado a vida de Tella mais fácil de recusá-lo; então Scarlett não se preocuparia com Tella sendo vista pelo Conde enquanto eles estavam em Valenda, porque o *verdadeiro* Conde nunca tinha visto seu rosto. Mas, apesar de quanto mais simples poderia fazer as coisas, Tella não podia

correr o risco de dizer a verdade a sua irmã. Uma união entre Scarlett e o Conde terminaria em desgosto e devastação. O Oráculo mostrara isso e o cartão nunca mentiu para Tella.

— Tudo bem — disse ela. — Eu concordo em não dizer nada para Scarlett sobre Armando.

Um meio aceno, como se Julian soubesse que Tella obedeceria ao engano.

— Apesar das minhas ações durante o Caraval, não gosto de enganar minha irmã.

— Mas é difícil parar quando você começa.

— É assim que é com você? Você gasta tanto tempo mentindo que não pode dizer a verdade? — As palavras saíram mais afiadas do que Tella pretendia, mas, para seu crédito, Julian não recuou.

— Caraval pode parecer uma mentira para você, mas é a minha vida — a minha verdade. Este último jogo foi tão real para mim como foi para a sua irmã. Enquanto ela lutava por você, eu estava lutando por ela. — Sua voz é áspera. — Eu poderia ter mentido para sua irmã sobre quem eu era, mas meus sentimentos por ela eram genuínos.

Preciso de mais tempo com ela antes que ela aprenda mais alguma coisa que possa fazê-la duvidar de mim.

— O que acontece se Scarlett ver que Armando ainda está na ilha?

— Lenda está mandando ele para Valenda cedo, junto com alguns outros artistas.

Tão conveniente.

— Desde que eu estou fazendo isso por você, eu quero um favor — adicionou Tella com um pouco de inspiração.

Julian balançou a cabeça para frente e para trás, parecendo considerar isso.

— Que tipo de favor?

— Eu quero saber o nome real de Lenda. Quem é Lenda, realmente?

Julian riu antes mesmo de terminar.

— Não me diga que você está apaixonada por ele também.

— Eu sei mais do que me apaixonar por Lenda.

— Bom. E não — disse Julian, não mais rindo. — Isso não é nem perto de uma troca justa e, mesmo que fosse, não posso dizer o nome de Lenda.

Tella cruzou os braços sobre o peito. Ela realmente não esperava que ele

respondesse. Os poucos artistas que ela pôde questionar deram respostas semelhantes. Houve muitas risadas e sorrisos, e alguns simplesmente a ignoraram completamente. Ela imaginou que era porque a maioria deles não tinha ideia de quem Lenda realmente era, mas a resposta de Julian foi diferente o suficiente para fazê-la esperar que ela finalmente encontrasse alguém melhor informado.

— Se você não pode me dizer o nome de Lenda — disse Tella, — aponte-me na direção de alguém que pode ou não temos um acordo.

Todos os vestígios remanescentes do humor de Julian desapareceram.

— A identidade de Lenda é seu segredo mais bem guardado.

Ninguém nesta ilha irá revelar isso para você.

— Então, suponho que terei que expor a verdade sobre Armando para Scarlett. — Tella se virou para sair do beco.

— Espere... — Julian agarrou seu pulso.

Tella resistiu ao impulso de sorrir. Ele estava desesperado.

— Se você prometer não contar a Scarlett sobre Armando, vou compartilhar o nome de um artista que poderia responder a algumas perguntas.

— Poderia?

— Ele está com o Caraval desde o começo e sabe das coisas. Mas ele não dá informações de graça.

— Eu não acreditaria se ele fizesse. Diga-me o nome dele e nós temos um acordo.

— É Nigel — Julian respondeu baixinho. — Ele é vidente de Lenda.

Tella nunca conheceu Nigel, mas ela sabia quem ele era. O jovem era inconfundível. Cada centímetro de Nigel, incluindo seu rosto, estava coberto de tatuagens brilhantes e naturais que ele usava para prever o futuro. Claro, o papel de Nigel soava diferente nos lábios de Julian, como se ele não estivesse realmente lá para quem tocava no Caraval, mas para passar informações para o mestre do Caraval.

— Tenha cuidado — Julian acrescentou, como se Tella precisasse de outro aviso. — Videntes não são como você e eu. Eles vêem o mundo como poderia ser e, às vezes, tentam produzir o que querem, e não o que deveria ser.

5

O ar estava cheio de sal e segredos. Tella respirou fundo, esperando que a noite também estivesse ligada à magia que assombrava o navio de Lenda, *La Esmeralda*.

Tudo sobre isso respirava encantamento. Até mesmo suas velas inchadas pareciam encantadas. Elas ardiam de vermelho durante o dia e prateavam à noite, como um manto de mago, insinuando mistérios ocultos embaixo, que Tella planejava descobrir naquela noite.

O riso bêbado flutuou acima dela enquanto Tella mergulhava mais fundo no ventre do navio em busca de Nigel, o Cartomante. Sua primeira noite no navio ela cometeu o erro de dormir, sem perceber até o dia seguinte que os artistas de Lenda tinham mudado suas horas de vigília para se preparar para o próximo Caraval. Eles dormiram no dia e acordaram após o pôr do sol.

Tudo o que Tella aprendera em seu primeiro dia a bordo do *La Esmeralda* foi que Nigel estava no navio, mas ela ainda não o viu. Os salões rangentes sob os conveses eram como as pontes de Caraval, ocupando lugares diferentes em horas diferentes e dificultando saber quem ficava em qual sala. Tella se perguntou se Lenda havia projetado dessa maneira, ou se era apenas a natureza imprevisível da magia.

Ela imaginou Lenda em sua cartola, rindo da pergunta e da ideia de que a magia tinha mais controle do que ele. Para muitos, Lenda era a definição de mágica.

Quando ela chegou pela primeira vez na Isla de los Sueños, Tella suspeitava que todos pudessem ser Lenda. Julian tinha tantos segredos que ela questionou se a identidade de Lenda era um deles, até ele morrer brevemente. Caspar, com seus olhos brilhantes e risadas ricas, tinha desempenhado o papel de Lenda no último jogo, e às vezes ele tinha sido tão

convvincente que Tella se perguntava se ele estava realmente atuando. À primeira vista, Dante, que era quase bonito demais para ser real, parecia a Lenda que ela sempre imaginou. Tella podia imaginar os ombros largos de Dante preenchendo um fraque preto enquanto uma cartola de veludo fazia sombra em sua cabeça. Mas quanto mais Tella pensava em Lenda, mais se perguntava se ele já usava uma cartola. Se talvez o símbolo fosse outra coisa para expulsar as pessoas. Talvez Lenda fosse mais mágica do que homem e Tella nunca o tivesse conhecido em carne e osso.

O barco balançou e uma risada real perfurou o silêncio.

Tella congelou.

O riso cessou, mas o ar no corredor estreito mudou. O que cheirava a sal e madeira e umidade era espessa e aveludada. O cheiro de rosas.

A pele de Tella se arrepiou; O arrepio cresceu em seus braços nus.

Aos pés dela, uma poça de pétalas formava uma trilha sedutora de vermelho.

Tella pode não ter conhecido o verdadeiro nome de Lenda, mas ela sabia que ele gostava de vermelho, rosas e jogos.

Essa era sua maneira de brincar com ela? Ele sabia o que ela estava fazendo?

As protuberâncias em seus braços se arrastaram até o pescoço e no couro cabeludo, enquanto seu mais novo par de chinelos esmagava as tenras pétalas. Se Lenda soubesse o que ela queria, Tella não podia imaginar que ele a guiaria na direção correta, e ainda assim o rastro de pétalas era tentador demais para evitar. Eles levaram a uma porta que brilhava cobre nas bordas.

Ela girou a maçaneta.

E seu mundo se transformou em um jardim, um paraíso feito de flores desabrochando e romance encantador. As paredes eram formadas pelo luar. O teto era feito de rosas que desciam em direção à mesa no centro da sala, cobertas com pratos de bolos, velas e vinho espumante de mel.

Mas nada disso era para Tella.

Foi tudo por Scarlett. Tella tinha tropeçado na história de amor de sua irmã e era tão romântico que era doloroso de assistir.

Scarlett estava do outro lado da câmara. Seu vestido cheio de rubi floresceu mais brilhante do que qualquer flor, e sua pele brilhante rivalizava

com a lua enquanto ela olhava para Julian.

Eles não tocaram em nada, exceto um no outro. Enquanto Scarlett pressionava seus lábios contra os de Julian, seus braços a envolveram como se ele tivesse encontrado a única coisa que ele nunca quis deixar.

Por isso o amor era tão perigoso. O amor transformou o mundo em um jardim, tão cativante que era fácil esquecer que as pétalas de rosas eram tão efêmeras quanto os sentimentos, que acabavam murchando e morrendo, deixando apenas os espinhos.

Tella se virou e saiu da porta antes que ela pudesse pensar em outro pensamento cruel. Scarlett merecia essa felicidade. E talvez isso durasse. Talvez Julian se mostrasse digno de Scarlett e cumprisse suas promessas. Parecia que ele estava tentando.

E, ao contrário de Tella, Scarlett não era aquela que estava condenada a um amor não correspondido pelo Príncipe de Copas.

O corredor mudou novamente assim que Tella fechou a porta. O caminho de pétalas antes dela desapareceu e uma nova trilha se formou de fumaça de gengibre e incenso – os aromas que sempre permaneciam em torno de Nigel.

Mais uma vez, Tella percebeu que Lenda estava brincando com ela enquanto os cachos fumegantes de incenso se alargavam na forma de mãos e acenavam para ela em direção a uma porta aberta.

A pele de Tella aqueceu quando ela entrou. Velas amarelas e cerosas se alinhavam na beirada da sala, e no meio de tudo estava Nigel, descansando em cima de uma cama coberta por uma colcha de veludo, à sombra profunda do vinho de ameixa. Seus lábios, cercados por tatuagens de arame farpado azul, se estendiam, não como um sorriso, mais como a abertura de uma armadilha.

— Eu me perguntei quando você me faria uma visita, senhorita Dragna. — Ele fez um gesto para que Tella se sentasse contra a montanha de travesseiros com borlas posicionada ao pé de seu tablado temporário. Assim como no Caraval, Nigel só usava um pedaço de tecido marrom, deixando todas as tatuagens vibrantes expostas.

Os olhos de Tella caíram nas cenas circenses retratadas em suas pernas grossas, paralisadas pela visão de uma mulher com penas de cabelo,

dançando com um lobo em uma cartola. Não querendo que Nigel interpretasse o significado, ela rapidamente levantou os olhos, apenas para que eles pousassem em seu braço e a imagem de um coração negro partido.

— O que posso fazer por você? — Perguntou Nigel.

— Eu não quero que meu futuro seja contado. Eu quero informações sobre Lenda.

As estrelas tatuadas ao redor dos olhos de Nigel brilhavam como tinta molhada, ansiosas e intrigadas.

— Quanto você está disposta a pagar por isso?

Tella tirou uma bolsa de moedas do bolso.

Nigel sacudiu a cabeça. Claro que ele não aceitaria o dinheiro dela.

As moedas não eram o método preferido de pagamento no mundo do Caraval.

— Tradicionalmente, realizamos uma vez por ano, nos dando meses para nos recuperar — disse Nigel. — Desta vez Lenda nos deu menos de uma semana.

— Eu não estou te dando nenhum dia da minha vida.

— Eu não desejo a sua vida. Eu quero o seu descanso.

— Quanto? — Tella perguntou cautelosamente. Ela passara dias sem dormir antes. Desistir de algumas noites de descanso não parecia um grande sacrifício. Mas era assim que essas barganhas sempre apareciam. Na superfície, os artistas de Lenda fizeram soar como inconvenientes insignificantes, mas nunca foram tão diretos.

— Vou tirar de você na proporção do que eu lhe dou — disse Nigel.

— Quanto mais perguntas eu respondo, mais descanso eu receberei.

Se eu não lhe der respostas de valor, você não perderá nada.

— E quando você vai dormir?

— Assim que você sair desta sala.

Tella tentou ver todos os ângulos do acordo. Era a noite do vigésimo quarto dia e estavam programados para chegar a Valenda na manhã do dia 29. Havia quatro dias de viagem. Dependendo de quanto sono ele roubou, ela estaria exausta quando chegassem a Valenda. Mas se ele lhe desse informações concretas sobre Lenda, valeria a pena.

— Tudo bem. Mas eu só lhe darei meu sono enquanto estivermos neste

barco. Você não pode tirar nada de mim enquanto estivermos em Valenda.

— Eu posso trabalhar com isso. — Nigel pegou uma escova junto com uma pequena panela cheia de líquido laranja queimado do suporte ao lado de sua cama. — Preciso do seu pulso para concluir a transação.

Tella hesitou.

— Você não vai pintar nada permanente nele, vai?

— Tudo o que eu desenhar desaparecerá assim que você me pagar na íntegra.

Tella esticou o braço. Nigel se moveu com habilidade praticada; sua escova fria girou e girou ao longo da pele de Tella, como se ele usasse frequentemente partes do corpo como uma tela.

Quando ele terminou, um par de olhos, exatamente como os dela, olhou de volta para Tella. Redonda e brilhante avelã. Por um momento, ela jurou que pediam para não fazer essa escolha. Mas perder um pouco de sono parecia um pequeno sacrifício se desse a informação de que precisava para cumprir a dívida com a amiga e, finalmente, acabaria com os últimos sete anos de tormento que tinham começado no dia em que sua mãe havia partido.

— Agora — disse Nigel, — o que é que você deseja saber?

— Eu quero o nome verdadeiro de Lenda. O que ele foi chamado antes de se tornar Lenda.

Nigel passou um dedo pelos lábios de arame farpado, tirando uma gota de sangue – ou o sangue estava tatuado na ponta do dedo?

— Mesmo se eu quisesse, não poderia dizer o nome de Lenda — disse Nigel. — Nenhum de seus jogadores pode revelar esse segredo. A mesma bruxa que banuiu as Moiras da Terra séculos atrás deu a Lenda seus poderes. Sua magia é antiga – mais antiga do que ele – e nos prende a todos em segredo.

Embora ninguém soubesse por que as Moiras tinham desaparecido e deixado os humanos para se governarem, houve murmúrios que foram vencidas por uma poderosa bruxa. Mas Tella nunca ouvira ninguém dizer que era a mesma bruxa que dera a Lenda seus poderes.

— Isso ainda não me diz nada sobre a verdadeira identidade de Lenda.

— Eu não terminei — disse Nigel. — Eu ia lhe dizer: A magia de Lenda impede que seu nome verdadeiro seja falado ou revelado, mas pode ser

vencida.

Pernas de aranha dançaram sobre a pele de Tella, e um dos olhos pintados em seu pulso começou a se fechar. Ele caiu rapidamente, de uma forma que a fez sentir como se estivesse ficando sem dinheiro, mas também muito perto da resposta que precisava.

— Como eu ganho o nome? — Ela perguntou rapidamente.

— Você deve participar do próximo Caraval. Se você ganhar o jogo, você ficará cara a cara com Lenda.

Tella jurou que uma das estrelas estava tatuada em volta dos olhos de Nigel quando ele terminou. Era provavelmente toda a fumaça de gengibre e incenso pungente que envolvia seu cérebro, dando-lhe visões de tatuagens vivas.

Ela deveria ter saído então. As pálpebras em seu pulso estavam mais do que no meio do caminho agora, e ela tinha a resposta que precisava – se ela ganhasse Caraval, ela finalmente teria o nome de Lenda. Mas algo sobre as últimas palavras de Nigel a deixou com mais perguntas.

— É o que você acabou de dizer uma profecia, ou você está me dizendo que o prêmio para o próximo Caraval é o verdadeiro Lenda?

— É um pouco de ambos. — As tatuagens de arame farpado perfurando os lábios de Nigel se transformaram em espinhos, e rosas negras floresceram entre eles. — Lenda não é o prêmio, mas se você ganhar no Caraval, o primeiro rosto que você verá será o de Lenda.

Ele planeja dar ao próximo vencedor do Caraval sua recompensa.

Mas, esteja avisada, vencer o jogo terá um custo do qual você se arrependerá mais tarde.

A pele de Tella congelou quando os olhos pintados em seus pulsos se fecharam, e o aviso familiar de sua mãe lembrou: Uma vez que um futuro é predito, esse futuro se torna uma coisa viva e vai lutar muito para se virar.

Então isso a atingiu. Uma onda de fadiga tão intensa que a derrubou contra a cama almofadada. Sua cabeça girou e os ossos de suas pernas se transformaram em pó.

— O que está acontecendo? — Ela ofegou, sua respiração abruptamente trabalhou enquanto ela lutava para se sentar. Havia mais fumaça no quarto, ou sua visão estava borrada?

— Eu provavelmente deveria ter esclarecido — disse Nigel. — O feitiço do seu pulso não adia a sua capacidade de dormir, faz você cair no sono para poder transferir o resto que você recebe para mim.

— Não! — Tella balançou quando ela se levantou da cama, a visão se estreitando até que tudo o que ela podia ver onde vislumbrava tatuagens zombeteiras e luz de velas dando risadinhas. — Eu não quero dormir todo o caminho para Valenda.

— Eu temo que seja tarde demais. Da próxima vez, não concorde em barganhar tão facilmente.

6

Havia naufrágios mais graciosos que Tella. Quando ela se afastou dos aposentos de Nigel, suas pernas se recusaram a andar em linha reta. Seus quadris continuaram a bater nas paredes. A cabeça dela bateu contra mais de uma lanterna pendurada. A viagem para o quarto dela era tão perigosa que ela perdeu os chinelos, mais uma vez. Mas ela estava quase lá.

A porta balançou diante de seus olhos, um último obstáculo a conquistar.

Tella concentrou toda a sua força para abrir. E...

Ou ela entrou no quarto errado ou já começou a sonhar.

Dante tinha asas. E, santa mãe dos santos, elas eram lindas... Sem alma, negras, com veias azul-escuro, cor de desejos perdidos e poeira estelar. Ele estava virado para o criado-mudo lavando o rosto, ou talvez estivesse beijando seu reflexo no espelho.

Tella não tinha certeza do que o garoto arrogante estava fazendo.

Tudo o que seus olhos borrados podiam ver era que a camisa e o casaco tinham sumido e um enorme par de asas de tinta esticou-se sobre os cumes de suas costas.

— Você poderia ser um anjo da morte com essas coisas.

Dante lançou um olhar por cima do ombro. O cabelo úmido da cor da pele de raposa negra agarrava-se à sua testa.

— Eu tenho sido chamado de muitas coisas, mas eu não sei se alguém já disse que sou um anjo.

— Isso significa que você foi chamado de morte? — Tella caiu na porta, as pernas finalmente dando para fora. Ela bateu no chão com um baque gracioso.

Uma risada, delicada e leve e muito feminina, veio do outro lado da sala.

— Eu acho que ela desmaiou com a visão de você.

E agora ela ia vomitar. Havia outra garota na sala. Tella teve um vislumbre nocivo de um vestido verde-jade e cabelo preto brilhante antes do corpo de Dante entrar em sua linha de visão.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— O que...

O olhar de Dante pousou no par fechado de olhos pintado em seu pulso.

Ele fez um som irregular que poderia ter sido uma risada. Mas Tella não tinha certeza. Sua audição estava quase tão confusa quanto a cabeça dela. Seus olhos desistiram e se fecharam.

— Estou surpreso que ele tenha chegado a você. — As palavras de Dante estavam muito próximas agora e baixas.

— Eu estava entediada — Tella murmurou. — Parecia uma maneira interessante de passar o tempo.

— Se isso é verdade, você deveria ter vindo até mim. — Dante definitivamente estava rindo agora.

*

Os próximos dias foram um borrão de alucinações infelizes. Nigel levou todos os sonhos de Tella, mas ele a deixou com os pesadelos.

Havia imagens terrivelmente realistas de seu pai sempre tirando suas luvas roxas, assim como visões de sombras e sombras escuras que não existiam no mundo mortal. Mãos frias e úmidas acariciavam seus cabelos e outras arrancavam seu coração, enquanto lábios sem sangue bebiam a medula de seus ossos.

Antes de experimentar a morte durante o Caraval, Tella teria dito que os sonhos pareciam como morrer de novo e de novo. Mas nada parecia a morte, exceto a morte. Ela deveria saber melhor do que pensar que a morte não a perseguiria depois que ela escapasse.

Tella foi incrível; Claro que a Morte iria querer ficar com ela.

Mas embora ela tenha sonhado com os demônios da Morte, quando Tella se conscientizou, ela foi recebida por uma deusa.

Scarlett estava ao lado de sua cama, segurando uma bandeja de tesouros,

uma cheia de biscoitos cremosos, ovos fritos na manteiga, creme de noz-moscada, bacon grosso com açúcar mascavo e uma caneca de chocolate picante.

Tella roubou o biscoito de creme mais gordo. Ela sentiu-se grogue, apesar de dormir por dias, mas comer ajudou.

— Eu já te disse o quanto eu te amo?

— Eu pensei que você estaria com fome depois do que aconteceu.

— Scar, me desculpe, eu...

— Não há nada para se desculpar. Eu entendo como é fácil ser enganado pelos artistas de Lenda. E todos a bordo deste navio pensam que Nigel levou muito de você. — Scarlett olhou para Tella, como se esperasse que ela confessasse exatamente por que ela tinha ido ao cartomante.

Embora Tella quisesse justificar suas ações, ela sentiu que não era hora de falar sobre o acordo que fizera com seu amigo. Scarlett ficaria horrorizada ao saber que sua irmã tinha escrito para um estranho que conheceu através da Mais Desejada de Elantine, que era um estabelecimento sombrio na melhor das hipóteses.

Tella tinha contado a verdade a Julian quando ela disse que não gostava de mentir para sua irmã. Infelizmente, isso nem sempre a impediu de fazer isso. Tella guardava segredos de Scarlett para protegê-la da preocupação. O desaparecimento de sua mãe significava que Scarlett deixou de ser uma menina despreocupada desde muito cedo e tornou-se mais cuidadora de Tella. Não era justo, e Tella odiava aumentar os fardos que sua irmã já carregava.

Mas Tella se perguntou se Scarlett já havia descoberto o que ela fizera.

Scarlett continuava nervosamente alisando as rugas da saia, que pareciam ficar mais amarrotadas a cada toque. Durante o Caraval, Lenda deu a Scarlett um vestido mágico que mudou na aparência – e agora parecia tão ansioso quanto Scarlett. Suas mangas eram feitas de renda rosa, mas agora elas estavam ficando cinza.

Tella tomou um gole fortificante de chocolate e se forçou a sentar-se na cama.

— Scar, se você não está chateada com o acordo que fiz com o Nigel, o que está incomodando você?

A boca de Scarlett se inclinou para baixo.

— Eu queria falar com você sobre Dante.

Maldição. Não era o que ela esperava, mas também não era bom.

Tella havia esquecido de desmaiar no quarto de Dante. Ele deve ter levado Tella de volta para cá e Scarlett deve tê-lo visto, seminu e segurando Tella perto de seu peito.

— Scar, eu não sei o que você está pensando, mas eu juro que não há nada acontecendo entre Dante e eu. Você sabe como me sinto sobre garotos mais bonitos que eu.

— Então, nada aconteceu entre vocês dois depois que Caraval terminou?
— Scarlett atravessou a pequena cabana e pegou um par de chinelos de prata, os mesmos que Tella havia deixado na floresta.

— Ele deixou estes ontem à noite junto com uma nota interessante.

O estômago de Tella virou quando ela arrancou o fino maço de papel que saía de um dos sapatos.

Estou querendo devolvê-los

desde aquela noite que passamos na

floresta.

— D

Ele realmente era um canalha. Tella amassou a nota em seu punho.

Dante deve ter escrito para atormentar Scarlett por rejeitá-lo durante o Caraval.

— Tudo bem — disse Tella. — Eu confesso, Dante e eu nos beijamos na noite da festa. Mas foi terrível, um dos piores beijos que eu já tive, definitivamente não é algo que eu gostaria de repetir! E eu sinto muito se isso machucou você, eu sei que ele foi terrível para você durante o Caraval.

Scarlett franziu os lábios.

Tella provavelmente levava a mentira um pouco longe demais. Um olhar para Dante e qualquer garota poderia dizer que ele sabia o que fazer com seus lábios.

— Não me importo que você tenha beijado ele — disse Scarlett. — Se eu tivesse conhecido ele antes de Julian, eu poderia ter acabado beijando ele também.

Uma imagem altamente perturbadora apareceu na cabeça de Tella, e ela entendeu o desconforto de sua irmã ainda mais intensamente. A idéia de Scarlett e Dante juntos fez Tella querer ameaçá-lo para ficar longe de sua irmã, não que Tella pensasse que era mesmo uma possibilidade. Mas se apenas a noção preocupasse Tella – que era tudo para Scarlett se divertindo –, ela só podia imaginar o quanto sua irmã super protetora se sentia perturbada.

— Eu não quero controlar você — Scarlett continuou. — Nós duas experimentamos o suficiente disso. Eu só não quero que você se machuque. Caraval começa amanhã à meia-noite, mas, como aprendi durante o último jogo, Lenda coloca suas peças no lugar com bastante antecedência. — Scarlett lançou outro olhar inquieto para os chinelos que Dante havia devolvido.

— Você não precisa se preocupar, Scar. — E pela primeira vez Tella falou a verdade absoluta. — Eu confio em Dante ainda menos do que confio na maioria das pessoas, e eu sei que é melhor não me deixar levar pelo Caraval.

— Eu pensei que você disse que não ia jogar.

— Talvez eu tenha mudado de ideia.

— Tella, eu queria que você não o fizesse. — Scarlett alisou suas saias agora completamente cinzentas, desta vez deixando estrias suadas. — O que aconteceu com Nigel me lembrou das coisas mais arrependidas que experimentei. Eu não quero isso para você.

— Então jogue comigo. — As palavras de Tella voaram impulsivamente, mas mesmo depois de pensar duas vezes, pareceu uma idéia brilhante. Tella tinha assistido Caraval nos bastidores, mas sua irmã tinha realmente jogado e vencido. Como equipe, elas seriam imbatíveis. — Se estivermos juntas, você pode ter certeza de não ser enganada por artistas como Nigel novamente. E posso garantir que você se divirta. Nós vamos cuidar uma da outra.

O vestido de Scarlett se animou imediatamente, como se fosse tudo pela

ideia. Sua renda cinzenta e monótona tornou-se vermelho-framboesa e espalhou-se de suas mangas até o corpete, como uma armadura atraente. Infelizmente, Scarlett ainda parecia cautelosa. Ela passou de infinitamente alisando suas saias para ansiosamente enrolar seu pedaço de cabelo prateado em torno de seu dedo, uma raia que ela ganhou depois de perder um dia de sua vida no último Caraval.

Tella pensou em contar a Scarlett a verdadeira razão pela qual precisava jogar e ganhar, mas duvidava que a mãe delas ajudasse a causa. Scarlett não falou sobre a mãe delas. Nunca. Sempre que Tella tentava falar sobre Paloma, Scarlett ou mudava de assunto ou a ignorava completamente. Tella costumava achar que era muito difícil para Scarlett, mas agora Tella achava que a mágoa de Scarlett se transformara em ódio pelo modo como a mãe as deixara.

Tella entendeu o sentimento; ela preferia nunca falar sobre o pai e evitava pensar nele também.

Mas a mãe delas não era monstruosa como o pai delas.

— Carmim — várias batidas sacudiram a porta de sua pequena cabana, — você está aí?

A expressão de Scarlett mudou imediatamente ao som da voz de Julian; linhas de preocupação suavizadas para linhas de sorrisos.

— Alcançamos Valenda — acrescentou Julian. — Eu vim para ver se eu poderia levar vocês e as malas de sua irmã para o convés.

— Se ele quiser carregar minha bagagem, por favor, deixe-o entrar — disse Tella.

Scarlett não precisou ser informada duas vezes.

No momento em que ela abriu a porta, Julian sorriu como um pirata que acabara de encontrar seu tesouro. Tella jurou que seus olhos ardiam de verdade quando ele olhou sua irmã.

Scarlett sorriu de volta. Assim como a renda em seu vestido, aprofundando-se em um tom ardente de vermelho enquanto sua saia ia de cheia para ajustada.

Tella bebeu seu chocolate, em voz alta, interrompendo o casal antes que seus olhares pudessem se transformar em beijos luxuriosos.

— Julian, por favor me ajude — disse Tella. — Estou tentando fazer com

que Scarlett seja minha parceira durante o Caraval.

Julian ficou sério instantaneamente. Seu olhar cintilou para Tella, de repente afiado. Foi tão breve quanto um relâmpago, mas inequivocamente claro. Ele não queria que Scarlett jogasse o jogo. E

Tella sabia exatamente o porquê. Ela deveria ter pensado nisso sozinha.

Se Scarlett jogasse, ela aprenderia a verdade sobre Armando – que ele havia realizado o papel de seu noivo no último Caraval – e as mentiras de Julian e Tella seriam expostas. Seria muito pior para Julian do que para Tella, mas seria o mais doloroso de todos para Scarlett.

— Pensando duas vezes — Tella disse levemente, tentando corrigir o erro, — talvez eu deva brincar sozinha. Você provavelmente vai me atrasar.

— Que pena. Quero jogar agora. — Os grandes olhos cor de avelã de Scarlett voltaram para Julian, brilhando de uma maneira que nunca voltaram a Trisda. — Acabei de me lembrar de como o jogo pode ser divertido.

Tella sorriu de acordo, mas parecia tão forçado que era difícil se segurar.

Nigel tinha avisado a ela que, se ela ganhasse o jogo, isso teria um custo do qual ela se arrependeria mais tarde. Scarlett também tentou alertá-la sobre o jogo. Mas até este momento Tella não sentiu a força de qualquer aviso. Era uma coisa para ser dita sobre os riscos do Caraval, mas era outra para vê-los jogando fora. Mesmo que o último jogo tenha acabado, sua irmã não escapou totalmente.

Tella não queria acabar assim, e ela não queria arrastar Scarlett através de qualquer coisa que pudesse lhe trazer mais dor. Mas se Tella não jogasse e vencesse o jogo, ela nunca mais veria sua mãe.

O IMPÉRIO
MERIDIANO DA
CIDADE CAPITAL,
VALENTA

7

De acordo com os mitos, Valenda havia sido a antiga cidade de Alcara, lar das Moiras retratados em cada Baralho do Destino. Elas construíram a cidade com sua mágica. Magia tão antiga e sem diluição, mesmo séculos após as Moiras terem desaparecido, rastros de seus encantamentos remanescentes permaneceram, tornando as colinas de Valenda tão iluminadas que à noite ela poderia iluminar metade do Império Meridiano.

Tella não sabia se todo esse mito era verdade, mas ela acreditou nisso ao ver pela primeira vez o porto de Valenda no crepúsculo.

Um pôr-do-sol violeta projetava tudo em profundas sombras roxas e, ainda assim, o mundo à sua frente ainda brilhava, das pontas de suas ruínas primitivas, formadas por colunas desmoronadas e arcadas maciças, até as águas da concórdia que cobriam La Esmeralda. Os frágeis pilares em sua ilha natal de Trisda pareciam ossos frágeis em comparação com os grossos cais vivos que se estendiam à sua frente agora, flanqueados por tosquiadeiras e escunas acenando bandeiras verdes esvoaçantes. Alguns eram capitaneados por mulheres marinheiras, vestidas com saias escorregadias de couro e botas que subiam até as coxas.

Tella já amava isso aqui.

Sua imaginação aumentou quando ela esticou o pescoço para olhar para cima.

Ela ouviu que havia carruagens de céu que voavam acima da cidade montanhosa como pássaros, mas era diferente vê-las pessoalmente.

Atravessaram o céu escuro de lavanda com a graça das nuvens pintadas, subindo e descendo em estampas de orquídea, topázio, magenta, lilás, seda de milho, hortelã e outros tons que Tella ainda não tinha visto. Elas na verdade não voaram tanto quanto penduradas em cordões grossos que cruzavam os

vários distritos de Valenda.

— Vamos — insistiu Scarlett, apertando a mão de Julian quando começaram a descer o cais lotado. — Um grupo especial de treinadores do céu nos levará diretamente ao palácio. Nós não queremos perdê-los.

O navio deles chegou atrasado, então todos estavam se movendo em um ritmo mais intenso. Havia muitos *Cuidado aí* e *Tenham cuidado*.

As pernas curtas de Tella se apressaram para acompanhar enquanto ela agarrava o pequeno baú com as mãos, que continham o Oráculo junto com a maior parte de sua fortuna.

— Perdoe-me. — Um punhado de um menino vestido como um mensageiro apareceu no final do cais. — Você é a senhorita Donatella Dragna?

— Sim — respondeu Tella.

O mensageiro a chamou para um grupo de barris na beira de outro cais.

Tella não estava prestes a seguir. Ela nunca acreditou plenamente nas histórias de sua avó sobre o quão perigosas as ruas de Valenda poderiam ser para uma garota. Mas ela sabia com que facilidade uma pessoa podia desaparecer no cais. Tudo o que precisaria era alguém para arrastá-la para um navio e empurrá-la para baixo, enquanto as cabeças viravam para o outro lado.

— Eu preciso alcançar minha irmã — disse Tella.

— Por favor, senhorita, não corra. Eu não serei pago se você sair.

O jovem mensageiro mostrou-lhe um envelope lacrado com um círculo de cera dourada que formava uma combinação intrincada de adagas e espadas quebradas. Tella reconheceu instantaneamente. O *amigo* dela.

Como ele já sabia que ela estava em Valenda?

Como se respondesse a sua pergunta, a moeda sem sorte no bolso de Tella pulsava como um batimento cardíaco. Ele deve ter usado para rastreá-la, mais uma prova de que ele era habilidoso em encontrar pessoas.

Tella chamou a atenção de Scarlett e Julian, dizendo que ela os alcançaria mais tarde, e escorregou para o outro cais com o mensageiro.

Uma vez escondido atrás de um grupo de barris pesados, o mensageiro passou rapidamente o comunicado para Tella e depois se afastou antes que Tella pudesse quebrar o selo.

Dentro do envelope havia dois quadrados. Primeiro foi uma simples folha coberta de escrita familiar.

Bem-vinda a Valenda, Donatella Minhas desculpas por não cumprimentá-la pessoalmente, mas não se preocupe, não vou me tornar um estranho. Tenho certeza de que você está tão ansiosa para encontrar sua mãe quanto eu para aprender o nome de Lenda.

Conhecendo você, imagino que você participará do Carnaval, mas, por precaução, incluí um convite para as festividades da primeira noite.

Traga a moeda que eu te dei para o Baile antes da meia noite. Mantenha na palma da sua mão e eu vou ter certeza de encontrar você. Não se atrase, não vou demorar.

Até então, — Um amigo

Tella tirou a outra carta, revelando uma página perolada coberta de tinta azul-royal.

Lenda escolheu você para jogar um jogo que pode mudar seu destino.

Em homenagem ao 75º aniversário da Imperatriz Elantine, Carnaval visitará as ruas de Valenda por seis noites mágicas.

Sua jornada começará no Baile do Destino, dentro do Castelo Idyllwild.

O jogo começa oficialmente à meia noite, no 30º dia da estação de crescimento, e termina ao amanhecer no dia de Elantine.

O trigésimo dia foi o dia seguinte.

Muito cedo para que Tella conhecesse seu amigo.

Nigel disse que a única maneira de descobrir o nome de Lenda era ganhar o Caraval. Ela precisava de mais uma semana para jogar – e ganhar – o jogo. Certamente seu amigo lhe daria mais uma semana.

Mas e se ele dissesse não e se recusasse a reuni-la com a mãe?

Uma onda indisciplinada sacudiu a doca, mas mesmo depois de estabilizada Tella permaneceu instável, como se o destino tivesse piscado e o futuro de seu mundo tivesse mudado de forma.

Rapidamente, ela colocou o pequeno baú nas mãos dela no cais.

Atrás dos barris, ela estava escondida de vista. Ninguém a viu abrir o porta-malas, embora, mesmo que um bando inteiro de pessoas estivesse observando, talvez não a tivesse impedido. Tella precisava checar o Oráculo.

Seus dedos geralmente formigavam ao contato, mas quando ela tocava o retângulo de papel eles ficavam entorpecidos; tudo ficou entorpecido quando Tella viu uma nova imagem. Sua mãe não estava mais presa atrás das grades da prisão – ela tinha os lábios azuis, estava pálida e morta.

Tella segurou o cartão com tanta força que deveria ter amassado na mão. Mas a coisinha mágica parecia ser indestrutível. Ela caiu contra os barris úmidos.

Algo novo deve ter acontecido para alterar o futuro de sua mãe. Tella dormiu nos últimos quatro dias. A mudança não deveria ter sido resultado de suas ações, a menos que tivesse algo a ver com a conversa que teve com Nigel.

Julian havia avisado a Tella que cartomantes como Nigel brincavam com o futuro. Talvez ele tenha percebido algo no destino de Tella que colocou Lenda em risco. Ou talvez Lenda quisesse brincar com Tella por tentar descobrir seu segredo mais bem guardado, e o que Lenda planejava agora mudara o destino de sua mãe.

O pensamento deveria tê-la assustado. Lenda não era uma boa pessoa para ter como inimigo. Mas por alguma razão distorcida a ideia só fez Tella querer jogar mais o seu jogo. Agora, ela só precisava convencer seu amigo a lhe dar outra semana para que ela pudesse ganhar Caraval, descobrir o nome de Lenda e salvar a vida de sua mãe.

*

Quando Tella chegou à casa da carruagem, a noite cobriu a cidade com sua capa. Do lado de fora da noite estava frio, mas dentro da casa da carruagem o ar estava ameno, nebuloso com luz de lanterna âmbar.

Tella passou por uma barraca de carrinhos coloridos, todos presos a grossos cordões que levavam a todas as partes da cidade. A linha dedicada ao palácio estava no final. Mas Scarlett não estava à vista.

Ela disse a sua irmã que ela a alcançaria mais tarde, mas Tella ainda estava surpresa que Scarlett não tinha esperado por ela.

A carruagem pendendo diante de Tella se balançou quando um cocheiro forte abriu uma porta de marfim e dirigiu-a para um compartimento confortável coberto de almofadas amanteigadas atadas com guarnição azul royal espessa que combinava com as cortinas que revestiam as janelas ovais.

O único outro passageiro era um jovem de cabelos dourados que Tella não reconheceu.

Os artistas de Lenda tinham levado dois navios para Valenda, e Tella imaginou que havia artistas trabalhando para Lenda que ela nunca conheceu. Mas ela suspeitava que esse jovem não fosse um deles.

Ele era apenas alguns anos mais velho que ela, mas parecia que passara séculos praticando desinteresse. Mesmo seu casaco de veludo amarrotado parecia entediado enquanto ele descansava contra os assentos de couro macio.

Intencionalmente desviando o olhar de Tella, ele mordeu uma maçã intensamente branca.

— Você não pode andar aqui.

— Perdoe-me?

— Você me ouviu claramente. Você precisa sair. — Sua voz arrastada era tão preguiçosa quanto sua postura cavalheiresca, fazendo Tella pensar que ou ele era completamente descuidado, ou este jovem estava tão acostumado com as pessoas penduradas em suas palavras, ele nem sequer tentou soar comandante.

Nobre mimado.

Tella nunca conheceu um aristocrata de que gostasse. Muitas vezes vinham ao pai dela por favores ilegais, oferecendo-lhe dinheiro, mas nunca

respeitavam; todos pareciam pensar que seu fluxo de sangue real os tornava superiores a todos os demais.

— Se você não quiser viajar comigo, pode sair — disse ela.

O jovem nobre respondeu com uma leve inclinação de sua cabeça dourada, seguida por uma lenta onda de lábios estreitos como se tivesse mordido uma parte de sua maçã.

Apenas deixe a carruagem, avisou uma voz em sua cabeça *Ele é mais perigoso do que parece*. Mas Tella não estava prestes a ser intimidada por um jovem com preguiça de tirar o cabelo dos olhos vermelhos. Ela odiava quando as pessoas usavam sua riqueza ou título como uma desculpa para tratar mal os outros; isso a lembrava muito do pai dela. E a carruagem já estava subindo, voando mais alto no céu noturno com cada um dos batimentos cardíacos rápidos de Tella.

— Você deve ser um dos artistas de Lenda. — O jovem poderia ter rido, mas parecia muito cruel para Tella ter certeza. Ele se inclinou sobre o espaço íntimo, enchendo a carruagem com o aroma acentuado de maçãs e irritação. — Eu me pergunto se você poderia me ajudar com algo que eu tenho curiosidade sobre — continuou ele.

— Eu ouvi que os artistas de Lenda nunca morrem de verdade.

Então, talvez eu te empurre para ver se os rumores são verdadeiros?

Tella não sabia se a ameaça do jovem era séria, mas era tentador demais evitar dizer: — Não se eu te empurrar primeiro.

Isso lhe rendeu um flash de covinhas que poderiam ter sido encantadoras, mas de alguma forma conseguiram parecer indelicadas, como uma pedra preciosa piscando no punho de uma faca de dois gumes. Tella não conseguia decidir se suas feições eram afiadas demais para serem atraentes, ou se ele era apenas o tipo de bonito que doía olhar, o tipo devastador de adorável que cortaria sua garganta enquanto você estava ocupado olhando para seus olhos frios e vivazes...

— Cuidado, animal de estimação. Você pode ser um dos convidados da imperatriz, mas muitos em sua corte não são tão tolerantes quanto eu. E eu não estou perdendo a todos.

Crunch. Dentes afiados deram outra mordida em sua maçã branca antes que ele deixasse escorregar de seus dedos e cair em seus chinelos.

Tella chutou a maçã de volta em sua direção, e fingiu que não estava preocupada, no mínimo, que ele agisse em sua ameaça. Ela chegou a afastar a cabeça dele e dirigir-se à janela enquanto a carruagem continuava a patinar sobre a cidade. Deve ter funcionado; Do canto do seu olhar, ela viu o jovem fechar os olhos enquanto passavam pelos renomados bairros de Valenda.

Alguns distritos eram mais infames que outros, como o Bairro das Especiarias, onde rumores afirmavam que itens deliciosamente ilícitos podiam ser encontrados, ou o Distrito do Templo, onde várias religiões eram praticadas — supostamente havia até mesmo uma Igreja de Lenda.

Estava escuro demais para ver nitidamente qualquer coisa, mas Tella continuou a olhar até a carruagem começar a descer em direção ao palácio e ela finalmente conseguiu distinguir mais do que luzes esmaecidas de olhos brilhantes brilhando no céu.

Tudo o que ela conseguia pensar era que os *livros de histórias* mentiam.

Tella nunca se importou muito com castelos ou palácios. Scarlett era a irmã que fantasiava ser levada por um rico nobre ou um jovem rei para uma fortaleza de pedra isolada. Para Scarlett, os castelos eram bastiões de segurança oferecendo proteção. Tella os via como prisões sofisticadas, perfeitas para assistir, controlar e punir. Eram versões maiores da propriedade sufocante de seu pai em Trisda, nada melhor que uma gaiola.

Mas enquanto seu treinador continuava sua lenta queda, Tella se perguntou se ela tinha sido muito apressada com seus julgamentos.

Ela sempre imaginou castelos como sendo de pedra cinzenta e mofo e corredores de mofo, mas o palácio de Elantine, cravejado de jóias, incendiou a noite como um tesouro roubado do covil de um dragão.

Ela pensou ter ouvido o jovem nobre bufar, provavelmente com alguma expressão deslumbrada que ela fizera. Mas Tella não se importou. Na verdade, ela tinha pena dele se ele não pudesse apreciar a beleza.

O palácio de Elantine ficava no topo da colina mais alta de Valenda.

No centro dela, sua famosa torre de ouro queimava a luz do farol em tons de cobre e coral resplandecente. Régia e reta, até perto do topo, onde a estrutura se arqueava como uma coroa, era uma imagem espelhada de Torre Perdida do Baralho do Destino. Tella conteve a respiração. Era o prédio mais alto que já vira e, de alguma forma, parecia vivo. Governava como um

monarca atemporal, presidindo cinco alas de jóias arqueadas, que se estendiam da torre como as pontas de uma estrela. E Tella iria viver dentro dessa estrela por uma semana.

Não mais se sentindo tão exausta, ela praticamente saltou em seu assento quando o cocheiro finalmente pousou.

Em frente a ela, o nobre preguiçoso a ignorou enquanto ela saía pela porta da cavernosa casa das carruagens.

Tella se perguntou se ela seria a última a chegar. O único som que ela ouviu foi o barulho pesado das rodas entalhadas que moviam as linhas da carruagem. Ela não viu nenhum dos artistas de Lenda ou sua irmã. Mas entre as fileiras de treinadores de balanço havia um número de guardas inexpressivos e vestidos de armaduras.

Um guarda seguia cada movimento de Tella, o tilintar de sua armadura a seguindo, quando ela saía das carruagens e entrava nos jardins exuberantes da imperatriz. Os artistas de Lenda podem ter sido os convidados de Elantine, mas quando Tella passou por jardins de pedra envelhecidos e elaborados topiaries, ela teve uma súbita impressão de que a imperatriz não confiava em seus visitantes. Isso fez Tella se perguntar por que ela os convidou para ficar no palácio e se apresentar para o aniversário dela.

Tella ouvira dizer que quando ela era mais jovem, a imperatriz Elantine tinha uma veia selvagem. Ela entrou no assustador Bairro das Especiarias e fingiu ser um plebeu para que pudesse ter todo tipo de aventuras escandalosas e encontros românticos. Infelizmente, durante a maior parte da vida de Tella, a imperatriz era conhecida por ser muito menos ousada.

Talvez convidar os artistas de Lenda aqui fosse sua maneira de ser imprudente mais uma vez. Mas Tella duvidou disso; Alguém que governou enquanto Elantine não o fez com um abandono impensado.

De alguma forma, o interior do palácio era ainda mais magnífico do que o exterior brilhante de jóias. Tudo era incrivelmente grande, como se as Moiras o construíssem apenas para mostrar seu poder, e depois simplesmente o deixasse para trás quando desaparecessem.

O brilhante piso de lápis-laz refletia a entrada de Tella enquanto ela passava por colunas azuis de quartzo maiores do que os carvalhos e lâmpadas de óleo cristalino tão altas quanto as pessoas.

Subindo e descendo a enorme escadaria de mármore, os empregados voavam como flocos de neve, mas de novo Tella não viu sinais de sua irmã ou de qualquer outro artista.

— Bem-vinda. — Uma mulher vestida em um tom orgulhoso de azul pisou na frente de Tella. — Eu sou chefe da matrona da ala de safira.

— Donatella Dragna. Estou aqui com os artistas de Lenda e temo que esteja um pouco atrasada.

— Eu realmente diria que você está muito atrasada — a matrona disse a ela, mas ela falou com um sorriso, o que deu a Tella um pouco de alívio quando a mulher olhou para a lista em suas mãos, suavemente cantarolando. Até que lentamente o som agradável desapareceu e parou.

Seu sorriso desapareceu em seguida.

— Você poderia repetir o seu nome mais uma vez?

— É Donatella Dragna.

— Eu vejo uma Scarlett Dragna.

— Essa é minha irmã.

A mulher olhou para cima, os olhos passando rapidamente para o guarda que acompanhara Tella.

— Sua irmã pode ser uma convidada de boas-vindas, mas temo que eu não tenha escrito seu nome na lista. Tem certeza de que foi convidada?

8

Não. Tella não foi convidada para o palácio, mas se Scarlett estava na lista, Tella deveria estar também. Lenda estava jogando com ela.

Ele deve ter a removido da lista depois da conversa de Tella com Nigel.

Ela respirou fundo, se recusando a ficar nervosa, mas ela imaginou que cada servente na ala poderia ouvir os batimentos do seu coração.

Seria tão fácil para o guarda que a acompanhou até lá a jogar na noite a fora. Ninguém ia nem perceber imediatamente, dado como Tella geralmente desaparecia intencionalmente, e que ela já tinha se separado de Scarlett junto com todos que ela conhecia em Valenda.

— Minha irmã — Tella disse, — ela está ficando aqui. Eu poderia dividir o quarto com ela.

— Isso seria inaceitável — a matrona respondeu, mais rígida do que antes.

— Eu não vejo porque isso importaria — Tella disse. — Na verdade, minha irmã preferiria.

— E quem é a sua irmã? Ela é uma monarca real com a quinta do mundo na ponta e seus dedos?

Tella se segurou para não dizer algo que só a teria jogado para fora mais rápido.

— E as outras alas? — Ela respondeu docemente. — Deve ter um quarto vazio em um palácio tão grande.

— Mesmo se tivesse quartos, você não está na lista de convidados, então você não pode ficar.

Com as palavras dela, o guarda se aproximou, com a armadura ecoando pelo hall de entrada.

Levou tudo o que Tella tinha para evitar levantar a voz. Em vez disso, ela forçou os lábios a tremer e os olhos ficarem lacrimejantes.

— Por favor, eu não tenho lugar nenhum para ir — ela implorou, torcendo que a mulher tivesse um coração debaixo de seu vestido engomado. — Basta encontrar a minha irmã e me deixe ficar com ela.

Os lábios da matrona beliscaram, avaliando Donatella em todo seu esplendor patético.

— Eu não posso deixar você ficar aqui, mas talvez haja uma cama estreita ou alojamento gratuito nos quartos dos empregados.

O coração de Tella afundou ainda mais. Um abrigo nos quartos dos empregados?

— Licença. — A voz baixa roncou diretamente atrás dela, um áspero roçar contra a parte de trás do pescoço de Tella.

Seu estômago mergulhou e deu um nó. Apenas a voz de uma pessoa fazia isso com Tella.

Casualmente Dante chegou ao seu lado. Uma silhueta de preto de asa-de-corvo, do perfeito terno escuro para a tinta que tatuava suas mãos. A única luz veio do brilho em seus olhos divertidos.

— Tendo um problema com seu quarto?

— De jeito nenhum. — Tella desejou que suas bochechas não ficassem vermelhas, torcendo para que ele não tivesse escutado a conversa. — Houve apenas uma pequena confusão, mas foi resolvida.

— Que alívio. Pensei tê-la ouvido dizer que ela estava colocando você no alojamento dos criados.

— Isso é só se houver espaço — disse a matrona.

Tella poderia ter ficado verde de humilhação e afundado no chão lápis lazuli, mas para seu choque, Dante, que geralmente gostava de rir dela, não distorcia o canto da boca dele em diversão.

Em vez disso, ele virou toda a força do seu olhar brutal na matrona.

— Você sabe quem é essa jovem?

— Desculpe-me — disse a matrona, — quem é você?

— Eu supervisiono todos os artistas de Lenda. — A voz de Dante estava cheia de mais arrogância do que o habitual. O tipo de tom que tornava impossível para Tella discernir se ele estava falando a verdade ou inventando uma mentira. — Você não quer colocá-la nos aposentos dos empregados.

— Por que isso? — Perguntou a matrona.

— Ela está noiva do herdeiro do trono do Império Meridiano.

As sobranceiras da mulher se uniram cautelosamente.

Tella deve ter feito o mesmo, mas ela instantaneamente encobriu sua surpresa com o tipo de expressão arrogante que imaginava que a noiva de um herdeiro real poderia usar.

Claro, Tella nem sabia quem era o herdeiro atual. Elantine não tinha filhos, e seus herdeiros foram mortos mais rápido do que a notícia poderia viajar para a antiga casa de Tella em Trisda. Mas Tella não se importava com quem era seu noivo falso, desde que isso a impedisse de dormir em um alojamento.

Infelizmente, a matrona ainda parecia cética.

— Eu não sabia que Sua Alteza tinha uma nova noiva.

— É um segredo — respondeu Dante sem falhas. — Eu acredito que ele está planejando anunciar o noivado em sua próxima festa. Então, eu recomendo não dizer nada. Tenho certeza você já ouviu falar sobre o temperamento dele.

A mulher ficou rígida. Então seus olhos dispararam de Dante para Tella. Claramente ela não confiava em nenhum deles, mas seu medo do temperamento do herdeiro deve ter superado seu bom senso.

— Vou verificar novamente para ver se há outro quarto disponível — ela disse. — Estamos cheios para a celebração, mas talvez alguém que esperávamos não tenha chegado.

No momento em que ela saiu, Dante voltou-se para Tella, inclinando-se para que nenhum servo bisbilhoteiro pudesse ouvir.

— Não se apresse em me agradecer.

Tella supôs que ela lhe devia um pouco de gratidão. No entanto, a troca a cobriu com a sensação espessa de que Dante estava fazendo o oposto de um favor.

— Eu não consigo entender se você acabou de me salvar ou me colocou em uma situação ainda mais infeliz.

— Eu encontrei um quarto para você, não foi?

— Você também me deu um noivo mal-humorado.

Um canto de sua boca cheia se levantou.

— Você preferiria fingir ser minha noiva? Pensei em dizer isso, mas não

achei que seria a melhor escolha desde... o que foi que você disse à sua irmã? — Ele bateu um dedo contra seu queixo macio. — Ah sim, quando nos beijamos foi terrível, um dos piores, definitivamente não é algo que você gostaria de repetir.

Tella sentiu a cor sumir do rosto dela. Sangue de Deus! Dante era absolutamente sem vergonha.

— Você estava espiando!

— Eu não precisei. Você falou alto.

Tella deveria ter dito que ela não quis dizer isso – ele tinha que saber que ela não quis dizer isso – mas a última coisa que ela queria era aumentar o orgulho de Dante.

— Então isso é vingança?

Ele se inclinou ainda mais perto. Tella não conseguia discernir se o humor havia deixado o seu olhar ou se havia acabado de se transformar em algo mais profundo, escuro e um pouco mais perigoso. Seus dedos quentes intencionalmente roçaram o comprimento de sua clavícula. Sua respiração ficou presa. No entanto, ela não se afastou, mesmo quando os olhos dele ficaram quase nivelados com os dela, chegando tão perto que ela podia sentir o movimento de seus cílios.

— Vamos apenas dizer que estamos quites agora. — Seus lábios se moveram para o canto da boca dela.

Então, logo antes de fazer contato, ele se afastou.

— Eu não gostaria de repetir algo tão desagradável para você.

Sem outra palavra, Dante se afastou, seus ombros largos tremendo, como se estivesse rindo.

Tella queimou. Depois do que Dante acabara de fazer, eles estavam longe de ser parecidos.

A matrona retornou batimentos cardíacos rápidos depois, com um sorriso mais apertado do que pontos frescos.

— Parece que temos uma suíte disponível na torre de ouro de Elantine.

Tella engoliu um suspiro. Talvez Dante tenha feito um favor a ela depois de tudo.

Junto às numerosas ruínas da cidade, a torre de ouro de Elantine era a estrutura mais antiga do Império. Rumores de ter paredes feitas de puro ouro

e todos os tipos de passagens secretas para os monarcas fugirem, muitos acreditavam que não era apenas uma réplica da Torre Perdida do Baralhos do Destino, mas que era a torre real, com magia adormecida escondida dentro dela.

— Normalmente não são permitidos hóspedes na torre — disse a matrona enquanto conduzia Tella da ala de safira para um pátio de vidro, onde grupos de pessoas fantasiosamente vestidos serpenteavam sob arcos opalinos e árvores de cristal com folhas prateadas. Não familiarizada com a cultura do palácio, tendo crescido em uma ilha conquistada sem respeito, Tella se perguntou se eles eram parte da corte de Elantine, ou se esses eram outros convidados que a matrona havia mencionado.

— Você não deve ter nenhum visitante — continuou a matrona. — Nem mesmo o seu noivo é bem-vindo dentro do seu quarto.

Tella poderia ter dito que ela nunca sonharia em deixar um garoto entrar em seu quarto, mas provavelmente era melhor não empilhar muitas mentiras uma em cima da outra ou elas poderiam desmoronar.

No final do pátio havia apenas um conjunto de portas para a torre de ouro, tão grandioso e pesado que levou três sentinelas para abrir cada uma delas.

Tella não percebeu que o guarda da casa de carruagem ainda a seguia até que ele foi parado quando Tella e a matrona foram deixadas passar.

Qualquer palavra do noivado de Tella tinha viajado rapidamente pelo palácio, ou essa matrona chefe era tão importante quanto ela mesma pensava. Tella torcia pelo último, sabendo que assim que o verdadeiro herdeiro descobrisse seu truque, ela certamente seria exposta e expulsa do palácio – ou pior.

Até então, ela decidiu aproveitar a farsa.

Ao contrário das histórias, o interior da torre não era dourado; era velho. Até o ar cheirava arcaico, cheio de histórias esquecidas e palavras antigas. No nível mais baixo, havia pilares de pedra envelhecidos, formados por colunas lascadas, e capitéis decorativos esculpidos para parecerem mulheres de duas caras, todas iluminadas por tochas negras crepitantes que cheiravam a incenso e feitiços. A partir daí, a matrona conduziu-a até o andar de cima por pisos rangendo, cada um tão velho quanto o primeiro. A porta que elas finalmente pararam na frente parecia tão velha, um toque e Tella imaginou

que poderia cair das dobradiças.

Não admira que os hóspedes nunca tenham ficado aqui.

— Um guarda será posto em frente à sua porta o tempo todo. — A matrona tocou a campainha em volta do pescoço, convocando uma sentinela com uma armadura de metal branco impressionante. — Eu odiaria ver qualquer coisa acontecer com você como a noiva do herdeiro!

— Por alguma razão, não acredito que seja verdade — disse Tella.

O sorriso da matrona voltou, espalhando-se lentamente, como uma mancha.

— Pelo menos você é mais esperta do que parece. Mas se você realmente está comprometida com o herdeiro, então não são os guardas de Sua Majestade que você deve temer.

— Eu realmente não acredito em temer nada. — Tella fechou a porta, deixando a mulher no corredor antes que ela pudesse dizer outra palavra pontiaguda, ou Tella poderia deixar escapar mais coisas que ela não deveria.

Não era inteligente incomodar os criados. Claro, também não foi sábio mentir sobre ser a noiva de um herdeiro real. Ela teria que pagar Dante de volta por aquilo.

Embora, para seu crédito, ele tivesse lhe dado uma suíte fantástica. A torre poderia ter sido uma relíquia, mas seus aposentos eram maravilhosos.

O luar inundou através das janelas, lançando tudo em um brilho sonhador. Alguém já havia colocado uma bandeja de doces de boa noite no topo de uma das delicadas mesas de vidro da sala de estar.

Tella pegou um biscoito em forma de estrela enquanto passava por duas lareiras de pedra branca em um luxuoso quarto coberto de tapetes de glória azul. Eles combinavam com as pesadas cortinas penduradas na convidativa cama de dossel. Tella queria entrar em colapso e dormir apesar de todos os seus problemas.

Mas ela precisava escrever para Scarlett primeiro e deixá-la saber que ela estava...

Duas vozes atordoadas de relance.

Os olhos de Tella foram para uma porta quebrada na curva da sala, o que provavelmente levava à sala de banho.

Ela ouviu os sussurros novamente. Servos, que devem ter ignorado que

Tella estava lá. Uma voz era leve e aguda, a outra calorosa e suave, fazendo-a pensar em um pequeno pássaro conversando com um coelhinho fofo.

— Eu sinceramente sinto muito por ela — disse a coelhinha.

— Você está dizendo que você não gostaria de ser noiva do herdeiro? — chiou a passarinha. — Você já o viu?

— Eu não me importo com o que ele parece. Ele é um assassino.

Todo mundo sabe que havia dezessete pessoas entre ele e o trono da Imperatriz Elantine. Então, um por um, todos os outros herdeiros morreram de maneira horrível.

— Mas isso não significa que o atual tenha matado todos eles.

— Eu não sei — murmurou a coelha. — Ouvi dizer que ele nem faz parte da linhagem nobre, mas ele matou tantas pessoas que o verdadeiro herdeiro não avançará.

— Você é ridícula, Barley! — A garota pássaro deu uma gargalhada.

— Você não deve acreditar em todos os rumores que você ouve.

— E sobre o boato de que ele matou sua última noiva?

As duas empregadas ficaram abruptamente quietas.

No silêncio tenso, Tella pensou ter ouvido a risada rouca da Morte.

Ela ralou como metal enferrujado serrando no osso. O mesmo som exato a saudou enquanto ela mergulhava daquela sacada horrível durante o Carnaval. Uma boa vinda macabra a um reino hediondo.

Agora isso servia como um lembrete arrepiante de que ela já foi da Morte e ele a queria de volta.

Tella ia matar Dante. Lentamente. Com as mãos dela.

Ou talvez Tella usasse suas luvas para matá-lo – ela amarraria as bainhas de cetim em torno de sua garganta – então ela usaria as mãos nuas para terminar o trabalho. Não só o bastardo pensativo deu a ela um noivo falso com um temperamento ruim, ele escolheu um assassino. Tella poderia ter apreciado a quão bem construída foi sua mesquinha vingança se ela não tivesse sido o assunto disso.

9

Tella continuou a pensar em maneiras diferentes de prejudicar ou envergonhar Dante quando ela saiu da cama na manhã seguinte. Ela podia encontrá-lo naquela noite no baile, quando o Caraval começar, e acidentalmente derramar vinho em cima dele. Claro, já que Dante gostava tanto de preto, isso poderia ser um desperdício de vinho, e muito provavelmente apenas fazê-la parecer desajeitada.

Ao invés talvez ela pudesse deixá-lo com ciúmes, parecendo deslumbrante e chegando nos braços de algum menino bonito. Mas Tella duvidava que tivesse tempo suficiente para encontrar um jovem bonito para acompanhá-la ao baile, e deixar Dante com ciúmes realmente deveria ter sido a mais distante de suas preocupações.

Tella precisava se concentrar em encontrar seu amigo antes da meia-noite e convencê-lo a dar-lhe uma semana extra para jogar o Caraval e descobrir o nome de Lenda.

Então ela iria ver sua mãe novamente.

Fazia tanto tempo que Tella não conseguia mais lembrar o som da voz de Paloma, mas ela sabia que era doce e forte, e às vezes Tella sentia tanta falta que ela não queria nada mais do que ouvir de novo.

— Senhorita Dragna. — Uma sentinela bateu pesadamente em sua porta.
— Um pacote chegou.

— Dê-me um minuto. — Tella procurou por suas roupas de banho, precisando se vestir, mas aparentemente elas estavam perdidas ou não eram permitidas dentro da torre. Tudo o que ela possuía era o pequeno e feio baú que carregara com ela para fora do barco, e ela não colocara nenhuma roupa fresca dentro dele.

Tella abriu a porta uma vez que ela terminou de se enfiar em seu vestido

do dia anterior.

O rosto inteiro do guarda estava escondido atrás de uma caixa branca perolada tão alta quanto um bolo de casamento, coberto com um arco de veludo grande demais, grosso como glacê.

— Quem mandou isso? — Tella perguntou.

— Há uma nota. — O guarda colocou a caixa em cima de um cabriolé tufada da cor da luz do porto.

No instante em que ele saiu, Tella removeu um envelope de pergaminho. Sua pele não se arrepiou com magia, mas algo *não* parecia certo. Embora o pacote inteiro fosse tão branco quanto beijos recatados e intenções puras, a sala de estar parecia mais escura desde que o presente havia entrado. O brilho do sol já não penetrava pelas janelas, deixando a penumbra que transformou toda a mobília elegante em cautelosos tons de verde.

Tella abriu cautelosamente o envelope. A carta estava coberta de letras pretas pesadas.

**MINHA QUERIDA NOIVA, QUE SURPRESA FOI OUVIR DA
SUA CHEGADA – E EU TEMIA QUE NÃO TERIA NINGUÉM
PARA DANÇAR NO BAILE DO DESTINO HOJE Á NOITE.
EU ESPERO QUE VOCÊ NÃO SE IMPORTE QUE EU
TENHA ESCOLHIDO UM VESTIDO PARA VOCÊ VESTIR.
EU QUERO TER CERTEZA DE QUE EU POSSA TE
LOCALIZAR IMEDIATAMENTE. EU PREFIRO NÃO TER
QUE TE CAÇAR ANTES DE ANUNCIAR OFICIALMENTE O
NOSSO NOIVADO.**

ATÉ LÁ.

Não havia assinatura, mas Tella sabia de quem era a carta. *O herdeiro de Elantine*. Parecia que ele tinha espiões no palácio.

Nada de bom poderia vir disso.

Com dedos úmidos, Tella arrancou a tampa da caixa, meio esperando encontrar um vestido fúnebre ou alguma outra criação monstruosa.

Mas, para seu espanto, o vestido não se parecia com nada remotamente

ameaçador. Parecia uma fantasia que um jardim havia chorado.

A saia era indulgente e cheia, formada por enormes rodopios de peônias azul-celeste. Peônias reais. Elas transbordavam fragrância doce e limpa, cada um delas única, das sutis mudanças de tonalidade ao tamanho das flores. Alguns ainda estavam enfiados em apertados botões pervinca, ainda não prontos para o mundo, enquanto outros explodiam em estouro de pétalas vívidas. Tella se imaginou deixando um rastro de pétalas de flores azuis enquanto dançava.

O corpete parecia ainda mais etéreo, um tom tão pálido de azul que era praticamente transparente, coberto na frente por miçangas de safira intrincada que cresciam em cordas de colares, que pendiam através das costas nuas.

Ela não deveria ter considerado usá-lo.

Mas era magnífico e majestoso. Tella imaginou como ficaria o rosto de Dante quando ela aparecesse no baile parecendo a verdadeira noiva do herdeiro.

Esta seria a vingança perfeita.

Tella releu a nota que acompanhava o vestido. Sabendo que era do herdeiro, parecia uma ameaça. Mas nada sobre isso era realmente ameaçador. Ele parecia mais curioso do que qualquer coisa – talvez ele estivesse impressionado com a audácia de sua alegação e apenas queria conhecê-la. Ainda parecia um risco usar o vestido, mas, como Tella gostava de dizer à irmã, havia mais na vida do que ficar em segurança.

Embora Tella se perguntasse se ela não estava correndo riscos demais naquela noite.

Logo depois de pendurar o vestido, outro guarda bateu e entregou uma carta de sua irmã.

Querida Tella, Fiquei tão aliviada ao saber que você chegou em segurança ao palácio, e mais do que um pouco surpresa ao saber que eles colocaram você na torre dourada – eu mal posso esperar para ouvir como isso aconteceu!

Eu espero que você não se importe, eu concordei em

*passar a tarde com Julian. Mas eu ainda pretendo ir
com você para o Baile do Destino para o início do
Caraval. Te encontrarei no jardim de pedras do lado de
fora da casa da carruagem uma hora antes da meia-
noite.*

Com amor, Scarlett

Era errado que esta carta a preocupasse mais do que a missiva do herdeiro. Mas Tella quase se esqueceu de pedir a Scarlett que jogasse o jogo com ela. Ela fez isso antes de descobrir que precisava encontrar seu amigo no baile.

Tella desmoronou na cama. Isso complicaria as coisas.

A menos que Tella confesse todos os seus segredos para Scarlett.

Era um pensamento aterrorizante. Scarlett não ficaria feliz em saber que ela foi enganada por Armando durante o Caraval, ou que Tella estava procurando por sua mãe. E Tella não podia nem imaginar o que a irmã pensaria sobre o novo noivo falso de Tella. Mas Scarlett era a pessoa mais leal que Tella conhecia: ela ficaria chateada, mas não impediria Scarlett de ajudar Tella a vencer o jogo.

E Tella precisava vencer o jogo.

10

A noite e sua amante a lua estavam ambos a brincar quando Tella chegou ao jardim de pedras estrelado, onde ela deveria encontrar Scarlett antes de iniciar sua grande aventura.

O Baile do Destino no Castelo Idyllwild marcava o início oficial do Caraval. Mas naquela noite haveria celebrações por toda a cidade.

Em cada uma os primeiros conjuntos de pistas seriam distribuídos de modo que as pessoas de Valenda pudessem jogar.

Até o ar vibrava de antecipação e excitação. Tella podia sentir isso lambendo sua pele, como se quisesse beber em suas emoções frenéticas também.

Tella não costumava ficar ansiosa. Ela gostava da emoção que vinha com correr riscos. Ela adorava a sensação de fazer algo ousado o suficiente para fazer com que seu futuro prendesse o fôlego enquanto ela fechava os olhos e se deleitava com a sensação de ter feito uma escolha com o poder de alterar o curso de sua vida. Era o mais próximo que ela chegara de ter poder real.

Mas Tella também sabia que nem todas as apostas valeram a pena.

Ela passou o dia todo pensando sobre isso enquanto explorava os terrenos do palácio em uma busca fracassada pelas passagens secretas dos rumores. Ela sentia que esta noite iria certamente como planejado. Scarlett entenderia quando Tella confessasse todos os seus segredos. O amigo de Tella lhe daria uma semana para jogar o jogo e descobrir o nome de Lenda, para que ela pudesse apagar o terrível futuro que o Oráculo mostrara e, finalmente, descobrir quem realmente era sua mãe e por que ela havia partido tantos anos atrás.

Tella teve sucesso em tramas muito mais complicadas e, no entanto, ela não conseguia afastar a crescente premonição de que todos os seus planos

estavam prestes a se desenrolar.

Ela passou os dedos pela moeda sem sorte escondida no bolso. Seu amigo disse que ele certamente a encontraria enquanto ela tivesse a moeda, e Tella se perguntou se ele já estava no Castelo Idyllwild procurando por ela.

Talvez o herdeiro estivesse procurando por ela também.

Tella soltou uma risada nervosa. Ela definitivamente estava se precipitando, mas pelo menos ela logo teria sua irmã com ela.

À distância, um sino tocou, marcando a hora como às onze e quinze.

Faltava menos de uma hora até o início oficial do Caraval.

Tella estava ficando sem tempo.

Seu amigo a queria na festa antes da meia-noite.

Mas Scarlett não estava à vista.

Algumas pétalas azul-céu caíam do vestido de flores de Tella enquanto ela olhava desconfortavelmente pelo jardim, esperando ter um vislumbre de um dos vestidos de cereja de sua irmã.

Mas os únicos companheiros de Tella eram as estátuas imóveis.

As lendas alegaram que em um ponto durante o governo indomável das Moiras, as estátuas no jardim de pedras de Elantine eram pessoas reais. A maioria servos ao ar livre, cuidando de seus deveres do palácio, podendo arbustos, colhendo flores e varrendo caminhos, quando, sem culpa alguma, eles foram transformados em pedra.

Foi dito que a Rainha dos Mortos-Vivos tinha feito isso.

Aparentemente ela não acreditava que as esculturas atuais parecessem reais o suficiente, então ela pediu a outra Moira para transformar um grupo de servos em estátuas.

Tella olhou para os grandes olhos de pedra de uma jovem criada, imaginando que o pânico dela agora se refletia no de Tella.

Não era do feto de Scarlett estar atrasada.

A menos que sua irmã não estivesse vindo, ou algo tivesse acontecido com ela.

Nervosamente Tella foi até a beira do jardim, esticando a cabeça em direção ao caminho cercado de arbustos de volta ao palácio. Ela poderia ter começado a tentar achar sua irmã, mas outra pessoa já estava no caminho.

Dante

O estômago de Tella que já estava ansioso deu outro salto.

Ele trocou as roupas pretas que ele parecia favorecer por um cinza mediano. Mas suas botas altas e a gravata de seda em volta de seu pescoço eram ambos profundos tons de fumaça azul-negra, combinando com a ondulação de tinta em seus dedos sem luvas. Ele parecia uma tempestade recém-acordada, ou um belo pesadelo vindo à vida para que ele pudesse assombrá-la pessoalmente.

Tella pensou em ir para trás de uma das estátuas. Ele deveria localizá-la de longe no baile. Ele deveria estar deslumbrado com seu vestido extravagante e com ciúmes quando a visse flertando com outro homem.

Ele não deveria vê-la nervosamente em pé em um jardim sozinha.

Ela esperava que ele passasse pelas estátuas sem notar ela. Mas o olhar de Dante já a havia encontrado. Ele segurou Tella como um par de mãos envolvendo sua cintura e segurando-a no lugar quando ele se aproximou.

Seus olhos sombrios tomaram seu tempo arrastando de seu cabelo solto para o cordão amarrado em torno de sua garganta, onde eles escureceram e descansaram um segundo inteiro antes de baixar.

Tella geralmente não corava, mas ela sentiu uma onda de cor encontrar suas bochechas.

Dante olhou para cima e deu a ela um sorriso de estrela caída.

— Você devia sempre usar flores.

Algumas das flores do shyer em seu vestido finalmente floresceram e Tella encontrou os olhos de Dante com um de seus sorrisos mais deslumbrantes.

— Eu não estou usando isso para você. O vestido foi um presente do meu noivo.

As sobrelhas de Dante se arquearam, mas não foi com o ciúme que ela esperava. Ele olhou o vestido como se fosse algo imundo, e então ele olhou para Tella como se ela tivesse ficado completamente louca.

— Você precisa ter mais cuidado com o que diz.

— Por que isso? Você está com ciúmes e medo de alguém que não seja uma matrona pode realmente acreditar em mim? Ou você está de repente nervoso porque o herdeiro de Elantine – o noivo que você me deu – é um demônio assassino que pode me matar por afirmar que estamos noivos?

Antes que Dante pudesse responder, Tella passou por ele, na direção do caminho para o palácio e esperançosamente da sua irmã. Já passava das onze e meia e se aproximava da meia-noite. Ela precisava...

— Donatella. — Dante agarrou seu pulso antes que ela pudesse dar um segundo passo. — Apenas me diga que você não vai ao Baile do Destino no Castelo de Idyllwild.

— Isso seria uma mentira.

Os dedos de Dante ficaram tensos ao redor do pulso dela.

— Existem outras festas. Você não deveria estar indo para essa.

— Por que não? — Tella se afastou. — Eu gosto de beber e dançar, e até você reconheceu que eu pareço bastante espetacular. — Ela fez um meio giro, deixando as pétalas de sua saia roçarem suas botas polidas.

Dante olhou para ela, secando as flores que haviam acabado de varrer suas calças recuadas em gomos.

— O Castelo de Idyllwild pertence ao herdeiro de Elantine. Você sabe o que vai acontecer com você lá se ele descobrir que você está dizendo ser sua noiva?

— Não, mas pode ser interessante descobrir. — Ela deu um sorriso travesso.

Uma linha vermelha de frustração apareceu no pescoço de Dante.

— O herdeiro de Elantine está desequilibrado; ele não apenas acabou de matar os outros herdeiros – ele assassinou qualquer um que ele acreditasse estar no caminho do trono. Se ele suspeitar por um segundo que você é uma dessas pessoas, ele vai acabar com você também.

Tella resistiu ao impulso de recuar ou se encolher. Uma parte dela reconheceu que usar o vestido e arriscar a atenção do herdeiro poderia ter sido uma má ideia, mas isso irritou Dante, então Tella se recusou a pensar nisso como um erro.

— Não é tudo que você acabou de descrever o que você queria que acontecesse quando contasse sua mentira?

O silêncio seguiu e um frio fresco atravessou o jardim, fazendo Tella repentinamente ciente de quão frio a noite tinha crescido.

Extremamente frio, como se o tempo estivesse tomando o lado de Dante e avisando Tella para voltar para dentro do palácio de Elantine.

— Você parecia patética — Dante finalmente disse. — Eu queria ajudar, mas também fiquei chateado com você pelo que você disse no barco, então escolhi a pior pessoa que pude imaginar sem pensar.

Ele não disse a ela que sentia muito, mas suas grossas sobrancelhas se dobraram e seus olhos se inclinaram para algo que parecia arrependimento genuíno. As pessoas jogavam ao redor da palavra *desculpa* facilmente, como se valesse menos do que a promessa de um cobre. Tella raramente acreditava, mas ela achou que acreditava nisso. Provavelmente porque era o tipo de coisa que ela teria feito.

— Agora isso é uma união interessante. — Armando entrou no jardim batendo uma bengala de prata na moda contra várias das estátuas de aparência mais assustada.

— O que você quer? — Perguntou Dante.

— Eu ia lhe fazer uma pergunta semelhante.

O sotaque elegante que Armando usou para tocar o Conde durante o Carnaval foi substituído por uma voz rouca quando ele inclinou sua cabeça perfeitamente arrumada de Tella para Dante, e disse: — Eu pensei que você estivesse interessado na irmã pudica.

A mão de Tella funcionou por instinto, puxando para trás e batendo em Armando em seu rosto.

— Você não pode falar sobre a minha irmã, nunca.

Armando levantou uma mão enluvada para a mandíbula.

— Eu queria que você tivesse me dado esse aviso há uma hora. Sua irmã bate mais forte do que você.

Alarme inundou Tella.

— Você falou com ela.

— Parece que ela não entendeu completamente o conceito de que o Carnaval é apenas um jogo. Linda, mas não muito brilhante.

— Cuidado — alertou Dante. — Eu vou fazer mais do que bater em você.

Os olhos de esmeralda afiados de Armando se iluminaram com diversão.

— Você deve realmente gostar desta, ou Lenda tem você trabalhando com ela do mesmo jeito que Julian trabalhou com sua irmã?

Tella poderia ter batido nele novamente, mas Armando já estava deslizando para trás.

— Um conselho antes da festa de hoje à noite: não repita os erros cometidos pela sua irmã no último jogo. E você pode não querer esperar por ela também. — Armando continuou até a saída quando disse, — Ela não ficou contente em descobrir que eu não era seu verdadeiro noivo. Quando a deixei e o pobre Julian, a conversa deles foi acalorada; Eu não imagino que vai ferver até depois do baile.

— Sujo, miserável... — Tella soltou uma série de maldições deselegantes em suas costas desaparecendo.

Ela sabia que nada poderia realmente ser acreditado durante o Caraval, mas ela estava convencida de que, mesmo quando ele não estava atuando, Armando era tão vil quanto os papéis que desempenhava.

— Eu vou orar para que os anjos descubram e cortem sua língua.

O olhar de Dante viajou para o céu, e Tella jurou que mais de uma estrela piscou para fora da existência quando ele disse: — Tenho certeza que muitos agradeceriam por isso.

Tella ainda se irritou.

— Por que Lenda ainda o mantém por perto?

— Toda boa história precisa de um vilão.

— Mas os melhores vilões são aqueles de quem você gosta secretamente, e minha avó sempre disse que Lenda era o vilão em Caraval.

Os lábios de Dante se torceram em algo como um sorriso.

— Claro que ela disse.

— Você está dizendo que ela estava mentindo?

— Todo mundo quer Lenda, ou quer ser Lenda. A única maneira de impedir jovens garotas inocentes de fugir para encontrá-lo é dizer que ele é um monstro. Mas isso não significa que é tudo mentira. — Os lábios de Dante se arregalaram em um sorriso insultuoso e seus olhos escuros brilharam quando voltaram para Tella.

O canalha estava brincando com ela. Ou talvez ele fosse Lenda e não resistisse em falar sobre como os outros eram tão obcecados por ele.

Dante era definitivamente bonito e arrogante o suficiente para ser Lenda, mas Tella imaginou que o mestre do Caraval tinha coisas mais importantes para fazer na primeira noite do jogo do que atormentá-la.

Outro sino tocou à distância. Meia-noite se aproximaria em quinze

minutos. Se Tella não saísse agora, ela se atrasaria para encontrar seu amigo.

Parecia errado não correr de volta para Scarlett; Tella só podia imaginar como sua irmã deveria ter ficado chateada ao saber o quanto Armando e todos os outros a haviam enganado durante o Caraval.

Tella não queria que ela descobrisse dessa maneira. Mas o amigo de Tella já estava no baile e em sua carta ele disse que não iria esperar depois da meia-noite.

Tella não gostou da ideia de abandonar sua irmã. Mas Scarlett a perdoaria, e o mesmo não poderia ser dito do seu amigo se Tella chegasse atrasada.

— Por mais delicioso que tenha sido esse encontro — ela disse a Dante, — estou atrasada para uma festa e imagino que você tenha um trabalho a fazer.

Antes que ele pudesse tentar impedi-la, ela correu em direção à saída do jardim. Mais estrelas sumiram quando Tella se dirigiu para a casa das carruagens, onde uma criada a ajudou a entrar em uma carruagem de topázio que ainda cheirava ao perfume de seu último passageiro.

Dante deslizou logo atrás dela.

— Você poderia, por favor, para de me seguir?

— Talvez Armando estivesse sendo honesto, pelo menos uma vez, e é meu trabalho segui-la. — Dante se esticou no assento em frente a ela, suas longas pernas preenchendo praticamente todo o espaço vazio entre eles.

— Você sabe o que eu acho? — Tella disse. — Você quer uma desculpa para passar a noite comigo.

A boca de Dante formou um sorriso irônico enquanto ele passava o polegar sobre o lábio inferior.

— Eu odeio quebrar seu coração, mas eu penso em garotas do jeito que eu imagino que você pensa em vestidos de baile; Nunca é uma boa ideia usar o mesmo mais de uma vez.

Se Tella pudesse tê-lo empurrado para fora da carruagem e o substituído com o nobre mimado do outro dia, ela o teria feito. Em vez disso, ela deu a ele seu sorriso mais doce.

— Que coincidência, é o mesmo jeito que vejo jovens garotos.

Dante segurou seu olhar por um momento e então ele riu, o mesmo som deliciosamente baixo que sempre fazia seu estômago dar cambalhotas.

Tentando ignorá-lo, Tella se virou para a janela enquanto a caixa se erguia na noite sem luz.

Ela não sabia onde as estrelas tinham ido, mas em algum lugar entre o jardim e a carruagem, elas desapareceram, transformando o céu em um oceano escuro.

Fuligem e preto e...

A noite brilhou.

Entre um momento e outro, o mundo explodiu em prata.

Tella atirou seu olhar para a janela da carruagem a tempo de ver as estrelas perdidas retornarem. Brilhando mais do que antes, eles dançaram em novas constelações. Ela contava mais de uma dúzia, todas formando a mesma imagem fascinante – um sol com uma explosão de estrelas dentro e uma lágrima cintilante dentro da estrela. O símbolo do Caraval.

PRIMEIRA NOITE
DO CARAVAL

11

Mas ela não achava que ele era poderoso suficiente para manipular as estrelas.

De acordo com os mitos, as estrelas não eram apenas luzes distantes, elas eram seres mais antigos que as Moiras, tão terríveis e poderosos quanto fascinantes e mágicos. E de alguma forma Lenda manipulou todas elas.

— Estou surpresa que Lenda não faz isso com o céu todas as noites — disse Tella.

— Ele provavelmente faria se pudesse. — O tom de Dante era verdadeiro, mas Tella pensou ter vislumbrado algo profundo em seus olhos enquanto olhava pela janela da carruagem. — A magia pode ser alimentada pelo tempo, sangue e emoções. Por causa das esperanças e sonhos dos participantes do Caraval, o poder de Lenda está no auge durante o jogo. As constelações devem se modificar todas as noites. Hoje à noite os símbolos ficam sobre as diferentes festas e bailes marcando o início do Caraval, mas amanhã haverá apenas uma constelação, para guiar os participantes para o distrito onde o próximo conjunto de pistas está escondido.

Tella pode não ter jogado oficialmente o jogo antes, mas ela sabia o básico de como isso funcionava. A primeira regra para se lembrar era de que Caraval era apenas um jogo. Ocorria durante a noite e, no início do jogo, todos recebiam a mesma pista para iniciá-los em uma jornada, o que os levaria a outras pistas e, finalmente, ao prêmio.

Scarlett precisou encontrar cinco pistas durante o último Caraval, e Tella imaginou que seria algo semelhante para este jogo.

Mas primeiro ela precisava localizar seu amigo.

A carruagem fez um parada trêmula, ou talvez fosse o coração de Tella quando ela ouviu o último dos doze sinos tocando à meia-noite.

Ela tirou a moeda sem sorte do bolso para a mão, rezando para que seu amigo soubesse que chegou ao Castelo Idyllwild na hora certa.

Segurando a moeda apertada, ela examinou o terreno por seu amigo, mas ela não sabia nada sobre sua aparência. Tudo o que ela viu foram tochas crepitantes circulando um castelo elevado que parecia preso em algum lugar entre uma ruína e uma fantasia. O arenito branco desmoronando brilhava sob as constelações temporárias de Lenda, exibindo muralhas antigas, parapeitos desmoronando e torres fantasiosas alinhadas em trepadeiras de rosas vermelhas com ponta preta.

A fortaleza reluzente poderia ter sido emprestada do sonho de uma jovem garota, mas Tella notou que o fosso ao redor continha águas tão escuras que não refletiam nenhuma das estrelas de Lenda. Ela se perguntou se era porque o exterior fantasioso do castelo era meramente um glamour mágico, ou se as estrelas eram uma das ilusões de Lenda e Tella tinha sido enganada por elas.

Apenas alguns minutos para o jogo, e Tella já estava questionando o que era real e o que não era.

Ela olhou de volta para a água, procurando por seu amigo de novamente, ou por um barco chegando ao castelo, mas parecia que havia apenas um caminho para a fortaleza – uma ponte estreita, muito arqueada, de pedras entrelaçadas em forma de diamante.

— Procurando por seu noivo? — Dante perguntou.

— Cuidado — alertou Tella, — você parece com ciúmes.

— Espero que você retorne aos seus sentidos — disse Dante. — Esta é sua última chance de ir embora. Nosso anfitrião não gosta de facilitar a entrada ou saída de pessoas.

— Então é uma coisa boa que eu aprecie um desafio.

— Parece que finalmente concordamos com alguma coisa. — Dante enfiou o braço de Tella na dobra do cotovelo, como se silenciosamente aceitasse um desafio.

— Eu pensei que você não gostava de usar a mesma garota para uma festa duas vezes. — Tella corajosamente encontrou seus olhos.

O olhar escuro de carvão de Dante brilhou com algo perverso quando ele se inclinou para baixo, lábios quentes escovando seu cabelo e fazendo outras partes traidoras dela ficar com ciúmes quando ele disse: — Eu faço o que

meu trabalho exige.

Arrogante filho da mãe Tella deveria ter se afastado, mas de perto a ponte era ainda mais estreita do que aparentava de longe e sem qualquer trilho – exatamente como a varanda em que ela saltou durante o Caraval. A queda que a matou.

Seus dedos cavaram mais fundo no braço de Dante. Ela esperava que ele pensasse nisso como parte dos pequenos jogos que jogavam. Que ele não detectaria qualquer terror persistente quando ela lhe fez uma pergunta, precisando de uma distração antes que suas pernas parassem de funcionar, ou seus pulmões parassem de respirar.

— Então, o que Lenda quer comigo agora?

— Eu não posso te dizer.

— Mas você pode dizer que ele mandou você me seguir?

— Eu não disse isso, só que ele poderia ter mandado. Talvez você estivesse certa na carruagem e eu queira passar a noite com você.

Talvez eu ache que você estava mentindo para sua irmã sobre nossos beijos na floresta, e eu pretendo provar isso.

Dante deu a ela um sorriso tão dissoluto e devastador que Tella jurou que a ponte estava um pouco fraca. Mas ela não podia deixar isso enfraquecê-la. Muito estava em jogo esta noite, e ela já o beijou uma vez.

— Mesmo se eu escolhesse acreditar em você, eu teria que lembrá-lo de que eu tenho um noivo e não estou inclinada a trair.

O sorriso glorioso de Dante desapareceu no instante em que ela disse “noivo.”

Tella sorriu e deu um tapinha no braço dele, prestes a finalmente se afastar quando chegaram ao topo da ponte.

Santo Sagrados. Sua respiração ficou presa como um pássaro dentro de sua garganta. A ponte havia se estreitado e ela jurou que estavam mais acima do que jamais estivera em sua vida, sem trilhos, rede ou qualquer outra coisa além de águas impiedosas para capturá-la se escorregasse e caísse. Ela lutou para dar outro passo, mas tudo o que viu a fez desmaiar, tonta, atordoada.

E foi só ela, ou as tochas ao redor do Castelo Idyllwild agora cheiravam a enxofre, como se a própria morte tivesse decidido queimar suas chamas, outro lembrete de que ele estava sempre observando, esperando para levá-la

de volta?

— Não pense nisso — avisou Dante.

— Eu não vou pular — disse Tella.

— Isso não é o que eu estava dizendo. — Seus lábios se moveram para o ouvido dela. — Eu morri mais vezes do que me lembro. Toda da vez, eu costumava temer que não voltasse, até saber que é o medo que o alimenta. É da mesma forma que esperanças e sonhos dão ao Lenda tanto poder durante o Carnaval.

— Eu não tenho medo da morte. — Mas, mesmo quando ela disse as palavras, Tella olhou para baixo e, para seu horror, encontrou seu braço agarrado muito mais apertado a Dante.

Ele acariciou seu braço uma vez, zombando e indulgente.

Mas Tella não estava prestes a deixá-lo vencer qualquer competição que estivessem jogando.

— Eu simplesmente não gosto de gaiolas — ela disse, — e esse lugar parece uma masmorra gigante.

Ele riu baixinho. Diferente do som rico que ele fez na carruagem.

Tella não tinha certeza do porquê, mas ela sentiu que descobriria o motivo de sua diversão sutil assim que eles entrassem na festa.

12

Tella pensou que soubesse o que esperar dentro de Castelo Idyllwild.

Ela já esteve no Caraval antes; encontrar Tella tinha sido todo o objetivo do jogo passado. Mas enquanto isso parece animador, na verdade Tella tinha sido forçada em passar maior parte do seu tempo sentada como uma princesa presa em uma torre, esperando ser encontrada. Ela tinha fugido em algumas ocasiões. Contudo, saindo pelas portas de trás das salas de jogos do Caraval e espiando em sua irmã pelas sombras não tinha sido, nem de perto, parecido ser um real jogador e entrar no mundo decadente de Lenda com a intenção de ser jogada para longe.

Tella não tinha nenhuma intenção em ser jogada para longe agora.

Era quase meia noite e ela precisava encontrar seu amigo antes que ele fosse embora. Entretanto, a cada passo que ela dava para dentro do castelo, ela tinha que lutar contra a vontade de esquecer do porquê dela estar ali e apenas curtir o jogo.

O ar tinha sabor de maravilhas. Como uma borboleta com asas de doces, presa em uma teia de aranha feita de açúcar e mergulhada em pêssegos de sorte.

De novo, ela se perguntava se o herdeiro de Elantine não era tão mal.

Talvez, apenas os rumores sobre ele eram terríveis, feito por pessoas com inveja de sua posição. Seu baile parecia como uma celebração que ela teria ido. Embora Tella não tivesse ideia se isso dizia algo sobre ela ou seu anfitrião.

Ela continuou a agarrar sua moeda sem sorte, esperando que seu amigo ainda estivesse na festa. Porém, mesmo enquanto ela procurava por ele, ela não podia deixar de notar a superfície da celebração como um motim de atividade indulgente.

Do grande salão com entrada arqueada, parecia que outro Destino tinha nascido de explosões de fúria e tons coloridos. O Menagerie – a carta que representava o começo de uma nova história ou uma nova aventura.

Mulheres e homens com corpos cobertos de penas e cabeças com chifres curvados para o teto, girando e tecendo ao redor de grossos tecidos cor de ouro e magenta que se pendurava como grandes faixas de festas. Abaixo deles, artistas com fantasias feitas de pelo, mais penas e pinturas espalhadas por sua pele vagando e se arrastando como se eles fossem selvagens quimeras que escaparam de outro mundo. Tella viu artistas se vestirem como tigres com asas de dragões, cavalos com caudas bifurcadas, cobras com júbas de leão e lobos com chifres de carneiro, que rugiam e beliscavam e às vezes, lambiam os pés dos convidados. Existiam algumas varandas onde homens sem camisas com asas tão grandes quanto as de anjos e estrelas caídas se moviam entre casais sorridentes que iam e viam em grandes balanços que se penduravam em toldos de espinhos e flores.

Tella ouviu Dante bufar ao seu lado.

Ela, talvez, tenha gastando tempo demais admirando o bonito homem que parecia com estrelas caídas e anjos, futilmente esperando que um deles fosse o amigo que ela procurava. O resto dela só queria tomar tudo para si. Ela tinha sonhado com festas como essa. Ela sabia que não tinha tempo a perder. Mas os olhos dela ansiavam para ver cada pedacinho reluzente assim como seus dedos se torciam para tocar e sua boca salivava para dar mais uma mordida, não só da comida, mas da festa em si. Das asas de dragões e das risadas sem preocupações, a maneira que as pessoas jogavam suas cabeças para trás e lançavam olhares ao redor que variavam entre tímido e devorador. Tudo parecia tão inocente e perverso ao mesmo tempo e Tella torcia para experimentar cada tentador pedaço disso.

No topo das escadas do salão, ela inclinou a cabeça para olhar para Dante que parecia ser sua sombra com todos os pontos afiados de suas tatuagens escuras espiados de seu terno tão escuro quanto as próprias sombras.

— Por que você não está vestido como um leopardo com asas de borboletas ou um unicórnio?

Um pouco de um sorriso.

— Nem mesmo Lenda poderia me fazer vestir como um unicórnio.

— Mas unicórnios são mágicos e então, todas as mulheres gostariam de acariciar você.

Dessa vez, a maneira que Dante bufou pareceu mais uma risada que ele estava tentando conter.

Tella não pode deixar de sorrir; ela talvez não tivesse gostado dele, mas agora, ela adorava que ele poderia achá-la engraçada. Ela também apreciava que ele parecia desinteressado em todas as mulheres que olhavam em sua direção como se realmente pudessem acariciá-lo, mesmo que ele não estivesse vestido como um unicórnio.

— Saudações! — Jovan, uma das artistas mais amigáveis de Lenda, apareceu em frente de Tella e Dante como uma marionete. Grossas faixas estavam amarradas ao redor de suas escuras pernas e braços, mantendo seus pés longe do chão enquanto eles chutavam alegremente, balançando os sinos prateados de seus sapatos.

Jovan foi o primeiro rosto que as pessoas viam quando entravam no Carnaval, mas ela fazia muito mais do que apenas acolher jogadores para o jogo. Ela era, geralmente, uma pista andante disfarçada como um rosto amigável, apontando os convidados na direção que eles precisavam seguir. Sua disposição amável era inestimável habilidade, também usada para lembrar aqueles que estavam em perigo de ficarem loucos que tudo aquilo era apenas um jogo.

Diferente da maioria dos artistas, Jovan não estava vestida como uma quimera. Ela estava fantasiada como Jester Mad – outro Destino do Baralho dos Destinos.

Uma máscara de colagem cobria parte do rosto de Jovan com as cores dos brilhantes do arco-íris que combinava com o lado direito de sua capa. O outro lado do traje era absolutamente preto, exatamente como o capuz que cobria a parte esquerda do seu rosto. Um imprevisível Destino, Jester Mad simbolizava *felicidade que destinada a não durar*.

— Bem vindos, bem vindos ao Carnaval, o maior show da terra e do mar. Dentro, você estará de cara a cara com as Moiras ou roubar pedaços do destino...

— Tudo bem. — Tella a cortou. Ela realmente gostava de Jovan.

Durante o último jogo, ela ajudou Tella a se esconder no quarto da torre

mais de uma vez. Mas Tella não precisava ouvir o discurso de Jovan agora. Por mais sedutor que fosse o Caraval, não tinha nenhum ponto em jogar o jogo se a barganha de Tella com seu amigo caísse; ele era sua única forte ligação com sua mãe e a salvar era mais importante que qualquer coisa. — Eu já ouvi isso. Você pode pular e nos entregar a primeira pista.

— Talvez você tenha achado que já tenha ouvido. — Jovan balançou seus sinos nos sapatos. — Essa saudação é um pouco diferente da outra vez. — Ela limpou sua garganta antes de recitar o resto pela memória.

“Por mais fantástico que o Caraval seja, as próximas cinco noites são reais.

Elantine nos convidou aqui para salvar o Império do seu maior medo.

Por séculos as Moiras estavam presos, mas agora eles desejam voltar e brincar.

Se eles conseguirem sua mágica, o mundo nunca mais será o mesmo, mas você pode ajudar pará-los, ganhando o jogo.

Para fazer isso, você precisa ser esperto e seguir as pistas até achar o objeto escuro que pode destruí-los para sempre.

Uma vez que o tiver, Lenda te dará o prêmio tão raro que eu não estou autorizada a falar aqui.”

Jovan chutou seus pés enquanto terminava, fazendo tocar seus sinos mais uma vez enquanto os tecidos de seus braços e pernas a puxavam para cima, cima, cima em direção a névoa congelada que cobria o teto. Enquanto ela subia, uma carta vermelha com pontas carbonizadas caiu de lá como uma pena de quimera chamuscada.

Tella a pegou; as mesmas palavras que Jovan tinha acabado de falar cobria a pequena página.

— É isso? Quando Scarlett jogou, eu pensei que ela tinha assinado um contrato em sangue.

— Toda performance é diferente. Quando sua irmã jogou, nós tínhamos que trabalhar para parecer que tudo fosse mais perigoso do que era, porque era apenas um jogo.

Tella bufou.

— Se você está tentando me dizer que é real dessa vez, não vai funcionar. Eu já ouvi todo o discurso sobre não ser levada tão longe.

— Mas você ouviu isso hoje? — A voz de Dante se abaixou enquanto ele chegava perto, seus dedos tocando as pétalas de seu vestido. Os olhos de Tella caíram para a acolhedora carta chamuscada em suas mãos. Como Dante disse, não continha nenhum aviso sobre não ser levada tão longe. Na verdade, parecia o contrário: *por mais fantástico que o Caraval seja, as próximas cinco noites são reais.*

Tella não acreditava nisso por um segundo e ainda sim, ela não podia resistir olhar para Dante e perguntar: — Se o jogo é real, quer dizer que tudo entre nós é real?

— Você terá que ser mais um pouco específica que isso. — Ele pegou uma pétala de sua saia, esfregando entre seus dedos enquanto ele começava a descer as escadas sem ela.

Em outras palavras, *não*.

Nada entre eles era real, porque Caraval não era real. As pessoas amavam Caraval por causa da fantasia que vinha a vida; não importava quão maluco o jogo se tornasse porque no final de tudo, era apenas um jogo. Tella não ia se permitir ser arrastada por ele.

No fim dos degraus, Tella apertou sua moeda mais uma vez e escaneou a multidão por alguém que pudesse parecer um criminoso, na esperança de encontrar seu amigo. Embora parte dela começasse a acreditar que ele já tinha ido embora. Era muito mais que meia noite agora e a última carta dele a avisou que ele não iria esperar.

Contudo, Tella não estava pronta em desistir. Seus olhos atentos passaram pelos atores, cobriram o pelo cor de creme e castanha e os homens decorados como cisnes com caninos, avaliaram de cima a baixo bolinhas de guarda-chuvas até o riacho coberto de flores que levava ao centro do salão.

— Eu não acho que você quer ir naquela direção.

Tella se virou e quase se chocou contra o peito de Dante. Ele estava logo

atrás dela mais uma vez em pé, mais alto que qualquer garoto tivesse o direito de ser. Ela tinha que inclinar seu pescoço para observar a linha de sua visão viajar de uma mulher brigando com um lobisomem e um jovem brincando de esconde-esconde com um lindo meio-tigre, até que, finalmente, a visão de Dante se manteve em uma imensa prisão prateada no meio do salão.

Tella congelou.

Ela tinha visto um pedaço das barras grossas da jaula, mas ela não tinha percebido que os dançarinos na pista de dança estavam dentro dela. De longe, eles pareciam animais capturados. Seus ombros endureceram. Nenhuma surpresa que Dante estivesse rindo mais cedo.

— Você realmente não estava brincando sobre odiar jaulas? — Dante perguntou — Você gosta de jaulas? — Embora, de onde Tella estivesse, parecesse que metade do salão gostasse — Eles são idiotas. — Ela continuou. — Isso é Caraval, Lenda pode prendê-los todos ali e dizer que eles não podem ter a primeira pista até uma pessoa concordar em ficar ali para sempre.

Isso a fez ganhar outra risada.

— É isso que você acha que Lenda faz?

— Ele tentou me manter presa em uma sacada durante o último jogo.

— Mas você saiu. Se Lenda realmente quisesse te manter presa, ele não teria deixado isso acontecer.

— Talvez eu seja uma boa fugitiva.

— Ou talvez você ache que você seja. — Os dedos de Dante tocaram a nuca de Tella, apenas um toque gentil, mas Tella teve flashbacks vívidos da maneira que suas mãos pareceram fazer sentido antes que ela o deixasse na floresta naquela manhã.

Ele a deixou ir. Ele fingiu não ligar ou notar, ainda sim ele a encontrou bem rápido logo depois. Ele brincou com ela sobre ser amaldiçoada e foi gentil o suficiente em dar sua moeda de volta com um pouco mais de provocação.

— Você sabe — Tella comentou, — se eu não te odiasse, eu talvez gostasse de sua companhia.

Todos sinais do sorriso de Dante desapareceram.

— Nós deveríamos ir.

O que...

Ele segurou a mão de Tella, mais delicado e apertado do que as outras vezes que ele a segurou antes. Tudo aconteceu de uma vez só, dando a Tella apenas um momento de perceber que os olhos dele não estavam mais nela. Ele estavam focados em algo – ou alguém – parado atrás dela.

— Tentando fugir com minha noiva?

O tom superior roçou por trás dos ombros de Tella, tão frio e afiados como uma espada recém afiada.

O herdeiro de Elantine.

13

— Agora, *isso* é uma surpresa interessante. — Diversão genuína brilhou no par de olhos azuis prateados, tão deslumbrante quanto ondas revoltadas, coberto por um cabelo rebelde tão dourado que poderia se tornar em moedas — É você — todo o ar escapou dos pulmões de Tella O garoto da carruagem do céu – o mesmo jovem nobre insolente que a ameaçou a jogá-la do banco e derrubou uma maçã meio comida dentro dos seus sapatos – abriu um sorriso delinquente.

— Você pode me chamar de Jacks.

Em um movimento muito mais cavalheiro do que ela já tinha visto em toda noite que esteve com ele, ele soltou a mão dela para roçar um beijo entre seus dedos.

— Eu não pensei que você seria corajosa o suficiente para vestir esse vestido.

— Eu odeio ver um bom vestido se perder — ela disse, alegre, como se a presença dele não a desequilibrasse completamente.

O herdeiro de Elantine não deveria encontrá-la tão rápido. Ele não deveria *realmente* encontrá-la de forma alguma. E ele não deveria ser o garoto rebelde da carruagem – isso não combinava com a imagem que ela tinha.

O herdeiro – *Jacks* – parecia destemido e longe de ser preguiçoso.

Ainda sim, o jovem homem com olhos vermelhos e cabelo revoltado parecia ser a epítome de rebeldia. A bermuda da cor de ossos se agarrava às suas magras pernas que estavam limpas, mas eram suas botas arranhadas que mais pareciam apropriadas para um estábulo do que para uma festa.

Ele nem se importou com um casaco. Seus laços cor de bronze estavam amarrados de forma errada, apoiada contra a garganta de sua camisa pálida que poderia ter sido feita com um pouco de ironia.

Tella se perguntou se os rumores perversos sobre ele estavam errados ou se Jacks escolheu cultivar aquela imagem de propósito.

Seu cabelo dourado caía sobre um olho, mesmo assim ele olhou de cima para Tella com a confiança de um imperador ao dizer: — Me concede essa dança?

Dante limpou sua garganta e apertou Tella para mais perto de si.

Os lábios de Jacks se curvaram, seu sorriso era mais selvagem do que amigável.

— Claramente, você não está tentando manter minha noiva durante minha própria festa.

O aperto de Dante se intensificou.

— Na verdade...

— Não se preocupe com ele, é apenas ciúmes. — Tella o cortou antes que Dante pudesse fazer algo totalmente nobre, como confessar que a charada tinha sido sua ideia. Não que Tella entendesse porque ela estava protegendo a pessoa que era parcialmente responsável por essa situação. Ou que Dante pudesse precisar de proteção. Talvez ela só quisesse provar que ela não precisava que ele tomasse conta dela.

Tella se libertou de seu aperto.

Dante fixou sua mandíbula tão fortemente que ela achou ter ouvido seus dentes se fundirem. Entretanto Tella não lhe deu nem mais um olhar. Ela podia lidar com isso sozinha.

Ela esticou sua mão.

Jacks levou um dos seus longos dedos pelo seu sorriso selvagem, deixando sua mão livre.

Então, ele a tomou pelos quadris. Frio, sinuoso e forte, seu braço rastejava ao redor dela, agarrando-a escandalosamente ao seu lado.

Ela jurou que Dante tinha grunhido naquele momento enquanto Jacks a puxava para longe, em direção a multidão suada de foliões.

As cabeças dos vários convidados tinham se virado para olhar para Dante depois que ele e Tella tinham entrado na festa. Mas agora Tella jurava que todo par de olhos estava seguindo o rebelde jovem herdeiro enquanto ele se agarrava a sua cintura. Ele a manteve extremamente perto enquanto a guiava pelas fontes que caíam licores pecaminosos e os festeiros flertando com os

artistas fantasiados com suas raposas de rabo de algodão e tigres meio humanos.

— Estou surpreso que você não tentou fugir — ele disse.

— Por que eu faria isso?

— Porque — ele disse contra seu cabelo, cada palavra tão lenta e languida como os preguiçosos carinhos de seus dedos contra o fim de sua costela. — Eu não acredito que eu fiz uma boa impressão durante nosso primeiro encontro e até agora, estou adivinhando que você ouviu rumores sobre um homem louco sem som que fará qualquer coisa para ter a coroa.

— Você está dizendo que eles não são verdades?

— Se eles fossem verdade, você já estaria morta — seus lábios se mantiveram pressionados contra seu cabelo. Para qualquer pessoa que passasse, provavelmente pareceria que ele estava apaixonado, no nível inapropriado, quase como se ele estivesse tentando começar mais rumores.

Tella não sabia o que deveria esperar que fosse acontecer se o herdeiro a encontrasse, mas definitivamente não era isso.

— Se eu fosse um assassino — ele murmurou. — Você realmente acharia que eu deixaria você viver depois de ouvir que você era minha noiva entrando no palácio?

— Se tudo isso é o seu jeito de dizer que você não planeja nenhuma retribuição pela pequena mentira, então nós deveríamos nos separar.

Na verdade, eu estou aqui para encontrar outra pessoa.

Tella sentiu a fria boca de Jacks se mover para baixo, franzindo, contra seu cabelo.

— Estou desapontado, Donatella. Eu pensei que eu fosse seu *amigo*.

Mas não só você estava atrasada, agora você está tentando escapar de mim. — Seu tom indolente se tornou afiado e algo terrível se torceu dentro de Tella — Isso é porque você não tem meu pagamento? — Jacks olhou para ela com um sorriso perturbador que poderia fazer um anjo chorar.

Malditos santos do inferno.

Tella lutou para esperar enquanto todos seus sonhos e esperanças começavam a se contorcer.

Jacks não poderia ser seu amigo. Ela não poderia estar lendo cartas do herdeiro para o trono de Meridian por mais de um ano.

Ela tropeçou, mas o braço de Jacks a segurou, segurando-a para não cair e apertando-a muito mais perto enquanto eles continuavam entre os foliões. Isso tinha que ser um erro. O amigo de Tella deveria ser um criminoso de leve que lidava com segredos, não um herdeiro do trono imprevisível e assassino que, pelo tom de sua voz, não parecia inclinado de perdoá-la por sua falha.

Tella tentou se afastar.

Jacks continuou segurando-a, seus dedos longos mais fortes do que pareciam.

— Por que você continua me desapontando? — suas mãos se prenderam a ela como se ela realmente fosse sua noiva enquanto ele a guiava para mais perto da jaula colossal no centro do salão. A ironia não estava perdida para Tella. Ela o contatou para tentar escapar da prisão que seu pai tinha tornado a vida dela e agora Jacks estava a apressando em direção da linha de barras.

Pétalas azuis apavorantes caíam de suas saias. O coração pulsante de Tella dizia a ela que precisava fugir o mais rápido possível. Mas se ela fugisse, ela não teria ideia para quem se virar em busca de ajuda e salvar sua mãe. Tella estava começando a se sentir desesperada. A pulsação de seu coração afogou toda música da festa. Tudo que ela podia ouvir era o sangue correndo de seus ouvidos.

Ainda existia esperança, contudo.

Jacks talvez fosse o herdeiro do trono, destinado a herdar muito mais riqueza e poder que Tella era capaz de imaginar. Porém, todo esse privilégio e conexões que poderia trazer, parecia que certas coisas – como o verdadeiro nome de Lenda – não estava ao seu alcance ou ele nunca teria ajudado Tella para começar. Tudo que ela precisava fazer era convencer de que ela ainda era útil.

Tella expirou profundamente e segurou uma de suas mãos. Ela usou sua surpresa para colocá-lo atrás de uma fonte tripla que cuspiam quedas de um líquido que cheirava a vinho. Para quem estava de fora, poderia parecer como se eles não pudessem esperar para colocar suas mãos sobre o corpo um do outro. De dentro, Tella se sentia como se ela estivesse andando por uma desgastada corda bamba.

— Me desculpe — ela falou, assim que estavam sozinhos. Seu olhar

estava em qualquer lugar, menos nele. Por mais que ela desejasse dizer que tudo era teatro, esse era um daqueles momentos em que ela realmente estava com medo. — Eu não quis entrar em pânico depois de saber quem você era. Estou muito grata por tudo que você fez; a última coisa que eu queria era te desapontar.

Ela engoliu em seco e olhou para ele com grande e pidões olhos. Se ele era capaz de simpatia, não deixou transparecer. Existiam tempestades frias mais quentes do que o jeito que ele a encarava.

— Eu estava procurando por você desde o primeiro momento que cheguei. — Tella disse, apressada. — Eu não tenho o nome de Lenda, mas eu posso conseguir até o fim da semana.

Bêbadas palavras escorregaram ao redor deles, cortando Tella enquanto outro casal passava pela fonte em que eles estavam perto.

Em um segundo, as costas de Tella estavam pressionadas contra o canteiro desconfortável de um pilar próximo e Jacks estava pressionado contra ela — uma amostra de uma companhia não querida.

Tella fechou os olhos.

A boca de Jacks caiu para seu pescoço, lábios frios deslizando por sua pele enquanto ele murmurava: — Eu ouvi promessas como essas antes, mas elas eram todas mentiras.

— Eu prometo que estou dizendo a verdade — ela sussurrou.

— Eu não tenho certeza se acredito em você e eu já não quero mais o nome de Lenda. — Outra rajada da respiração dele enquanto a boca fria de Jacks viajava mais para cima, deixando um fantasma sobre seu maxilar sem realmente tocar sua pele.

Tella abriu os olhos e respirou, tensa.

O olhar dele era devorador. Ela sabia que eles não estavam apenas brincando de ser um casal passeando, ainda sim Tella imaginou a boca de Jacks se abrindo o suficiente para mordê-la do mesmo jeito que ele afundou seus dentes naquela maçã branca na outra noite.

Então, tão rápido quanto ele tinha pressionado suas costas contra o pilar, ele se afastou. O casal que estava perto deles já tinha tropeçado para outro lugar.

Os olhos de Jacks estavam focados neles, estreitos de uma maneira que

poderia ser facilmente desagrado ou divertimento em direção ao seu crescente desconforto.

— Eu gosto de você, Donatella, então eu te darei mais uma chance.

Porém, já que você falhou em trazer a informação que eu te pedi, eu terei que mudar as condições do nosso acordo. Se você alcançar as duas tarefas, então, e só então, eu irei considerar em te reunir com sua mãe.

— Então você sabe onde ela está?

As narinas de Jacks se inflaram.

— Você ousa a me questionar quando você foi a única que falhou em cumprir com suas promessas? Se você me trouxesse o nome de Lenda, você estaria olhando para ela agora. Ao invés disso, eu te darei até o fim da música para tomar uma decisão.

A música parou – salvo por apenas uma nota clara de violoncelo que parecia poder acabar em qualquer segundo.

— Me diga o que você quer — Tella disse.

Um leve torcer levantou no canto da boca de Jack.

— Eu, agora, quero duas coisas de você ao invés de uma. Eu trabalhei muito duro para me tornar o herdeiro de Elantine, mas o rumor que estou noivo de você me colocou minha posição em risco.

Já está espalhado pela corte. Se for exposto como uma mentira, visto minha reputação, as pessoas vão esperar que eu te mate. E se eu não te matar, eu serei visto como fraco e então, eu serei aquele que será morto.

— O que está propondo?

— De acordo com cada murmuro no palácio, uma proposta já foi feita.

— Você está me pedindo para casar com você?

Ele riu.

— Não. — Mas por um momento, Tella jurou que Jacks tinha inclinado sua cabeça como se estivesse considerando sua resposta.

— Não me interesse em casar com você. Eu só preciso que você finja ser minha noiva até o final do Carnaval. Uma vez que o jogo acabe, nós iremos dizer que nosso noivado era parte dele e será dissolvido sem nenhum machucado.

Deveria ter sido fácil dizer sim. Tella já tinha fingido um casamento antes. Mesmo assim, algo sobre aquele acordo parecia tirá-la de seu balanço.

Parecia como fazer um acordo com um dos artistas de Lenda. Não tinha como ser tão simples como Jacks fez parecer.

Tinha que haver algo que ele não estava compartilhando.

— O que mais você quer?

— Eu preciso ter certeza que você pode seguir com esse pedido primeiro. Se você puder convencer todo mundo neste baile que nós estamos profunda e verdadeiramente apaixonados, então eu te direi a segunda coisa que eu quero.

— Jacks roubou uma das mãos de Tella, suas macias luvas de couro pressionando firmemente contra sua pele nua.

— Hora de ver quão boa atriz você é. — Suas covinhas apareceram, sem nenhuma preocupação, charmoso. Entretanto Tella não podia esquecer quão rápido ele podia se tornar sem preocupação para cruel enquanto ele a tirava de longe do seu esconderijo em direção a jaula que todos estavam dançando.

Mais frágeis pétalas azuis caíram de seu vestido.

Tella respirou, tentando se manter firme. Ela não sabia o que faria se falhasse e ela não tinha certeza o que ela tinha que fazer para conseguir convencer todo um baile que eles estavam apaixonados.

As grossas barras da jaula cheiravam a metal e ambição real. O ar ao redor era quase denso demais para respirar, cheio de corpos quentes, perfume e sedução suspiradas. Os dedos de Jacks se tornaram tensos enquanto eles entravam. Brevemente Tella imaginou que ele também não gostava de jaulas, mas era mais provável que ele estivesse tentando mantê-la de fugir.

Existiam ainda mais dançarinos espremidos dentro da jaula do que ela imaginava. Mulheres negligenciadas e ocasionais casais descansavam em almofadas de cetim jogadas nas pontas enquanto saias coloridas e ternos engomados no topo do mármore da pista de dança verde como se eles fossem flores jogadas pela brisa.

Tella espiou por rostos familiares.

Primeiro ela viu Caspar, que jogava a parte de Lenda no último jogo, assim como a parte de seu noivo. Vestido com um terno de leopardo que parecia mais uma raposa, ele parecia estar suspirando segredos para outro bonito jovem que provavelmente não tinha a mínima ideia de que Caspar era um artista. Logo atrás, deitado sobre uma almofada, Nigel estava assustando nobres e os fazia ficar vermelhos de uma vez enquanto traçava fios tortos de

tatuagem ao redor de seus lábios.

Então estava Armando. Uma atenciosa cortesã em um vestido vinho estava alisando seu terno branco com suas unhas escarlates. Mas ao invés de aproveitar sua atenção, o olhar de Armando estava fixado em Tella. A jaula ficava cada vez mais quente enquanto seus olhos cor de esmeralda a seguiam. Não havia o jeito ridicularizador que ele olhava para ela mais cedo. Seu interesse estava preso a ela como se ela fosse o primeiro ato de uma noite de entretenimento.

E ele não era o único encarando.

As pessoas não estavam mais apenas olhando para Jacks. Tella jurou que os olhos intrigados e pintados estavam pulando para ela.

Tella gostava de atenção, mas ela não estava certa se podia aproveitar esse nível de análise. Fazia parecer a grande jaula se tornar, rapidamente, pequena. A luz dentro dela se tornou da cor de uísque e comemorativo para tons nervosos de ameixa. Ela, especialmente, sentiu as mulheres, julgando-a com suas curvas recentemente feitas e seu vestido quase de costas nuas enquanto elas murmuravam de uma para outra palavras que Tella não precisava ouvir para imaginar. Poucas coisas eram tão brutais quanto mulheres críticas.

Um trio de garotas da sua idade, todas pingando de inveja, realmente tentou fazê-la tropeçar enquanto ela passava.

— Relaxe — Jacks murmurou. — Nós não iremos conseguir convencer ninguém que estamos noivos se seus olhos ficarem nervosos como se você quisesse um modo de escapar.

— Nós estamos dentro de uma jaula. — Tella inclinou sua cabeça em direção às densas barras acima, onde os lustres de ferro se rastejavam de com videiras azuis e brancos que balançavam para frente e para trás, como se eles, também, quisessem fugir — Não olhe para a jaula. Mantenha seus lindos olhos em mim. — Jacks tomou o queixo de Tella em seus dedos frios, mesmo com luvas. Ao redor deles, palavras sussurradas e tórridas conversas se misturavam com os suaves sons de licor passando, risadas rápidas e ruídos dos animais. Mas quando os lábios de Jacks se partiram uma segunda vez, Tella só ouviu o som melódico de sua voz quando ele disse: — Eu sei que não apenas a jaula está assustando você, querida.

— Você está se dando muito mais crédito do que merece.

— Estou? — Ele deixou a mão cair do seu queixo para seu pescoço, suave couro descansando em seu pulso. Ele a acariciou levemente, apenas um delicado passar de suas luvas, as quais, infelizmente, fez seu coração bater mais rápido — Relaxe — ele repete. — A única coisa que você deveria pensar é que você está mais desejável que qualquer pessoa nesse lugar. Toda pessoa deseja ser você.

— Você realmente está se dando muito mais crédito do que merece agora. Sua risada era surpreendente desarmante.

— Então, diga a você mesma que todos desejariam ser eu, dançando com você. — Com um sorriso que ele deve ter roubado do diabo, Jacks rodeou um braço ao redor do quadril de Tella e a girou para a pista de dança Para alguém que fez um som como se estivesse preocupado com sua reputação, Tella ficou surpresa como ele agiu como se não desse a mínima para o que todo mundo pensasse.

Outra dança estava no caminho e ele passou por todos os outros casais. Ele foi totalmente desrespeitoso, ainda sim mais habilidoso que qualquer um com que ela já tinha dançado.

Os movimentos de Jacks eram graciosos, combinando com o ritmo da música e com seus murmúrios enquanto dizia em seu ouvido: — A chave de uma charada como essa é esquecer que é um teatro.

— Convide a mentira para brincar até você se tornar confortável com ela para que pareça ser verdade. Não diga a você mesma que estamos fingindo estar noivos, diga a você mesma que eu te amo. Que eu te quero mais que qualquer um. — Ele a trouxe para perto e correu uma mão em direção ao seu pescoço, brincando com o fio ao redor de sua garganta. — Se você puder se convencer de que é verdade, você pode convencer qualquer pessoa.

Ele a rodou pela pista de novo, tão denso quanto as faixas vermelhas presas de cima a baixo na jaula. Cada uma delas descia um acrobata que jogavam poeira e glitter, cobrindo o mundo com uma imitação de mágica enquanto Tella e Jacks continuava a rodar e girar até que tudo estivesse misturado com uma neblina de pó de ouro, pétalas de flores e dedos dentro de seus cabelos. E por um momento Tella fez sua imaginação dentro de uma fantasia traidora que Jacks tinha descrito.

Ela se lembrou da primeira vez que eles se conheceram. Ela achou que ele

era insolente e indolente, ainda sim, bonito demais para se distrair. Se ele não fosse uma fera, ela até se perguntaria se ele tinha o gosto daquela maçã que ele estava mordendo ou outra coisa um pouco mais perigosa. Então, para o bem da charada, ela imaginou que ele sentia a mesma atração e daquele momento que Jacks a viu na carruagem, ele sabia que queria Tella mais do que ele já tinha desejado outra pessoa em sua vida.

Essa dança não era sobre sua reputação de assassino para que ele pudesse ganhar o trono; era sobre ganhar *ela*.

Era por isso que ele tinha te dado um vestido tão bonito.

Porque ele dançava com ela agora.

Tella fingiu que o amor era um lugar que ela poderia visitar e tentou um sorriso de flerte.

Jacks a deslumbrou com um sorrisinho firme.

— Eu sabia que você podia fazer isso — ele trouxe sua boca para sua orelha e beijou a ponta dela tão suave quanto um suspiro.

O peito dele se encheu enquanto a boca dele caía e ele a beijou de novo, com mais pressão, os lábios se deliciando com a parte delicada entre seu maxilar e pescoço. Os dedos de Tella estavam curvados em suas costas.

A música ao redor deles surgia, violinos dançando entre as harpas e violoncelos em uma decadente e debochada sintonia, ameaçando transportá-la para outro tempo e lugar.

Toda pessoa dentro da jaula ainda os estava assistindo rodar com um arrebatado interesse. O salão os observava com olhos esfomeados e bocas curvadas enquanto os lábios de Jacks continuavam dançando pela garganta de Tella da maneira que seus passos valsavam pelo chão.

— Talvez nós devêssemos dar algo que eles realmente possam fofocar — as costas de seus dedos acariciaram sua clavícula, trazendo sua atenção de volta para ele. — A não ser que eu ainda te assuste.

Tella te deu um enorme sorriso, mesmo que seu coração estivesse apertado dentro de sua costela. Ela precisava que ele soubesse que ela podia fazer isso.

— Você nunca me assustou.

— Se importa de provar isso? — Os olhos brilhantes de Jacks caíram para sua boca *Um desafio*.

O sangue nas veias de Tella pareciam se tornar mais quente.

Tella, geralmente, não pensava antes de beijar jovens homens. Um momento ela apenas encontrou sua boca em cima da dela ou a dela em cima da dele, seguida de línguas procurando uma entrada enquanto suas mãos se contorciam no corpo dela. Contudo, ela nunca pensou que beijar Jacks seria como isso. Ela tinha um pensamento que suas mãos habilidosas sabiam exatamente o que fazer, onde tocá-la, quão forte apertar. E seus lábios – eles pareciam brincar agora, mas ela não saberia dizer se eles eram gentis com sua boca ou um pouco rudes e suas batidas se tornavam mais rápidas em pensar na possibilidade.

Jacks tocou suas bochechas e a rodou em mais um círculo.

— Me ajude a convencê-los — ele sussurrou.

Tella não sabia dizer porque ela hesitou.

É apenas um beijo.

E agora ela estava, do nada, muito curiosa. Ele poderia ser imperador um dia e ele queria beijar Tella enquanto todas as pessoas mais importantes do Império assistiam.

Ela deslizou uma de suas mãos para seu pescoço. Sua pele parecia fria, arrepiando embaixo de seus dedos. Claramente Jacks não estava tão sereno quanto ele parecia.

— Parece que você é o nervoso agora — Tella provocou.

— Só estou pensando se você vai pensar diferente de mim depois disso — então, sua boca se chocou contra a dele.

Ele tinha o gosto de pesadelos excêntricos e sonhos roubados, como asas de anjos caídos e garrafas frescas da luz da lua. Tella talvez tenha gemido contra seus lábios enquanto sua língua deslizou entre a dela e explorou.

Cada sólido pedaço dele estava pressionando contra cada suave, curvo pedaço dela. Seus dedos estavam dobrados e enfiados em seus cachos. As mãos dela provocavam o fim de sua camisa, descobrindo firmes músculos em suas omoplatas. Era a maneira que as pessoas beijavam atrás de portas trancadas e corredores escuros, não um beijo de uma pista de dança iluminada onde todo mundo do Império poderia ver. Ainda sim, Jacks não parecia se importar.

Seus dedos encontraram o fio de tecido ao redor de seu pescoço e deslizou sobre ele, esmagando seus lábios ainda mais perto dos dele.

Ele não estava saboreando-a, ele estava devorando-a, como se ele tivesse encontrado algo que tinha perdido. Então suas mãos estavam deslizando debaixo das joias que cobriam suas costas nuas; ele deve ter tirado uma de suas luvas porque seus dedos eram puro gelo e ousados contra sua pele quente, empurrando e dominando e fazendo-a imaginar se isso era uma charada, ao final das contas.

Ela se queixou.

Ele gemeu.

Era o tipo de beijo que ela poderia ter vivido dentro. O tipo de beijo que você morreria para ter.

Os dentes de Deus.

Um beijo que vale a pena morrer. Apenas uma pessoa na história do Império tinha beijado como...

Jacks a mordeu, os dentes afundando em seu lábio forte o suficiente para tirar sangue quente.

Tella se afastou abruptamente, empurrando sua mão contra seu peito. Não havia batimentos.

Sangue e santos. O que ela tinha feito?

Na frente dela, Jacks parecia brilhar. Sua pele era pálida, mas agora parecia de algum modo radiante.

A fita que antes estava presa em seu pescoço agora estava pendida em seus dedos longos como se fosse um tipo de prêmio e uma gota de sangue que ele tinha cuspidido enquanto tinha a mordido agora descansava no topo de sua estreita boca.

Tella estava se sentindo mal.

— O que você fez comigo? — ela suspirou.

O peito de Jacks estava tão eufórico quanto o dela, seus olhos tinham ficado febris ao redor, mas sua voz estava preguiçosa mais uma vez, quase sem paixão enquanto disse: — Não cause uma cena agora, meu amor.

— Eu acho que é tarde demais para isso. — Ela queria chamá-lo pelo seu nome, *O Príncipe de Copas*, mas ela não estava pronta para dizer as palavras. Suas covinhas reapareceram, esperto dessa vez, como se ele soubesse exatamente o que ela estava pensando.

Ela esperou.

Esperou que Jacks a dissesse que ela estava errada. Esperou pela certeza que aquele beijo não iria matá-la. Esperou que ele dissesse a ela que ela deveria saber melhor do que colocar sua fé em velhas histórias. Esperou que ele a provocasse por ser tão ingênua e acreditar que ele era um Destino perdido que tinha voltado. Esperou que ele dissesse que ele não era o Príncipe de Corações.

Ao invés disso, ele lambeu o sangue no canto de sua boca.

— Você devia ter me trazido o nome de Lenda.

Por um momento, o mundo inteiro de Tella parou de respirar. Todas as pessoas que estavam próximas da pista de dança tinham parado de se mover, suas feições extasiadas tinham congelado em estados exagerados de choque para a exibição de Tella e Jacks. Por um instante, Tella era apenas capaz de ouvir o brilho lapidado tilintando suavemente enquanto continuava a cair no chão.

O Príncipe de Copas – a Moira famoso por seus beijos fatais, quem assombrara tanto os sonhos quanto os pesadelos dela, e a amaldiçoou a um amor não correspondido depois de retirar a carta do mesmo do Baralho do Destino da mãe dela – não era apenas um mito. Ele era real, e estava mesmo na frente de Tella. Sua pele pálida brilhava de maneira anormal, se o salão inteiro não estivesse paralisado, ela teria imaginado que todos eles teriam o visto pelo o que ele realmente era.

Ele não era inteiramente humano, ou humano de maneira alguma. Ele era algo mágico, algo diferente, algo errado. Um Destino.

E ela havia o beijado.

— Eu não esperava que você pareceria tão surpresa. A moeda que mandei era uma dica meio óbvia. — Jacks estendeu a mão e cuidadosamente alisou um dos cachos dela, suas mãos muito mais gentis do que haviam sido minutos atrás. Ela queria se enfurecer, gritar, dar uma bofetada na boca avermelhada dele, porém parecia que ele tinha lançado nela, assim como em todo salão, um feitiço.

— O que você fez com todo mundo? — Ela respirou.

— Parei seus corações. É como pausar o tempo. Não vai durar muito, diferente do que eu fiz com o seu. — O maxilar dele se contraiu quando seu olhar frio viajou em direção ao peito dela.

Tella tomou um fôlego fraco, porque aparentemente era tudo o que ela capaz de fazer. Quando eles dançaram seu coração bateu forte, suas veias aqueceram-se, seu sangue ferveu. Mas agora, ela podia sentir seu coração lutando, batendo tão fracamente, um eco fraco do que deveria ser.

— Eu vou morrer?

— Ainda não.

Os joelhos de Tella fraquejaram.

Jacks brilhou mais forte.

— Isso vai ser tão divertido, eu quase odeio te dizer que ainda há um jeito de você se salvar.

— Como?

— Traga-me a segunda coisa que eu quero.

— O que é? — Tella disse entre dentes.

Os dedos longos de Jacks terminaram de alisar o cabelo dela, e os olhos encontraram seu olhar mais uma vez. Ela, outrora, chamara os olhos dele de azuis prateados, mas agora eles brilhavam totalmente prata, cintilando com um prazer crescente à medida que o seu terror se multiplicava.

— Eu quero Lenda em pessoa, não apenas sua identidade. Quero que você vença o jogo e então o entregue para mim.

Antes que Tella pudesse reagir, o momento se estilhaçou e o salão foi inundado com som outra vez. Ela jurou que nunca testemunhara tantos sussurros altos e intencionais, cobertos com sorrisos artificiais, enquanto os foliões fingiam não estar escandalizados com a exibição de Jacks e Tella. Embora uma pessoa não parecesse estar escondendo como se sentia. *Dante*.

O interior de Tella, já destruído, retorceu-se um pouco mais.

Dante estava casualmente com um cotovelo apoiado contra uma grossa barra de metal perto da boca da jaula, mas o conjunto rígido do seu maxilar, a varredura velada de seu olhar, e a linha irônica de seus lábios disseram a Tella que ele estava longe de estar calmo. Ele aparentava estar furioso.

A reação dele não deveria ter a irritado. E seu beijo não deveria ter irritado ele, considerando que Dante era parcialmente responsável por aquela bagunça. A menos que ele estivesse atuando, o que fazia mais sentido. Fingir que se importava com ela era provavelmente um dos papéis que ele havia recebido para o Caraval.

O olhar de Jacks seguiu o de Tella e ficou afiado.

— Eu acho que ele ainda acredita que você é dele. — A pele branca de Jacks cintilou mais iluminada enquanto ele passava o polegar debaixo do seu queixo, aparentando estar concebendo uma ideia verdadeiramente terrível.

— Isso não o envolve. Dante é um dos artistas de Lenda — Tella sibilou. — Ele apenas está interpretando um papel. Nem mesmo *gosta* de mim.

— Não é o que parece daqui. — Jacks pressionou seus lábios gelados contra a testa dela, uma imitação de um beijo, enquanto dizia, — Eu não dou segundas chances, mas estou dando uma para você. Não estava mentindo quando disse que eu quero que essa charada seja convincente. Se qualquer um descobrir que esse noivado é uma mentira, ou revelar a verdade sobre mim ou nosso acordo, as consequências serão desagradáveis. Por exemplo seu amigo tatuado ali. — Jacks direcionou seu olhar para Dante novamente. — Você disse que ele é um dos artistas de Lenda, então eu não posso matá-lo essa semana. Mas, se ele descobrir a verdade, eu poderia facilmente acabar com a vida dele uma vez que o jogo acabar.

— Não! — Tella contestou, no mesmo instante que Jacks levantou a voz acima da dela para anunciar. — Já que parece que roubei momentaneamente a atenção de todo mundo, agora provavelmente seria uma boa hora para compartilhar algumas novidades excelentes.

Como se os foliões fossem cachorrinhos ou parte de uma dança orquestrada, cada uma de suas cabeças penteadas se inclinando na direção dele.

— Muitos de vocês sabem que minha noiva anterior, Alessandra, morreu no fim do ano passado. Sua morte foi uma enorme perda para o Império, uma que eu pensei que nunca me recuperaria. Mas, como vocês pode ver, eu achei um outro alguém, um alguém que eu espero que vocês irão adorar tanto quanto eu adoro. Conheça minha nova noiva, Donatella.

O salão foi preenchido com aplausos e nuvens frescas de poeira estelar à medida que os artistas acima atiravam estrelas brilhantes de papel sobre as pessoas embaralhadas abaixo.

Para os olhos de Tella tudo aquilo parecia cinzas.

Seu próprio sorriso nunca pareceu tão errado enquanto ela forçava seus lábios a se curvarem para a multidão.

— Eu te odeio — ela sussurrou.

— Eu estou sendo injusto? — Jacks murmurou. — Eu te dei o que você pediu, agora eu quero o que me é devido.

— Ah, olhem! — alguém gritou. — As estrelas cadentes! Elas são a primeira pista.

O salão irrompeu ainda mais em caos. Algumas das estrelas que caíam eram pistas, mas parecia que outras estavam vazias exceto pela poeira brilhante, a qual preenchia a jaula com nuvens cintilantes e fantásticas quando era tocada pelos foliões.

Os jogos do Caraval tinham começado de verdade. Enquanto todo mundo à sua volta tentava tocar as estrelas cadentes, Tella pensou em todas as vezes que ela e Scarlett tinham sonhado sobre o Caraval, sobre Lenda. Agora Tella tinha que vencer o jogo ou ela nunca sonharia outra vez. E ela duvidava que sua irmã sonharia também. Tella tinha prometido para Scarlett que seria cuidadosa, mas Tella já tinha falhado.

A extremidade da boca venenosa de Jacks se contorceu.

— Você deveria pegar uma das pistas, meu amor.

— Não me chame de...

— Cuidado, querida. — Rápido como uma cobra, ele pressionou dois dedos firmes nos lábios machucados de Tella. — Você não quer destruir a bela farsa que acabamos de criar. Agora — ele disse docemente, — dê um beijo nos meus dedos para todos que ainda nos observam.

Em vez disso, Tella os mordeu. Eles tinham gosto de como se geada e desejos tivessem dado errado.

Ela esperou que ele se afastasse, que seu rosto duro ganhasse cor e que suas palavras se tornassem feias e raivosas. Mas Jacks apenas deixou seus dedos frios na boca dela, pressionando-os contra seus dentes e sua língua. O estômago dela foi preenchido com chumbo, enquanto algo puramente perverso brilhava em olhos inumanos dele.

— Eu vou deixar que se safe dessa vez, mas esse é meu último ato de misericórdia. — ele roçou os dedos sobre o ponto onde ele havia mordido seu lábio, antes de tirá-los de sua boca. — Se você não ganhar Caraval e me trazer Lenda antes do dia de Elantine, você aprenderá o quão mortais meus beijos realmente são.

*

Antes daquela maldita noite, Tella amava brilho. Quando era uma garotinha ela frequentemente roubava pequenas garrafas disso das lojas, imaginando que alguma poderia conter poeiras das estrelas de verdade, cheia de magia capaz de lhe conceder desejos, ou tornar sujeira em diamantes. Entretanto, nenhuma das garrafas estavam encantadas, e o brilho do baile também não era poeira estelar de verdade, apenas vidro pulverizado. No momento em que os sinos soaram três da manhã e ela subiu na carruagem celeste com Jacks, aquilo nem brilhava mais; agarrava-se como um parasita em seus braços e nas partes do seu vestido onde flores haviam estado.

Você deveria ter me trazido o nome de Lenda.

Jacks não dissera uma palavra para ela desde que eles deixaram o castelo desprezível dele. Ele se espreguiçou em frente a ela, um nobre preguiçoso novamente, desfazendo o nó de sua gravata bronze como se ele tivesse acabado de terminar uma série de tarefas tediosas: *comparecer a um baile, dançar, amaldiçoar Tella com seus lábios mortíferos.*

— Eu entendo você estar com medo de mim agora — ele disse lentamente.

— Você está confundindo medo com repulsa. Você é um monstro desprezível. — E ela confiara nele. — Você me enganou.

— Você preferiria que eu fizesse com que o beijo te matasse de imediato?

— Sim.

Os cantos da boca de Jacks se curvaram para baixo, embora nenhum traço de tristeza tocasse os olhos dele. Ele provavelmente não era capaz disso, da mesma forma que dizia-se que ele era incapaz de amar.

...seu coração havia parado de bater há muito tempo. Apenas uma pessoa poderia fazer com que voltasse a bater novamente: seu único verdadeiro amor. Eles disseram que o beijo dele fora fatal para todos, exceto ela a única fraqueza dele.

Oh, como Tella desejou que ela fosse a fraqueza dele. Ela teria amado destruí-lo.

Tella frequentemente imaginava que sabia o que as pessoas pensavam quando a viam. Uma olhada para seus cachos loiros-mel, seu sorriso de menina, e seus vestidos bonitos, combinados com o fato de que ela gostava

de se divertir, e as pessoas a tinham como uma garota tola. Tella podia ter sido muitas coisas, mas estava longe de ser tola ou sem valor ou qualquer rótulo que as pessoas gostavam de atribuir porque a pessoa era jovem e uma mulher. Tella gostava de pensar que era daquilo que boa parte de sua força vinha.

Ela era ousada. Ela era corajosa. Ela era astuta. E ela iria sair daquilo triunfante – não importava o custo.

— Se você tivesse me trazido o nome de Lenda — Jacks disse. — Isso teria sido diferente.

— Se isso é verdade, por que agora você quer mais do que apenas o nome dele?

— Por que se contentar com apenas um nome quando você pode vencer o jogo e dar Lenda para mim? — O tom de Jacks era indiferente, tão despreocupado quanto sua postura preguiçosa. Mas Tella acreditava que tinha de haver muito mais por trás da exigência dele. Ela queria pressioná-lo um pouco mais, porém duvidava que ele lhe diria exatamente o que ele queria com Lenda. E havia outras questões de que Tella precisava mais de respostas.

Ela se recostou em seu assento, imitando a pose arrogante de Jacks.

— Como posso saber que alguma coisa disso é real? Como posso saber que você não está apenas interpretando um papel no jogo de Lenda?

— Você quer uma prova de que sou um Destino e que meu beijo vai verdadeiramente te matar? — Diversão se acendeu nos olhos de Jacks; parecia que ele era capaz de ter emoções, no fim das contas, porque a ideia de demonstrar o quão mortal ele era aparentava animá-lo um pouco demais.

— Eu passo. — Tella disse. Ela não acreditava que Jacks fazia parte do jogo de Lenda. O beijo dele não tinha sido algo pelo que valesse a pena morrer, embora se Tella nunca tivesse morrido efetivamente, ela poderia ter defendido o contrário. Beijos deveriam ser momentos de prazer temporários, breves e extraordinários. Mas Tella poderia ter beijado Jacks por uma eternidade. Não era apenas a maneira como seus lábios tinham se movido sobre os dela, era o desejo por trás deles, a vontade, o jeito que Jacks tinha feito com que Tella se sentisse como ela fosse a única pessoa na terra por quem ele passara toda a sua existência procurando. Naquele momento, ela tinha conseguido esquecer que ela havia sido deixada por sua mãe e que que

havia sofrido repetidas vezes na mão de seu pai, porque Jacks tinha feito com que ela sentisse como se ele a abraçaria para sempre. Aquilo devia ter sido a mentira mais convincente que já contaram a ela.

Então ela o viu brilhar, e Tella soube. Ainda não tinha entendido como ninguém mais no baile parecera notar aquilo. Mesmo agora, um pouco do brilho tinha se dissipado, mas Jacks ainda aparentava ser absolutamente inumano, brutalmente belo. Capaz de matar com apenas um pressionar de seus lábios.

Ainda era surreal de se acreditar que ele era um Destino. Ela se perguntava há quanto tempo ele estava de volta à Terra, e se outros Destinos haviam retornado também. Porém, ela não sabia por quanto mais tempo ele iria agradá-la, e ela ainda precisava de respostas para outras perguntas.

— Eu quero o nome verdadeiro da minha mãe — ela disse. — E que você prove saber onde ela está e que vai levar-me até ela quando isso tudo acabar. É o único jeito que eu acreditarei que tudo isso é verdade.

Jacks girou uma de suas abotoaduras em formato de lágrima – ou deveria representar uma gota de sangue?

— Eu acho que você sabe que isso é real, mas farei sua vontade.

A carruagem mergulhou enquanto Jacks alcançou o seu bolso e tirou de lá uma carta retangular grosseira.

Mesmo na penumbra da carruagem a estampa era inconfundível. Um tom tão escuro de sombra da noite que era quase preto, com pequenos toques de lascas de ouro que cintilava sob a luz e linhas floreadas de um vermelho-violeta profundo realçando que ainda faziam Tella pensar em flores úmidas, sangue de bruxa, e magia.

Arrepios subiram por toda a extensão dos braços de Tella.

Era uma das cartas do Baralho do Destino de sua mãe. Tella havia visto outros baralhos ao longo dos anos, mas todos eles eram inferiores às brilhantes, quase mágicas imagens no baralho de cartas que a mãe dela possuía.

Tella lutou contra o desejo de estender a mão para pegá-la e saltar para fora da carruagem antes que aquilo tivesse a chance de prever outro futuro ruim.

Porém quando Jacks virou a carta não foi um Destino que revelou-se.

Aquilo exibiu uma imagem alarmantemente realista de sua mãe, Paloma, com madeixas escuras de cabelo caindo sobre os ombros que aparentavam estar mais finos do que Tella se lembrava. Paloma estava de pé com as palmas das mãos viradas para frente, como se estivessem pressionadas fortemente contra uma janela, quase como se ela estivesse aprisionada dentro da carta.

— Este é o lugar onde sua mãe esteve durante os últimos sete anos — Jacks disse.

Tella forçou-se a tirar os olhos da carta para ver se a Moira estava brincando com ela, mas o brilho divertido que iluminava seus olhos momentos atrás tinha ido embora. O semblante dele tinha se tornado tão frio quanto o sangue que refrigerava o interior de Tella.

— Eu não acredito em você — ela disse.

— Qual parte? Que é a sua mãe, ou que ela esteve aprisionada dentro desta carta?

Jacks pôs a carta sobre os punhos cerrados de Tella. Não formigava como o Oráculo, aquilo pulsava, dolorosamente lento, como um batimento cardíaco agonizante. Tella sabia que aquilo estava morrendo porque combinava com o seu próprio coração que palpitava lentamente.

Não podia ser verdade. Não deveria ser verdade. Mas Tella pegou a si mesma acreditando que era real à medida que a fraca pulsação da carta continuava a bater contra seu punho.

— Como isso é possível?

— É mais fácil do que você pensaria — Jacks disse. — E eu posso te dizer por experiência própria que é torturante.

Uma parte da luz da lua penetrou a carruagem, iluminando o rosto de Jacks. Sua expressão era impassível, mas por um momento ele pareceu tão pálido que Tella jurava que viu o esqueleto sob sua pele.

Ela definitivamente estava errada em pensar que ele era incapaz de sentir emoções. Talvez ele fosse incapaz de amar, e talvez seus outros sentimentos não fossem lá iguais aos de um ser humano, mas o terror que havia acabado de pulsar vindo dele foi tão poderoso que ela sentiu.

— Você foi aprisionado dentro de uma carta — Tella exalou.

Jacks inclinou sua cabeça para longe da luz do luar a fim de que suas

feições fossem obscurecidas pela escuridão, tornando impossível de ler sua expressão enquanto ele disse: — Para onde você pensava que as Moiras foram quando nós desaparecemos há tanto tempo?

O estômago de Tella despencou à medida que a carruagem começou sua descida. Ela ouvira os rumores que as Moiras haviam sido banidas por uma bruxa. Outros diziam que eles se voltaram uns contra os outros. Tinha ainda uma história que dizia que as estrelas os transformaram-lhes de volta em humanos. Contudo, ela nunca tinha ouvido que as Moiras foram todos aprisionados dentro de cartas.

— Mas essa é uma história para uma outra hora — Jacks disse. — Tudo com que você precisa se preocupar é em ganhar o jogo para que possa me trazer Lenda.

O olhar de Jacks desceu para a estrela amassada na mão de Tella – a primeira pista, para qual ela nem tinha olhado.

— Abra.

Quando Tella não se moveu, Jacks tirou da mão dela, desdobrou, e leu em voz alta:

*AS OUTRAS PISTAS QUE VOCÊ PRECISARÁ ESTÃO ESCONDIDAS
AO LOGO DA CIDADE; PARA POSSUIR A SEGUNDA, ARRISQUE-SE EM UM LUGAR BONITO.*

A REGIÃO DE VALENDIA JÁ FOI TRÁGICA UM DIA, MAS AGORA PROMETE FÉ E MAGIA.

Ele fez uma pausa.

— Soa como o Distrito do Templo.

— Eu deveria te agradecer por essa informação? — Tella rosnou.

— Estou tentando economizar tempo para você. — Seu tom não passou de uma mordida. — Posso ter retardado o poder completo do meu beijo, mas você ainda vai sentir alguns de seus efeitos. O jogo termina na aurora do Dia de Elantine, te dando mais cinco noites para achar as pistas restantes. Eu sou o único que posso libertar sua mãe.

Se você perder o jogo e falhar em me trazer Lenda, ela continuará presa dentro dessa carta para sempre, e você morrerá...

Ele se interrompeu no momento em que a carruagem pousou pesadamente no chão.

Tella alcançou a porta.

— Mais uma coisa — Jacks acenou com a cabeça na direção da carta com a mãe dela. — Mantenha-a em segurança. Se algo acontecer a essa carta, nem mesmo eu serei capaz de salvá-la.

Quando você vencer o jogo, garanta que tem a moeda desafortunada que eu te dei e eu acharei você antes que Lenda chegue. Até lá, meu amor, tente não morrer.

Jacks soltou um beijo para Tella quando ela saiu para a noite cortante.

A Morte visitou Tella enquanto ela dormia. As pontas de suas garras acariciaram a parte de trás do seu pescoço, enquanto sua sombra a seguiu para os sonhos imaculados dela, envenenando todas as cores até tudo ter o gosto de poeira e secasse até virar cinzas.

Logo você será minha novamente.

A rouquidão da voz putrefata da Morte acordou Tella com um sobressalto. Ela se alvoroçou na cama, sua língua pesada, o cabelo úmido agarrando-se em seu couro cabeludo. Ainda assim seu coração não bateu. Quando muito, ele ainda pareceu bater mais lentamente do que batia na noite anterior.

Batida...batida...batida.

Nada.

Batida...batida...batida.

Nada.

Batida...batida...batida.

Nada.

Maldito seja Jacks e seus lábios amaldiçoados.

Tella agarrou seus lençóis molhados com uma mão e a carta que aprisionava sua mãe com a outra. Ela havia dobrado as extremidades durante seu sono regado a pesadelos, amassando a ponta bem acima da cabeça escura de sua mãe. Claramente não era indestrutível como o Oráculo. Tella teria que ser mais protetora com aquilo.

— Eu sinto tanto — ela sussurrou para a mãe. Não queria se separar da carta, mas sentia que seria perigoso demais mantê-la com ela.

Tella embaralhou o pequeno baú onde ela guardara o Oráculo e enfiou ali a carta com sua mãe cativa. Então ela retirou o Oráculo.

Tanta coisa tinha acontecido, Tella precisava ver se o novo acordo que ela

havia feito já tinha mudado o futuro de sua mãe.

O Oráculo estava mais quente do que de costume. Porém o futuro que ele mostrava não tinha mudado. A visão dos olhos vagos de sua mãe encarava Tella de volta, tão mortos quanto haviam estado da última vez.

Mas sua mãe ainda não estava morta. Por ora, ela estava apenas aprisionada. Tella se recusou a desanimar. Ela venceria o Caraval, e ela consertaria aquilo.

— Custe o que custar.

Assim que as palavras deixaram os lábios de Tella, o Oráculo queimou as pontas de seus dedos. *Magia*. Tella sentiu aquilo, aquecendo toda a sua mão enquanto a imagem do Oráculo piscou e mudou de Paloma deitada morta, para Scarlett e Tella abraçando sua mãe com a mesma naturalidade que elas tinham quando eram garotinhas.

Parecia tão real que Tella quase era capaz de sentir os braços fortes, macios e acolhedores de sua mãe. Um soluço suave borbulhou na garganta de Tella.

Então, quase tão rápido como aparecera, a imagem retornou para o cadáver de sua mãe.

— Não! — Tella gritou.

A visão mudou mais uma vez, voltando à imagem de Scarlett e Tella reunidas com a mãe.

— Senhorita Dragna! — Um guarda bateu pesadamente na sua porta.

— Está tudo bem aí dentro?

— Sim — Tella disse distraidamente enquanto a carta continuava a mudar. Tella nunca havia visto aquilo fazer algo do tipo antes.

Transformava-se da morte para regozijo, como se mostrasse a Tella que o que aconteceria depois dependia dela, e se ela conseguisse ganhar aquele jogo para Jacks.

Tella colocou o Oráculo de volta dentro do baú e, com a determinação renovada, ela pegou a primeira pista.

Durante o último Caraval, Scarlett tinha recebido uma carta com dicas sobre todas as outras pistas no começo do jogo, mas parecia que esse jogo seguiria um padrão diferente. De acordo com aquela pista, e com o que Dante dissera na carruagem, um distrito diferente da cidade esconderia uma nova pista a cada noite. Tella precisaria achar todas elas para vencer, e então ela ficaria cara a cara com Lenda.

Infelizmente, visto que o Caraval só acontecia à noite, Tella não poderia começar a procurar até o anoitecer. E parecia que Jacks já tinha planos para ela durante o dia.

Na extremidade de sua cama estava uma caixa familiar. Tinha a aparência exata a que Jacks mandara no dia anterior, só que dessa vez estava envolta de um laço dourado em vez do laço branco.

**SE VOCÊ VAI SER A NOIVA DO PRÓXIMO
IMPERADOR, VOCÊ PRECISARÁ SE VESTIR
DE ACORDO.**

Enfiado junto com a mensagem estava um pequeno cartão com uma borda de espinhos roxos.

*Moda Moderna da Minerva Vestindo a metade progressista
de Valenda, desde antes da Dinastia Elantine – e
continuaremos vestindo-os depois dela também.
Apenas com hora marcada.*

Na parte de trás do cartão alguém tinha rabiscado as palavras Distrito Satine, junto com um horário, o qual tinha sido riscado e reescrito: **CHEGAR-UMA-HORA-DUAS HORAS ANTES DO MEIO-DIA. ISSO NÃO É UM PEDIDO.**

A ordem era quase risível, dado quão pouco Jacks parecia ligar para a sua própria aparência. Porém, Tella imaginou que a diretriz de Jacks apresentarse não era muito sobre aparência como era sobre possessão: ele queria deixar claro que ela agora pertencia a ele.

Demônio era uma palavra muito agradável para ele.

Se esse noivado tivesse sido real, somente aquele bilhete teria convencido Tella a romper tudo. Mas aquela não era uma opção no momento.

Dentro da caixa, Tella achou um par de luvas nude que chegavam até os cotovelos com botões azuis-pérola. Ela o deixou de lado e tirou um vestido da mesma cor debaixo. Ela odiou o quão adorável ele era.

Como o decote passava dos ombros – um estilo que seu pai nunca deixou que ela usasse. Ele teria ficado absolutamente roxo apenas com a visão daquele vestido. Coberto com uma renda azul safira que agarrava-se a uma casca nude, o traje era delicado e feminino e um pouco escandaloso tudo de uma só vez.

Tella ainda queria ignorar o compromisso e deixar o vestido de lado junto com as luvas; não gostava da ideia de Jacks a arrumando como a boneca dele. Mas suas malas ainda não tinham chegado. E Jacks tinha deixado claro que para salvar a sua mãe e sua vida, Tella não apenas precisava vencer o jogo, como também precisava ser uma noiva convincente.

Batida...batida...batida.

Nada.

Batida...batida...batida.

Nada.

Batida...batida...batida.

Nada.

Seu coração não estava mais fraco do que quando ela acordara, mas também não batia mais rápido. Ela tentou comer um café da manhã apressado e então correr para a cocheira, mas tudo nela estava ligeiramente moroso.

Teve que fazer mais esforço do que deveria para ficar alerta enquanto sua carruagem aterrissava. Talvez por isso Tella encontrou-se de pé numa rua fervilhante de sombras inchadas, procurando a Moda Moderna de Minerva.

Embora Tella ainda fosse explorar a cidade, ela sabia tudo sobre as diferentes regiões de Valenda, o ilícito Quarteirão do Tempero, o ousado

Distrito do Templo, o imperioso Círculo da Universidade, e o elegante Distrito Satine. O último era onde Tella deveria estar. Uma das partes mais glamurosas da cidade, diziam que o Distrito Satine era um labirinto de brilhantes lojas de roupas, chapelarias, e lojas de doces, todas impregnadas de cores frescas.

Porém, ou Tella entendera errado ou ela estava no lugar incorreto. As lojas à sua volta eram sombrias como a dureza de corvos, posicionadas entre vielas que tinha cheiro de coisas inomináveis, e cheias de clientes que eram longe de ser o tipo requintado que ela tinha esperado. Trajada em seu delicado vestido de renda azul safira, Tella aparentava ser uma personagem que havia entrado na história errada.

Enquanto procurava pela Moda Moderna de Minerva, Tella observou um monte de jaquetas fantasticamente espalhafatosas, casais excessivamente amorosos encostados em postes, mulheres fumando charutos pungentes, e um monte de espartilhos de tons fortes expostos – laranja queimado, amarelo intenso demais, azul machucado, e vermelho bronzeado.

Alguns postes tinham símbolos pintados afixados. Alguns tinham a palavra *Procurado* impressa sobre uma foto. Outros diziam *Desaparecido*. Poucos surpreendentemente decorativos anunciavam a chegada do Dia de Elantine, embora eles pareciam tão desajustados quanto ela devia parecer.

Tella resistiu ao impulso de cruzar os braços sobre o peito e revelar seu desconforto enquanto passava em frente a uma série de lojas de veneno.

Remédios do Mandrake – Para Matar Gripes Terríveis, Enfermidades Mais.

Fausto's: Para todas as necessidades de Funcho, Crisântemos e Dedaleiras!

Ervas de Hemlock Hawthorn's.

Ela certamente não estava no distrito correto. Aquilo aparentava – e cheirava – mais como o infame Quarteirão do Tempero de Valenda, para onde as pessoas viajavam quando desejam adquirir contatos de assassinos, venenos indetectáveis, pessoas – ou apenas certas partes de corpos. Também era lar de poços de jogatinas, antros de drogas, e bordéis. Nada daquilo era legal em Valenda, então todos eles existiam no subsolo em passagens primitivas, acessíveis apenas através de senhas e portas escondidas das

exóticas lojas de tempero acima.

— Não tenho certeza se uma coisa bonita como você deveria estar sozinha nessas ruas, mesmo à luz do dia.

Tella deu um passo nervoso para trás, embora a mulher que se dirigira a ela aparentasse ser velha demais para fazer algum mal.

A velha tinha de ter pelo menos cinco vezes a idade de Tella, com as mãos enrugadas manchadas de tinta, e cabelos brancos reluzentes que quase alcançava o chão que ela varria. Para frente e para trás, a velha mulher limpava toda a sujeira e imundície dos degraus da frente da Mais Desejada de Elantine.

Tella soltou uma respiração irregular. O Quarteirão do Tempero poderia ter sido desconhecido para ela, mas aquela loja caindo aos pedaços a chamava como uma velha amiga. Era o mesmo lugar onde ela mandara todas as suas cartas para Jacks.

Tella nunca esteve certa se aquele era um negócio de verdade ou meramente um endereço que as pessoas usavam para transportar pedidos e cartas ilícitos. Porém, claramente era bem real. Ela tinha visto pôsteres de criminosos Procurados afixados por todo o quarteirão, e aparentemente todos eles tinham vindo dali.

Tella se aproximou mais, para olhar melhor o interior. Pergaminhos balançavam, tremulando com imagens preto e branco, com alguns dos criminosos mais interessantes que ela já tinha visto. Atraentes e perturbadores, ela se perguntava se os retratos eram encantados, visto que eles a tentavam a subir os degraus e entrar ali, para que desse uma olhada mais de perto, do mesmo jeito que o Baralho do Destino de sua mãe a tentara para que jogasse, todos aqueles anos atrás.

Claro que aquilo não tinha terminado bem.

— Você está perdida? — A senhora perguntou. — Esse não é o distrito onde você quer que isso aconteça.

À distância, sinos começaram a tocar. Se Tella contasse ela imaginava que seriam dez no total. Ela estava definitivamente atrasada para seu compromisso agora. Talvez ela pudesse voltar para explorar a loja mais tarde.

— Eu estou procurando pela Moda Moderna de Minerva — ela disse.

O olhar da mulher se tornou perspicaz.

— Não tenho certeza do que você precisaria naquele lugar, mas eu acho que já é no final daquela rua. — Ela levantou o queixo na direção de uma placa no fim da quadra onde estava escrito *Caminho Errado*.

— Tenha cuidado — a mulher falou. — Minerva não...

Mas Tella não ouviu o resto do aviso enquanto desaparecia pela rua.

Não demorou muito para que sua barriga começasse a transpirar, e seu coração a trabalhar um pouco mais em suas batidas. Contudo, ela continuou correndo, até alcançar uma calçada banhada pela luz do sol, alinhada com lojas tão belas quanto pacotes recém embalados. A Moda Moderna de Minerva ficava na esquina. Cortinas lilás fechadas protegiam as janelas e um toldo ameixa escuro fazia sombra na porta como arcos sonolentos.

Scarlett teria odiado, dada a sua aversão pela cor roxa.

Tella sentiu a facada de culpa então por ter deixado o palácio sem checar sua irmã, especialmente depois do que Scarlett tinha descoberto sobre Armando na noite passada. Entretanto, Scarlett provavelmente também tinha ouvido sobre o noivado de Tella. No momento em que Scarlett falasse com Tella, ela saberia que era uma farsa, e muito provavelmente tentaria fazer algo heróico a respeito que a colocaria em todos os tipos de perigo que Tella não poderia permitir.

Scarlett era a pessoa de Tella – a única pessoa no mundo com quem Tella poderia contar. Tella poderia não ter acreditado em apaixonar-se, mas ela tinha literalmente apostado sua vida que Scarlett a amava. Tella destruiria o mundo antes que pudesse permitir que algo acontecesse à sua irmã.

— Com licença. — Tella lutou para recuperar o fôlego enquanto alcançava a frente de Minerva, onde um homem com o cabelo penteado para trás e um terno ameixa do mesmo tom que a porta vigiada da loja, como se ele fosse uma extensão dali. — Meu nome é Donatella Dragna.

— Está um pouco adiantada, não está? — disse o homem.

Tella estava bem certa de que ele havia se enganado e que ela estava mais para atrasada. A primeira de muitas observações peculiares. A segunda foi o número desnecessário de trancas que o homem abriu antes de abrir a porta roxa escura e permitir que ela entrasse.

A Moda Moderna de Minerva não era uma loja comum de vestidos.

Na verdade, enquanto adentrava, ela se perguntou se aquilo era uma loja de vestidos afinal.

O saguão era decorado com lounges suntuosos, carpetes ametistas mais grossos do que grama não cortada, e vasos violetas preenchidos com flores do tamanho de pequenas árvores que cheiravam a lavanda e tabaco caro. Porém, para toda a elegância em sua volta, Tella não detectou nenhum vestido ou acessórios modernos.

— Você não é uma visão?

Tella pulou enquanto uma costureira rechonchuda veio passeando por um par de portas duplas. Seu cabelo da cor de orquídea era curto ousadamente na altura do queixo, combinando as fitas métricas enroladas em volta de seu pescoço como uma jóia.

— Ele me disse que você era espirituosa, mas não mencionou o quão bela você era. Não é surpreendente que você chamou atenção dele.

Tella não queria sorrir, dado que não fora sua escolha estar ali ou estar naquele relacionamento com Jacks, mas era meio que legal ser bajulada.

— Você está mais adiantada do que eu esperava, então talvez você tenha que se sentar um pouco. Gostaria de um pouco de vinho ou um pedaço de bolo enquanto espera?

— Eu nunca digo não para vinho ou bolo.

— Vou fazer com que venham imediatamente. — A costureira guiou Tella para um outro saguão roxo e luxuoso revestido com um papel de parede aveludado e portas fechadas tão escuras quanto cerejas pretas, com sussurros igualmente obscuros vindos de trás delas.

— Quanto veneno essas abotoaduras aguentam? — murmurou um

homem.

Atrás da porta seguinte uma mulher explicava secamente.

— Está trançado entre a renda, basta um puxão suave e você terá um garrote.

A um par de portas adiante Tella escutou alguém rindo seguida de uma voz marcada dizendo: — As mangas são fofas assim para que você possa esconder uma garrucha por dentro. Sinta esse ínfimo balançar.

Pistolas escondidas. Venenos. Garrotes.

Definitivamente anormal, embora claro que o mesmo sentimento poderia ser aplicado ao noivo de Tella. *Noivo fictício*, ela se corrigiu.

Apesar de que para um noivado falso, parecia que Jacks estava fazendo uma quantidade surpreendente de esforço.

A costureira parou na frente de uma porta fechada no fim do corredor.

— Por que você não entra e se situa, querida? Eu aparecerei de volta com seus itens em alguns instantes.

A mulher desapareceu no saguão e Tella tocou a maçaneta. Ela meio que esperava encontrar lustres feitos de garrafas de veneno pendendo de um teto berinjela, espelhos forrados com espadas e cabides feitos adagas de prata.

Ela não esperava vê-lo.

O estômago de Tella mergulhou e seu coração poderia ter capotado, do mesmo jeito que sempre acontecia quando encontrava Dante.

Ele não relaxava ou descansava, ele possuía.

No canto da sala, no topo de uma plataforma elevada, ele sentava-se numa cadeira de couro negro excessivamente larga como se ele governasse o mundo dali. Seus ombros generosos e seu peito consumia o seu trono temporário mais do que o contrário. Sua postura era reta, mas não rígida, com se ele não soubesse como ser desleixado, apenas como ocupar espaço.

Canalha arrogante.

Ainda que tivesse pensado aquelas palavras, calor se espalhou pelo seu peito enquanto ela dizia: — O que você está fazendo aqui?

— Esperando por você.

— Como você soube que eu estaria aqui?

Um lento e superior arquear de suas sobrancelhas.

O mundo de Tella se inclinou mais uma vez.

— Você enviou a carta?

— Desapontada que eu não sou Jacks?

Ela bateu a porta.

— Você está louco? Você sabe o que o meu noivo fará quando ele descobrir isso?

— Ele apenas descobrirá se você contar a ele — Dante respondeu friamente. — E não há necessidade de fingir que vocês dois estão noivos de verdade.

Alarmes silenciosos preencheram a câmara enquanto as palavras de Jacks correram por Tella: *Por exemplo seu amigo tatuado ali... ele é um dos artistas de Lenda, então eu não posso matá-lo essa semana.*

Mas, se ele descobrir a verdade, eu poderia facilmente acabar com a vida dele uma vez que o jogo acabar.

— Talvez eu não esteja fingindo. — Tella começou a abrir seu sorriso mais doce, porém ela imaginou que Dante saberia que era falso, e ela precisava convencê-lo que aquilo era a verdade. Ela torceu a boca para um tipo de sorriso de canto geralmente usado por jovens rapazes presunçosos. — Quando Jacks e eu nos beijamos, parecia que eu estava atuando?

O olhar intenso de Dante frustrantemente manteve o nível, mas Tella jurou que um músculo se repuxou no canto de sua mandíbula.

— Eu não tenho certeza do que vocês dois estão fazendo, porém eu não acredito que vocês vão se casar.

— Por quê? — Tella desafiou. — Porque você duvida que o herdeiro do trono iria querer casar-se comigo?

Uma lenta curva de seus lábios disseram mais do que qualquer insulto poderia.

— Você quer mesmo que eu responda isso?

Vermelho queimou nas bochechas de Tella. Ela estava tentando evitar que Jacks o matassem, mas Dante não poderia parar de ser cruel.

— Você só veio aqui para zombar de mim?

— O que eu disse que foi zombaria? Você tira muitas conclusões, Tella. — Ele se inclinou para frente quando disse o nome dela, destacando as sílabas, como se fosse algo em que ele quisesse se segurar. — Talvez eu fosse lhe dizer que você era inteligente e engraçada e bonita. Sempre pensei

que você era esperta demais para casar com um assassino.

— E eu sempre pensei que alguns riscos valem a pena correr — Tella rebateu, ignorando o jeito que as palavras *inteligente* e *engraçada* e *bonita* continuava a agitar seu interior. — Jacks é atraente e rico e em breve ele irá governar todo o Império Meridiano o que significa que eu serei a próxima imperatriz. Então, eu suponho que eu deveria estar te agradecendo por fazer nosso encontro possível.

Os olhos de Dante arderam, uma breve centelha de fogo. Ele poderia não ter gostado do que ela tinha dito, mas talvez Tella finalmente o convenceria.

— Se você realmente acha que te fiz um favor... — Dante se interrompeu.

A linha de visão dele desceu, o fogo morrendo em seus olhos. Ele se forçou para fora da cadeira, saltou da plataforma, e agarrou o pulso de Tella num movimento abrupto.

— O que aconteceu com sua mão?

Pinga.

Pinga.

Pinga.

Cada som refletia o pulso desacelerado dela. Vermelho escuro, sangue implacável caía de suas unhas, encharcando as pontas dos dedos de sua mão direita.

Jacks.

Frieza varreu a pele de Tella e começou a afundar como garras.

Aquele desprezível, traiçoeiro, impiedoso, que apreciava a dor príncipe infame. Não era suficiente que ele tinha a amaldiçoado a um amor não correspondido; ele estava realmente a matando. As pulsações mais lentas não estavam meramente em sua mente.

Pontos brancos e pretos dançavam na frente dos olhos de Tella.

Mais três gotas gordas de sangue caíram de suas unhas, deixando manchas frescas no carpete ametista. Entretanto, tudo que Tella escutava era a voz zombeteira de Jacks avisando-a que haveria efeitos colaterais por beijar seus lábios amaldiçoados.

— Eu não percebi que ainda estava sangrando — Tella mentiu. — Eu preendi minha mão na porta da carruagem mais cedo. Eu provavelmente deveria ir e dar uma olhada nisso.

Dante a segurou mais apertado.

— Eu posso cuidar disso. — Ele arrancou sua gravata; seus movimentos eram concisos mas suas mãos eram extremamente cuidadosas enquanto ele pressionava o tecido nos dedos dela.

A respiração de Tella se atrapalhou.

Dante não deveria estar tocando-a tão ternamente, ou puxando-a para mais perto a cada movimento, e ela não deveria estar deixando que ele fizesse aquilo.

Ela deveria ter empurrado suas mãos gigantes para longe. Deveria ter rosnado para ele quando ele lentamente enrolou a seda morna que estivera circundando sua garganta em volta da mão sangrenta dela.

Não apenas por causa das ameaças de Jacks, mas por causa de para quem Dante trabalhava.

Tella realmente tentou não pensar muito no que aconteceria quando ela entregasse Lenda a Jacks, mas ela duvidava que acabaria bem.

Lenda poderia ser estranho, mas o Príncipe de Copas era maligno.

Do tipo que arrancaria o coração de uma garota do peito e afundaria seus dentes como se aquilo fosse uma maçã.

Para se proteger, ela precisava ficar longe de Dante. Ainda que por um breve momento, ela apenas queria fechar os olhos e cair nos braços dele.

— Diga-me o que realmente aconteceu ontem à noite depois que o herdeiro a levou embora. — Sua voz era suave e autoritária ao mesmo tempo, como o crepitar do fogo devorando a madeira. Feroz e fatal, e de alguma forma ainda era estável e reconfortante. O tipo de voz que poderia facilmente consumir uma garota.

— Eu realmente não preciso de sua assistência. — Tella afastou bruscamente sua mão, libertando-a da seda e sujando seu vestido rendado com sangue no momento em que ela quebrava o encanto de Dante antes que estivesse totalmente lançado.

Ele parecia que queria alcançá-la. Se as pernas vacilantes dela meio que oscilassem na direção dele, ela imaginou que ele a seguraria em seus braços e a manteria tão perto que ela confessaria de boa vontade cada pecado e segredo dela.

Contudo, ele não se importava de verdade. Estava apenas atuando.

Representando um papel.

Ela se forçou a dar um passo para trás.

Uma veia saltou no pescoço de Dante.

— Você... você não me deixa ajudá-la?

— Talvez eu não queira a sua ajuda!

Uma outra gota de sangue pingou no chão.

Estrelas se juntaram aos pontos na frente nos olhos de Tella. E antes que ela pudesse recuar mais um passo, Dante estava lá, segurando seu pulso mais uma vez, e talvez estivesse a segurando ainda mais perto enquanto terminava o trabalho que começara. Tella não admitiria para ele, mas ela se sentiu um pouco menos atordoada quando suas mãos largas e mornas envolveram seus dedos sangrentos dentro da gravata dele.

— Eu te deixaria ir, mas você acabou de admitir que precisa de ajuda.

— Sua voz estava mais branda do que antes. — Diga-me o que aquele assassino quer de você.

Por que ele tinha de ser tão teimoso? Será que ele não poderia apenas enrolar seus dedos e deixá-la em paz?

— Você não pode só ignorar isso e fingir que acredita? — Ela perguntou. — Você está preocupado comigo mas isso coloca você em perigo também. Se Jacks descobre que você sabe a verdade, ele vai te machucar de maneiras que nem Lenda será capaz de consertar. — Ela disse aquilo como uma ameaça, mas em vez de soltá-la, Dante lhe lançou um mostrar de dentes que parecia bastante como um sorriso.

— Eu não pensei que você se importava comigo — ele disse.

— Não me importo — Tella retrucou.

Seria mais convincente se ela tivesse puxado sua mão de volta.

Ela não precisava da ajuda dele para vencer o jogo, e ela não confiava nele, mas ela, infelizmente, gostava do sentimento de estar com ele. O sangramento trouxera um arrepio que não estivera ali antes, mas Dante conseguiu apagar aquilo quando embalou a mão dela e se inclinou para mais perto até que as costas de Tella estivessem contra a porta, e o corpo de Dante estivesse se movendo para perto do dela.

Ainda havia espaço o suficiente para que ela pegasse a maçaneta, escapasse se quisesse. E ela disse a si mesma que era o que ela queria. Porém,

seus dedos eram tão teimosos quanto ele era – eles se recusaram a alcançar a saída.

— Diga-me o que ele quer de você — Dante disse asperamente.

— Ele quer casar comigo, é isso.

Dante balançou a cabeça.

— Sabe, está realmente começando a parecer um insulto você continuar se negando a acreditar nisso.

— Talvez eu apenas não acredite que isso seja tudo o que ele quer.

— A mão livre de Dante foi de encontro a bochecha de Tella e inclinou o rosto dela em direção ao seu.

Um rubor desceu pelo pescoço dela até os seus dedos do pé no momento em que ele acariciou sua mandíbula.

— Se você não me contar, eu descobrirei. — Dante disse.

E se condenaria no processo – ou revelaria os planos dela a Lenda e condenaria Tella assim como a mãe dela.

Tella se forçou a retirar a mão dele da sua bochecha.

— Eu não desgosto de você, Dante. Na verdade, se você não fosse um mero ator, eu provavelmente gostaria de você de fato. Você é quase tão atraente quanto pensa que é. Porém, eu quero mais do que um rostinho bonito. Jacks pode me dar isso. Ele pode me dar tudo que eu puder desejar. — Tella pressionou os lábios e fechou os olhos brevemente, como se pensasse no beijo que compartilhara com Jacks na pista de dança.

Quando abriu os olhos novamente, o rosto de Dante estava a um simples centímetro de distância, e seus olhos estavam tão negros quanto tinta derramada.

Calor se desenrolava baixo na barriga de Tella.

— Ou você não quer muito, ou você está mentindo — Dante disse. — Eu poderia acreditar que você suportará se casar com ele, mas dado o que eu sei sobre você, eu duvido que alguém como ele pode satisfazer todos os seus desejos.

Quando ele terminou, seus lábios estavam tão próximos que bastava um movimento descuidado e a boca dela roçaria a dele. Tella levantou o seu queixo lentamente, ciente de que estava caminhando numa linha perigosa quando lançou um olhar feito de puro fogo para ele.

— Talvez haja coisas que você não saiba sobre Jacks.

Dante respondeu com um sorriso, mas não o do tipo acolhedor ou leve como deveriam ser os sorrisos. Foi um do tipo calculado, lendo e provocante que alguém curva os lábios um instante antes de virar uma mão de cartas vitoriosa.

— Você está dizendo isso porque ele é o Príncipe de Copas?

Tella congelou, e até mesmo o sangue vazando de seus dedos parou enquanto seu interior entrava em pânico, afiando seus sentidos. Se ela queria persuadir Dante que ela não tinha ideia do que ele estava falando, ela precisaria se recuperar rapidamente, mas se fingir de desentendida apenas o convenceria que ela estava fora de si. E

talvez Tella estivesse. Ela estava amaldiçoada, sua mãe estava aprisionada dentro de uma carta, e para salvar as duas, Tella agora estava jogando um jogo envolvendo dois imortais infames – um deles que não era nem para existir mais.

Ainda, mesmo antes de chegar em Valenda, Dante tinha falado sobre o Príncipe de Copas como se ele ainda estivesse vivo. Parecia uma estranha coincidência, especialmente uma que fazia com que ela lembrasse da abertura do discurso de boas-vindas de Jovan: *Elantine nos convidara aqui para salvar o Império de seu maior medo.*

Por séculos as Moiras estiveram trancados, mas agora eles desejam retornar e jogar.

E se Jacks fosse um dos Destinos que voltaram para...

Não. Tella se recusou a finalizar o pensamento. Acreditar que o jogo era real levava diretamente à loucura. A outra explicação óbvia era que Jacks estava representando um papel no jogo. Mas o sangue pingando dos dedos de Tella e o coração morrendo no seu peito parecia uma prova sólida de que ele era realmente o Príncipe de Copas.

Dante tinha que está blefando, apostando com mentiras do jeito que ele tinha feito com a matrona no palácio quando afirmara que Tella estava noiva de Jacks.

— Se Jacks fosse realmente o Príncipe de Copas, eu já estaria morta pelo seu beijo.

— Talvez você seja o seu único verdadeiro amor. Ou ele tenha permitido

que você vivesse porque ele tem outros planos. — Os olhos de Dante rapidamente viajaram na direção da linha ajustada do vestido safira rendado de Tella, como se ele de alguma maneira soubesse que Jacks o enviara.

— Não me encare desse jeito. — Tella disse. — Foi você que afirmou que eu estava noiva dele.

Uma gota final de sangue caiu no chão, sombriamente pontuando a frase.

Dante olhou para aquilo e toda a sua expressão mudou. Sua arrogância familiar desapareceu quando ele disse: — Você está certa. A culpa é minha. Eu fiz uma escolha ruim. Mas eu juro, que quando eu disse que você estava noiva do herdeiro, eu não sabia que ele era o Príncipe de Copas.

— Então como você descobriu?

— Quando eu te vi dançando com ele no baile. as Moiras não são naturais; eles não pertencem a esse mundo como aqueles de nós que morreram e voltaram para a vida. — Dante engoliu intensamente, e quando ele falou de novo sua voz estava estranhamente quieta. — Todos no baile poderiam estar distraídos, mas depois que ele te beijou, eu o vi brilhar...

Passadas alvoroçadas soaram no corredor do lado de fora.

A boca de Dante se fechou numa linha.

As passadas se tornaram mais altas e mais próximas.

— Você poderá querer fingir que você não me conhece — ele disse.

— Por quê? — Tella perguntou.

— Eu meio que não deveria estar aqui.

— Eu pensei que você tinha armado isso!

A boca de Dante oscilou para um sorriso seco.

— Eu disse mesmo isso?

Canalha!

Ele saiu da parede enquanto a boca de Tella se escancarava.

Embora ela deveria saber que ele não tinha armado aquilo de verdade. Ele tinha apenas interceptado a sua nota e rabiscado a hora correta.

Antes que ela pudesse xingá-lo em voz alta, alguém empurrou o outro lado da porta.

Tella tropeçou para frente quando a porta bateu contra ela.

Dante a segurou no mesmo instante, dois braços sólidos enrolados em volta do quadril dela, no mesmo instante em que a costureira entrou no

cômodo.

Os olhos da mulher pousaram na posição comprometedora, antes de se moverem para os respingos de sangue no vestido de Tella e no chão.

— Eu não sei o que você está fazendo aqui, rapazinho, mas você tem meio segundo para partir antes que eu conte o herdeiro sobre isso.

Eu acho que todos nós sabemos o que vai acontecer então.

— Tenha cuidado — Dante rebateu. — Você está fazendo Vossa Mortífera Alteza soar previsível.

As mãos de Dante se afastaram de Tella, enquanto ele sussurrava em seu ouvido.

— Eu sei que você não quer acreditar em mim, mas o Caraval é mais do que apenas um jogo desta vez. Eu não tenho certeza do que o Príncipe de Copas prometeu a você, mas para as Moiras, humanos não são nada além de fonte de trabalho ou entretenimento.

O coração de Tella conseguiu chutar mais algumas poucas batidas extras, voltando a quase a média normal quando Dante saiu. Se Jacks não tivesse a amaldiçoado, ela imaginou que ele estaria batendo alto o suficiente para que todo mundo dentro da loja de Minerva ouvisse.

Uma vez que Dante tinha ido embora a costureira estava toda sorrisos novamente. Ela colocou um pouco de bolo e vinho sobre uma pequena mesa que Tella não havia notado. Era como se nada tivesse acontecido, embora Tella se perguntou se a mulher reportaria tudo o que ocorrera para Jacks.

A costureira falava de Jacks constantemente enquanto ela forçava Tella a ficar em pé para que ela pudesse ajustar os vestidos.

Para o desânimo de Tella, nenhum deles continha uma arma escondida. Porém, não podia negar que as vestes eram deslumbrantes. Havia vestidos que mudavam de cor ao sol, e capas costuradas com fios feitos de poeira estelar para que elas sempre brilhassem à noite.

Contudo, de acordo com a costureira, Tella ainda não tinha visto as melhores criações. A mulher voltou ao corredor e retornou um momento depois atrás de um carrinho prateado de três níveis.

Alguém arfou. Provavelmente Tella.

Ela poderia ter odiado Jacks com a fúria e de milhares de mulheres amaldiçoadas, mas ela tinha que admitir que quando ele queria, ele sabia

como impressionar.

O carrinho estava coberto com as mais sensacionais variedades de máscaras e coroas e capas, feitas de couro, metal precioso e tecidos extremamente finos. Cada item era do exato tamanho dela e valia a fortuna de um nobre. Alguns eram revestidos de plumas, outros de joias ou pérolas polidas. Todos monstruosamente belos como os tesouros de um pesadelo mágico, o que ela supunha que Jacks era.

A costureira sorriu orgulhosamente.

— Vossa Alteza queria que você tivesse sua escolha de fantasia para Véspera de Elantine. Mas seja cuidadosa, já que tudo foi feito para você, a tinta ainda está fresca em algumas das máscaras.

Tella se aproximou mais do carrinho brilhante.

Ela nunca tinha se fantasiado para a Véspera de Elantine. Em Trisda, o aniversário da Imperatriz Elantine era comemorado somente em um dia, mas em Valenda, a Véspera de Elantine era para ser ainda mais fantástica do que o Dia de Elantine. Para celebrar, todo mundo se vestia em uma fantasia e pegava o papel de quem quer que estivesse vestido.

Supostamente os monarcas de Valenda eram descendente das Moiras e nas vésperas de seus aniversários havia o boato de que as Moiras voltavam por uma noite para julgar se um governante era digno de reinar por mais um ano. Portanto, alguns acreditavam que por trás de algumas máscaras e fantasias estavam os verdadeiros Destinsps de volta de qualquer que fosse o lugar de onde desapareciam para uma noite de maldade, caos e maravilhas.

Tella imaginou que o momento daquela tradição era o porquê Lenda escolhera as Moiras para serem o tema daquele Caraval em particular. Ela já poderia imaginar como Lenda brincaria com as pessoas ao fazer com que seus artistas fingissem ser os verdadeiros Destinos.

Tella examinou sem pressa o carrinho. Ela espiou a máscara do Príncipe de Copas, mas em vez do choro com lágrimas pintadas de vermelho, essa chorava rubis. A Coroa Estilhaçada – que representava uma escolha impossível entre dois caminhos – estava pontuada por opalas negras, primas polidas e escurecidas ao anel no dedo de Tella. Mas não era nem de perto tão glorioso como o véu de lágrimas da Noiva Prometida, feito de diamantes verdadeiros. Parecia que cada Destino superior e inferior estava ali. Tella viu

o manto elaborado do Envenenados, o chapéu de plumas da Senhora da Sorte, as luvas de espetos do Caos, a máscara de porcelana com lábios franzidos da Senhora Prisioneira feita de safiras trituradas.

— O herdeiro sempre se mete em tanto problema por suas damas?

— Nunca — a costureira respondeu. — Na verdade, essa é a primeira vez que ele nos faz elaborar algo para alguém que não é ele.

Tella fingiu um sorriso. Jacks provavelmente usava costureiros diferentes para cada uma de suas consortes amaldiçoadas.

— Escolha qualquer coisa que te encante mais então eu farei a fantasia perfeita para combinar.

Cada peça cintilava mais forte enquanto Tella as considerava pela última vez.

A Morte da Donzela estava fora de questão. Tella não deixaria que sua cabeça fosse enjaulada por pérolas e apenas pensar sobre a Morte da Donzela a levava para o dia em que ela virou aquela carta terrível pela primeira vez causando a partida de sua mãe.

A máscara de esqueleto da Assassina não era muito atraente. As máscaras da Criada dela eram mais interessantes – ela sempre gostara de olhar para os lábios costurados com fio carmesim – porém, Tella não gostava que os próprios Destinos fossem meramente cachorrinhos da Rainha dos Mortos-Vivos. Vestir o tapa-olho coberto de joias da Rainha dos Mortos-Vivos parecia tentador – falava-se que ela trocou o seu olho por seus poderes terríveis, contudo Tella queria fazer uma declaração mais ousada. Ela gostou da Estrela Cadente, mas dado o quão lisonjeira era a fantasia dourada, ela imaginou que metade das garotas e dos garotos na rua estaria um vestidos como a Estrela Cadente. E pela primeira vez, Tella não estava certa de que queria parecer bonita.

— Qual é essa? — Tella pegou um desagradável longo véu preto preso a um anel de metal coberto de velas pretas. Num primeiro instante, ela pensara que pertencia ao Rei Assassinado, mas a coroa dele era feita de adagas, e era sombriamente atrativa. Aquela não era agradável de maneira alguma, e Tella duvidava que seria fácil enxergar através do véu, mas ainda havia algo intensamente cativante sobre ela. Por sua vida, ela não era capaz de reconhecer a qual Destino aquilo pertencia.

A costureira empalideceu.

— Não era para isso estar nesse carrinho.

Ela tentou tirar dali.

Tela recuou um passa e segurou a coroa mais forte.

— Qual é essa? Me diga ou eu vou embora sem nenhuma máscara.

A boca da costureira se comprimiu.

— Não é parte de uma fantasia tradicional. Representa a criança desaparecida de Elantine, O Herdeiro Perdido.

— Elantine teve um filho?

— Claro que não. É só um rumor maldoso que as pessoas começaram por quê elas preferiam não ver o seu noivo ocupar o trono.

— Bem, soa como a fantasia perfeita.

— Você é uma tola, garota — disse a mulher. — Quem quer que tenha colocado isso no meu carrinho o fez como um aviso para o herdeiro — e para você.

— Não se preocupe, eu só vou fazer isso como uma piada. — Tella disse. — Meu noivo gosta muito de brincadeiras. Ele vai dar bastantes risadas quando ele me ver com isso, e isso vai provar para quem quer que tenha colocado isso no seu carrinho que eu não estou com medo.

A costureira torceu a boca.

— Nós não temos um vestido que combine com isso.

— Se Jacks te contratou, eu tenho certeza que você pode fazer algo a respeito. — Tella colocou a coroa encerada de velas sobre a cabeça e virou na direção da parede espelhada.

O véu leve e negro cobriu seus traços completamente, transformando-a em uma sombra vivente. Absolutamente perfeita.

Se havia uma fantasia que declarasse que, apesar dos beijos e maldições de Jacks, ele nunca a possuiria de verdade, era a coroa do Herdeiro Perdido.

Talvez fosse uma escolha estúpida ser tão desafiadora, mas ainda era uma das poucas escolhas que Jacks tinha dado a ela.

A costureira balançou a cabeça, novamente murmurando algo sobre Tella não ter ideia de que tipo de jogo estava jogando.

Entretanto, Tella sabia exatamente de que tipo de jogo ela fazia parte: um que a destruiria e destruiria as pessoas com que ela se importava, se não

vencesse.

Tella voltou para o palácio sobre o lento declínio de um sol decrescente. Era fim de tarde, aquela hora morna do dia quando o céu cerúleo estava geralmente tingido com ouro e manteiga e um punhado de luz pêssego. Mas, para os olhos de Tella, todas as cores acima poderiam ser chamadas de sépia na melhor das hipóteses.

Todo lugar em que ela punha os olhos, o céu estava meio marrom e meio sem graça e meio errado, o suficiente para fazer com que ela se perguntasse se a tarde tinha ido embora ou se era a sua visão.

No momento em que ela chegou no palácio, ela estava metade convencida que um outro efeito colateral de Jacks estava fazendo com que o mundo que outrora fora brilhante perdesse toda sua cor.

Mas talvez o verdadeiro efeito colateral era a paranóia.

Diferentemente do exterior sem graça, a suíte da torre de Tella estava felizmente azul como antes – do azulado dossel acima de sua cama até as águas coloridas de azul claro esperando por ela na banheira.

Entretanto, Tella não tinha tempo de lavar nada além de suas mãos. Ela dificilmente tinha minutos suficientes para trocar o seu vestido rendado manchado por um novo vestido da costureira. Feito de cetim azul meia-noite e grossas linhas de veludo negro que cortava até embaixo de uma saia cheia, o vestido era mais escuro do que as roupas usuais de Tella, mas algo haver com a combinação fez com que ela se sentisse forte o suficiente para batalhar contra Jacks e Lenda e qualquer pessoa em Valenda que participasse do Caraval.

Com um salto fresco em seu calçado, o qual ela esperava que não soltasse, Tella marchou para fora do seu quarto em direção à suíte principal e engoliu um xingamento ao sinal de sua irmã.

Scarlett estava sentada na frente de uma das fogueiras brancas apagadas. Tella não sabia como Scarlett tinha conseguido entrar, mas não deveria estar surpresa. Se Scarlett Dragna tivesse uma habilidade mágica, seria o poder de sempre achar sua irmã. Tella não sabia se as irmãs mais velhas eram sempre conectadas aos irmãos mais novos daquela maneira, ou se era apenas algo especial entre as duas. Tella nunca admitiria aquilo para Scarlett, mas saber que sua irmã sempre a rastrearia, não importasse os obstáculos, era uma das poucas coisas que faziam com que Tella se sentisse verdadeiramente segura, embora aquilo não fosse sempre conveniente ou confortável.

Ela não estava orgulhosa de estar evitando Scarlett. Ela tivera uma razão válida para não ir até ela na noite passada, porém ela deveria ter tirado um tempo para checá-la pela manhã e se desculpar por não ter dito a verdade sobre Armando.

Enquanto Tella adentrava mais profundamente o cômodo, a cabeça de Scarlett permaneceu abaixada na direção de suas mãos, onde ela segurava um par de luvas nude que Jacks tinha mandado naquela manhã.

— Você sabia que luvas são um presente simbólico? — Scarlett esfregou as bainhas macias entre os dedos. — Está fora de moda agora, mas uma vez eu li que no início do reinado de Elantine, dar um par de luvas era um costume equivalente a pedir a mão de uma garota em casamento. Eu acho que era para ser o jeito de um jovem rapaz de dizer que ele tomaria conta de uma garota ao dar a ela luvas para proteger suas mãos.

— Eu preferiria algo um pouco menos simbólico e um pouco mais prático, como sangue.

A cabeça de Scarlet se levantou das luvas.

— Isso não é muito romântico. Entretanto, Tella jurou que um raio vermelho subiu pela garganta de sua irmã e cor inundou suas bochechas, como se a ideia a empolgasse mais do que causasse repulsa. *Interessante*.

Tella tinha apenas falado aquilo para trazer um pouco de leveza, mas talvez ela quisesse dizer aquilo um pouco, e já que a declaração pareceu ter direcionado os pensamentos de Scarlett numa direção mais brilhante, Tella continuou.

— Eu li sobre isso em um dos seus livros de casamento. Era um costume antigo de matrimônio. As pessoas bebiam os sangues umas das outras para

sincronizar suas batidas do coração. Então mesmo que ele estivessem separados, poderiam sentir que o outro estava seguro ou com medo pelo ritmo de seus corações. Isso era o que eu iria querer, alguém que me desse um pedaço de si em vez de pedaços de tecido.

— Então seu noivo te deu uma ampola de sangue antes de lhe pedir sua mão na noite passada?

Um xingamento queimou na língua de Tella. Sua irmã deveria estar ali para falar sobre Armando. Mas parecia que Scarlett estava evitando o assunto, não que ela pudesse culpá-la. Embora desejasse que ela não focasse naquele outro assunto.

— Como você soube?

— Eu posso não ter ido para o baile na noite passada, mas eu não me enrolei e me escondi dentro do palácio. — Scarlett disse. — Embora mesmo que eu tivesse, imagino que eu ainda teria ouvido os rumores sobre a demonstração de afeto extremamente pública do herdeiro e o noivado relâmpago com uma garota de nome Donatella.

— Scar, eu posso explicar, você não precisa se preocupar.

— Eu pareço preocupada?

Scarlett poderia aparentar estar um pouco sombria, mas agora que a sua cabeça não estava abaixada Tella estava surpresa de ver que não havia nenhuma linha de ansiedade em volta de seus olhos cor de avelã, seus lábios rosa não estavam comprimidos e suas mãos não estavam se retorcendo, e sua voz estava agradavelmente leve.

Era, na verdade, desconcertante. Scarlett se preocupava o tempo todo, mesmo quando não havia nada com o que se afligir e naquele momento havia definitivamente coisas que deveriam inquietá-la.

— Então você realmente não se importa que eu estou noiva? — Tella se jogou numa espreguiçadeira de tafetá na frente de Scarlett.

— Tella, eu sei que você está brincando, mas isso está se tornando um território levemente desconfortável para mim. Você pode me dizer apenas o que aconteceu?

Diabos. Aquilo era exatamente o que Tella temia.

Scarlett continuava a dar à irmã um sorriso tenso e paternalista ao mesmo tempo, como se Tella fosse uma garotinha pega num conto de fadas de faz de

conta. Tella não poderia culpá-la. Algumas vezes era exatamente como parecia para Tella. Ela estava ficando numa torre dourada. Um príncipe perverso tinha a amaldiçoado e aprisionado sua mãe, e se Tella falhasse em sua tarefa, ambas estariam condenadas, assim como Scarlett, que seria deixada sem ninguém.

Tella respirou fundo. Ela tinha convencido sua irmã sobre um noivado de mentira durante o Caraval, e ela poderia fazer isso novamente. Tinha de fazer isso de novo se quisesse manter sua irmã a salvo.

— Eu sei que parece algo inesperado e inacreditável — Tella disse.

— Eu mesma ainda não compreendi. A verdade é que estivemos nos correspondendo por cartas por mais de um ano, porém eu não fazia ideia de que ele era o herdeiro até a noite passada. Então quando ele pediu minha mão eu não poderia dizer não...

— Tella, pare. — A cor fugiu das bochechas de Scarlett. — Eu não sei o que você está tentando fazer, mas não é nada engraçado.

— Não é para ser. Se você estivesse lá na noite passada, teria visto e entendido.

— Ontem à noite foi o início do Caraval — Scarlett argumentou. — Tudo o que aconteceu naquele salão de baile foi só um jogo. Você sabe disso.

— Scar, eu sei o que é o Caraval. — E Tella sabia o quão absurda ela soava. Era capaz de ver naquele momento que fora um erro contar à sua irmã sobre as cartas – a história soava muito próxima da própria história de Scarlett. Mas Tella tinha o Oráculo, ela poderia provar o que estava dizendo, e talvez fosse a hora de sua irmã ouvir a completa – ou quase completa – verdade. — Isto é diferente, Scar. E

não tem apenas a ver comigo, envolve nossa mãe...

— Não. — Scarlett grunhiu, sua voz tão afiada que abalou o lustre.

— Nunca é diferente, não importa o quanto você queria acreditar nisso. Eu não me importo o que isso envolve Quando eu joguei, parecia impossível de ser apenas um jogo. Lenda implantou Julian em nossas vidas antes mesmo do jogo começar. Então eu o vi morrer, e eu vi você morrer. E mesmo quando tudo acabou, e eu sabia quais partes foram reais e quais foram mentiras, eu descobri que eu estava errada, que eu rompi com um noivo falso porque eu nunca conhecera o verdadeiro. — A voz de Scarlett se partiu. Tella jurou que

viu as palavras se estilhaçarem no carpete e se espalharem através do chão do palácio enquanto sua irmã finalmente desmoronava.

Tella tinha ido longe demais com ela. Também não queria nada daquilo. Não queria que Scarlett fosse enganada tão profundamente, ou se apaixonasse, acabasse com um coração partido, abalada, confusa. O Caraval era para ter trazido para ambas a liberdade dos medos e confinamentos e casamentos miseráveis.

— Se ajuda, eu também fui enganada. — Tella se levantou de seu assento e se aproximou cautelosamente. Scarlett era mais alta do que Tella, e ainda assim ela aparentava ser pequena e inusitadamente frágil enquanto se curvava na frente da lareira vazia.

— Eu juro que não fazia ideia que o Conde era um ator até depois que acabou. Entretanto, eu ainda sinto muito.

— Eu sei. — Scarlett murmurou. — Não estou chateada com você.

Eu deveria ter reparado sozinha. Não era como se ninguém tivesse me contado que era apenas um jogo. Imagino que seja tarde demais para impedir que você jogue, mas Tella, por favor, seja cuidadosa. — Scarlett olhou para cima abruptamente. — Eu sei que o Caraval pode ser mágico e romântico e maravilhoso, mas os feitiços realizados não são fáceis de ser quebrados, e na metade do tempo eu nem mesmo acho que as pessoas notam que foram enfeitiçadas.

— Scar, se você está certa, e tudo é apenas um jogo, então isso não significa que não há nada com que você se preocupar? A menos que você não acredite de verdade que é apenas um jogo?

— Não é com o jogo que eu estou preocupada — Scarlett disse. — Eu estou pensando no seu coração, Tella. Eu não sei o que está realmente acontecendo entre você esses rumores de noivado, mas eu sei que o Caraval tem um jeito de fazer com que as pessoas se apaixonem, e às vezes elas se apaixonam por pessoas que podem não ser inteiramente reais.

Tella não era tola o suficiente para dizer em voz alta que aquilo nunca iria acontecer com ela. Ela também acreditava que quando garotas vocalizavam sentimentos como aquele em voz alta, elas geralmente estavam desejando que o oposto acontecesse, desafiando o destino a trazer para elas a única coisa que elas alegaram que não queriam.

Contudo, Tella queria o amor tão quanto ela desejava contrair uma doença. Não havia beijos pelos quais valessem a pena morrer, nenhuma alma a que valesse a pena se fundir. Havia tantos jovens rapazes bonitos no mundo, mas Tella acreditava que em nenhum deles poderia ser confiada algo tão frágil, ou valioso, como um coração – especialmente quando o coração dela havia sido condenado pelo Príncipe de Copas a ser quebrado muito tempo atrás.

E mesmo que aquele não fosse o seu destino, ela não estava prestes a se apaixonar por alguém que estava apenas representando um papel.

Claro que ela não poderia dizer nada daquilo para Scarlett naquele momento, não quando Tella podia ver o coração de sua irmã se desintegrando por causa de Julian.

A mesma coisa que ele fizera para ficar com ela foi a mesma coisa que os havia separado. Tella deveria ter tentado com mais afinco fazer com que ele contasse a verdade. Sabia que não era tudo culpa dela, porém ela poderia ter ajudado a prevenir alguma parte daquilo.

— Eu não acredito que seja incorrigível como parece — Tella disse.

— Eu acho que Julian está tão acostumado a mentir que é tudo o que ele sabe fazer. Antes de agora eu não acho que ele já tenha tido alguma razão para mudar. Mas eu acredito que ele te ama; está claro para qualquer pessoa que vê como ele olha para você. Você é luz estelar para a escuridão dele, e se você sente o mesmo por ele, você deveria lhe dar uma outra chance.

— Eu quero acreditar que você está certa — Scarlett disse. — Mas Julian prometeu não mentir para mim no fim do Caraval, e ele não pôde cumprir sua promessa por um dia sequer.

Talla quebrara promessas tão rápido quanto ele, mas aquele momento provavelmente não era uma boa hora para trazer aquilo à tona. E ela não queria fazer as escolhas que eram de Scarlett.

Acreditava que Julian amava sua irmã, mas talvez a vida dele era consolidada em mentiras que ele era incapaz de mudar, e Scarlett merecia mais do que aquilo. Tella esperou que o que quer que ela fizesse, Scarlett não começasse a pensar sobre o Conde novamente.

Ela se empoleirou na beirada da lareira pétrea e branca, próxima à sua irmã.

— Então você planeja ficar somente escondida no palácio a semana toda?

— Eu não sei. — O olhar de Scarlett ficou cada vez mais distante enquanto ela olhava pela janela na direção ao resto do palácio e à cidade além. Sua boca torceu com um pensamento. Então ela inclinou a cabeça, seus olhos absorvendo toda a mobília azul elegante antes de se levantarem na direção do teto, onde uma hóstia de querubins esculpidos assistiam de cima.

— Talvez eu ficarei aqui — Scarlett disse. — Essa suíte é grande o suficiente para construir uma outra suíte aqui dentro.

— O que me lembra — Tella disse. — Como você *entrou* aqui?

Um pouco do sorriso de Scarlett voltou.

— Eu posso ter jogado um vaso no meu quarto na noite passada e acidentalmente ter aberto uma entrada para um túnel escondido. — Ela atravessou até a segunda lareira e correu a mão na extremidade da prateleira até algo fazer um clique. O cheiro de teias de aranhas e segredos cobertos de fuligem se moveu pelo ar e vários tijolos se movimentaram ao mesmo tempo.

— Isso é brilhante! — Tella bateu palmas.

O rosto de Scarlett se iluminou.

— Se você quiser, eu posso mostrá-los a você.

Tella certamente estava curiosa. Porém, da janela mais próxima ela era capaz de ver que as cores da lado de fora mudaram. Todos os marrons mudaram para tons promissores de bronze. Um adeus final antes do sol ir embora. Em breve a noite faria sua aparição; uma nova constelação de Lenda se materializaria no céu. O Caraval iria começar mais uma vez, e Tella não queria estar atrasada.

De acordo com o que Jacks tinha dito na noite anterior, e também com o que Tella suspeitava, a primeira pista que ela recebera, a qual falava de uma região que provia promessas de tanto fé quanto magia, a fizera pensar que a segunda pista seria encontrada no Distrito do Templo. Tella ainda não tinha visto aquela parte da cidade ainda, mas ela sabia que era mais ampla do que o Quarteirão do Tempero e do que o Distrito Satine juntos. Poderia levar a noite toda na busca.

— Talvez você possa me mostrar mais tarde — Tella disse. — É quase pôr-do-sol, eu deveria estar saindo.

Tella não tinha nem mesmo dito a palavra *Caraval*, mas como se ela

tivesse dito, o sorriso de Scarlett desapareceu.

Tella alcançou a mão de Scarlett. Era difícil o suficiente deixá-la quando Tella sabia que sua irmã estava sofrendo; a última coisa que ela queria era que Scarlett se preocupando com Tella estivesse no topo da lista.

— Eu sei que você não confia no meu julgamento agora. Porém, eu sei quais partes são apenas um jogo...

Scarlett a interrompeu com um suspiro.

— Não é que eu não confie em você. Eu não confio em Lenda, ou em qualquer um que trabalhe para ele, e eu acho que você é esperta de fazer o mesmo. Pelo menos se lembre das histórias que Vovó Anna contou para nós.
— Lenda gosta de ser o vilão.

Tella sorriu.

— Como eu poderia esquecer? Essa era sempre minha parte favorita.

Entretanto, não poderia ser verdade se tratando daquele jogo. Se Lenda era realmente o vilão então havia apenas uma pessoa possível que ele poderia ser
— *Jacks*.

Tella não queria nem mesmo considerar aquilo, embora ela pudesse imaginar Jacks com uma cartola e vestindo um fraque, segurando uma rosa vermelha enquanto seus lábios se curvavam em um sorriso maldoso. E talvez, se os dedos de Tella não tivessem começado a sangrar na frente de Dante naquela manhã, ela poderia se ver tentada a pensar que Jacks realmente era Lenda, e tudo aquilo era apenas uma brincadeira cruel.

Mas Tella sabia que Jacks era o verdadeiro Príncipe de Copas. Ela sabia daquilo tão profundamente quanto ela sabia que sua irmã seria capaz de desejar que ela voltasse à vida se ela morresse. Tella sentira o poder de Jacks desde o momento em que ele se beijaram.

Era diferente da magia do Caraval. O poder de Lenda brilhavam como sonhos que vinham à vida, enquanto a magia de Jacks era apavorante. Mesmo naquele momento ela a sentia, gradualmente desacelerando as batidas de seu coração.

Batida...batida...batida.

Nada.

Batida...batida...batida.

Nada.

Batida...batida...batida.

Nada.

O tique-taque de um relógio dentro do seu peito.

Tella não queria estar amaldiçoada, e ter de enfrentar a possibilidade da morte. Mas ela queria salvar sua mãe, queria vê-la novamente em carne e osso, descobrir quem ela realmente era e por que ela havia partido. E se Jacks era Lenda ou um dos atores dele, aquilo nunca aconteceria.

Jacks não poderia ser Lenda. Mas se ele fosse, então Lenda era um vilão muito pior do que Tella poderia ter imaginado.

SEGUNDA NOITE
DO CARAVAL

Uma constelação carmesim de estrelas brilhava acima do Templo do Distrito.

Do céu da carruagem de Tella parecia um aglomerado de rosas encantadas em plena floração. Agora que ela estava no distrito, de pé sob as estrelas, toda a imagem era mais difícil de captar. Em vez de ver uma constelação de rosas, as luzes de rubi pareciam gotas de sangue estelar derramado, luz pouco natural no mundo abaixo.

Mesmo sem o misterioso brilho rosa-ouro de cima, o Templo do Distrito teria sido um lugar estranho. Gritos de adoradores, orações sussurradas de pecadores, cantos antigos e um número de pessoas estranhamente vestidas cercavam Tella enquanto ela pisava em um mosaico de ruas desgastadas por tochas altas como pessoas.

Tella não sabia se esta parte da cidade era sempre tão popular ou se as multidões eram apenas por causa de todos que participavam do Caraval e procuravam a segunda pista.

Ela enfiou a mão no bolso de veludo e releu a primeira pista sob o queimar das tochas vermelhas:

*AS OUTRAS PISTAS QUE VOCÊ PRECISARÁ ESTÃO ESCONDIDAS
AO LONGO DA CIDADE; PARA POSSUIR A SEGUNDA, ARRISQUE-SE EM UM LUGAR BONITO.*

A REGIÃO DE VALENDIA JÁ FOI TRÁGICA UM DIA, MAS AGORA PROMETE FÉ E MAGIA.

A descrição definitivamente se encaixava no Templo do Distrito, onde todos os tipos de religiões e crenças interessantes eram praticadas, mas

poderiam ter sido aplicadas a quase todas as casas de adoração.

Tella passou por imponentes tabernáculos, missões antigas e balneários frescos onde os visitantes podiam se lavar em espíritos santos – ou pelo menos essas eram as alegações.

Em Trisda, a religião era sem ornamentos e simples. As pessoas rezavam para santos específicos para o que eles queriam e pediam perdão aos sacerdotes escrevendo seus pecados no papel que as mulheres e homens santos queimariam. Mas aqui, Tella não tinha certeza se as pessoas estavam realmente adorando ou se apresentando.

Ela ouviu que as pessoas podiam praticar qualquer fé que quisessem desde que eles permaneceram dentro das fronteiras do distrito. Mas apenas algumas das religiões parecia que eram verdadeiras religiões em poderes superiores. Muitas das práticas espirituais que Tella observou pareciam mais com espectáculos para emocionar e atormentar turistas em voluntariamente esvaziar seus bolsos.

Antes de chegar, disseram que havia até uma Igreja de Lenda, que parecia o lugar mais óbvio para procurar a próxima pista.

Infelizmente, a igreja de Lenda foi escondida da vista visível. Achar era supostamente para ser como um jogo. Tella pode não ter se importado se ela estivesse em sua máxima força, mas suas pernas estavam mais trêmulas do que deveriam, e sua respiração era um pouco superficial.

Enquanto ela procurava rua após rua, Tella viu igrejas dedicadas a cada elemento.

Os adoradores do fogo eram seus favoritos; eles dançaram na frente de seu templo com paus feitos de chamas. Ao lado havia uma igreja formada por cachoeiras, que corria sobre estátuas de tritões e sereias que as pessoas jogavam conchas antes como oferendas. De lá, Tella passou por uma fileira de tabernáculos dedicados às várias Moiras.

Essas estruturas em ruínas pareciam mais antigas que as demais.

Algumas eram apenas ruínas, remanescentes dos dias em que as Moiras ainda governavam. Poucas pessoas atualmente adoravam as Moiras, embora houvesse um grande grupo reunido em frente ao Santuário da Senhora da Sorte, todos vestidos com elaborados bonés de penas verdes e volumosas capas.

Mas não importava o quanto Tella procurava, ela não via nenhum símbolo do Caraval.

Não há rosas – além daquelas no céu. Sem corações negros. Não há cartola.

Embora houvesse pessoas fantasiadas – ou “roupas religiosas”, como ela ouvira os outros chamarem. Enquanto Tella empurrava seus membros cansados para continuar, ela viu capacetes com chifres para aqueles que homenageavam os antigos deuses guerreiros, e colares feitos de ossos para aqueles que adoravam a Morte. Ela não sabia se ela precisava de roupas diferentes para o seu destino, mas parecia que o que ela não possuía poderia ser comprado de um dos carrinhos na rua.

— Você gostaria de um capuz fantasma? — Alguém chamou. — Mantém longe os demônios. Apenas três cobres.

— Ou se você preferir conhecer os demônios, temos contas de depravação! — chamou seu parceiro. — Apenas um cobre.

— O que faz você pensar que eu estou interessada em demônios? — Tella brincou.

O vendedor deu um sorriso de dentes perdidos.

— Você está aqui. As pessoas afirmam que eles buscam nessas ruas por salvadores, mas isso raramente é o que eles encontram.

— Então, suponho que é bom que o homem que estou procurando nunca tenha reivindicado ser um salvador. — Tella soprou um beijo para o vendedor e mergulhou mais longe na queda de ansiosos turistas, comerciantes gananciosos e entusiastas Valendans participando do Caraval. As pessoas nas ruas eram mais grossas do que larvas na morte, exceto no trecho da estrada de marfim em frente ao Templo das Estrelas.

As pernas de Tella desaceleraram um pouco. Ela sabia que não podia parar, mas foi aflitivamente tentador. Este foi de longe o mais bonito dos templos. Um bastião de pedras brancas como vestes de deusa e sacrifícios inocentes. Mas Tella sabia que o interior do templo estava longe de ser puro ou sagrado.

As estrelas supostamente caminharam na Terra muito antes das Moiras, há tanto tempo atrás que elas eram mais lendas do que qualquer outra coisa. Mas as pessoas sussurravam com verdadeira crença de que não importa como eles

olhassem para o céu, as estrelas não eram criaturas angélicas feitas de luz e poeira de anjo.

Alguns disseram que as estrelas eram aquelas que criaram as Moiras, que muitos afirmavam que tornavam as estrelas os seres mais cruéis de todos.

No entanto, ainda havia aqueles que voluntariamente se juntaram à congregação acreditando algum dia as estrelas retornariam e ricamente recompensariam todos aqueles que as seguiram. Tella tinha ouvido as pessoas mais ricas dizimando coisas como seu livre arbítrio, sua beleza e seus filhos primogênitos por uma chance de se tornarem membros.

— Se você quiser entrar, precisará das roupas certas! — alguém gritou através do caminho. — Nós vendemos bainhas de acólito por apenas cinco cobres.

— Você não quer se juntar a esse templo, não quando eu posso lhe oferecer algo melhor a um preço menor! — gritou outro comerciante.

Sua voz era familiar. Tella se virou e prontamente desejou que ela não tivesse.

Julian, vestido com trajes de mercadores verde-alexandrita, estava com os braços abertos, chamando a atenção atordoada de Tella para uma série de altares com homens amarrados a eles, sorrisos gelados em seus lábios brancos e olhos no céu rubi como se fossem os mais dispostos sacrifícios.

— Julian, o que você está fazendo? — Tella gaguejou.

— Minhas desculpas, senhorita adorável, já nos conhecemos antes?

— Ele a estudou como se ele nunca tivesse a visto.

Tella sabia que ele estava fazendo o papel que ele foi designado para o Caraval.

Mas ainda era perturbador ver seu olhar ficar ganancioso, como se ela fosse um cordeiro que ele queria pastorear para o caminho errado.

— Eu não me lembro de você — ele ronronou. — Mas você é bonita, então eu vou te dar um acordo. Você pode sentir o mesmo êxtase que meus amigos amarrados por apenas quatro cobres — Ou você pode reparar seus pecados de graça. — Uma mulher em um capuz branco deslumbrante chamou a atenção de Tella para longe desta versão alarmante de Julian, e em direção a outro local desconcertante. Ela apontou para uma série de gaiolas e estoques, cheirando a suor e arrependimento e corpos não lavados. Essas

peessoas não pareciam tão dispostas quanto os sacrifícios de adoração do céu de Julian. E Tella não estava procurando por redenção ou reparação; ela queria encontrar Lenda.

— Você provavelmente não deveria encarar, ou eles vão aceitar isso como um sim e enfiar você em uma dessas prisões também.

Tella se virou para ver Dante, em frente a uma fonte do Trono Sangrante.

Ele apoiou um cotovelo encamisado contra uma porta de prata manchada, a cor do sonhos desiludidos e más decisões. Ou talvez ele fosse o único que parecia uma má decisão.

No Baralho do Destino, as Estrelas Caídas eram sempre retratadas como deuses enganadores ou deusas em cintilantes capas douradas e finas bainhas brancas. Mas quando Tella olhou para Dante, coberto de tons escuros de tinta preta que se misturavam à noite, imaginou que as imagens nas cartas poderiam estar equivocadas. Ouro brilhava não importa o que, mas poucas pessoas podiam fazer a escuridão brilhar como ele faz.

— Você precisa parar de me seguir — disse Tella.

— Talvez eu esteja realmente ajudando você. — Ele endireitou a gravata preta fresca em volta do pescoço enquanto seu olhar se fixava na porta atrás dele, pousando em um símbolo de Caraval gravado no topo da maçaneta de bronze.

A entrada para a Igreja de Lenda.

— Eu teria encontrado por conta própria — Tella bufou.

— Claro que você teria. — Dante continuou diretamente na frente da porta, sorrindo um pouco demais quando Tella se aproximou.

— Não foi você quem disse que vê as garotas da mesma maneira que vemos vestidos de festa, só para ser usado só uma vez?

— Claramente eu vejo você um pouco diferente. — Ele pegou um de seus errantes cachos e os enrolou em torno de um dedo tatuado, a rosa negra na parte de trás da sua mão girando até ficar vermelha sob a luz das estrelas rubi. Com cada virada ele a puxava para mais perto. Ele tornou fácil ignorar suas pernas doloridas e coração agonizante. Ele torceu o cabelo em volta do dedo da mesma maneira que ela imaginou que ele queria envolvê-la em torno de seu dedo.

Como se ela fosse deixá-lo.

Arrogante. Confiança excessiva. Vaidoso. Impossível. Ela odiava o jeito que ele se recusava a deixá-la sozinha, como ele levou seus insultos da mesma maneira que outros meninos poderiam dar um elogio, e que seu interesse por ela era claramente apenas parte de sua função. E ainda assim ela nunca conseguia afastá-lo.

— Se você está aqui para aprender sobre Lenda — ele disse. — Eu posso te dizer mais do que qualquer um lá dentro.

— Você poderia me dizer quem ele é? — Tella perguntou.

— Você sabe que eu não posso fazer isso.

— Você poderia se você fosse Lenda.

A voz de Dante roncou com uma risada.

— Se eu fosse Lenda eu definitivamente nunca lhe diria.

— Porque você não confia em mim?

— Não — ele respondeu lentamente, puxando-a ainda mais perto. — Eu seguraria meu segredo, porque eu gostaria de continuar jogando com você, e se eu dissesse você a verdade estragaria toda a diversão.

Seus olhos ficaram presos aos dela, como se houvesse algo não dito que ele estava tentando dizer. Se outro menino tivesse olhado para ela desse jeito ela poderia ter se sentido momentaneamente especial.

As pessoas raramente se olhavam nos olhos por períodos prolongados de tempo. Havia algo quase mais íntimo sobre isso do que tocar.

Quando Dante olhou nos olhos de Tella, ele não estava assistindo o resto do mundo.

Ele não estava cuidando de si mesmo. Ele estava arriscando parte da sua pessoa para se concentrar apenas nela.

Tella se perguntou se esse era o verdadeiro fascínio do Caraval, não a magia ou o mistério, mas a forma como os jogadores de Lenda sabiam como fazer as pessoas se sentirem.

Durante o último jogo, Julian tinha constantemente empurrado Scarlett para fora de sua zona de conforto. Dante estava fazendo a mesma coisa com Tella, mas em vez de empurrar, ele estava puxando-a para ele, tentando puxá-la para sua esfera intoxicante fingindo que ele se importava, e que ele não queria apenas ela, mas uma parte dele precisava dela. Ela sentiu isso da maneira sutil que ele segurava sua respiração enquanto ele esperava por sua

resposta.

Foi aterrorizante como uma coisa tão pequena poderia segurar tanto poder.

Ele definitivamente era bom em seu trabalho. Ela sabia que ele estava apenas atuando. Que ele realmente não se importava ou precisava dela. E ainda assim ao invés de passar por ele para a Igreja de Lenda ela se viu querendo jogar com ele por um pouco mais de tempo.

— Então, se você fosse Lenda e nós fossemos parceiros, você estaria me ajudando a ganhar ou a sabotar meus esforços?

— Definitivamente ajudando. — Dante começou a destorcer o cabelo dela, deixando o seus dedos quentes escovar o pescoço dela, e depois os deixando em seu pulso enquanto ele sussurra: — Mesmo que eu não fosse Lenda, eu gostaria que você ganhasse.

Ele manteve os olhos nos dela como se houvesse algo mais que ele precisava dizer, e assustou Tella o quanto ela queria ouvir, mesmo que ela não acreditasse. Ela realmente não acreditava que Dante fosse Lenda também. Tão divertido e inteligente quanto Tella era, assim eram inúmeras outras garotas, e ela imaginou que o mestre do Caraval tinha coisas melhores para fazer do que seguir qualquer uma delas por perto.

E, no entanto, ela não podia ignorar completamente a ideia, porque, por mais que pudesse doer mais tarde, e tão tola quanto poderia fazê-

la no final, uma parte dela queria que fosse verdade, queria acreditar que algo dentro dela queimava brilhante o suficiente para capturar a atenção incapturável de Lenda.

O coração lento de Tella pulou uma batida com o pensamento. Com os dedos quentes de Dante em seu pulso, ela imaginou que ele sentiu. Seus olhos estavam brilhando mais do que seu sorriso, mas talvez fosse porque ele também podia senti-la começando a ceder a ele, caindo no ato que ele estava inevitavelmente colocando.

— Eu gostaria de poder acreditar em você. — Ela disse isso como uma piada quando ela se inclinou para trás, até que a mão dele caiu do pescoço dela.

Ela começou a alcançar a porta.

Então seus dedos estavam ao redor de seu pulso, puxando-a de volta para ele. Havia algo quase desesperado sobre o modo como ele a segurava.

— E se eu te dissesse a verdadeira razão para este jogo? Você acreditaria que eu queria te ajudar então?

— Dante, eu nunca acredito em nada do que você diz.

— Mas você lembra bem minhas palavras para repeti-las.

Tella não respondeu, o que ele aceitou como um convite para continuar.

— Você sabe como Lenda ganhou sua magia?

— Eu pensei que veio de um desejo, um desejo impossível que todos nós supostamente temos, se quisermos algo suficiente. — Ela disse com ceticismo.

Embora sua irmã tenha usado o desejo para trazer Tella de volta à vida no último jogo, uma parte de Tella sempre duvidou que a magia épica de Lenda veio de algo tão simples. E talvez Tella gostasse do jeito que Dante respondia quando ela o desafiava, a maneira como seus olhos brilhavam e seus dedos apertavam ao redor de seu pulso, como se ele não planejasse deixá-la ir até que ele tivesse a última palavra.

— Todo mundo tem um desejo — disse Dante. — Mas cada desejo precisa de magia para o ajudar. E Lenda queria especialmente magia poderosa. Então ele procurou a bruxa que amaldiçoou as Moiras.

— Como ele a encontrou?

— Em uma terra distante. Se Lenda quer alguma coisa, ele vai além dos fins desta terra para isso. — O tom de Dante era intencionalmente indigno de confiança, como se estivesse dizendo uma história mítica para uma criança, e ainda assim a mão em torno de seu pulso ficou mais quente com cada palavra. Ele continuou falando com o mesmo tom de demônio, mas o peso do que ele disse era mais pesado do que qualquer outra coisa que ele disse a ela naquela noite.

— Quando a bruxa que Lenda visitou baniu as Moiras, ela levou metade de sua magia, de modo que, mesmo que as Moiras retornassem, elas não teriam o mesmo poder de antes. Foi essa magia que ela usou para o desejo de Lenda. Mas ela avisou Lenda que se as Moiras conseguissem quebrar sua maldição, elas matariam para recuperar sua magia. Acho que essa era a maneira dela de garantir que as Moiras nunca voltassem. A bruxa sabia que, para manter seus poderes para sempre, Lenda teria eventualmente que destruir as Moiras, ou ser destruído.

Dante ficou perto o suficiente para sussurrar enquanto terminava. Ele não mencionou Jacks, mas ele não precisava. Tella não pôde deixar de acrescentar o que ela já sabia sobre as Moiras ao que Dante acabara de dizer. As peças se encaixam muito bem para não colocá-las juntas.

Ela aprendeu com Jacks que as Moiras tinham sido todas presas em um baralho de cartas. Se havia alguma verdade no que Dante disse, metade dos poderes das Moiras também haviam sido tomados, o que possivelmente explicava por que Jacks queria Lenda.

Talvez Jacks tivesse escapado das cartas, mas ele não estava em seu poder total, então ele precisava pegá-los de volta.

Jacks fez parecer que as outras Moiras ainda estavam presas. Mas Lenda deve ter sabido que o Príncipe de Copas estava livre. Para Lenda, isso provavelmente foi o suficiente para fazê-lo decidir que era hora de destruir todas as Moiras.

Durante séculos as Moiras foram trancadas, mas agora elas querem sair e jogar.

Se eles recuperarem sua magia, o mundo nunca será o mesmo, mas você pode ajudar a parar-los vencendo o jogo.

Tella sacudiu a cabeça. Isso era exatamente o que Scarlett tinha avisado a ela que aconteceria. Ela disse que Tella seria incapaz de dizer a diferença entre as partes que eram reais e as partes que eram apenas um jogo.

Tella sabia que Jacks era real. Mas foi uma loucura começar a acreditar que o jogo era real também.

Tella deslizou seu pulso do aperto de Dante.

— Obrigada por essa interessante história.

— Espere, antes de você...

Dante cortou.

Tella ficou tensa, com medo que ela começasse a sangrar de novo, mas os olhos de Dante não estavam nela. Ela olhou por cima do ombro, para onde o olhar dele tinha desaparecido abruptamente.

Ela pensou ter visto Jovan. Só que em vez de estar vestida como Jester Mad, como na noite anterior, ela estava envolta em um manto.

Ele girou em torno de seus tornozelos enquanto ela se afastava.

Dante se virou para Tella, rapidamente enfiou a mão dentro da jaqueta e puxou um par de luvas pretas até o cotovelo.

— Se você não aceita minha ajuda, ao menos leve isto. — Ele apertou em um dos botões de pérola que revestem as luvas.

Clique.

Clique.

Clique.

Clique.

Clique.

Cinco navalhas afiadas saltaram das pontas dos dedos.

— Você está me dando luvas com lâminas de barbear?

Tella sentiu de repente aliviada que os dedos de Dante não estavam mais nela rapidamente aquecendo a pele, as palavras de Scarlett voltaram rapidamente: *“Luvas são um presente simbólico... relacionado com pedir a mão de uma menina em casamento... a maneira de um jovem dizer que ele vai cuidar de uma garota, dando luvas para proteger as mãos.”*

A pele de Tella ficou ainda mais quente quando as navalhas brilharam à luz das tochas. Dez pequenas promessas de proteção. Mas Tella sabia que Dante queria se casar com ela tanto Jacks queria. Ele provavelmente só roubou as luvas quando estava saindo de Minerva, de uma garota que por acaso tinha os mesmos braços e dedos que Tella.

— O que você quer em troca por elas?

— Talvez eu só queira ter certeza de te ver novamente. — Dante pressionou as pérolas mais uma vez para recolher as lâminas antes de dobrar as luvas em suas mãos.

Então o bastardo impossível estava se afastando.

Ele foi na mesma direção que a figura encapuzada que parecia Jovan. Tella estava meio tentada a segui-lo, mas provavelmente era isso que Dante queria – distraí-la de entrar na Igreja de Lenda e encontrar a próxima pista.

Tella voltou para a porta, mas o símbolo do Caraval havia sumido, desapareceu como mágica, o que pareceu mais uma confirmação de que ela estava no lugar certo.

As experiências religiosas de Tella em Trisda podem ter sido limitadas a desesperadas orações e contrabando de cartas através do pequeno confessionário do padre, mas como ela entrou na Igreja de Lenda, ela poderia dizer instantaneamente que isso não era um local comum de adoração.

— Bem-vinda. — Uma menina de pele escura em uma delicada cartola cumprimentou Tella com um reverência feita de olhos estreitos e babados vermelhos. Tanta babados vermelhos. Tella sabia que Lenda favorecia o vermelho, mas essa garota parecia desesperada.

Babados vermelhos envolviam seu vestido de platina como uma listra em uma bengala de doces.

— Parabéns por encontrar a nossa porta, mas agora você deve escolher com cuidado se você quiser entrar na igreja.

A garota balançou um braço de babados e vários candelabros brilhantes despertaram para vida, iluminando mais de uma dúzia de conjuntos de escadas. Tudo coberto de tapetes de rubi grosso, eles se contorciam em todas as direções, para cima e para baixo e de um lado para o outro, como veias de sangue escapadas antes de desaparecerem no negro além. Algumas escadas pareciam mais desgastadas do que as outras, mas todas elas brilhavam com a mesma luz de carvalho, insinuando um brilho que há muito esmaecia.

— Apenas um deles vai levá-la para onde você deseja ir — disse a garota.

— E onde os outros vão me levar?

O sorriso carmesim da garota pingava nos cantos.

— Isso é um mistério que você deve arriscar se você quiser se juntar à nossa congregação e servir ao grande Lenda.

Tella não queria se juntar a nada, ela definitivamente não tinha planos de servir Lenda, e ela realmente não sentia vontade de subir ou descer escadas,

mas ela tinha ouvido que encontrar a igreja deveria ser como um jogo.

Tella examinou as escadas de rubi novamente. Cada um possuía uma personalidade diferente, como os saca-rolhas lúdicos dourados à sua direita. Depois havia o estojo aventureiramente entalhado que se estendia à frente como se fosse uma ponte para uma terra de fantasia. As escadas frágeis à sua esquerda pareciam indignas de confiança, assim como o ferro forjado torcido sem corrimão que ela iria tentar. Por fim, os olhos de Tella caíram sobre uma luxuosa caixa de mármore preto, polida com um brilho espelhado e coberto por um tapete vermelho profundo e intocado. Eles pareciam descer em vez de subir. Tella tentou ver para onde os olhos da outra menina dispararam, curiosos sobre qual caminho que ela escolheria. Mas seu olhar permaneceu estreito em Tella.

— Decidiu?

Os olhos de Tella voltaram para a luxuosa caixa de mármore com a granada intocada no tapete. A expressão da garota não mudou, mas ela jurou que seus ombros endureceram. Ela não queria que Tella desse aqueles passos e Tella tinha a sensação de que não era porque essa garota temia por sua segurança.

— Tem certeza de que não preferiria escolher outro conjunto? — Perguntou a garota.

— Acho que vou gostar do que eu encontrar no final disso.

A garota riu, mas soou forçada quando Tella entrou na imaculada escadaria de mármore preto e deu seu primeiro passo para baixo.

A escada de mármore não se parecia muito com Lenda, mas Tella sentiu que estava tentando. Com cada lance de escada o ar ficava mais frio. Velas na parede se apagaram, enquanto misteriosas manchas pretas apareceram no tapete uma vez imaculado e o suave corrimão, imitando gotas de sangue seco. Mas Tella tinha visto bastante sangue real para saber como ele geralmente caía e a cor que ficava quando secava. Sem sangue aqui, uma ilusão.

Apenas no caso, Tella tirou as luvas de ponta de Dante. Elas cheiravam a ele, como tinta e segredos. Mas, ao contrário de Dante, elas eram frescas ao toque enquanto as deslizava, gostando do peso delicado das lâminas escondidas nas pontas dos dedos.

Depois de mais alguns passos, ela roubou uma vela cerosa de um

candelabro. Por trás disso, buracos perfuraram através da parede, então pedaços de vento seco podiam fazer as luzes tremeluzirem.

Pelo menos eles eram espertos aqui. No entanto Tella se arrependia de usar tal vestido pesado enquanto as escadas ficaram mais íngremes. Os buracos de vento nas paredes desapareceram em seguida, coberto por retratos densamente emoldurados – todos homens jovens, com cartolas.

No começo, ela se perguntou se esses eram os membros da igreja, mas os rostos eram todos muito bonitos e um pouco maldosos demais. Lenda.

Não fotos reais dele. Ninguém sabia ao certo como ele era, mas claramente os membros da igreja haviam tentado render-se a ele.

Tella viu tons de pele variando de branco translúcido a tons escuros de marrom. Alguns rostos eram estreitos e afiados como palavrões; outros eram quase querubicos em suas curvas ou seráficos em suas bordas esculpidas. Alguns rostos estavam com cicatrizes, alguns sorriam, enquanto outros olhavam com raiva. Os batimentos cardíacos de Tella pararam completamente quando ela viu um rosto estreito que lembrava Jacks, com olhos azul-prateados e cabelos dourados. O retrato final piscou, como se tudo fosse uma ótima piada.

Talvez tenha sido. Talvez Lenda estivesse brincando com ela mais uma vez, e as escadas continuaram para todo o sempre e sempre. As pernas letárgicas de Tella se transformaram em líquido no pensamento.

Talvez não houvesse maneira de encontrar verdadeiramente Lenda, e a igreja representava uma busca sem fim por um homem que era inescrutável.

Ou talvez Tella estivesse sendo dramática.

Uma luz mais brilhante iluminou as escadas abaixo, deixando claro que havia um final à vista. Tella empurrou a lanterna em um candelabro vazio e acelerou o passo.

Alguns passos mais tarde, notas de música tocantes soaram – um violino estridente, cimbalom e um banjo. Tella não teria dito que a música era bonita, mas era apenas a combinação certa de estranho e atraente, combinando com a taverna que encontrava-se no fundo.

Ela esperava mais vermelho, mas em vez disso tudo era verde, brilhando como mágica de maturação. Tella não se sentia mais cansada enquanto respirava fundo, como se o ar fosse tão inebriante quanto as bebidas servidas

pela taverna.

Lâmpadas de querosene verde-escuras iluminavam mesas de vidro verde-menta pálidas, enquanto sofás verdes de veludo protegiam as pessoas que chupavam cubos brilhantes de açúcar verde ou bebiam frascos de líquido vívido. Até o chão estava coberto de minúsculos azulejos esmeralda, o que lembrava Tella da cauda de sereia. Isso não era nada parecido com as tavernas de Trisda, que só chegavam em sombras sem graça e cheiravam a sonhos frustrados e rum barato. Não era bem como os pubs do Caraval, mas foi uma tentativa interessante com sua música peculiar e bebidas verdes brilhantes, beirava o tipo de surreal que fez Tella imaginar que poderia ter sido um Destino retratado nos Baralho do Destino. *Taverna Esmeralda*, ela teria chamado. Onde respostas para perguntas perigosas poderiam ser encontradas. Havia o cartão em branco no baralho, e Tella pode ter se perguntado se esse bar era talvez a Moira que não havia sido cancelada. Mas apesar de todo seu brilho, uma vez que Tella olhou mais de perto, ela achou que parecia mais glitter fingindo ser uma poeira estelar.

Parecia que até mesmo os degraus que ela tinha visto ao entrar não eram tão perigosos como a menina dos babados queria que Tella pensasse, mas apenas um teste como Tella tinha sido avisada. Entre as mesas, o bar e as balconettes flutuantes, Tella viu as extremidades de todas as outras escadarias – cada conjunto levava ao mesmo lugar. Como Caraval, parecia que esta igreja estava cheia de ilusões, e claramente seus membros gostavam delas.

Os patronos da taverna pareciam ter viajado por todo lado. Enquanto ela tecia mais fundo, os ouvidos de Tella captavam insinuações de línguas diferentes, enquanto seus olhos viam cores de pele que iam do claro ao escuro. As escolhas de moda também eram variadas, mas quase todo mundo tinha uma coisa em comum: cartolas.

Tella não tinha ideia se as pessoas usavam porque adoravam Lenda ou queriam ser ele, mas quase todas as pessoas no bar tinham uma.

Alguns chapéus eram robustos, outros eram retos, outros curvados ou propositalmente fora de forma. Alguns tinham penas, véus ou outros pedaços de adornos insolentes. Tella até viu uma cartola com chifres saindo dos lados, e uma jovem tinha dois chapéus cor-de-rosa em miniatura que saíam da cabeça como orelhas.

Talvez essa tenha sido a verdadeira razão pela qual Dante fugiu ao invés de seguir ela. Talvez ele estivesse com ciúmes de todas as pessoas que tão abertamente adoravam Lenda. Não que Tella devesse estar pensando em Dante, ou imaginando o que ele teria dito se estivesse ali com ela.

Tella olhou além de toda a alegria, procurando onde uma pista poderia estar escondida, até que seus olhos pousaram em uma fila de pessoas. Eles se alinharam na frente de um par de cortinas de veludo preto margeadas por vistosas borlas douradas. Mais uma vez, foi um pouco berrante demais, um toque muito descarado para realmente se sentir como Lenda.

Parecia mais a maneira como as pessoas o viam, uma imagem que acreditava que ele estava feliz em perpetuar. No último Caraval, Caspar, o ator que fez o papel de Lenda, fez uma performance que tinha sido deslumbrante. Mas Tella não imaginou que o verdadeiro Lenda fosse assim.

Embora Tella não tenha descoberto a verdadeira identidade de Lenda, ela recebeu cartas dele. As mensagens vieram sem adorno; uma continha apenas uma única frase, e ainda assim ela sentiu sua magia pulsando através dessas palavras simples.

Por mais sedutora que a Igreja de Lenda fosse, Tella imaginou que tinha Lenda todo errado. Caraval poderia ter sido extremo em todo o seu esplendor, mas ela não achava que ele era.

No entanto, ela se viu aproximando-se das cortinas de franjas. A linha em frente a eles zumbia com sussurros ansiosos, muitas mãos apertando gravatas, beliscando as bochechas para dar cor, e alisando cartolas. Embora, ao contrário do resto da taverna, parecia que nem todo mundo usava uma cartola, dando a Tella a impressão de que essas pessoas não eram membros da igreja, mas jogadores em busca da próxima pista. Tella se aproximou da frente da linha, não querendo esperar no final, nem pensando que é sensato tentar entrar sem esperar nada.

— Com licença — ela perguntou a uma garota que usava um fascinador de penas com um véu vermelho sobre os olhos. — O que todo mundo está esperando para ver atrás da cortina?

— Se você não sabe, então talvez você não pertença aqui.

— Ignore-a — disse o garoto magro ao seu lado. Vestido um pouco mais casual do que o resto, em uma camisa sem colarinho e um par de calças soltas

listradas de cinza segurada por dois suspensórios vermelho-cereja. — Minha irmã esquece que estamos apenas jogando um jogo, e fica um pouco competitiva demais.

— Está tudo bem — disse Tella. — Minha irmã, Scarlett, acha que sou do mesmo jeito.

Os olhos do garoto esguio se arregalaram e Tella jurou que a garota com o chapéu de véu inalou agudamente.

— Você disse Scarlett, como a Scarlett que ganhou o último jogo?

— Ah, minha irmã e eu não jogamos o último jogo — disse Tella. Mas ela fez a voz dela tremer o suficiente para incutir um pedaço de dúvida. Foi um risco para a verdadeira identidade dela, mas o Caraval não foi vencido jogando seguro. E parecia já estar funcionando.

O garoto magro deu um passo para trás, olhando de forma mais protetora para Tella enquanto ele abria espaço para ela se juntar a eles na fila.

— Eu sou Fernando, esta é minha irmã, Patrícia, e este é nosso amigo, Caspar.

Tella tentou esconder sua surpresa quando um intérprete familiar alcançou a mão dela.

— É um prazer conhecê-la. — Caspar tratou Tella da mesma forma que Julian tinha, como se eles nunca tivessem se cruzado antes. Não foi bem enervante quanto o desempenho perturbador de Julian. Mas ainda tirou Tella do equilíbrio, fazendo-a sentir como se talvez Caspar realmente fosse um estranho, afinal.

Caspar fingiu ser seu noivo, assim como Lenda na última performance, mas agora ele usou um sotaque musical que Tella nunca tinha ouvido dele. Ele também mudou as roupas elegantes que ele favoreceu durante o último Caraval para um conjunto robusto semelhante ao traje de Fernando.

— Caspar é quem nos disse que o homem que começou esta igreja está no outro lado da cortina — disse Fernando.

— Este homem também é um especialista nas Moiras — cortou Caspar suavemente.

— Ele sabe sobre o objeto que precisamos encontrar, aquele capaz de destruí-las — acrescentou Fernando.

Patrícia fez uma demonstração de revirar os olhos.

— Você continua esquecendo que isso é só um jogo. O objeto é apenas um item simbólico necessário para vencer. Lenda não quer realmente destruir as Moiras. Elas já foram banidas. Quando você fala assim, você parece um idiota.

As bochechas de Fernando se avermelharam.

Tella concordou com a avaliação de sua irmã, mas ela não gostou do jeito que a garota estava fazendo questão de envergonhar seu irmão.

Na frente deles, um casal deu um passo atrás da cortina de borla.

Fernando e sua irmã foram os próximos. Mas toda a tontura de Fernando se foi. Ele agora estava olhando para os ladrilhos verdes no chão enquanto Patrícia olhava para Caspar para aprovação, como se ela tivesse dito algo muito inteligente. Para seu crédito, Caspar não a encorajou. Mas Tella decidiu levar as coisas um passo adiante.

Irmãos eram supostos a apoiar uns aos outros, não dilacerar uns aos outros.

— Eu acho que você está errada. — Ela dirigiu cada palavra em direção a Patricia, falando rapidamente para que a menina não pudesse interromper com nenhum suspiro ou revirar os olhos.

— Lenda nunca realizou dois Caravals tão próximos. Especialistas no jogo estão dizendo que é porque esse é real. Se você prestar atenção, você se sentirá isto. A magia no ar não é apenas de Lenda – é as Moiras, tentando voltar. Mas a única maneira de fazer isso é pegando o poder de Lenda.

As sobrancelhas de Caspar se arquearam em surpresa, seus olhos perfuraram Tella com um olhar que a fez sentir como se tivesse acabado de derramar um segredo que ela não deveria conhecer.

— Onde você ouviu tudo isso?

— Eu ouvi algo parecido — disse Fernando. — Mas me disseram que se Lenda conseguir destruir as Moiras, ele não vai apenas manter seu poder, ele vai tomar todos os seus poderes também.

Dante não mencionou essa parte. Não que Tella tivesse decidido acreditar em sua história. Mas era difícil ignorar a maneira como o rosto de Caspar se transformara em um osso de ferro.

— E se os poderes das Moiras tiverem algo a ver com o misterioso prêmio final? — Patrícia interveio, falando com o tipo de confiança que era

impossível dizer se a pressão do grupo havia a feito mudar de ideia, ou se ela não queria ficar de fora da conversa. — Talvez Lenda dará ao vencedor um dos poderes das Moiras. Eu acho que eu pegaria a Rainha dos Mortos-Vivos. Ela nunca envelhece.

— Nenhuma das Moiras envelhece — disse Tella, Caspar e Fernando em uníssono.

Agora foi a vez de Patrícia corar.

— Vocês não me deixaram terminar.

— Vá em frente, então — disse Caspar.

Mas aparentemente Patrícia não sabia que o verdadeiro poder da Rainha dos Mortos-Vivos era a capacidade de controlar qualquer tolo o suficiente para prestar serviços a ela. Patrícia ficou em silêncio até Caspar se virar para Fernando. Ele olhou para o outro jovem com um sorriso tão quente que fez Tella se perguntar se ela só imaginou a pele de Caspar ficando pálida.

— E você? — Caspar perguntou. — Qual poder das Moiras você quer?

Fernando brincou com seus suspensórios enquanto parecia pensar nisso.

— Eu provavelmente escolheria a Morte da Donzela.

Tella ficou rígida.

Patrícia ficou boquiaberta com o irmão.

— Você quer matar pessoas?

— Morte da Donzela não mata ninguém — disse Fernando. — Ela é uma das Moiras boas. Ela sente quando a tragédia está prestes a acontecer e ela avisa as pessoas. Eu gostaria de poder fazer isso.

Se apenas Fernando estivesse certo. Na experiência de Tella, a Morte da Donzela selava em vez de impedir as Moiras. Embora talvez as coisas pudessem ter sido diferentes se Tella realmente soubesse o que a Morte da Donzela representava quando Tella a puxou do Baralho do Destino de sua mãe. Então talvez ela poderia ter feito algo para impedir sua mãe de partir.

Caspar virou-se para Tella.

— E você, qual poder você deseja? — Tella poderia ter ficado fascinada com as Moiras, mas ela não tinha certeza se ela queria qualquer um de seus dons terríveis. As Moiras não eram todas ruins; Senhora da Sorte trouxe fama e boa sorte às pessoas, mas dada a natureza caprichosa da sorte, até isso poderia azedar. E enquanto o Oráculo deu a Tella vislumbres do futuro que

ajudaram, também trouxera tristeza após a dor. A Assassina poderia se mover através do espaço e do tempo, mas por mais tentador que fosse esse poder, Tella também imaginou que isso poderia trazer um pouco de loucura.

Seria ainda pior ter todos os poderes das Moiras. Ela podia ver porque alguém como Lenda gostaria deles. Com tanta magia ele poderia governar o mundo. Mas Tella duvidou que Lenda ou o mundo seria melhor para isso.

As cortinas diante deles se separaram novamente, salvando Tella de responder a pergunta como Fernando e Patrícia foram atraídos para dentro.

Tella se virou para Caspar, mas ele já havia fugido, provavelmente fora em busca de outro par para brincar.

Foi provavelmente o melhor. A reação de Caspar à história de Tella a fez questionar coisas que era melhor deixar inquestionáveis. Tella não sabia o que ela encontraria do outro lado da cortina preta de borla, mas se envolvia a próxima pista, ela assumiu que sua cabeça seria ainda mais manipulada. Melhor tê-la em ordem antes dela entrar.

Não havia relógios nas paredes da taverna, apenas espelhos e lanternas, garrafas, e mais tentativas de renderização de Lenda.

Então Tella não sabia por quanto tempo ela esperou, só que pareceu passar muito tempo antes da cortina finalmente se separar mais uma vez e uma voz familiar a chamou para dentro.

Tella sentiu como se tivesse escorregado dentro de uma garrafa de veneno. Como se o resto da taverna, tudo do outro lado da cortina era verde – do piso de vidro até as paredes espelhadas e o trio de poltronas. Verde como ódio amadurecedor, ciúme cru e olhos esmeralda de Armando.

Tella respirou fundo ao vê-lo.

Mesmo que ele nunca tenha estado verdadeiramente envolvido com sua irmã, ela sempre pensaria nele como o vilão que ele interpretou no último jogo.

Esta noite, os olhos verdes profundos de Armando estavam forrados de preto, fazendo com que parecessem pedras preciosas recém-definidas. Seu terno elegante era marfim, exceto pela gravata carmesim amarrada em volta da garganta e a cartola preta na cabeça. O chapéu estava em um ângulo, com uma faixa de cetim vermelho enrolada em torno dele, e algo sobre isso fez Tella imaginar que não era tanto um tributo ao Lenda como um acessório para fazer os jogadores se perguntarem se Armando era talvez o verdadeiro mestre do jogo.

Tella sentou-se suavemente na cadeira vazia em frente a ele, como se apenas a visão do imaculado terno branco de Armando não a fizesse querer apertar os botões de pérola em suas luvas e rasgar suas roupas em pedaços. Mas se ela o fizesse, ele não daria a próxima pista, e se alguém nesta estranha igreja a possuía, ela imaginava que era o diabo em frente a ela.

Sua boca sorriu, mas a expressão não tocou seus olhos, como se fossem apenas outra parte de seu traje. Ao contrário da maioria dos outros artistas de Lenda, Armando não fez nenhuma tentativa de dizer qualquer coisa encantadora. Tornou fácil não gostar dele, era fácil acreditar que ele não estava agindo e que ele era o papel que ele desempenhava.

— Como está a sua irmã?

Tella se arrepiou.

— Eu te disse, nunca mencione ela.

— Ou o que, você vai cavar suas garras na minha bochecha e arranhar meu rosto? — Armando olhou para suas luvas. — Se você sente necessidade de vingança, vá em frente, mas ainda acho que fiz um favor a sua irmã. Ninguém quer ser o único que não sabe um segredo. E ela estaria muito pior se tivesse descoberto a verdade depois desta semana.

— Você poderia ter sido menos desagradável sobre isso.

— Se você acredita nisso, ainda não sabe como esse jogo funciona.

Todos os artistas de Lenda têm um papel a desempenhar, uma pessoa que cada um de nós deveria se tornar durante o jogo – isso é o que realmente move o Caraval para frente, não rimar pistas. Então, sim, Srta. Dragna, eu tive que ser desagradável sobre isso. — Os olhos de Armando se tornaram duros e afiados com cada palavra, como se cada um deles o tornasse mais vilão.

Se Tella pudesse fazer uma aposta, ela teria apostado que ele gostava do papel. Ele tinha interpretado um monstro no último jogo também, e dado a sua falta de desculpas, Tella achou que ele também gostava disso. Foi por isso que ele sempre desempenhou o papel, ou havia algo mais nisso?

Enquanto Tella considerava a pergunta, ela ouviu a voz de Anna repetir uma parte de uma história que ela contou muitas vezes. *A bruxa também avisou que os desejos vêm com custos, e quanto mais ele se apresentava, mais ele se transformava em qualquer papel que ele desempenhava. Se ele agisse como um vilão, ele se tornaria um de verdade.*

Tella sempre se lembrava de sua nana dizendo que Lenda gostava de interpretar o vilão e que isso o transformara em um. Mas essa não era a verdade exata. Lenda se tornou o papel que ele desempenhava, o que significava que ele só se tornaria um vilão se assumisse o papel de um – como Armando fizera.

Tella não tinha considerado isso antes. Ela odiava Armando pelo que ele fez sua irmã passar. Imaginá-lo sendo Lenda, parecia como lhe dar um elogio, e ela não queria dar nada a Armando, a menos que causasse uma quantidade significativa de dor.

— Até você tem um papel nesta performance. — Armando pegou um Baralho de Destino do centro da mesa e começou a embaralhar. — Você pode pensar que o seu é sem roteiro, mas eu posso te dizer que no minuto em que você entrou aqui você pensou em me machucar, você provavelmente ainda está pensando sobre isso agora. Lenda está manipulando você, guiando você em um caminho até que a única escolha restante seja aquela que ele quer que você faça.

— E por que ele faria isso? — Tella perguntou.

— Responda isso e você realmente ganhou o jogo. — Armando colocou seu Baralho de Destino no centro da mesa e fez sinal para que Tella cortasse. As cartas eram douradas com espirais de prata e muito mais grossas do que o normal, como se fossem feitas de pedaços reais de metal – difíceis de destruir, como o futuro que eles previam.

Tella ficou olhando, mas não tocou. Ela pode ter ficado obcecada com os cartas depois daquele dia em que encontrou o baralho de sua mãe, e ela poderia ter se permitido olhar para o Oráculo, mas nunca tirou cartas de um Baralho de Destino para ler seu futuro. Ela manteve essa promessa para sua mãe – e uma vez foi prejudicial o suficiente.

— Acho que vou passar a leitura. Eu não vim aqui para palavras enigmáticas sobre o futuro.

— Mas você quer a próxima pista?

— Eu pensei que você tinha acabado de dizer que as pistas são sem sentido.

— Não, eu disse que o jogo não é realmente sobre as pistas, mas ainda é necessário mostrar às pessoas, como você, o caminho correto.

— Talvez eu olhe para as estrelas e siga as constelações de Lenda em vez disso.

— As constelações ajudam as pessoas a jogar, mas não levam ninguém a vencer, e eu suspeito que você queira vencer. — Armando empurrou o baralho para mais perto do lado de Tella, arranhando a superfície vítrea.

— Por que você se importa tanto com o meu futuro?

— Eu não poderia me importar menos, mas Lenda está muito interessado.

— Eu estou supondo que você diga isso para todos que estão aqui.

— Verdade. Mas eu realmente quero dizer isso para você. — Quando

Armando sorriu dessa vez, iluminou todo o rosto. Seus lábios se separaram em um sorriso perfeito, seus olhos se tornaram um verde deslumbrante, e por um momento Tella imaginou que se ele fosse apenas um pouco mais gentil, Armando teria sido dolorosamente bonito. — Jogue comigo ou sinta-se à vontade para tentar a sorte em outro templo.

Como se em sugestão, os sinos tocaram duas vezes, anunciando duas da manhã. Mais tarde do que ela tinha percebido. Ela precisaria se mover rapidamente para encontrar outro jogador de Lenda em um templo diferente. Mas havia uma chance de que eles lessem o futuro dela, assim como Armando.

Ela pegou o deque de metal.

As cartas estavam frias o suficiente para sentir através das pontas das luvas. Uma vez que ela terminou de cortá-las, Armando as espalhou na frente dela. Um fã de prata e ouro. Deveria ter brilhado, mas depois de um momento o ouro ficou preto e as espirais de prata ficaram manchadas como se a avisassem de que seu futuro se tornaria mais sombrio também.

— Escolha quatro. Um por vez.

— Eu sei como isso funciona. — Ignorando as óbvias diretamente na frente dela, Tella pegou uma carta enterrada no canto esquerdo, arranhando a mesa mais uma vez enquanto deslizava e virava, revelando um sorriso sangrento familiar.

O Príncipe de Copas O ar nos pulmões de Tella ficaram ártico. Ele era verdadeiramente inescapável.

Armando riu, seco e zombeteiro.

— Amor não correspondido. Parece que as coisas entre você e Dante não vão dar certo, afinal.

Poderia ter doído se Tella abrigasse quaisquer ilusões do contrário.

Mas ela sabia melhor do que ninguém o que o maldito príncipe representava. Não importava o que Tella alegasse sobre o amor, o Príncipe de Copas era a verdadeira razão pela qual ela nunca se deixava apegar a nenhum dos jovens que mostravam interesse. Tella sabia capturar a atenção de um garoto, mas estava condenada a nunca durar. As Moiras já havia decidido que ninguém que ela amava a amaria de volta.

Desta vez, Tella virou a carta mais próxima, a tão óbvia que

provavelmente esperava que ela a examinasse.

Ou não.

A Morte Da Donzela.

Novamente.

— Eu sempre gostei dessa carta. — Armando traçou as pérolas ao redor do rosto da donzela com precisão fria. — A morte a roubou de sua família para torná-la sua consorte imortal. No entanto, ela recusou, então ele encapsulou sua cabeça em uma gaiola de pérolas para impedir que qualquer outra pessoa a tivesse. Mesmo assim, ela ainda o desafiava, toda noite se esgueirando para avisar os entes queridos daqueles que ele estava prestes a levar.

— Estou familiarizada com a história dela — disse Tella.

— Então, por que você não parece mais preocupada em perder alguém de quem gosta?

— Porque eu já a perdi.

— Talvez você esteja prestes a perder outra pessoa — disse Armando. Para um jovem que alegou não se importar com seu futuro, ele parecia gostar de como era escuro.

Fingindo ignorá-lo, Tella virou outra carta. Ela não prestou atenção de onde tirou, imaginando que seria o Oráculo – seguindo o mesmo padrão que ela descobriu quando criança. Mas, em vez de um espelho revestido de ouro, a carta à sua frente revelava uma coroa preta pontiaguda com opalas negras reluzentes e quebrada em cinco pedaços esfarrapados.

A Coroa Despedaçada.

De repente, Armando não parecia mais entretido. Sua boca se abriu e fechou como uma marionete que não tinha recebido nenhuma palavra.

— Isso não é terrível o suficiente para você? — Tella perguntou.

Embora, sinceramente, essa carta não tenha incomodado tanto Tella quanto as outras. A Coroa Despedaçada representou uma escolha impossível entre dois caminhos igualmente difíceis. Mas Tella não acreditava em escolhas impossíveis. Em sua experiência, um caminho sempre era claramente pior que o outro. Ainda assim Tella hesitou antes de virar uma quarta carta; a Coroa Despedaçada era nova, e enquanto uma parte masoquista de Tella estava curiosa para saber que outras surpresas as Moiras

poderia ter em estoque, ela estava cansada das Moiras brincando com seu futuro.

— Eu preciso ver outra carta — disse Armando.

— Por quê? — Tella perguntou. — Acabei de mostrar três terríveis, não é suficiente?

— Eu pensei que você estivesse familiarizada com a previsão do futuro. Cada história tem quatro partes – o começo, o meio, o quase final e o verdadeiro final. Seu futuro não está completo até você virar a quarta e revelar o verdadeiro final.

— Eu ainda não entendo porque Lenda se preocupa com isso.

— Talvez você precise se fazer essa pergunta, não eu? — Os olhos de Armando se voltaram para as cartas viradas para cima, que contavam uma história de corações partidos, perdidos, e escolhas impossíveis. Tella não viu como isso se ligava ao Caraval, a menos que, como Jacks, Lenda também encontrasse prazer na dor dos outros.

Ela fechou os olhos dessa vez, esperando por um destino favorável como Senhora da Sorte, ou o Vestido de Sua Majestade, que significava mudanças ousadas e presentes extraordinários.

As superfícies de metal lisas da carta não despertavam magia como o Oráculo que ela mantinha escondida. Mas ela sentiu algo quando seus dedos dançaram sobre eles. A maioria das cartas eram frescas ao toque, mas algumas eram mais geladas do que outras e algumas eram mais quentes. Então houve uma que queimou com tanto calor que Tella foi tentada a levantar a mão. Ela virou em vez disso.

O metal brilhava violeta como uma mulher adorável em um vestido de lavanda cinzas olhava para Tella por trás das barras de uma gaiola de prata gigante.

A Senhora Prisioneira.

Um nó se formou dentro do peito de Tella, e não apenas porque esta carta lembrava a visão que o Oráculo mostrara de sua própria mãe. A Senhora Prisioneira tinha um duplo significado: às vezes a foto dela prometia amor, mas geralmente significava sacrifício. Em todas as histórias, dizia-se que ela era inocente de qualquer crime, mas se deixava enjaular no lugar de alguém que amava profundamente.

As palavras de Nigel retornaram a Tella então. *Esteja avisada, vencer o jogo terá um custo que você vai se arrepender depois.*

Tella olhou para Armando.

— Eu escolhi minhas cartas. Me dê a próxima pista.

Sua boca se torceu em algo ilegível.

— Se você tentar me dizer que não pode...

— Mantenha suas garras em suas luvas. — Armando levantou-se da cadeira e cruzou o pequeno espaço para pressionar a mão contra um dos espelhos na parede. Ela se abriu com um silvo, expondo um túnel frio formado por terra e teias de aranha antigas.

Tella ouvira falar de passagens secretas escondidas por toda Valenda. Esta deve ter sido uma delas.

— Siga este caminho até que algo a incentive a parar e você encontrará a próxima pista. Mas lembre-se, Srta. Dragna, Caraval não é sobre as pistas. Sua irmã não ganhou porque resolveu enigmas simples. Ela ganhou por causa do que estava disposta a sacrificar por aqueles enigmas e pelo que estava disposta a sacrificar para encontrar você.

O mundo do jogo e o mundo fora dele estavam começando a se confundir. Tella podia sentir os pedaços de ambos se encaixando muito bem juntos.

O jogo não era real. Tella sabia disso. Todo mundo sabia disso. No entanto, enquanto viajava pelo túnel escondido de Armando em direção à segunda pista, ela se viu questionando se talvez o jogo fosse mais real do que ela queria que fosse.

Tella tinha entrado no Caraval acreditando que sua barganha com Jacks era genuína, e que se ela ganhasse o jogo e lhe trouxesse Lenda, ela seria capaz de salvar sua mãe. Depois do baile, ela também passou a acreditar que Jacks era o verdadeiro Príncipe de Copas, uma Moira que de alguma forma escapou. Mas foi aí que ela parou de acreditar.

Até mesmo ser tentada pela ideia de que qualquer parte do jogo fosse real poderia levá-la a uma espiral mental perigosa. Lenda não quis destruir as Moiras, e as Moiras não estavam destinadas a destruir Lenda.

Mas se Tella estivesse certa, e se fosse tudo um jogo, ela realmente conheceria Lenda se ela ganhasse? Ou ele seria interpretado por outro ator?

Lenda sempre foi interpretado por atores. No entanto, Tella acreditava que era diferente desta vez. Nigel havia prometido. *Se você ganhar o Caraval, a primeira cara que você verá será de Lenda.*

Tella sentiu o mundo mudar quando ele disse as palavras, sentiu o poder nelas, a mesma magia de adivinhação que sentia sempre que tocava o Oráculo. Ela se encontraria com Lenda se vencesse o jogo.

Mas se o verdadeiro Lenda aparecesse no final, isso significa que o resto do jogo era real? Significava que outras Moiras, além de Jacks, estavam tentando retornar e, se o fizessem, Lenda seria destruído?

Tella estava tão perdida em suas perguntas que mal notou quanto tempo

andou ou onde o túnel serpentino de Armando levava. Até que ela ouviu as vozes ecoando contra as antigas muralhas de pedra do túnel.

Tella acelerou, seguindo os sons até que eles a guiaram para uma porta coberta de teias de aranha. Não foi a primeira porta que ela viu, mas foi a primeira vez que ela parou. Ela reconheceu as vozes do outro lado.

Scarlett e Julian.

Eles foram abafados pela porta suja, mas inconfundível. Tella conhecia a voz da irmã melhor que a dela, e a voz de Julian era outra completamente diferente.

Quando Tella conheceu Julian em Trisda, ela não se sentiu atraída por ele do jeito que sua irmã Scarlett sentiu. Mas ela gostou do som da voz dele. Aveludada e sonora, Julian tinha uma voz destinada a lançar feitiços. Mas esta noite ele teria quebrado eles. Ele soava como sal sem o mar. Rude, sozinho e perdido.

O cheiro de fuligem e teias de aranha serpenteava pelo nariz de Tella enquanto ela se aproximava da porta, imaginando que o quarto de sua irmã dentro do palácio seria encontrado logo além dela.

— Obrigado por me deixar entrar — disse Julian. — Eu não achei que você queria me ver novamente.

— Eu sempre quero ver você — disse Scarlett. — É por isso que isso dói tanto.

No silêncio que se seguiu, Tella imaginou sua irmã do outro lado da porta. Já passava das três da manhã. Scarlett devia estar de pé em sua camisola, conhecendo ela, provavelmente pegou um cobertor para encobri-la. Tella podia vê-la puxando para perto, enquanto sua cabeça sensata e sua dor lutavam contra seu coração dolorido e seu desejo por Julian.

— Minha irmã acha que eu deveria lhe dar outra chance.

— Eu concordo com sua irmã.

— Então me dê uma boa razão para confiar em você novamente. Eu quero, mas da última vez, você mentiu para mim depois de um dia.

O tom trêmulo de Scarlett disse a Tella que ela estava à beira das lágrimas.

Tella estava se intrometendo em um momento particular. Ela precisava deixá-los sozinhos, para começar a descer pelo túnel novamente.

— E quanto a sua irmã...

Tella parou de se mexer.

— ...quantas vezes ela...

— Não traga Tella para isso.

— Eu só quero saber por que isso é diferente — disse Julian. — Por que você pode perdoá-la por mentir sobre Caraval e Armando e todas as outras coisas que ela manteve de você?

— Porque ela é minha irmã. — A luta voltou para a voz de Scarlett. — Você deveria entender isso. Não é por essa razão que você mente tanto pelo seu irmão, Lenda?

Todo o mundo de Tella congelou.

Lenda era o irmão de Julian.

Como Scarlett manteve isso em segredo?

Porque Tella nunca perguntou.

Embora ainda parecesse o tipo de coisa que Scarlett deveria ter compartilhado. Se fosse verdade, resolveria tudo. Tella não precisaria de mais pistas para ganhar o jogo. Ela só precisaria convencer Scarlett a persuadir a identidade de Lenda de Julian.

Mas Julian era um mentiroso e ele trabalhou para Lenda. Tella não tinha certeza de que qualquer coisa que ele dissesse fosse confiável.

Isso também poderia fazer parte do jogo. Um truque. Uma distração, para evitar que Tella encontrasse as pistas que a levariam ao verdadeiro Lenda.

A menos que fosse uma das pistas?

Armando disse a ela que, se seguisse o túnel, encontraria a próxima pista.

Tella ouviu atentamente o que quer que Julian pudesse dizer em seguida.

— Carmim — implorou ele. — Por favor, estou tentando tudo o que posso para mantê-la.

— Talvez esse seja o nosso problema — disse Scarlett. — Eu não quero que você tente “me manter.” Eu quero saber quem você realmente é.

O que quer que Julian tenha respondido foi muito baixo para que Tella entendesse claramente. E então ela o ouviu sair.

Tella provavelmente deveria ter esperado mais tempo antes de abrir a porta e invadir o quarto de Scarlett, mas uma vez que ela entrasse, não seria segredo que ela estava ouvindo.

Tella virou a maçaneta.

No minuto em que ela entrou pela porta, ela se encontrou em uma lareira, que felizmente não estava acesa. Tella limpou as cinzas do vestido quando saiu para a suíte.

O quarto de Scarlett era tão fresco quanto lágrimas. À primeira vista, parecia o interior de uma caixa de música – paredes acolchoadas de cetim azul-safira rodeavam uma câmara circular cheia de delicadas mesas de cristal com bordas recortadas e cadeiras com pés de vidro colorido. Até a esbelta cama de dossel parecia uma coisa efêmera formada por quartzo cintilante e sonhos. Era uma sala para uma princesa encantada. Mas nessa história em particular, Scarlett parecia mais desencantada. Seu rosto estava pálido, emoldurado por cabelos escuros e lisos. Até a surpresa dela parecia sem graça quando notou sua irmã.

A única coisa que não parecia fraca era o vestido dela. Tella esperava que sua irmã estivesse de camisola, mas Scarlett acabara de sair de um baile secreto, ou ainda usava o vestido mágico de Lenda e o vestido estava determinado a fazer sua parte para manter Scarlett e Julian juntos. Seu corpete era de seda vermelha sem alças que fluía em uma saia vermelha tão cheia que cobria um quarto da sala.

Tella duvidou que sua irmã tivesse ido a um baile. O vestido deve ter sido o vestido encantado de Lenda, o que deixou Tella ainda mais perplexa. A última vez que ela viu Scarlett, Scarlett disse a ela que não confiava em Lenda ou em qualquer pessoa que trabalhasse para ele, e ainda assim ela usava o vestido dele.

Tella não queria suspeitar de sua irmã, mas a visão dela no vestido foi o suficiente para fazer Tella se perguntar se Scarlett estava no jogo. Talvez para pagar Tella por enganar Scarlett da última vez.

A boca de Tella endureceu.

Então ela viu uma lágrima deslizar pela bochecha de Scarlett.

Seguida por outra.

Ao contrário de Tella, Scarlett não sabia como fingir lágrimas, ou Tella certamente a teria visto fazer isso antes.

Outra lágrima caiu. E outra, deixando marcas nas bochechas de Scarlett.

Não. Sua irmã não estava fingindo. Tella estava sendo paranoica.

Assim como sua irmã havia avisado, Tella já não era capaz de ver o que

era real e o que era apenas parte do jogo.

Frustrada com si mesma e do jogo por fazê-la duvidar de Scarlett, Tella procurou por algo compassivo para dizer, já que Scarlett parecia genuinamente infeliz, e Tella obviamente estava ouvindo como Scarlett argumentara com a causa de sua dor. Mas tudo o que saiu foi: — Julian é mesmo o irmão de Lenda?

Scarlett caiu de costas contra a cama em uma pilha de seda vermelha desmoronando.

— Julian me disse que eles eram irmãos no final do Caraval, mas eu estou começando a pensar que ele diria qualquer coisa para me manter.

— Pelo menos você sabe que ele se importa com você.

— Mas ele realmente se importa? — Mais lágrimas escorriam pelo rosto de Scarlett. — Quando você realmente se importa com alguém, você não deve ser honesto, mesmo que isso signifique perder essa pessoa?

— Eu não acho que geralmente é assim tão simples. Eu te amo mais do que qualquer pessoa no mundo, mas eu menti muito para você — Tella disse alegremente, esperando fazer sua irmã sorrir.

A carranca de Scarlett vacilou, como se quisesse rir, mas depois caiu como se não conseguisse lembrar como.

— Eu não sei dizer se você realmente acha que eu deveria perdô-lo, ou se você está tentando me fazer sentir melhor.

— Claro que estou tentando fazer você se sentir melhor. No que diz respeito a perdô-lo, isso depende do fato de Lenda ser realmente seu irmão.

— Tella disse meio brincando, mas ela também estava falando sério, e por um momento ela se odiou por tirar vantagem de sua irmã. Mas se Tella não vencesse o jogo e encontrasse Lenda, se ela morresse novamente, Scarlett estaria além de inconsolável. Tella era a irmã que destruiria o mundo se algo acontecesse com Scarlett, mas o mundo de Scarlett seria destruído se algo acontecesse com Tella.

— Eu já tentei perguntar a Julian, mas ele não vai me dizer quem é Lenda. — Scarlett caiu contra a cabeceira da cama. — Ele fez parecer como se fosse fisicamente impossível para ele trair o segredo, mas não foi difícil para ele dar a impressão de que Lenda era seu irmão. — Ela enxugou furiosamente os olhos úmidos com as costas das mãos. — Isso me faz pensar se era tudo

mentira. Estou quase mais inclinada a acreditar que Julian é Lenda, mas ele não queria me dizer, então ele afirmou que Lenda era seu irmão. — Scarlett fungou contra o travesseiro, se esvaziando ainda mais.

Tella considerou o que sua irmã disse enquanto observava a saia do vestido de Scarlett encurtar e tornar-se mais magra, transformando-se em mais em uma camisola, enquanto sua cor suavizava para rosa pálido. Foi uma maravilha. Tella ficou com um pouco de inveja do vestido durante o último Caraval. O vestido comportava-se como se tivesse pensamentos e sentimentos próprios, mudando o tecido, o corte e a cor de seu próprio capricho. Sua magia era excepcional até mesmo pelos padrões do Caraval, e Lenda o havia dado a Scarlett.

Tella tinha ouvido os artistas sussurrarem sobre isso durante o último jogo, imaginando por que ele lhe dera um presente tão singular. De repente, fazia mais sentido se Julian fosse realmente Lenda, como Scarlett acabara de sugerir.

Tella sentou-se na cama ao lado de sua irmã.

— Você realmente acredita que Julian poderia ser Lenda?

— Eu não sei — resmungou Scarlett. — Eu acho que Lenda tem poder sobre seus artistas; Não acredito que ele controle todas as suas ações, mas tenho a impressão de que ele pode impedir que revelem certos segredos. Então, se Julian realmente fosse Lenda, duvido que ele tenha permitido que Armando me dissesse a verdade sobre o papel que ele desempenhou no último Caraval.

— Eu odeio Armando — disse Tella.

— Ele só estava fazendo o trabalho dele. Mas eu não posso dizer que eu gosto muito dele também.

Scarlett deu um soco no travesseiro que estava fungando, um pouco de sua luta voltando.

— Você acha que ele poderia ser Lenda? — Tella perguntou.

— Acho que qualquer um poderia ser Lenda.

Scarlett sugou as últimas lágrimas. Quando ela olhou para Tella, seu rosto estava determinado.

— Acho que a única maneira de descobrir quem é Lenda é se continuamos usando o Julian para ganhar o jogo.

— Você quer usá-lo? — Tella quase caiu da cama. Isto não era do estilo de sua irmã. — De onde veio isso? Eu pensei que você não queria que eu jogasse.

— Eu não quero. Mas se você vencer e conhecer Lenda, então poderemos descobrir a verdade sobre Julian. — Scarlett tirou um pedaço de papel como se fosse um punhal que ela escondia na manga.

Este era definitivamente um novo lado de Scarlett.

Tella gostou.

— Julian me deu isso — disse Scarlett. — É a próxima pista. Ele disse que queria ajudá-la, mas acho que ele estava tentando me subornar.

Tella pegou a página, reconhecendo o roteiro da primeira carta que ela recebeu na festa.

O OBJETIVO DESTES JOGOS NÃO É O QUE VOCÊ PENSA, PARA ENCONTRAR A VERDADE BUSQUE A MULHER DE PERGAMINHO E TINTA.

APENAS ELA POSSUI A PRÓXIMA PISTA QUE FOI DEIXADA APENAS PARA VOCÊ.

— Isso soa como uma mulher que eu conheci em uma loja no outro dia no Bairro das Especiarias.

Também soava como se realmente fosse destinado apenas a Tella.

Ela duvidava que todo mundo jogando o jogo tivesse parado na mesma loja. A Mais Desejada de Elantine. Tella esperava voltar para lá, mas parecia uma grande coincidência que Lenda a estivesse levando de volta ao mesmo lugar que a colocara em contato com Jacks.

O jogo estava começando a parecer muito real novamente.

Tella lembrou-se de todos os truques que ela acabara de testemunhar dos artistas de Lenda no Templo do Distrito. Ela teria sido intencionalmente ingênua em acreditar que o Caraval era mais do que apenas um jogo. Caraval era apenas uma desilusão gigante, mas Tella podia sentir isso tentando puxá-la para dentro.

Ela mostrou a carta que Scarlett tinha acabado de dar a ela.

— Venha comigo amanhã à noite para ver isso.

Scarlett mordeu o lábio.

— O que, você tem outros planos?

— Com quem eu teria planos? — Perguntou Scarlett. Mas a pergunta saiu estranhamente estridente, e Tella jurou que sua camisola se encolheu, rapidamente piscando de rosa para preto.

Tella não sabia o que sua irmã estava escondendo, mas novamente ela teve a sensação de que Scarlett estava escondendo alguma coisa.

— Eu preferiria apenas não sair à noite — acrescentou Scarlett. — Eu não posso arriscar ser pega no jogo novamente.

— Eu entendo — disse Tella. Ela só não tinha certeza se acreditava nela.

TERCEIRA NOITE DO CARAVAL

Tella teria trocado um ano de sua vida por mais uma hora de sono.

Ela nem se importava que ela tivesse menos de um ano para viver.

Ela nunca quis deixar o conforto azul da sua cama com todos os seus cobertores macios e travesseiros fofos. Ontem tinha sido brutalmente longo. Mas ela já dormiu muito mais do que deveria – e se ela nunca se levantasse, definitivamente teria menos de um ano para viver.

Batida batida.

Nada.

Nada.

Batida batida.

Nada.

Batida batida...

Nada.

Nada.

Seu coração estava ainda mais lento do que na noite anterior. Mas ainda estava batendo. E Tella se certificaria de que não parasse. Isso a fez desacelerar um pouco, mas depois de beber um bule de chá forte e comer várias tortas de caramelo e bolinhos de amora, ela se sentiu um pouco mais parecida consigo mesma.

Ela conseguiu terminar de se vestir pouco antes do crepúsculo.

Naquela noite, ela escolheu usar um vestido sem espartilho, a cor azul-escura das lágrimas brotavam das nuvens de tempestade. Era talvez um vestido muito fino para usar à noite, mas era fácil se locomover. Embora Tella ainda estivesse um pouco sem fôlego quando alcançou a ala de safira, onde Scarlett estava hospedada.

Só que Scarlett não estava em seu quarto.

Tella bateu por um minuto inteiro, quase machucando os nós dos dedos na pesada porta de madeira.

Dado o quão inflexível era Scarlett em não sair do palácio à noite e ficar acidentalmente envolvida no jogo, Tella esperava que sua irmã estivesse em segurança em sua suíte. Mas Scarlett tinha perdido a noção do tempo – o que era duvidoso – ou ela realmente escondia alguma coisa de Tella.

Tella odiava duvidar de sua irmã novamente, mas tão cautelosa quanto Scarlett era, não fazia sentido que ela estivesse fora.

Especialmente em uma noite como esta, quando parecia que toda a Valenda era o tabuleiro de Lenda.

Ao contrário das duas noites anteriores, onde as constelações de Lenda tinham sido específicas em sua localização, nessa noite cobriram todos os distritos com explosões cintilantes de azul celeste.

Tella se sentiu estranhamente grata a Armando por pressioná-la a ganhar a segunda pista. Sem isso, Tella não teria ideia de por onde começar sua busca.

Ao sair do palácio em uma carruagem celeste, viu estrelas formando todos os símbolos tradicionais do Caraval: uma deslumbrante cartola azul; um buquê de rosas azuis; uma amпуlheta azul. Embora essas não fossem as únicas formas no céu. Constelações que lembram as Moiras também pairavam sobre as colinas e os bairros de Valenda.

Tella viu um tapa-olho cravejado de jóias, uma coroa de adaga, uma chave de esqueleto, uma gaiola de pérolas, lábios costurados e um par de asas azul-escuras brilhantes. As asas provavelmente simbolizavam a Estrela Caída, mas eram tão dolorosamente parecidas com as asas tatuadas nas costas de Dante que o coração agonizante de Tella acelerou ao vê-las, enchendo suas veias com uma onda de sangue quente.

Quando sua carruagem pousou no Bairro das Especiarias, Tella se viu procurando por Dante, mas ele não parecia estar seguindo-a naquela noite.

Ela olhou de volta para o céu estrelado, imaginando qual era a constelação abaixo dele, e se ele estava lá com outra pessoa. Ela imaginou suas mãos largas e tatuadas no pescoço de outra garota, escovando seu pulso enquanto ele a encantava com as mesmas palavras baixas que ele dissera a Tella na noite anterior. *Mesmo se eu não fosse Lenda eu gostaria que você ganhasse.*

O estômago de Tella se apertou dolorosamente com o pensamento.

Não que ela quisesse Dante lá com ela. Ela não precisava se distrair com sua provocação enigmática ou com o som baixo de sua voz. As ruas estreitas do bairro eram bastante divertidas.

Todas as pistas e becos estavam lotadas, muito mais cheias do que a última vez que ela visitou. Os coloridos habitantes do Bairro das Especiarias se misturavam com os mercadores de férias, que pareciam estar preparando a cidade para a Véspera de Elantine, vendendo peças caras de fantasias. Os mercadores ficavam em frente a quase todas as lojas, todos gritando.

— Cinco cobres para a coroa do Rei Assassinado!

— Três cobres para a gaiola perolada usada pela Morte da Donzela!

— Quatro coppers para uma máscara de Príncipe de Copas.

— Dois cobres para manoplas do Caos!

— Um cobre para o véu de lágrimas da Morte da Donzela!

Tella não notou nenhum dos artistas de Lenda, pelo menos que ela sabia, entre eles, mas ela achava que ela espiava outras pessoas jogando o jogo. Mais de uma vez ela ouviu alguém bater em uma parede de tijolos e dizer: *Lenda me mandou*, como se fosse um código para abrir alguma porta escondida que levaria à próxima pista.

Ela invejava sua energia e sua efervescência descuidada. Quaisquer cursos em que essas pessoas estivessem, pareciam muito diferentes das dela.

Ou Lenda estava pessoalmente brincando com Tella, ou eles não estavam todos jogando o mesmo jogo.

A segunda pista que ela recebeu disse a Tella para procurar a mulher de pergaminho e tinta, o que indicava claramente a senhora mais velha que trabalhava na A Mais Desejada de Elantine. Mas quando Tella chegou, ninguém estava lá.

O cheiro de contos altos, lápis de carvão e pergaminho fazia cócegas no nariz de Tella quando ela entrava mais. Em um canto da loja, um quadrado estreito do espaço era reservado para um estúdio de arte desorganizado, mas bem equipado. Todo o resto estava coberto de papel – até o teto estava coberto de cartazes amarelados que pareciam ser mais antigos do que o proprietário ausente da loja.

Tella tentou captar todas as imagens enquanto esperava que a velha retornasse. Esses cartazes não eram pedaços de papel com rostos

apressadamente desenhados. Estas eram obras de arte, com representações detalhadas de criminosos que Tella só tinha ouvido rumores. Havia muitos que ela não tinha ouvido também. Cada quadrado de pergaminho e tela parecia contar uma história tão maravilhosa quanto macabra.

Augustus, o nome do Empalador, aparentemente dizia tudo.

Houve também a duquesa de Dao. Procurada por pirataria no interior, vendendo venenos e sedução.

— Eu não sabia que a sedução era um crime — Tella murmurou.

— Depende de quem você está tentando seduzir.

Tella se virou. Mas em vez de encontrar a velha manchada de tinta, Tella ficou cara a cara com uma garota em um vestido branco-pergaminho luminoso, costurado com grossos pontos pretos que a faziam parecer que ela poderia ter sido um dos retratos com tinta que escapou da parede. Aiko, outro dos artistas de Lenda.

Ela sempre foi difícil para Tella ler. Aiko geralmente mantinha a si mesma, já que seu trabalho era observar.

Ela trabalhou como historiadora, imortalizando a história do Caraval, desenhando eventos significativos em um caderno mágico, que estava atualmente debaixo do braço.

Sua aparência claramente significava que Tella estava no caminho correto. Mas Tella não podia dizer honestamente que estava feliz em ver a garota.

Tella gostava de Aiko bem o suficiente fora do jogo. Mas ela preferiu tê-la evitado dentro do jogo. Aiko era conhecida por fazer pechinchas implacáveis. Durante o último Caraval, ela fizera um acordo com Scarlett, que custara a sua irmã dois dias de sua vida; A morte temporária de Scarlett não tinha sido como a de Tella, mas ainda não era algo que Tella experimentaria novamente.

— Você é bem-vinda para olhar o quanto quiser — disse Aiko. — Mas escolha com sabedoria antes de fazer uma pergunta. Só vou responder a uma gratuita e, depois disso, cada uma custará algo insubstituível.

— Posso apenas pedir a próxima pista?

— Você pode, mas eu não vou dar a você. O máximo que posso fazer é guiá-la em direção a ela, se você conseguir fazer uma pergunta melhor da próxima vez.

Exploda-o. Tella não quis dizer isso para sair como uma pergunta.

Ela manteve a boca fechada enquanto seus olhos vagavam por vários outros cartazes, procurando por uma figura real do Baralho do Destino, esperando que isso pudesse levar à próxima pista.

Ela não espiou nenhum Destino, mas viu crimes que vão desde beber sangue e canibalismo até necromancia, vender feitiços ruins – Tella parou. Todos os pensamentos de crimes e pistas e Moiras fugiram de seus pensamentos quando ela chegou a um cartaz no centro da parede do fundo.

Ela esqueceu como exalar. Como falar. Como piscar. Como se mover.

Aparado em uma borda estrelada, esse retrato era mais bonito que os outros, embora talvez fosse também por causa do belo rosto sob a palavra Procurado – um rosto que lembrava estranhamente a mãe desaparecida de Tella e Scarlett, Paloma.

*Paraíso Perdido.**Procurado por roubo, sequestro e assassinato.*

Tella não conseguia tirar os olhos da foto. Ela não tinha certeza se queria acreditar.

Depois de tantos anos se perguntando sobre sua mãe, finalmente Tella pode ter encontrado uma resposta para uma de suas perguntas sem resposta. Mas não foi a resposta que ela esperava. Sua mãe era uma ladra. Uma sequestradora. Uma assassina. Uma criminosa.

Tella queria acreditar que o pôster estava errado. A mãe que ela conhecia não era nenhuma dessas coisas e, no entanto, como Jacks disse, *a razão pela qual você não a encontrou antes é porque Paloma não era seu nome verdadeiro.*

O nome verdadeiro de sua mãe era Paradise, e a semelhança de Paradise com Paloma era inconfundível. Não era só que ela tinha o mesmo rosto oval ou um cabelo escuro e grosso. Era o jeito que seus lábios se curvaram naquele sorriso encantador e enigmático que Tella crescera imitando. Seus grandes olhos eram exatamente a quantidade certa de estreito nos cantos, o equilíbrio perfeito de inteligente e pensativo. Com uma pontada de ciúme, Tella percebeu que ela parecia quase exatamente como Scarlett. No pôster, ela parecia estar por perto da idade de Scarlett.

Scarlett sabia disso? Foi por isso que sua irmã se recusou a falar de sua mãe?

— O que você pode me dizer sobre Paradise, a Perdida? — Tella perguntou.

— Ela era especial. — Aiko deslizou em direção ao retrato e correu um

dedo sem adornos para baixo no rosto de Paradise. — Eu nunca percebi até agora, mas ela parece um pouco com sua Scarlett.

Embora Paradise fosse muito mais ousada que a sua irmã.

— O que mais você pode me dizer sobre ela?

— Sua irmã ou Paradise?

— Conheço minha irmã melhor do que ela mesma. Eu quero saber sobre Paradise.

Os olhos escuros de Aiko acenderam com um brilho familiar. Com o caderninho de histograma encantado, a garota era quase mágica e astuta o suficiente para ser uma Moira. Ou talvez Aiko fosse Lenda – seria brilhante se o Grande Mestre Lenda fosse uma garota.

— Vou contar tudo o que sei, mas primeiro preciso do seu pagamento.

— Você não pode ter um dia da minha vida — disse Tella.

— Você não está realmente em uma posição ideal para barganhar se quiser saber a verdade sobre Paradise. Ela desapareceu quase dezoito anos atrás, então a maioria das pessoas não se lembra dela.

Mas eu venho de uma longa linha de contadores de histórias.

Tella encolheu os ombros, como se não estivesse impressionada. Por dentro, tudo o que ela conseguia pensar era: dezoito anos, dezoito anos, dezoito anos...

Seus pais se casaram quase dezoito anos atrás. Tella sabia porque depois que sua mãe desapareceu pela primeira vez, ela procurou por informações sobre onde sua mãe tinha vivido antes de se casar com seu pai, mas Tella não encontrou nada. Porque Tella estava procurando por uma mulher chamada Paloma, mas antes que ela viesse para Trisda, Paloma tinha sido a criminosa Paradise, a Perdida. Jacks estava dizendo a verdade sobre o nome de sua mãe.

Tella sempre se sentiu amarga, como se tivesse sido roubada, porque ela só conhecia sua mãe pela metade de sua vida. Mas agora ela sentia como se nunca conhecesse sua mãe.

— Isso é tudo que vou dizer de graça — disse Aiko. — Para o resto de sua história, vou precisar de algo em troca. E não se preocupe, não vou roubar nenhum dia de sua vida.

— O que você quer?

Aiko inclinou a cabeça, longos cabelos negros caindo para o lado

enquanto ela parecia pensar.

— O Caraval é um mundo construído de faz-de-conta e, às vezes, é difícil para aqueles de nós que sempre vivemos dentro dele sentir como se algo fosse real. A maioria de nós não vai admitir isso, mas todos ansiamos pelo real. — Ela fez uma pausa como se estivesse prestes a acrescentar outra coisa, mas depois pareceu pensar melhor. — Tudo o que eu quero de você hoje é algo real. Uma memória.

— Você precisa ser mais específica. Estou curiosa sobre a minha mãe, mas não vou deixar você pegar algo como a lembrança do meu nome.

— Eu nem sequer considerarei isso. — Os olhos escuros de Aiko brilhavam. — Excelente ideia. Mas vou guardar para outra hora. Hoje à noite eu gostaria da última lembrança que você tem da sua mãe.

E talvez Tella estivesse melhor sem essa memória final.

Desde que encontrou os cartões no quarto de sua mãe, Tella tinha sido assombrada por eles, incapaz de parar de se perguntar o que teria acontecido se ela nunca tivesse folheado o cartão com o Príncipe de Copas ou a Morte da Donzela. Sua mãe ainda teria ido embora se a Morte da Donzela não tivesse previsto sua partida? Ela já teria se apaixonado por alguém se nunca tivesse visto o Príncipe de Copas?

— Tudo bem — disse Tella. — Você pode pegar a última lembrança que eu tenho da minha mãe.

— Esplêndido. — Aiko deslizou em direção à mesa de trabalho na parte de trás da loja, parecendo um pouco ansiosa demais, o que só intensificou o desconforto de Tella quando Aiko abriu seu caderno encantado para uma página intocada de pergaminho intocado.

— Tudo o que você precisa fazer é colocar a palma da mão sobre a página. Algumas pessoas realmente gostam do processo. Nossas memórias nos sobrecarregam mais do que imaginamos.

— Não tente me convencer de que você está me fazendo um favor.

— Tella pressionou a mão no papel seco. Aqueceu-se contra sua pele, semelhante à sensação que experimentou sempre que tocava o Oráculo, exceto que este calor ia além de sua mão. Ele subiu pelo braço até o pescoço, cobrindo-a como manteiga derretida e virando a cabeça confortavelmente confusa.

— O livro precisa acessar a memória antes que ele possa coletá-la — disse Aiko. Mas agora sua voz soava distante, como alguém chamando do outro lado de um corredor muito longo.

Os olhos de Tella se fecharam e quando eles se abriram novamente, ela estava de volta na suíte encantadora de sua mãe em Trisda. Sua mãe estava sentada no chão em frente a ela, mais clara do que jamais esteve nas memórias de Tella.

Ela cheirava a plumeria. Um perfume que Tella pensou ter esquecido.

Seu pai não permitira as flores em nenhum lugar de sua propriedade depois que a mãe de Tella partiu e, até aquele momento, Tella não pensava nelas há anos. Ela queria se enterrar no cheiro, envolver seus braços ao redor de sua mãe para que ela nunca esquecesse novamente. Mas isso era apenas uma lembrança, e Tella não podia alterá-la, não importava o quanto ela desejasse.

Momentos atrás, antes que essa memória começasse, sua mãe fez Tella prometer que nunca tocaria em outro Baralho do Destino. Essa era a lembrança que Tella esperava que Aiko roubasse, mas isso era algo diferente.

Uma lembrança enterrada tão profundamente dentro de Tella que ela esqueceu que estava lá. Ela tinha esquecido a maneira como sua mãe tinha levado as mãos, levantando os dedos minúsculos de Tella para ver melhor o anel de opala que Tella havia acabado de roubar.

— Ah, o que é isso? — Perguntou Paloma.

— Eu ia colocá-lo de volta — Tella prometeu.

— Não, meu amorzinho, você deve segurar isso para mim e mantê-lo seguro. — Ela beijou os dedos de Tella, como se isso oficialmente fizesse o anel dela. Sua mãe sempre selava as coisas com beijos; Outro fato que Tella tinha perdido.

— Agora — Paloma sussurrou. — Vou contar um segredo sobre as cartas que acabei de guardar. As Moiras retratadas neles uma vez dominaram a Terra e, quando o fizeram, foram muito más e muito cruéis. Elas costumavam prender pessoas jogando cartas para esportes e entretenimento. Apenas um destino poderia libertá-los... a menos que...

Não. Tella lutou para manter a memória enquanto começava a desaparecer diante de seus olhos e ouvidos. A pele de sua mãe mudou de oliva para

translúcida enquanto seus lábios formavam palavras que Tella não podia mais ouvir. Não não não! Estas eram palavras que ela precisava ouvir. A resposta que ela estava procurando.

Ela não sabia o que sua mãe estava prestes a dizer, mas Tella tinha certeza de que tudo o que ela disse em seguida era de vital importância.

Tella arranhou a memória, tentou cavar os dedos nela.

Mas quanto mais Tella lutava para mantê-lo, mais obscuro ficava, transformando-se em fumaça que não podia ser segurada, e depois se dissipando em nada.

Quando ela abriu os olhos, Tella não sentiu como se um peso tivesse sido levantado. Ela sentiu como se algo tivesse sido perdido. Como se ela tivesse sido cortada, mas nada estava sangrando. E nada parecia ter desaparecido também. A memória que ela esperava que Aiko tomasse ainda estava lá, e embora Tella estivesse pronta para se separar, ela se sentiu aliviada por não ter sumido.

Então, por que Tella sentiu que Aiko roubara algo ainda mais valioso?

O caderno amaldiçoado de Aiko estava agora firmemente fechado, mas Tella jurou que parecia mais gordo do que antes. Houve até um brilho suave sobre isso.

O que ela tinha levado?

— Não fique tão triste — disse Aiko. — Você acaba de ganhar uma história fantástica sobre um dos criminosos mais infames de Valenda.

Aiko deslizou de volta para os retratos na parede.

— Antes que ela desaparecesse, Paradise, a Perdida era um pouco de lenda nesta cidade. As pessoas estavam tão encantadas com Paradise que costumavam escrever suas cartas e pedir-lhe para roubá-las ou sequestrá-las.

Paradise, a Perdida era verdadeiramente uma realeza criminosa.

Havia até rumores de príncipes de outros continentes enviando cartas aos senhores do Bairro das Especiarias oferecendo-se para casar-se com ela.

Enquanto Aiko falava, Tella tentou manter sua raiva e frustração por perder uma de suas memórias, mas em vez disso começou a imaginar sua mãe, tão clara como se Aiko estivesse pintando a cena em seu caderno maligno.

Tella viu Paloma como uma jovem e espirituosa coisa, deixando rastros de contos cintilantes enquanto roubava, roubava e roubava seu caminho para a história até se tornar uma parte cintilante dela.

Então ela se casou com o pai de Tella. Fora de todas as pessoas que Paloma poderia ter escolhido.

— Por que Paradise não aceitou nenhuma das ofertas dos príncipes? — Tella perguntou.

Suponho que ela fosse inteligente o suficiente para saber que a maioria dos príncipes são seres egoístas, cruéis e mimados. E Paradise queria aventuras

muito mais do que ela desejava amor. Ela se gabou de que não havia nada que não pudesse roubar. Então, quando ela foi presenteada com um desafio, para roubar um item de grande magia inacessível, ela aceitou a oferta. Mas o item era muito mais poderoso e perigoso do que ela foi levada a acreditar. Ela não queria colocá-lo de volta e arriscar que outra pessoa aceitasse, então ela fugiu, e ninguém a viu desde então.

Mas Tella tinha.

Agora fazia mais sentido que ela acabasse em Trisda com o pai de Tella. Ninguém teria procurado por ela em uma pequena e nada notável ilha conquistada.

— Qual foi o objeto que ela roubou?

— Se você quer a resposta para isso...

— Não — Tella interrompeu, aço em seu tom. — Não há mais negócios. Eu já ganhei essa resposta, é parte da história.

As narinas de Aiko tremeram, sua expressão geralmente plácida pulsando de frustração; claramente ela estava acostumada a aceitar mais do que doar.

Tella pegou o caderno encantado de Aiko da mesa e segurou-o sobre uma vela acesa.

— Diga-me o que ela roubou ou este caderno se transforma em cinzas.

Aiko deu-lhe um sorriso fino.

— Você tem mais coragem que sua irmã.

— Scarlett e eu temos diferentes pontos fortes. Agora me diga qual era o objeto. — Tella abaixou lentamente o caderno mais perto da chama até sentir o cheiro do couro quente.

— É um maldito Baralho do Destino — Aiko cuspiu.

Tella largou o livro de Aiko na mesa com um baque alto.

Tudo ao redor de seus cartazes batia, como se os batimentos cardíacos de seu papel estivessem correndo junto com os de Tella; foi o mais rápido que seu coração bateu desde que Jacks a beijou.

Como se essa nova revelação possuísse magia própria.

Apenas o retrato de Paradise, a Perdida permaneceu inabalável, o centro calmo de uma tempestade de papel.

Tella sabia que as fotos não tinham sentimentos, mas imaginou que o retrato de Paradise, a mulher que sua mãe fora uma vez, estava prendendo a

respiração, silenciosamente esperando e insistindo para que Tella reunisse todos os pedaços de sua história.

Tella sempre soube que o Baralho do Destino de sua mãe era diferente de outros decks comuns. Mas Aiko fez soar como se não existisse mais nada no mundo, e ela o chamou de amaldiçoado.

Maldito. Maldito. Maldito.

A palavra ficou mais alta na cabeça de Tella, guerreando com o som dos cartazes ainda batendo nas paredes. As Moiras também havia sido amaldiçoadas por uma bruxa e, segundo Jacks, essa maldição as haviam aprisionado dentro de um baralho de cartas.

Eu posso te dizer por experiência que é torturante, ele disse.

Parecia espetacular acreditar que a mãe dela havia roubado o mesmo baralho, mas quanto mais Tella pensava sobre isso, mais sentido isso fazia.

Se o Baralho do Destino de sua mãe tinha sido o único a aprisionar as Moiras, explicou por que sua mãe tinha ficado aterrorizada ao encontrar Tella brincando com as cartas.

Tella lembrou-se de como elas estavam disfarçados de um sachê com cheiro desagradável até aquele dia. O feitiço que os escondia devia estar acabando quando Tella os encontrou.

Tella não podia acreditar que ela tocou o convés segurando todos as Moiras – as Moiras míticas que uma vez governou o mundo estava na palma da sua mão.

Parecia impossível, e ainda assim ela testemunhou a prova toda vez que o Oráculo mostrara imagens de Tella do futuro. Ela nunca viu outro cartão como ele, e ela duvidava que veria. Porque não foi meramente um cartão. Era um Destino e Tella o tinha dentro de um pequeno baú.

Ela soltou uma risada com o pensamento. Sua mãe deve ter sido uma força para roubar as Moiras.

Mas agora a mãe dela estava impotente, presa dentro de um cartão, exatamente como as Moiras.

Tella não riu desse pensamento. De repente, ela se arrependeu de ter rido de tudo.

Desde o dia miserável que sua mãe tinha ido embora, Tella acreditava que era parcialmente culpa dela, que se ela não tivesse desobedecido à mãe e

brincado com sua caixa de jóias, e se ela nunca tivesse virado o cartão com a Morte da Donzela, que previu a perda de um ente querido, então sua mãe nunca teria desaparecido.

Tella culpou as cartas e ela mesma. E ela estava certa, embora não do jeito que sempre acreditou.

Sua mãe não tinha saído apenas porque Tella havia virado uma carta em particular; ela fugiu porque Tella encontrou as cartas, e as cartas eram ainda mais poderosas e perigosas do que Tella jamais imaginara.

Os cartazes nas paredes finalmente pararam de bater.

Na sua esteira, a loja subitamente ficou quieta. No entanto, Tella ainda sentia o olhar do pôster de sua mãe, dando a Tella a sensação de que, apesar do que acabara de aprender, ela não sabia o suficiente. Havia algo vital que ela estava deixando de fora, algo que ela tinha esquecido.

— Você parece ter outra pergunta — disse Aiko.

Tella tinha esquecido brevemente que a outra garota estava lá, e por que Tella estava realmente lá também. Ela ainda precisava encontrar a terceira pista, ou sua mãe ficaria presa assim como as Moiras. Tella não achava que isso era algo que ela havia esquecido, mas o que ela não conseguia lembrar não poderia ter sido tão importante quanto isso.

Tella puxou a segunda pista mais uma vez.

O OBJETIVO DESTE JOGO NÃO É O QUE VOCÊ PENSA, PARA ENCONTRAR A VERDADE BUSQUE A MULHER DE PERGAMINHO E TINTA.

APENAS ELA POSSUI A PRÓXIMA PISTA, QUE FOI DEIXADA APENAS PARA VOCÊ.

Os olhos de Tella passaram da pista para o pôster de procurado da mãe dela.

E se a pista não estivesse se referindo à mulher que desenhou as fotos, como Tella havia pensado primeiro? E se estivesse se referindo a uma mulher em um deles, como Paradise, a Perdida? Sua interpretação foi feita de pergaminho e tinta. E a foto dela falava com Tella de uma forma que não poderia ter falado para mais ninguém jogando o jogo.

Tella pulou na ponta dos pés e arrancou o cartaz da parede.

Ela esperava um protesto de Aiko, mas a garota parecia quase tão ansiosa quanto Tella sentiu quando Tella virou o pergaminho e descobriu linhas de escrita prateada nas costas.

Se você achou isso, você está no caminho certo, mas ainda não é tarde demais para voltar atrás.

As pistas não podem mais lhe dizer para onde ir; para encontrar o objeto que a Lenda precisa, seu coração deve liderar.

A única coisa em seu coração era sua mãe, de quem Lenda deve ter sabido desde que ele escreveu a pista na parte de trás de seu pôster.

Sua mãe possuía o convés aprisionando todas as Moiras, e Lenda queria destruir todas as Moiras. Talvez a mãe dela também tenha roubado o objeto capaz de destruir as Moiras? Mas se ela tivesse, por que...

Não. Tella afastou o pensamento. Acreditar que o jogo era real era o caminho mais rápido para a loucura. E, no entanto, talvez Tella já estivesse enlouquecendo, porque não tinha mais certeza do que mais acreditava.

Tella precisava descobrir a verdade antes de prosseguir. Ela precisava falar com Scarlett. Scarlett iria ajudá-la a resolver tudo, especialmente se as suspeitas anteriores de Tella sobre sua irmã estavam certas e Scarlett sabia mais sobre o jogo do que ela estava deixando transparecer.

Tella foi para a porta.

— Antes de ir — disse Aiko. — Você deve ouvir o resto da história de Paradise.

— Eu acho que sei como termina — disse Tella.

— O que você sabe é meramente o quase fim; o verdadeiro final ainda tem que ser escrito.

— Então o que resta a dizer?

— Eu mantive uma parte fora do meio da história. Paradise descobriu o verdadeiro poder e perigo do baralho depois de usá-lo para ler seu futuro. Alguns disseram que ela fugiu, não para manter as cartas seguras, mas para frustrar o futuro que viu. O que ela não sabia era que, com esse baralho em particular, uma vez que um futuro é previsto, ele não pode ser desfeito a

menos que as cartas sejam destruídas. — Obrigada, mas acho que pode ser um pouco tarde para esse aviso.

A expressão de Aiko ficou de repente sombria.

Tella sentiu isso então. Mais úmido que lágrimas escorrendo pelas bochechas. Ela se acumulou em seus ouvidos antes de escorrer pelos lobos até o pescoço frio.

Sangue.

Grosso e quente e horrível.

Seu coração engasgou em uma batida e, em seguida, pulou várias outras, estonteando a cabeça e roubando-lhe o fôlego. Sua mão pressionou contra a parede mais próxima para não cair. O sangue que ela perdeu em Minerva foi um pouco comparado a isso. Ele escorria de suas orelhas em seu corpete em grossas correntes carmesim. Outro lembrete do Príncipe de Copas que ela não estava jogando este jogo por diversão.

*

Tella viajou de volta ao palácio em um borrão de sons úmidos e ouvidos com hemorragia. Mesmo depois que o sangramento parou ela continuou se sentindo fraca. Seu coração nunca bateu tão devagar.

Batida...

Batida...

Nada.

Batida...

Nada.

Batida...

Nada.

Logo tudo o que restaria seria nada.

Ela comprou um manto barato de um vendedor na rua. Mas uma vez que ela retornou ao palácio, ela jurou que todos os criados e guardas poderiam ver seu corpete manchado de sangue através do manto.

Mesmo depois de lavar e vestir um vestido da Minerva, formada por camadas selvagens de elegantes tecidos azul-topázio, tudo o que Tella sentia era o sangue seco dentro de suas orelhas. Deve ter sido amaldiçoado como ela, porque ela não foi capaz de lavar completamente as manchas do pescoço

ou das mãos.

Ela teria encharcado sua pele até que o sangue finalmente saísse, mas ela só se permitia descansar nas águas perfumadas da banheira até que um pouco de sua força retornasse. Ela precisava falar com Scarlett sobre o passado criminoso de sua mãe e sobre Caraval.

Tella colocou as luvas de Dante para cobrir as manchas e sair da torre. Ela perdeu a noção do tempo, mas imaginou que já passava da meia-noite quando chegou à ala de safira onde Scarlett estava hospedada. Dentro de todo o blues apareceu gloriosamente dourado.

Uma criada solitária esvoaçava, checando e refrescando castiçais de grandes dimensões cheios de velas grossas como braços. Ela não disse uma palavra para Tella, mas Tella a sentiu assistindo enquanto se dirigia ao quarto da irmã.

Mas Scarlett não respondeu.

Tella bateu mais alto no caso de ela estar dormindo.

Silêncio.

Tella sacudiu a maçaneta da porta, na esperança de possivelmente assustar a irmã acordada, mas nada aconteceu. Ou ela estava perdida em um sono profundo, ou Scarlett ainda não estava lá. Mas ela deveria estar lá. Era o meio da noite e Scarlett não estava jogando o jogo. Scarlett deveria ter voltado de onde quer que ela tenha ido agora.

Tella atravessou o saguão até a jovem e sardenta criada, que ou escandalosamente espionava Tella ou reacendia uma vela muito teimosa.

— Como posso ajudá-la? — Disse a garota, voltando-se de sua tarefa antes que Tella pudesse limpar sua garganta. Definitivamente um bisbilhoteiro, e muito mais ousado do que a maioria dos servos mesquinhos que Tella havia encontrado.

A criada se aproximou.

Tella recuou, mas a menina sardenta não estava percebendo qualquer mancha de sangue seco manchando o pescoço de Tella.

— Se você está procurando pelo artista bonito com todas as tatuagens, eu posso te dizer quando ele voltar. Ele não saiu com os outros. — Os olhos ansiosos da serva brilharam de uma maneira que Tella estava familiarizada.

— Sinto muito — disse Tella. — Não sei de quem você está falando.

— Não se preocupe. — A garota deu um riso estridente. — Eu sei que você está noiva, não vou contar a ninguém que você estava procurando por ele.

O que significava que ela provavelmente contaria a todos. Mas Tella tinha maiores preocupações no momento.

— Eu estou realmente procurando por minha irmã. — Ela apontou de volta para o quarto de Scarlett. — O nome dela é Scarlett. Ela é alta, com cabelo castanho espesso e...

— Eu sei quem ela é — a menina cortou. — Eu não a vejo desde ontem. — Alguma cor deixou as bochechas da menina quando ela baixou a voz para um sussurro. — Eu a ouvi perguntar a alguém por direções para o Castelo Idyllwild, mas ela nunca voltou.

Idyllwild Castle era o castelo de Jacks. Tella não conseguia pensar em uma boa razão pela qual sua irmã fosse para lá.

— Claro, eu tenho certeza que nada horrível aconteceu com sua irmã — a serva sardenta acrescentou apressadamente, como se de repente se lembrasse com quem ela estava falando. — Eu não acredito em todas as histórias sobre o herdeiro. Eu sei como as pessoas gostam de falar.

— E o que as pessoas dizem? — Tella perguntou.

— Só que ele assassinou sua última noiva. Mas eles também dizem que ele é muito bonito — continuou ela, como se isso compensasse o assassinato. — Muitos outros servos dizem que ainda se casariam com ele.

Tella queria dizer que eles eram tolos. Ela queria pentear o cabelo e assustar a menina com o sangue ainda manchando suas orelhas e pescoço. Mas Scarlett estava desaparecida. Em vez de servos assustadores, Tella precisava usar sua energia minguante para encontrar sua irmã.

Ela jogou uma moeda para a garota sardenta, mas mesmo esse simples ato pareceu mais fraco do que deveria. A moeda mal virou no ar.

Quando Tella chegou à casa da carruagem, os sinos tocaram às três da manhã. O tempo estava se movendo muito rápido e ela estava se movendo muito devagar. Sua carruagem flutuante parecia estar demorando mais do que o necessário, deslizando vagarosamente pelo céu estrelado.

As constelações azuis de Lenda ainda estavam por toda parte, exceto por cima do Castelo Idyllwild, como se a alertasse para não ir até lá.

Na noite do Baile do Destino, o castelo parecia algo roubado da fantasia de uma jovem garota. Mas depois que Tella deixou sua carruagem e alcançou a fortaleza pedregosa, ela se perguntou se o exterior de arenito branco reluzente do castelo era uma fantasia, uma ilusão feita por Lenda. Naquela noite, as pedras pareciam tão escuras quanto segredos, iluminadas por tochas laranja-avermelhadas que pareciam estar perdendo sua batalha contra a noite.

Ela parou para recuperar o fôlego na beira da ponte, grata por ter trazido as luvas de Dante. Não que ela visse qualquer ameaça. Na verdade, se alguma coisa, o castelo estava muito parado.

Além do vento amarrando seus cabelos e bagunçando as camadas de suas saias selvagens de topázio, tudo estava impregnado de silêncio. O tipo de silêncio geralmente reservado para túmulos, ruínas amaldiçoadas e outros lugares abandonados pelos vivos. Tella reprimiu um estremecimento, mas conseguiu se transformar em um calafrio. Ela não tinha medo do perigo, embora preferisse na forma de homens jovens e arrogantes. Pela segunda vez naquela noite, ela se viu desejando que Dante a tivesse seguido.

Não que ela precisasse dele.

Mas talvez Tella o quisesse só um pouco. Ela deu um passo pesado para frente e sentiu uma pontada desconfortável de vitória sem brilho que ele finalmente decidiu deixá-la sozinha. Ela sabia que ele só a seguia como parte de seu papel, e mesmo que o interesse dele fosse real, ela não tinha dúvidas de que ele desistiria dela eventualmente.

Todos desistiram dela, exceto Scarlett... que parecia não se importar mais com Tella.

Tella supunha que era outra coisa que as irmãs tinham em comum – nunca saber quando ir embora. Talvez se Tella tivesse uma melhor noção de quando abandonar uma perseguição malfadada que teria se recuperado naquele momento, ou teria questionado se a criada sardenta realmente dissera a verdade quando alegara que Scarlett nunca mais voltara do Castelo – um castelo que agora parecia mais vazio do que os olhos de uma boneca quebrada.

A ponte que leva a ela era ainda mais estreita do que Tella se lembrava, mais alta também, elevando-se acima das águas negras que não estavam tão paradas quanto na primeira noite que ela visitou. Mas Tella lembrou-se do

que Dante havia dito a ela e se recusou a pensar sobre a morte desta vez, não querendo lhe dar mais poder.

Seus passos eram mais instáveis do que o habitual e sua respiração era do lado laborioso, mas ela não ia cair, pular ou fazer qualquer outra coisa que a aterrissasse nas águas traiçoeiras abaixo. Ela ia chegar ao fim, bater na porta e recuperar a irmã. Se Scarlett estivesse lá.

Tella terminou de atravessar a ponte. Por um batimento cardíaco lento, ela jurou que ouviu passos fantasmas, mas não havia um guarda à vista.

Apertando as mãos, ela concentrou sua força e bateu contra as pesadas portas de ferro.

— Olá! — Ela começou alegremente.

Nada.

— Tem alguém aqui? — Ela chamou um pouco mais afiada.

Mais ondas caíram abaixo.

— É Donatella Dragna, a noiva do herdeiro!

Sua respiração foi curta quando suas batidas não respondidas se tornaram agressivas.

— Cuidado, ou você pode se machucar fazendo isso.

Tella se virou lentamente, meio esperando que Jacks estivesse lá, graciosamente mordendo uma maçã.

Em vez disso, havia outros três.

Eles rondaram em direção a Tella como fantasmas, vestindo mantos prateados finos e sem graça que pareciam ter perdido o brilho há muito tempo. Um era alto. Um era curvilíneo. Um estava inquieto. E

todos cheiravam a perfume antigo demais, floridos e nauseantes.

Foi errado por uma noite implacável como esta.

Embora impraticáveis, suas capas dificultavam que Tella roubasse mais do que um vislumbre de seus rostos, incrivelmente parados ou cobertos de máscaras.

O trio se aproximou.

Apesar do frio, o suor se acumulou dentro das luvas de Tella quando suas suspeitas sobre as máscaras foram confirmadas. Os três estavam disfarçados de Moiras: a Rainha dos Mortos-Vivos e Suas Servas.

Tella reconheceu o remendo de joias da Rainha dos Mortos-Vivos e pintou os lábios azuis. Suas servas eram igualmente inconfundíveis; ambos tinham lábios costurados com fio vermelho. No Baralho do Destino, suas cartas representam poder e lealdade imortal. Mas naquele momento gelado, Tella viu sua aparência combinada como três presságios muito ruins. Ninguém usava máscaras a menos que estivessem comemorando algo ou cometendo um crime.

— Vocês estão um pouco adiantados para as fantasias — disse Tella.

— Ninguém lhes disse, a Dia de Elantine não é até a noite depois de amanhã. Ou vocês estão fingindo comemorar cedo porque vocês são muito feios para mostrar seus rostos?

— Até o final desta noite, o único feio será você — disse a impostora Rainha dos Mortos-Vivos. — A menos que você nos dê o que queremos.

Tella se virou e bateu outra batida agressiva na porta.

— Isso não vai te fazer bem — disse a Rainha dos Mortos-Vivos. — Ele não está aqui.

Enquanto ela falava, todas as três figuras se aproximaram, substituindo o ar frio da noite por seu fedor. A empregada sardenta deve ter mandado Tella em um curso falso, para que esses três pudessem roubá-la, e Tella fora tola o suficiente para se acreditar nela. Ela poderia ter sido capaz de fugir, apesar de seu coração fraco, mas eles estavam bloqueando-a da ponte. Sua única fuga clara, a menos que ela desejasse pular nas águas abaixo.

Ela jurou que ouviu a voz da Morte, pedindo-lhe para dar o salto, mas Tella não estava prestes a ouvir. O fosso de tinta parecia profundo e suave, mas no segundo olhar Tella viu as pedras, espreitando como surpresas desagradáveis.

Ela pegou sua bolsa de moedas.

— Se você está aqui para implorar por dinheiro, porque o seu perfume cheira mal e os seus vistosos mantos estão muito fora de moda, então aqui. — Tella jogou a bolsa para o pequeno pedaço de terra à sua esquerda. Desde que ela imaginou que isso era o que eles estavam atrás, ela esperava que pelo menos um deles pudesse buscá-lo como um cachorro e dar a ela uma chance de escapar. Mas os cães eram criaturas claramente mais inteligentes do que esses três. Em vez de correr atrás da bolsa, cada um deles deu outro passo em direção a ela.

O cheiro de seu perfume maduro cresceu, aguçando o cheiro de flores decadentes e uma obsessão distorcida. Tella amordaçou. Mas eles nem notaram.

— Não queremos suas moedas imundas — disse a Rainha dos Mortos-Vivos. — Queremos voltar a nossa glória completa. Queremos os cartões que sua mãe roubou, os cartões que você planeja dar a Lenda, para que ele possa nos destruir e pegar o que restou de nossos magníficos poderes.

— Os dentes de Deus. — Quem quer que fossem essas mulheres, estavam levando o jogo longe demais. — Vocês são mais loucos do que peixes envenenados!

O estranho insulto pareceu surpreendê-los por um momento, mas não foi tempo suficiente para Tella escapar. Ela ainda poderia ter feito uma corrida para a ponte, mas era mais provável que ela caísse de um dos lados do que

chegar ao outro lado antes que eles a pegassem.

Uma rajada de vento passou, mas Tella achou que parecia a Morte rindo.

— Diga-nos onde estão as cartas e vamos cicatrizar apenas metade do seu rosto.

A Rainha dos Mortos-Vivos sacudiu os dois pulsos e imediatamente as donzelas retiraram as mãos dos bolsos de seus mantos. A pele deles era branca como um espectro, brilhando contra a luz da lua enquanto eles exibiam grossas unhas pretas, compridas, afuniladas e tão farpadas quanto garras. Esta não era uma parte tradicional do traje.

Felizmente, Tella tinha garras também. Apertou as pérolas negras nas luvas e mandou um agradecimento silencioso a Dante, enquanto dez lâminas de barbear saíam.

Mas suas servas não se intimidaram.

A Rainha dos Mortos-Vivos deu outro movimento em seu pulso e Suas Servas avançaram como marionetes assassinas, sibilando através dos lábios costurados.

Tella estava longe de sua força total, mas ela reuniu o que tinha. Ela bateu com as duas mãos e chutou uma perna. No começo, ela tentou assustar, em vez de lutar. Mas alguns segundos depois ficou claro que a Rainha dos Mortos-Vivos não estava mentindo sobre o rosto de Tella. Suas Servas apontavam para os olhos e bochechas de Tella, arranhando e arranhando até que tudo explodiu em dolorosas explosões de caos.

Tella cortou mais descontroladamente com suas garras, esfregando o braço de uma Dama de Ferro com força suficiente para tirar sangue.

Mas não havia sangue.

Apenas fumaça foi derramada da ferida da Dama de Ferro.

Tella cambaleou para trás quando a Dama de Ferro desapareceu diante de seus olhos.

— Infernos sujos!

Alguns segundos depois, a Dama de Ferro estava de volta, nebulosa, como se ela fosse um pouco menos corpórea do que antes. Mas definitivamente não é um fantasma. Fantasmas não deveriam ser capazes de arranhar e ferir.

Agora lutando para respirar, Tella continuou balançando e chutando.

— O que você é?

— Estou desapontada que você tenha que perguntar. — A Rainha dos Mortos-Vivos formou um soco.

Um segundo depois, uma Dama de Ferro deu um soco no estômago de Tella com uma força contundente. As costas de Tella atingiram o chão duro e o ar saiu de seus pulmões em uma onda dolorosa.

Crunch.

Um chinelo encontrou seu pulso e aterrissou impossivelmente duro.

Tella gritou. Seus ossos estavam quebrados. Seu coração estava lento e sua cabeça estava girando. Mas mesmo com as costas dela pressionadas contra o chão, ela continuou balançando com a outra mão, mais forte do que antes. Ela coçou e arranhou e bateu. Toda vez que ela conseguiu ferir uma Serva, a Dama desaparecia magicamente e reaparecia segundos depois. Tella queria negar isso... ela teve realizações de mudança de vida suficientes por um dia... mas claramente não eram atores ou participantes que levaram o jogo longe demais. Estes eram os verdadeiros Destinos.

Eles não sangraram porque não eram humanos.

Os joelhos de Tella podem ter cedido se ela já não estivesse deitada no chão. Como todos esses Destinos estavam se libertando? Jacks deveria ter avisado que havia mais pessoas correndo por aí, com assassinato em suas mentes.

— Por que você não cede? — A voz da Morte se contorceu nos pensamentos de Tella.

— Nunca! — Tella gritou.

— O que foi isso? — Disse a Rainha dos Mortos-Vivos.

— Aqueles cartões que você quer nunca serão seus — Tella gemeu.

— Depois que eu der eles para Lenda, ele vai se certificar de que todos vocês desapareçam para sempre.

Suas Servas sibilaram novamente, aumentando a ferocidade de seu ataque, mas por um momento Tella não sentiu dor quando percebeu a verdade por trás do que acabara de dizer: O Baralho de Destino de sua mãe não era apenas o item que aprisionava as Moiras... De acordo com a Rainha dos Mortos-Vivos, o baralho de sua mãe também era o objeto capaz de destruir as Moiras.

O mundo de Tella era um borrão de dor, mas o que ela precisava fazer era

de repente claro. Para ganhar Caraval, Tella só precisava encontrar o Baralho do Destino de sua mãe. Esse era o objeto que Lenda queria.

Mas a vitória que esse pensamento trouxe foi de curta duração.

— Se você não vai nos ajudar, vamos usá-la para mostrar aos outros o que acontece com aqueles que desafiam as Moiras — disse a Rainha dos Mortos-Vivos.

— Não admira que uma bruxa colocou você dentro de um cartão, eu iria aprisioná-lo apenas para calar você — Tella arrastou. Seu corpo inteiro estava gritando, ela ainda estava no chão, mas até este ponto suas garras tinham impedido as Damas de Ferro de agarrá-la e dominá-la completamente. Ela só precisava continuar lutando por tempo suficiente para que outra pessoa viesse.

Por que Dante não a seguiu dessa vez?

Ou talvez ele tivesse, mas ainda não estivesse lá. Se ele aparecesse, seria mais legal dessa vez.

Vergas escuras nadavam em sua visão. Tella limpou mais forte, cortando a panturrilha de alguém. Mas mais uma vez só fez a Dama de Ferro desaparecer brevemente.

— Termine com ela — disse a Rainha. — Estamos ficando sem tempo.

O chinelo apertou com mais força o pulso quebrado de Tella, pulverizando seus ossos em pó e fazendo-a querer chorar lágrimas de pura dor quando ambas as Servas se inclinaram para ela, abaixando suas garras mais perto de seu rosto. Ela sabia que elas planejavam mutilar ela, mas agora parecia que a queriam morta.

Tella parou de balançar o braço ileso durante um momento precioso e depois, chorando com a dor, levantou os dois braços e enfiou as garras profundamente nos dois tornozelos.

As Servas uivaram e viraram fumaça. Um batimento cardíaco irregular era tudo o que Tella tinha antes de reaparecer novamente.

Com o braço ileso, ela pulou do chão rochoso, ofegante a cada respiração, e saiu correndo da borda.

Parecia um erro no minuto em que ela bateu na água.

Ela não sentia as pedras, mas estava muito frio. Seu pulso estava quebrado demais. Seu coração estava fraco demais. Seu vestido era muito pesado. Mas

ela lutou como um demônio tentando sair do inferno e entrar no céu. Ela ignorou as coisas que sugavam seus tornozelos e qualquer coisa que escorregasse contra seus pés agora descalços. Tella não escapou de seu pai, um trio de Moiras, e todos os outros julgamentos em sua vida para permitir-se ser morta por um pouco de água fria e um pulso quebrado.

A Morte teria que se esforçar mais se ela quisesse levá-la de volta, e ela não estava disposta a deixá-la fazer isso. Se ela morresse, também não haveria ninguém para cuidar de Scarlett, para ter certeza de que sua irmã teria todas as aventuras adequadas e beijado mais garotos do que apenas Julian. Scarlett merece todos os beijos. Talvez Tella também quisesse mais beijos, aqueles que não terminariam em morte.

Tella não parou ao longo da margem lamacenta, ela se enfiou fora da água em um emaranhado de cachos e saias e hematomas molhados, peito arfando, pele azul tremendo, mas ela ainda estava de pé e respirando e vivendo.

Infelizmente, ela não estava fazendo nada disso sozinha.

A Rainha Morta-viva e Suas Servas de horror estavam esperando.

Tella disse a si mesma que poderia fugir delas. Mas ela mal podia cambalear para frente quando eles se aproximaram. Seus membros estavam líquidos, tremendo pela dor, o esforço e a miséria de tudo isso. Seus pulmões mal conseguiam engolir o ar úmido. Um pouco de vento poderia derrubá-la.

Se ela fosse Scarlett, alguém teria vindo em seu socorro agora. Julian provavelmente teria voado em um balão de ar quente e, em seguida, brotado asas para descer e levá-la embora. Infelizmente, Tella não era o tipo de garota que as pessoas salvavam... ela era a que eles deixavam para trás.

Mas ela também era do tipo que eles subestimavam.

Ela se lembrou de que ela era filha de dois criminosos perigosos.

Ela já apostou sua vida no amor de sua irmã.

Ela beijou o Príncipe de Copas e ainda vivia.

Esses Destinos não a matariam hoje à noite.

Cada Destino teve uma fraqueza. A fraqueza de Jacks era seu único amor verdadeiro; aquele que poderia fazer seu coração bater novamente. Suas Servas eram meras marionetes da Rainha dos Mortos-Vivos, que possuía a habilidade aterrorizante de controlar aqueles que se comprometiam a servi-la. Para destruir Suas Servas, Tella precisava destruir a Rainha. A Rainha

mencionara que estava ficando sem tempo e, pelo modo como Suas Servas viravam fumaça sempre que Tella machucava uma, ela se perguntava se talvez ainda estivessem amarradas aos cartões de sua mãe. Se esses Destinos não fossem tão livres quanto os Jacks. Talvez se Tella atacasse a Rainha, todos os três voltariam para a prisão de papel deles.

Felizmente, Tella conhecia a fraqueza da Rainha dos Mortos-Vivos: dizia-se que ela trocava seus olhos pelos seus poderes terríveis.

Tudo o que Tella precisava fazer era esfaquear a Rainha dos Mortos-Vivos em seu tapa-olho cravejado de joias e Tella esperançosamente viveria para ver outra noite.

— Se você é realmente um Destino todo poderoso, venha lutar comigo você mesma. — Tella mostrou as lâminas restantes em suas luvas. Restavam apenas quatro.

A Rainha dos Mortos-Vivos inclinou a cabeça para o lado, sem se impressionar.

Outra navalha caiu, deixando apenas três.

E então Tella acabou. Ela poderia ter ficado em pé, mas ela tinha sido atingida vezes o suficiente em sua vida para saber quando fingir.

Ela caiu de joelhos e depois caiu na água. Um amontoado de roupas encharcadas e fracasso.

A água que jorrava respingou contra o rosto de Tella quando um deles se aproximou. Os olhos de Tella ainda estavam fechados. Ela não podia arriscar abri-los. Ainda não. Ela só podia esperar que a Rainha dos Mortos-Vivos se aproximasse, finalmente disposta a sujar as mãos. Tella podia sentir um par de mãos frias procurando por ela na água. Longa, estimulante, invasiva. Procurando por seu pulso.

Lentamente, Tella abriu um olho. O contorno da garganta estreita de seu assaltante brilhava pálido contra a escuridão. Era a Rainha dos Mortos-Vivos. Ela levantou a máscara. Tella vislumbrou um rosto bonito marcado por uma expressão desagradável.

Tella respirou tanto ar quanto se atrevia. Suas veias estavam tremendo, seus dedos tremendo. Apesar de toda a sua bravata, Tella nunca teria feito algo assim antes; ela sempre foi uma corredora em vez de uma lutadora. A Tella que nunca morreu pode ter desistido e se arriscado com a morte.

Mas aquela garota morreu literalmente.

Tella bateu com os dois olhos abertos.

O grito que se seguiu foi apavorante, afogando o eco de seu respingo quando Tella caiu de volta na água rasa.

— Humana imunda! — gemeu a Rainha dos Mortos-Vivos e segurou o tapa-olho arruinado, o sangue negro escorrendo pelo rosto. — O que foi que você fez?

— Eu deveria ter te avisado, eu sou mais problema do que eu valho.

— Tella mais uma vez segurou o que restava de suas garras, bem como a Rainha dos Mortos-Vivos e Suas Servas viraram fumaça e desapareceram.

Desta vez elas não reapareceram.

Ela fez isso. Lágrimas embaçaram o canto dos olhos dela. Ela não tinha certeza se já estava chorando pela dor do pulso demolido, ou pela sua vitória miserável. Tella poderia ter vencido, mas ela raramente se sentia mais quebrada. Ela nunca havia se machucado tanto assim antes e realmente passou por isso.

Seus músculos estavam desgastados, e ela tinha mais hematomas do que pele. Seus olhos se esticaram contra a noite, lágrimas cansadas escorrendo por suas bochechas. O caminho para a casa da carruagem estava escuro e tão infeliz. Ela jurou que se afastou dela durante a luta.

Claro que Scarlett nunca chegou ao Castelo Idyllwild; Tella esperava que ela esteja de volta ao palácio e consiga encontrar Tella novamente. Tella só precisava chegar até ela.

As pernas de Tella tinham outras ideias, no entanto. Seus joelhos afundaram na água, que não estava tão fria como ela se lembrava. E a lama era surpreendentemente macia. Ela só fecharia os olhos por um momento. Ela descansaria apenas até conseguir reunir forças para ficar de pé ou rastejar de volta para a casa da carruagem. A água batendo era surpreendentemente reconfortante, entorpecendo seu pulso ferido e lavando todo o sangue, a sujeira e o fedor quando ela afundou mais...

Baralho de passos. Pesados.

— Donatella? — A voz soava frustrantemente familiar, mas sua cabeça estava tão turva que ela não sabia se era Dante, ou Jacks.

Era afiado como o de Jacks, mas imponente e ressonante como o de

Dante. Ela precisava abrir os olhos, mas exigia muito movimento. Se não fosse Dante, ela só queria dormir, dormir...

— Donatella! — A voz estava mais perto, mais urgente desta vez, e agora emparelhada com duas mãos muito exigentes. Eles a tiraram da água, envolvendo-a com o cheiro de tinta e desgosto. Dante.

Tella poderia ter chorado seu nome. Mas tudo doía tanto. Ela poderia ter tentado enfiar a cabeça na água, mas o bastardo se recusou a deixá-la ir.

Ele embalou a cabeça dela encostada no peito dele.

— Você pode abrir seus olhos para mim?

— Talvez eu queira dormir aqui — Tella murmurou. — Eu aposto que é mais seguro do que em seus braços.

— O que é tão perigoso sobre meus braços? — Ele murmurou.

— Para mim, tudo. — Tella lentamente levantou um olho aberta.

Veias de nevoeiro matinal coroavam a cabeça escura de Dante como uma aureola sombria. Há quanto tempo ela estava deitada lá?

E por que ele parecia um anjo vingador?

Seus olhos eram negros, sua mandíbula nada mais que uma corrente de linhas afiadas enquanto sua boca se inclinava em algo como um grunhido. Este não era o mesmo garoto cujos olhos brilharam quando ele disse que ela deveria sempre usar flores. Ele parecia feroz o suficiente para lutar contra o sol nascente, e ainda assim Tella jurou que seu esmalte brutal ficava vítreo enquanto ele olhava para baixo em seu pulso e rosto.

— Quem fez isso com você? — Ele perguntou.

— A Rainha dos Mortos-Vivos e Suas Servas. Estou começando a acreditar... — Tella começou a criticar. — Que pode não ser apenas um jogo...

Seus olhos se fecharam novamente.

— Não durma comigo. — Dante a tirou totalmente da água.

Gotejamento. Gotejamento. Gotejamento. Ela parecia um trapo úmido e se sentiu ainda pior.

Dante a puxou para mais perto. Nada nele era suave. Seu peito parecia um bloco de mármore e, no entanto, ela poderia ter fechado os olhos, encolhido contra ele e ido dormir para sempre.

— Não faça isso — ele repreendeu. — Nem pense em desistir de mim.

Você precisa ficar consciente até eu te levar a algum lugar seguro.

— Onde está isso? — Tella cortou seus olhos doloridos, a cabeça saltando contra ele a cada passo que ele tirava do caminho principal.

Quando ele começou a andar?

Eles não estavam voltando para o Castelo Idyllwild, mas também não pareciam estar indo para a casa das carruagens. Ela se perguntou delirantemente se possivelmente imaginava seu futuro porque parecia que eles estavam em algum tipo de cemitério. Tudo o que Tella podia ver eram contornos granulados de lápides musgosas cobertas de querubins que se desfaziam, ou ladeados por estátuas chorando, usando véus. As árvores acima também pareciam estar de luto, todas chovendo galhos quebradiços que rangiam debaixo das botas de Dante.

— Você decidiu me enterrar cedo? — Ela perguntou.

— Você não vai morrer. Nós vamos encontrar alguém para te curar.

— Dante começou a descer um conjunto de degraus de pedra envelhecidos, margeados por uma enorme escultura de homens vestidos com asas, todos segurando um caixão acima de suas cabeças.

Tella poderia ter gargalhado; Parecia que em toda parte que ela foi a morte e desgraça estavam determinados a seguir.

— Eu menti para você na loja de roupas — disse Tella. — Você estava certo sobre Jacks... — Ela forçou os olhos abertos mais uma vez. Sua cabeça estava girando. O mundo estava girando. Tudo o que ela queria era que isso parasse. Para tudo parar.

— Eu não deveria ter beijado ele — ela murmurou. — Eu nem sei porque eu o beijei. Eu realmente não me importo se ele me expulsou do palácio para mentir. Acho que queria te deixar com ciúmes.

— Funcionou — disse Dante asperamente.

Tella poderia ter sorrido se tudo não doesse tanto.

Dante a segurou mais perto e alisou um pedaço de cabelo que havia caído no rosto de Tella. Então seus dedos retornaram, gentilmente traçando a curva de sua boca quando ele disse: — Eu nunca quis tanto ser outra pessoa até aquele momento em que o vi te beijar na pista de dança.

— Você deveria ter me pedido para dançar primeiro.

— Eu vou, da próxima vez — Seus lábios deram um beijo em sua testa. —

Não desista de mim, Donatella. Se você ficar comigo o tempo suficiente para te levar a algum lugar seguro e quente, então eu prometo que não vou deixar você ir como eu fiz naquela noite.

Juntos, vamos consertar tudo isso.

A nitidez deixou seu rosto, e por um momento Dante parecia tão traiçoeiramente jovem. Seus olhos escuros estavam mais abertos do que o habitual, margeados por fragmentos de luz estelar que a faziam querer olhá-los para sempre. Seus cabelos caíam como fios de tinta perdida em todas as direções, enquanto sua boca perigosa permanecia aberta, parecendo vulneravelmente perto de derramar um segredo perverso.

— Você é o mentiroso mais lindo que eu já vi. — Ela tentou resmungar mais, mas sua boca não queria se mover por mais tempo.

Seus músculos estavam tão cansados.

Dante segurou-a perigosamente mais perto quando ele chegou a um mausoléu e abriu o portão. Tella disse a si mesma que só fecharia os olhos por outro momento. Dante estava murmurando outra coisa, e ela queria ouvir. Parecia que poderia ter sido importante. Mas de repente estava muito mais quente aqui, e ela não queria saber como seria adormecer embrulhada em seus braços?

Tella queria voltar a dormir no instante em que acordou, se essa forma sufocante de consciência pudesse realmente ser considerada vigília. Seus olhos não abriram. Seus lábios não se moveram. Mas ela podia sentir a dor, queimando muito forte. Seu mundo inteiro era formado por ossos feridos e pele fatiada, pontuada por fragmentos de sons e palavras rebeldes, como se sua audição não pudesse decidir se queria ou não funcionar.

Havia duas vozes, masculinas, ambas ecoando. A cabeça grogue de Tella conjurou imagens de paredes rochosas escondidas no subsolo.

— O que fez...

— Eu...

— Salvar... ela...

— Eu sei os riscos... mas as Moiras... Ela não vai se curar.

— Eu pensei que o Príncipe... era o único livre das Moiras?

— Essas Moiras... permaneceram escondidas por anos... ou o feitiço aprisionando as Moiras está enfraquecendo.

A outra voz murmurou uma maldição.

Tella sentiu então, algo que não era dor, molhado contra seus lábios. Mais grosso que água e ligeiramente metálico. Sangue.

— Beba.

Algo quente pressionou mais firmemente contra a boca de Tella, até que ela pudesse sentir o sangue úmido pingando em sua língua. Seu primeiro instinto foi cuspir. Mas ainda era impossível se mexer, e ela gostou do que testava como poder e força e algo feroz o suficiente para fazer seu coração disparar. Com extremo esforço ela conseguiu lambe e beber mais.

— Boa menina. — Era uma das vozes de antes, mas agora que um pouco da dor dela tinha entorpecido, Tella poderia adicionar um nome. *Julian*.

— Isso deve ser suficiente. — A segunda voz era mais baixa e mais autoritária. *Dante*.

O coração de Tella bateu ainda mais rápido.

Um instante depois, não havia mais sangue. A dor ainda estava presente, mas estava entorpecida.

— Encontre a irmã dela. — Dante novamente. — Leve ela para o quarto de Tella no palácio. Eu não quero que ela acorde sozinha.

Uma pausa seguiu, estendida de uma forma que fez Tella temer que sua audição falhou, até que a voz de Julian quebrou o silêncio.

— Você realmente se importa com ela?

Outra pausa.

— Eu me importo em encontrar essas cartas, e ela é nossa melhor esperança para isso, irmão.

Deveria ter parecido o fim da existência quando Tella voltou à consciência mais uma vez. Tudo dela deveria ter doído de todas as maneiras possíveis. Ela deveria ter acordado para um mundo de dor, para um pulso gritando, um rosto inchado e pés machucados. Em vez disso, seu corpo parecia completo e descansado, e seu coração batia mais forte do que na noite anterior.

Onde quer que ela estivesse, esse novo universo era deliciosamente aconchegante e doce, como se alguém a tivesse colocado no centro de um feriado.

Algo crepitava, um fogo que cheirava levemente a canela e cravo.

Também havia gargalhadas ondulantes, irregulares e ofegantes, a risada de sua irmã quando ela achava seu companheiro genuinamente engraçado.

Se Scarlett estava rindo, não poderia ser de todo ruim.

Tella cautelosamente abriu as pálpebras.

E as fechou imediatamente. Ou ela tentou fechar os olhos, mas eles se recusaram a fechar, como se fossem incapazes de desviar o olhar da visão vívida de sua irmã, vestida em sedutores tons de vermelho, e Jacks, brilhando fracamente enquanto se inclinava preguiçosamente por um dos lounges adornados na suíte da torre de Tella. Sua irmã e seu noivo falso riram e conversaram e se olharam como se não pudessem estar mais apaixonados.

Tella se sentou. Parecia que ela estava no topo, mas não dentro de sua cama. Ela não tinha certeza se queria saber quem a havia tirado do vestido dizimado, ou como. Mas de alguma forma ela estava em um vestido novinho em folha – o mesmo sal marinho prateado e azul como os olhos de Jack, com mangas unidas por um simples nó, uma saia esvoaçante e um corpete amarrado com fitas de cardo escuro que a faziam parecer um presente que alguém tinha desembulhado pela metade.

Dante não parecia estar em qualquer lugar e nem Julian. O olhar de Tella tomou todos os cantos da sala. A luz fraca de pêssego que entrava pela janela dava a impressão de uma manhã lenta, mas não havia indícios de que Julian ou Dante tinham estado lá. Só pensar em Dante trouxe uma onda de tontura que a fez querer fechar os olhos novamente. Sua pele se esquentava enquanto ela se lembrava da maneira protetora que ele a embalou em seus braços. Mas então se queimou quando ela pensou nas últimas palavras que ele disse para Julian. Ela queria acreditar que tudo o que ela tinha escutado era apenas um sonho. Mas então quem a curou? E como ela acabou aqui?

Na frente do fogo moribundo, Jacks e Scarlett ainda conversavam; nenhum deles percebeu que Tella não estava mais dormindo. Jacks estava jogando uma maçã azul pálida e dizendo algo muito baixo para Tella ouvir, mas fez as bochechas de sua irmã ficarem rosadas.

Tella tossiu. Alto.

— Ah, Tella! — Scarlett pulou de sua cadeira, e Tella jurou que o rosto da irmã se avermelhou ainda mais. — Estou tão feliz que você esteja acordada. Jacks e eu estivemos tão preocupados.

A cabeça de Tella se virou para o vilão em questão.

— Eu nem sequer pensei que você fosse permitido aqui.

— Eu amo como você esquece que eu sou o herdeiro do trono — disse Jacks suavemente. — Este palácio é praticamente meu. Mas mesmo se não fosse, ninguém poderia me manter longe de você, mesmo depois de um incidente tão pequeno.

Seus olhos se prenderam aos de Tella enquanto ele chegava ao seu lado da cama, silenciosamente comandando-a para concordar com qualquer coisa que ele falaria em seguida.

— Sei que você só caiu de alguns metros depois de sair acidentalmente da carruagem cedo demais e bateu sua cabeça.

— Mas eu ainda me preocupo com o que teria acontecido se eu não estivesse lá para te pegar e te levar de volta para cá, meu amor. — Ele falou tudo afetuosamente, como se achasse tudo sobre ela totalmente cativante.

Tella jurou que os olhos de Scarlett se transformaram em pequenos corações. Tella começou a se perguntar se talvez esse fosse o sonho real, embora se parecesse mais com um pesadelo. Scarlett parecia muito

conquistada por Jacks, que nem deveria estar lá. Dante e Julian a salvaram – onde estavam *eles*?

Jacks pegou o pulso de Tella e apertou suavemente. Se ela não soubesse melhor, ela teria dito que ele parecia preocupado.

— Seu pulso parece forte. Mas você provavelmente precisa de um pouco de comida. — Ele se voltou para Scarlett. — Você seria um tesouro e buscaria uma nova bandeja de frutas, chá e biscoitos para sua irmã? Levará muito tempo para chamar um criado e não acho que devamos arriscar deixá-la desmaiar novamente.

— Claro — disse Scarlett. Alguns segundos depois ela se foi, deixando Tella e Jacks sozinhos.

Por um momento houve apenas o crepitar do fogo e o olhar preocupado de Jack, tão prateado quanto estrelas cadentes; ele parecia ser melhor em imitar emoções reais do que quando o viu três noites atrás.

— O que você está fazendo aqui? — Tella perguntou.

O olhar de Jacks se tornou instantaneamente desapaixonado.

— Eu tenho espiões por todo o palácio — disse ele. Seu tom estava entediado, como se o desapontasse ela não ter feito uma pergunta mais original. — Eu sei tudo o que acontece aqui. No momento em que o ator te levou pelos túneis, fui alertado, e é uma coisa boa. Sua irmã entrou correndo aqui minutos depois que eu cheguei e tive que inventar aquela história sobre você cair de uma carruagem, porque ela estava com a impressão de que você quase morreu.

— Eu quase morri! Por que você não me disse que outras Moiras estavam livres?

— Quem você encontrou? — Ele perguntou friamente.

— A Rainha dos Mortos-Vivos e Suas Servas.

Jacks deu uma mordida descuidada em sua maçã azul, mas Tella jurou que suas feições se afiaram enquanto ele mastigava, como se ele não fosse tão indiferente quanto parecia.

— Você tem sorte de elas serem fracas.

— Elas não pareciam fracas para mim. Essas servas quase me mataram. Quantas outras Moiras estão livres?

Jacks deu uma risada amarga.

— Só porque alguns de nós estão fora das cartas não significa que estamos livres. Quando aquela bruxa nos amaldiçoou, ela tomou metade dos nossos poderes. Eu sou uma sombra do que eu fui uma vez. Você acha que meu único poder foi ter um beijo mortal? Eu fui chamado o Príncipe de Copas porque eu podia controlar mais do que apenas a batida do coração de alguém.

Com um toque eu poderia dar ou tirar sentimentos e emoções.

Se eu estivesse com todos os meus poderes, nem estaríamos tendo essa conversa. Você ficaria tão incontrolavelmente apaixonada por mim que faria o que eu pedisse sem questionar.

Tella não se incomodou em segurar a risada.

— Nenhum poder na terra poderia me fazer apaixonar por você.

— Veremos. A menos que você não viva depois dessa semana. — Jacks jogou sua maçã no fogo. Que se ascendeu em um azul celestial, cobrindo brevemente a sala em um brilho incongruente com aquela conversa mortal. Isso lembrou Tella das estrelas de Lenda da noite anterior.

Ou elas eram estrelas de Dante?

Finalmente, Tella se permitiu realmente considerar o que havia escutado entre Dante e Julian. Eles não só tinham a curado magicamente com sangue, mas Dante tinha chamado Julian de irmão.

Se Julian estava dizendo a Scarlett a verdade sobre Lenda ser seu irmão, então Dante era Lenda. Mas se Dante era Lenda, por que ele trouxe Tella para Julian para curá-la? Talvez Julian fosse mesmo Lenda.

Tella desejou ter sido capaz de abrir os olhos e ver o sangue de quem ela estava bebendo. Havia uma chance de não pertencer a Julian ou Dante; talvez Julian guardasse um estoque de sangue mágico em algum lugar. Isso parecia altamente improvável. Mas também parecia surreal imaginar que um de seus irmãos era na verdade Lenda, e que ele a alimentou com sangue para mantê-la viva.

De qualquer forma, entregar Lenda a Jacks no final do jogo não parecia o mesmo de antes, nem de perto.

E ainda sim havia uma parte cruel de Tella que gostava da ideia de que Dante era realmente Lenda. Depois de ouvir Dante dizer a Julian que ele só se importava com Tella porque ela poderia encontrar as cartas, parte dela teria o dado de bom grado a Jacks – mesmo que o resto dela avisasse que esta

era uma idéia terrível.

Tella voltou a olhar para Jacks para encontrá-lo brincando com um de seus cachos mel-loiros. Isso provocou um arrepio em todo o seu corpo, fazendo com que os pedaços dela que tinham sido curados se quebrassem mais uma vez. Ela tentou se livrar da sensação. Em vez disso, ela se viu imaginando como seria Jacks em seu poder total.

Quando as Moiras governaram antes, diziam que elas eram mais como deusas do que humanas. Ela imaginou seus lábios para sempre manchados de sangue e uma pilha de donzelas mortas a seus pés.

— É por isso que você quer Lenda? — Tella perguntou a Jacks. — Para recuperar o resto dos seus poderes?

— Eu acho que você já sabe a resposta para isso — retrucou Jacks.

— O que acontece com Lenda, uma vez que esta transação seja feita?

Irritação brilhou nos olhos de Jacks.

— Você está preocupada com o imortal Mestre Caraval?

— Não, mas estou preocupada em dar mais poder a monstros como você e a Rainha dos Mortos-Vivos.

— Os monstros terão mais poder, não importa como essa história termine. — disse Jacks agradavelmente. — O que você acha que vai acontecer com Lenda se ele nos destruir e adquirir toda a nossa magia? Eu gosto de poder, mas nenhum humano ou imortal deveria ter tanto disso. Se Lenda conseguir o que ele quer, ele será um vilão maior do que o mundo já viu.

— Então você acredita que o jogo é real?

— Talvez não para todos que estão jogando, mas é para você, eu e Lenda. Isso muda as coisas para você, animal de estimação?

Porque se você está pensando duas vezes, deixe-me lembrá-la de duas coisas. Você falhou seu acordo comigo, você vai morrer no final desta semana, e a sua mãe também. Existem apenas duas maneiras de libertar alguém de uma carta. Um humano deve voluntariamente tomar o seu lugar dentro da carta, ou um imortal com grande poder deve quebrar a maldição e libertar todos os que estão presos nas cartas. Lenda nunca escolheria libertar as Moiras. Se ele puser as mãos nas cartas, ele as destruirá, incluindo sua mãe.

Jacks se aproximou o suficiente para roçar a orelha de Tella com os lábios

frios, enquanto colocava seu cabelo para trás e sussurrava: — A carta que sua mãe está presa dentro está ligada ao baralho de cartas aprisionando todas as Moiras. A menos que você queira que sua mãe morra, assim que você ganhar o jogo você entrará em contato com a moeda sem sorte e me dará Lenda como prometeu.

— Eu te odeio — rosnou Tella.

Jacks riu contra o lóbulo da sua orelha, como se o sentimento lhe desse uma empolgação.

— Estou interrompendo alguma coisa? — A voz de Scarlett soou da porta.

Tella olhou para a irmã segurando uma bandeja colorida de comida e ainda sorrindo um pouco demais para Jacks.

— Eu estava apenas dizendo adeus. — Jacks alisou um cabelo errante da testa de Tella, franzindo a testa, como se ele odiasse deixá-la.

Scarlett olhou como se ela pudesse desmaiar com a vista. E Tella imaginou que provavelmente parecia indescritivelmente elegante, com ela deitada ali, pálida sobre as almofadas, e Jacks parecendo selvagem, brilhando e dourado, com o cabelo dourado caindo sobre um olho estranho.

— Eu gostaria de poder ficar mais tempo. Mas não se preocupe, meu amor, voltarei para buscá-la esta noite para o nosso jantar com a imperatriz.

Scarlett ofegou ao pousar a bandeja ao lado da cama.

— Você está jantando com a imperatriz?

— Ah, sim — interrompeu Jacks, antes que Tella pudesse reagir a essa nova informação. — Sua Majestade está muito ansiosa para conhecer a garota que roubou meu coração. Ela não se importou com a minha última noiva, mas sei que ela vai amar Donatella tanto quanto eu. Seu tom não poderia ter sido mais doce se ele tivesse mergulhado em mel, e desta vez Tella não podia discernir se o que ele acabara de dizer era para o benefício de Scarlett, ou o tormento de Tella. Se a imperatriz amava Tella tanto quanto Jacks, então ela não a amaria de maneira alguma.

Este jantar de repente pareceu uma péssima ideia.

De certo modo, a imperatriz sempre fora tão mítica para Tella quanto as Moiras; uma poderosa governante que ela ouviu falar, mas nunca viu. E, embora estivesse curiosa, Tella ficaria bem em não ter a honra de conhecer Sua Majestade. Mais importante, uma noite com a imperatriz significava

menos uma noite para Tella jogar o jogo e encontrar a carta de sua mãe, que Tella agora tinha certeza que eram a chave para ganhar o jogo.

— Eu não posso jantar com você hoje à noite — disse Tella. — Restam apenas três noites de Caraval.

— Você continua esquecendo o quão importante eu sou — disse Jacks. — Isso significa que você também é importante agora. Eu disse à imperatriz o quanto você tem gostado do jogo e ela cancelou tudo o que planejou para esta noite, para que você não fique para trás.

— Mas...

— Já está feito — ronronou Jack, olhando para a irmã de Tella e uma pitada de coragem em sua voz que não estava lá antes, lembrando Tella exatamente o que ela tinha a perder se essa farsa de um noivado fosse exposta.

Tella queria perguntar por que isso importava tanto para ele. Quando eles se conheceram, ele alegou que expor a mentira iria pintá-lo como fraco e colocar sua vida em risco. Assim que ela descobriu que ele era uma Moira, ela imaginou que era uma mentira, mas talvez ele estivesse vulnerável até que ele tivesse seu poder total.

— Agora — acrescentou em voz alta. — Eu realmente preciso ir. — Ele disse um rápido adeus a Scarlett. Felizmente, ele não fez nenhuma tentativa de beijar sua mão ou bochecha.

Embora pela maneira como Scarlett agitou os cílios enquanto fechava a porta atrás de si, Tella imaginou que sua irmã queria que Jacks pelo menos roçasse seus lábios contra seus dedos.

— Scar, você precisa ter cuidado com ele.

— Isso é engraçado — disse Scarlett, virando a cabeça rapidamente para Tella. — Eu estava prestes a dizer-lhe a mesma coisa.

Scarlett segurou a alça de vidro da porta com cinco dedos brancos enquanto suas costas pressionavam-se contra ela, como se ela estivesse a barrando para impedir a reentrada de uma pessoa em particular.

— Tella, o que você está fazendo com o herdeiro do trono? — O sorriso de Scarlett desaparecera e sua voz passara de doce de melão a azedo.

— Eu pensei que você gostasse dele, do jeito que você ficava sorrindo.

— Sua reputação é cruel, e ele é real — eu vi suas fotos por todo o palácio. De que outra forma eu deveria agir? — Scarlett marchou de volta para a cama e se empoleirou na borda, um brilhante pássaro vermelho prestes a atacar. — Tella, o que está acontecendo? Quando Julian me disse para vir aqui mais cedo, ele fez parecer que você quase morreu, mas então Jacks me contou uma história ridícula sobre você cair de uma carruagem. Ele te machucou?

— Não, Jacks não colocou um dedo em mim.

— Então me diga o que aconteceu. Julian se recusou a explicar. Ele fugiu, e desta vez eu nem sequer disse a ele para ir.

Tella puxou as fitas azuis de sal do mar penduradas em seu vestido, evitando o olhar exigente de sua irmã. Scarlett continuou olhando para Tella como se ela tivesse feito algo errado. Mas Tella não estaria nessa situação se Scarlett não estivesse guardando segredos.

— Você quer saber o que aconteceu? — Tella perguntou. — Eu estava procurando por você. Eu fui à sua suíte depois da meia-noite, mas você se foi. — Tella finalmente olhou para cima. — Onde você estava, Scarlett?

— Eu não estava em lugar nenhum — ela respondeu estritamente. — Eu estava no meu quarto, dormindo.

Os olhos de Tella se estreitaram.

— Eu bati.

— Eu devo ter dormido por todo o tempo.

— Eu bati forte o suficiente para machucar meus dedos.

— Eu estava exausta. — Scarlett pressionou as mãos contra a saia e alisou uma ruga inexistente. — Você sabe o quão pesado eu posso dormir.

Tella não queria duvidar de sua irmã. O tom de Scarlett era sincero, mas a maneira como as mãos dela continuavam a se mexer com as dobras de seu vestido deu a Tella a impressão de que mesmo que ela estivesse dizendo a verdade, não era a história toda. Ela apenas continuou alisando e alisando e alisando.

Scarlett pareceu sentir as crescentes dúvidas de sua irmã.

— Eu não estou jogando o jogo. Onde eu estaria, Tella?

— Talvez você não esteja jogando porque está trabalhando para Lenda — Tella acusou.

— Você... você acha que eu estou no jogo? — Scarlett crepitou.

— Eu não sei o que pensar! Depois de tudo o que aconteceu ontem à noite, não tenho certeza se ainda acredito que é apenas um jogo — admitiu Tella.

Para seu crédito, Scarlett não disse que era exatamente isso que ela a havia alertado. Em vez disso, ela respirou fundo e alisou sua saia novamente, antes de dizer calmamente: — Você já se esqueceu do que Lenda me fez passar no último jogo? Você realmente acredita que eu faria parte de algo que faria algo assim com você? Não responda, porque está claro pelo seu olhar que sim. Mas eu nunca machucaria você assim, Tella. Eu juro, não estou trabalhando para Lenda e se você acredita o contrário, os truques de Lenda estão funcionando em você. Scarlett pegou uma das mãos de Tella, sua mão quente e firme, mas um pouco instável. Tella poderia ter interpretado que isso significava que sua irmã estava sendo desonesta, ou que Scarlett, que raramente mentia para Tella, estava genuinamente ferida.

Tella sentiu uma flecha de culpa.

— Sinto muito — disse Tella. — Você está certa. Eu não deveria ter pulado para a conclusão de que você estava trabalhando com Lenda só porque você não atendeu à sua porta.

Tella quase riu quando ela disse as palavras em voz alta; ela deu um grande salto. Mas parecia muito cedo para brincar sobre isso. Scarlett ainda

segurava a mão de Tella e, no entanto, o vínculo entre elas era incomumente frágil, como se o peso dos muitos segredos de Tella pudesse quebrá-lo.

Ela olhou para a janela. A luz havia mudado de pêssego preguiçoso para damasco brilhante, transformando tudo na sala um pouco mais dourado. Tella não estava prestando atenção aos sinos, mas imaginou que fosse por volta ou depois do meio-dia. Havia horas suficientes antes do anoitecer e do jantar com a imperatriz para confessar tudo a Scarlett. E Tella considerou isso. Mas ela duvidava que Scarlett acreditasse em qualquer coisa que Tella tivesse aprendido durante o jogo, o que a assustou quase tanto quanto a ideia de Scarlett acreditar em tudo.

Tella quase quis ouvir a confirmação de sua irmã de que tudo era apenas um jogo. Mas se Caraval fosse tudo real – à medida que o encontro desta manhã com a Rainha dos Mortos-Vivos tinha começado a convencer Tella – fingir que era apenas um jogo não faria bem a Tella. No entanto, convencer Scarlett de que era real também não ajudaria Scarlett. Ela só se preocuparia mais com Tella.

Mas talvez houvesse um segredo que Tella poderia revelar que tornaria as coisas melhores em vez de piores.

— Eu acho que Dante pode ser o irmão de Julian.

— Por que você diz isso? — O tom de Scarlett era puro ceticismo. — Os dois nem sequer gostam um do outro.

— Eu ouvi algo ontem à noite.

— Provavelmente foi apenas um ato para o jogo.

— Pareceu muito convincente.

Scarlett fechou os olhos.

— Você realmente está começando a acreditar que não é apenas um jogo, não está?

— Não — Tella mentiu.

— Mas você acha que Julian e Lenda são irmãos?

— Sim — disse Tella. — Eu acho. — Ou ela achava, até que sua irmã começou a olhar para ela como se tivesse perdido a cabeça.

Scarlett respirou fundo.

— Eu gostaria de poder acreditar em você, mas eu nem estou jogando e isso está me fazendo questionar as coisas. — Ela apontou para a porta. — Eu

ainda não consigo entender por que você e o herdeiro alegam estar noivos. Tenho certeza de que tem algo a ver com o jogo, mas não consigo imaginar o que. Tudo que sei é que isso me assusta, Tella. E se eu estou confusa, você deve estar ainda mais confusa.

A voz de Scarlett se rachou e algo dentro de Tella se quebrou junto com isso.

Tella não queria mentir para sua irmã novamente, mas ela também sabia que não poderia contar a ela toda a verdade.

— Eu estou jogando o jogo em nome de Jacks — Tella confessou. — Se eu ganhar e lhe der o prêmio — ela disse. — Então ele vai nos reunir com a nossa mãe.

A expressão de Scarlett endureceu, mas ela não disse uma palavra.

Segundos se passaram.

Tella quase temia que sua irmã não iria responder, que ela ignorasse o assunto como sempre fazia. Mas foi quase pior quando ela falou.

Scarlett pronunciou cada palavra como se fosse uma maldição, como se ela preferisse saber que a mãe delas estava morta.

— Por que você ainda está procurando por aquela mulher?

— Porque ela não é uma mulher qualquer, ela é nossa mãe. — Tella pensou em caminhar até seu pequeno baú e retirar o cartão que Paloma estava presa dentro, mas não era indestrutível como o Oráculo, e temia que Scarlett fizesse algo imprudente como tentar rasgá-lo ao meio.

A cor do vestido de Scarlett mudou, escurecendo de vermelho carmim a borgonia furioso, combinando com o tom escuro de sua voz quando ela disse: — Eu sei que você quer acreditar o melhor sobre ela. Por muito tempo eu também quis. Mas ela nos deixou, Tella, e ela não apenas nos abandonou, ela nos deixou com nosso pai. Eu sei que você continua esperando que haja uma boa razão para isso. Mas a verdade é que, se ela nos amasse, ela teria ficado ou nos levado com ela.

Tella considerou dizer a sua irmã que sua mãe foi embora para protegê-las de um maldito Baralho do Destino contendo todas as Moiras, mas quando ela pensou tudo de uma vez, soou ridículo. E, se Tella dissesse a Scarlett sobre as cartas, ela também teria que confessar que a mãe delas era uma criminosa que roubara as cartas em primeiro lugar, e ela duvidava que isso ajudasse em seu

caso.

— Sinto muito que vemos isso de forma tão diferente — disse Tella.

— Eu só não quero ver você se machucar novamente. — Scarlett afundou contra a cama mais próxima. — Olhando para esta situação – para o fato de que você se uniu a um herdeiro violento para encontrá-la grita para mim que não vai acabar bem.

— Eu sei que você não gosta disso — disse Tella. — Mas se é com o Jacks que você está preocupada, confie em mim quando eu te digo que esse negócio entre nós terminará assim que o jogo terminar.

— Você tem certeza disso? — pergunta Scarlett. — Quando ele estava aqui, ele não parecia querer te deixar ir tão cedo.

— Ele é um bom ator.

— Eu não acho que é isso.

— É por isso que eu estou pedindo para você confiar em mim. — Tella apertou a mão da irmã. — Eu confiei em você quando você me disse que não estava trabalhando para Lenda. Eu prometo, daqui a três dias, nem você nem eu teremos que ver Jacks novamente.

— Muita coisa pode mudar em três dias — disse Scarlett.

Mas ela não discutiu depois disso, fazendo Tella pensar se talvez sua irmã tivesse um segredo próprio afinal.

O QUE DEVERIA
TER SIDO
A QUARTA NOITE
DO CARAVAL

Tella não conseguia parar de tecer flores em seus cabelos. Ela sabia que já havia até demais; sua cabeça parecia um jardim cheio de plumerias azuis. E ela continuou a adicionar mais.

Depois que Scarlett saiu, um buquê de plumerias chegou à sua porta sem uma nota. Tella imaginou que elas eram um presente de Jacks, já que eles combinavam com o vestido de baile que ele havia mandado para aquela noite. Tella tinha começado a atirar as flores pela janela, mas algo sobre o perfume delas era familiar de uma forma que a fez doer com a ideia de se separar do buquê azul. Ela colocou uma no cabelo, depois outra e outra, perdendo-se em seu doce aroma e concentrando-se no pequeno ato de tecê-los em seus cachos, em vez do fato de que ela estava jantando com a imperatriz do Império Meridiano.

Apenas o pensamento a desequilibrou.

Desde que seu pai era governador, Tella aprendera todas as boas maneiras para agir em um baquete com nobres, mas ela nunca foi muito boa em segui-las. E ela não sabia nada sobre jantar com a realeza.

Ela pegou outra plumeria do buquê diluído.

Uma risada flutuou da porta de seu quarto.

Tella se afastou de sua vaidade para espiar Jacks, encostando-se à armação.

Ela esperava que pela primeira vez ele fizesse uma tentativa de parecer real. Mas como na noite do Baile do Destino, Jacks nem tinham um casaco. Ele usava uma camisa solta da cor de conhaque derramado, com ombros rasgados que davam a impressão de ter arrancado algum tipo de ornamentação, pendurado por cima de calças castanhas queimadas que eram enfiadas em botas de couro não polidas. Casual era uma palavra muito chique

para descrevê-lo, mas a magia ainda pulsava em torno dele em um brilho de cobre em chamas.

Em uma mão sem luvas, ele segurava uma maçã fresca, branca e brilhante como os lençóis de uma virgem.

— Boa noite, Donatella.

— Você sabe que não é educado entrar sorrateiramente no quarto de uma moça.

— Acho que deixamos a educação para trás faz um tempo. Mas...

— Jacks empurrou para longe o batente da porta em um movimento ágil e ofereceu-lhe o braço... — Eu prometo estar no meu melhor comportamento hoje à noite.

— Isso não diz muito. — Tella alisou suas saias enquanto se levantava do seu poleiro. O vestido que ela usava parecia mais pesado do que qualquer um dos outros que Jacks tinha enviado. Uma metade era de seda azul-pérola sem adornos, a outra era uma combinação ornamentada de redemoinhos de jóias, flores de veludo azul-crepusculares e enfeites de renda azul-glaciares, que derramaram sua saia em uma combinação casual que lembrou Tella de uma caixa de jóias derrubada.

— Não se preocupe — disse Jacks. — Eu tenho certeza que El vai te adorar.

— Você acabou de se referir à imperatriz como El?

— Elantine é muito grande.

— Você me chama de Donatella.

— Eu gosto de como soa. — Os dentes de Jacks quebraram a pele de sua maçã lentamente, revelando uma carne vermelha escura quando ele deu uma mordida larga.

Tella se forçou a aceitar o braço dele, sabendo que qualquer sinal de desconforto e desprazer só parecia lhe dar prazer. Mas, para sua surpresa, ele se comportou como um cavalheiro enquanto subiam os degraus da torre de ouro de Elantine para encontrar a imperatriz no último andar.

Jacks segurou o braço de Tella levemente o suficiente para que ela pudesse se afastar a qualquer momento, mais focado em sua maçã do que nela, até depois de alguns lances de escada. Ele soltou o braço dela e se virou para encará-la, abruptamente.

Seus dentes afiados morderam seus lábios em vez de seu pedaço de fruta, enquanto seus olhos prateados dançavam sobre seu cabelo.

Tella havia perdido várias flores nas escadas. Foi provavelmente o melhor. No entanto, Jacks começou a franzir a testa enquanto ele a levava.

— O que foi? — Tella perguntou.

— A imperatriz precisa acreditar que estamos apaixonados. — Ele fez uma pausa, como se estivesse cuidadosamente escolhendo suas próximas palavras. — Minha situação com El é complicada. Se eu pudesse matá-la, eu faria, mas há proteções nela que me impedem. E

embora ela seja velha, ela não está perto de morrer. Ela está, no entanto, perto de passar seu trono para mim. Mas isso não vai acontecer até que eu encontre alguém que ela acredita ser adequado para compartilhar comigo.

— E você acha que eu sou esse alguém? — Uma risada acompanhou as palavras de Tella.

Mas Jacks não sorriu.

— Você convenceu Lenda a ajudá-la, você morreu e voltou à vida, e você se atreveu a me beijar. Claro que você é esse alguém. — Ele segurou seus olhos por um momento antes de seu olhar passar por ela.

Tella seguiu a linha dos olhos para um espelho pendurado na parede.

Que refletia os dois. Para espanto de Tella, Jacks parecia diferente no espelho; deve ter sido incapaz de captar sua verdadeira essência.

Com a camisa rasgada e botas não polidas, ele ainda parecia como se tivesse acabado de sair da cama ou caído de uma janela baixa – mas ele também parecia mais jovem, mais menino, mais travesso do que encarnado pelo mal. Seus olhos eram de um tom brilhante de azul, sem qualquer indício frio de prata. Sua pele ainda estava pálida, mas havia um toque de cor em suas bochechas e uma sutil curva em sua boca que o fez parecer como se estivesse prestes a dizer algo malcriado.

— Você está olhando para a pessoa errada, querida. — Jacks gentilmente pressionou a mão em sua bochecha, mudando sua visão para que Tella visse seu próprio reflexo.

Ela se sentou na frente de um espelho fixando flores em seus cabelos por mais de uma hora, mas ela não olhou para si mesma, não de verdade. Às vezes, quando ela olhava no espelho, jurava que via a sombra da Morte em

vez da sua. Mas quando ela olhou para seu reflexo agora, ela não viu a Morte. Sua pele brilhava, não apenas com a cor de subir as escadas, mas com a vida capaz de dias e semanas e temporadas de aventuras ainda não vividas. Ao lado dela, Jacks de repente parecia ainda mais pálido em comparação. Seu brilho significava que ele nunca morreria de causas naturais ou feridas mortais, mas seu brilho significava que ela realmente viveria.

— Outras pessoas podem subestimá-la, Donatella, mas eu não.

Tella tentou não sentir nada com suas palavras. Toda a sua vida ela tinha sido subestimada, por seu pai que achava que ela era inútil, sua irmã que a amava, mas temia que ela não pudesse ficar longe de problemas, sua avó que pensava nela como apenas um incômodo; Tella até subestimou a si mesma às vezes. Era quase cruel que quem parecia acreditar nela era o mesmo ser que também a matava lentamente.

— Se eu falhar, você vai me matar cedo, da mesma forma que você matou sua última noiva?

A expressão de Jacks se fechou.

Eu não a matei.

— Então, quem foi?

— Alguém que não queria que eu tomasse o trono.

Jacks deixou cair a maçã, deixando-a descer as escadas enquanto segurava o braço de Tella. Ele a segurou um pouco mais perto do que antes, quase protetoramente, mas ele permaneceu em silêncio enquanto continuavam subindo, como se a menção de sua ex-noiva tivesse realmente o chateado. Talvez se Tella acreditasse nele se sentiria culpada. Mas ele era o Príncipe de Copas, e todos sabiam que o príncipe não era capaz de amar. As histórias diziam que ele tinha um amor verdadeiro, mas Tella duvidava que ele a encontraria.

E dada a forma como casualmente ele mencionou desejando poder matar a imperatriz, Tella duvidou que Jacks fosse afetado pela perda de uma vida humana.

— Por que o trono é tão importante para você? — Tella perguntou depois de mais alguns degraus. — Como uma Moira, eu acho que você não gostaria de ser sobrecarregado pelo poder mortal.

— Talvez eu goste da idéia de usar uma coroa. — Jacks inclinou a cabeça,

deixando cair mais cabelo dourado em seus olhos. — Você viu a coroa do imperador?

— Eu não posso dizer que sim. — Mas Tella tinha testemunhado como Jacks se vestia de maneira descuidada, e mesmo que não fosse o caso, ela não podia imaginar que o Príncipe de Copas lutaria tanto para ser o herdeiro simplesmente para poder usar uma coroa.

Ela estava prestes a perguntar o que havia de tão especial nessa coroa quando finalmente pararam de subir.

Tella não contou o número de voos que eles pegaram, mas ela imaginou que eles estavam perto do topo da torre. Duas portas lacadas negras esperavam por eles, com guardas vestidos de armadura completa de cada lado. Eles devem ter reconhecido Jacks.

Sem uma palavra os guardas abriram as portas.

Velas caíam de cada centímetro de um teto branco, como gotas de chuva brilhantes e cerosas, enchendo o cômodo abobadado de espirais bruxuleantes de luz dourada. Tella só teve um momento para absorver tudo, para olhar o vapor que subia do elaborado banquete sob as velas e o intrincadamente esculpido palco do outro lado da sala, antes de uma voz feminina romper o silêncio.

— Finalmente você está aqui — A imperatriz Elantine se levantou de um assento no final da mesa de banquete.

Tella esperava um espectro pálido de mulher, magra e ossuda e mais fria que sua nana Anna, mas Elantine tinha bochechas cor-de-rosa, pele azeitonada escura e um corpo redondo que dava a impressão de que seria muito suave abraçá-lo.

— Você, minha querida, é adorável. — Elantine sorriu e era luminosa, como se estivesse guardando sorrisos para conhecer Tella. A expressão iluminou todo o rosto de Sua Majestade, fazendo com que o diadema de ouro subisse em cima de sua cabeça e as jóias que revestem seu manto azul real brilhassem ainda mais.

Tella caiu em uma reverência.

— É um prazer conhecer você, Sua Majestade. Jacks me contou muito sobre você.

— Ele contou como planeja me matar?

Tella engasgou com um suspiro.

— Não pareça tão assustada. Eu estou apenas brincando! Jacks é meu herdeiro favorito até agora. — Elantine piscou e dobrou Tella firmemente em seus braços.

Por causa de sua nana Anna, que era esbelta como um galho de árvore, Tella sempre pensara em pessoas mais velhas como frágeis e quebradiças, mas Elantine abraçava ferozmente, quente e descuidado o suficiente para enrugar suas roupas imaculadas.

Depois de liberar Tella, Elantine também abraçou Jacks. Ela até mesmo bagunçou a cabeça dele como se ele fosse um garotinho.

— Você seria tão bonito se você colocasse apenas o menor esforço em sua aparência.

Para surpresa de Tella, Jacks realmente corou; sua pele era mais azul que vermelha, mas definitivamente estava lá. Ela não sabia que era possível fingir um rubor – não havia como ele realmente se envergonhar por sua agitação –, mas suas bochechas pálidas ficaram um pouco azuis. Depois de uma batida do coração, ele acrescentou um sorriso torto, sem dúvida para fazer a imperatriz acreditar que, embora ele fosse tímido, apreciava suas atenções. Era perturbador o quão bom ele era nessa charada.

A imperatriz sorriu, mas rapidamente desapareceu.

— Você parece muito magro, Jacks. Espero que você coma mais do que uma maçã hoje à noite. — Elantine voltou-se para Tella. — Você tem que ter certeza que ele coma o suficiente. As pessoas estão sempre tentando envenenar meu querido Jacks, então ele nunca mastiga algo em meus pequenos banquetes. Mas espero que ele se divirta esta noite. Eu pedi um banquete adequado para – bem, eu.

Elantine riu enquanto dirigia Jacks e Tella para a mesa cheia de comida. Cada prato imaginável, de torres de favo de mel com flores comestíveis a um porco cristalizado com uma maçã na boca, estava presente. Havia pequenas árvores frutíferas crescendo ameixas com cobertura de chocolate e pêssegos com açúcar mascavo. Cunha de queijo que espreita de baús de tesouro em miniatura feitos de massa.

Cascas de tartaruga de cabeça para baixo cheias de sopa.

Sanduíches de dedo em forma de dedos reais. Placas coloridas de

rabanetes cor-de-rosa e vermelho salgado. Água com bolhas de lavanda e vinho cor de pêssego com frutas no fundo do copo.

— Você notará que não há servos. Eu queria que isso fosse um assunto íntimo para conhecer você. — Elantine sentou-se à cabeceira da mesa. Havia apenas duas cadeiras adicionais, ambas de frente para o palco teatral do outro lado da sala. O arco de madeira acima dele era esculpido com imagens de máscaras ovais sem enfeites, franzindo a testa e sorrindo, fazendo cara feia e rindo, e fazendo uma série de outros rostos estranhos enquanto olhavam para a cortina verde de conto de fadas fechada abaixo.

— Agora, conte-me sobre você — disse a imperatriz. — Jacks diz que você está em Valenda procurando por sua mãe desaparecida?

Tella abriu a boca para responder enquanto se sentava, mas, em vez de permitir, Elantine continuou a recitar uma lista impressionante das outras coisas que Jacks dissera sobre Tella. A imperatriz até sabia que o aniversário de Tella estava chegando e prometeu dar uma festinha para ela.

— Jacks também me diz que você tem uma fixação com as Moiras.

— Eu costumava ter um Baralho do Destino especial, há muito tempo. Nunca pareceu prever coisas boas. — Ela riu novamente.

O som surpreendeu Tella quase tanto quanto da primeira vez. Ela não esperava que Sua Majestade fosse tão bem-humorada. Ou amar tanto Jacks. Ela assentia ou ria de tudo o que ele dissesse, e empilhava comida no prato como se ele fosse uma criança, embora Tella notasse que Jacks não tocou nada disso. Ele arrancou a maçã da boca do porco, mas ele não comeu também. Ele apenas a rolou ao redor da palma de uma mão.

Então a outra mão dele estava no pescoço de Tella, seus dedos frios brincando com o cabelo dela. Foi para o show, mas parecia tão sem prática. Como se fosse a coisa mais natural para ele chegar e tocá-la.

Ela jurou que também sentia o olhar dele, tão frio quanto a geada matinal; roçou sua boca enquanto Jacks observava cada mordida que ela dava.

— Vocês dois devem experimentar alguns desses. — Elantine apontou para uma bandeja de bolos do tamanho da palma da mão decorada para se parecer com presentes em todas as combinações de cores. De tangerina e cerceta a prata e geada do mar, a cor dos olhos de Jacks.

— Estes são um prato tradicional de noivado exclusivo para a realeza.

Somente o padeiro real os fará. É ilegal para qualquer outra pessoa contratá-los. Há uma surpresa diferente em cada um deles, que simboliza o que o seu futuro juntos trará. Alguns estão cheios de creme açucarado para representar uma vida doce, e outros estão cheios de ovos cristalizados que simbolizam grande fertilidade. — Elantine piscou de novo e Tella quase cuspiu a água.

Jacks, que não comia nada desde a sua maçã nas escadas, pegou um bolo de joias coberto de veludo azul, a mesma cor do vestido de Tella, e levou-o à boca. Quando ele a puxou, uma geléia de framboesa escorreu para fora.

Elantine bateu palmas.

— Parece que vocês dois sempre terão paixão. Agora, sua vez, querido coração.

Tella nunca iria se casar com Jacks – ela preferia ficar presa dentro de uma carta – então não deveria ter importado qual bolo ela escolheu. Mas ela realmente não queria pegar um bolo. Havia previsões suficientes do futuro dela como era. Ambos, Jacks e a imperatriz estavam olhando para ela, no entanto. Este não foi um pedido; isso foi um desafio.

— Interessante — Elantine murmurou.

Tella olhou para baixo e viu que os dedos dela tinham arrancado um bolo preto e sem alma com um laço feito de glacê azul-escuro – a mesma cor das asas tatuadas nas costas de Dante.

— Isso me lembrou da noite sem lua que eu conheci Jacks — Tella mentiu.

— Ah, eu não estava falando sobre o bolo. — Elantine fixou seu olhar majestoso no anel de opala em forma de estrela no dedo de Tella. — Eu não vejo um desses há muito tempo.

— Era uma herança da minha mãe — disse Tella.

— E ela deu a você? — Elantine disse tão calorosamente como tudo mais naquela noite, mas Tella jurou que seus olhos estavam agora beliscados nos cantos, como se seu sorriso não fosse mais genuíno. — Ela disse para você o que era?

— Não, foi apenas uma das poucas coisas deixadas para trás quando ela desapareceu.

— E você a usa para se lembrar dela? — A expressão de Elantine suavizou. — Você é realmente uma pequena jóia. Quando Jacks me disse que

estava novamente envolvido, eu estava cética. Eu temia – bem, não importa o que eu temia. Agora posso ver porque ele iria querer você. Mas tenha cuidado com essa sua herança. — Seu tom silenciou para um sussurro. — Isso parece uma das chaves do Templo das Estrelas, e, se for, sua mãe deve ter pago um preço muito alto por isso.

Os olhos de Tella voltaram para a mão dela. Parecia inacreditável, mas a parte desesperadamente esperançosa dela se perguntava se o anel que ela usara nos últimos sete anos poderia ser a chave para desvendar os segredos de sua mãe.

— Perdoe a interrupção — uma voz rouca chamou do palco.

Tella olhou para cima e viu Armando vestido como o Rei Assassinado – uma Moira que poderia representar traição ou o retorno de algo perdido. Ele sorriu para sua pequena audiência, a expressão tão arrepiante quanto sua fantasia. Uma espada vermelha gotejante pendia de sua cintura, um grosso golpe de sangue manchou sua garganta exposta, e uma coroa perversa feita de punhais pousou em sua cabeça.

— Que prazer é estar aqui esta noite.

Metade das velas penduradas no teto explodiu, deixando a mesa de banquete nas sombras. Apenas Armando e o palco continuaram radiantes.

— Ah, bom! — Elantine bateu palmas. — O entretenimento está prestes a começar.

— Obrigado por nos receber, Sua Majestade. — Armando curvou-se, surpreendentemente humilde. — Desde sua coroação tem sido o maior desejo de Lenda trazer seus artistas Caraval para Valenda.

Estamos profundamente gratos por você ter aceitado a oferta dele.

Para honrar Vossa Majestade esta noite, reunimos uma apresentação muito especial para como era a vida quando os governantes não eram tão sábios e graciosos. Esperamos que todos gostem.

As cortinas se separaram.

A peça parecia uma paródia de uma paródia.

O palco estava definido para se assemelhar a uma antiga sala do trono, mas todas as cores eram muito brilhantes e chocantes – tudo estava pintado em tons de lima chamativa, violeta, fúcsia glamorosa, azul cósmico e amarelo pulsante – como se uma criança tivesse colorido no pano de fundo, os trajes e o trono, sobre os quais Armando se sentou. Jovan, vestida como a Rainha dos Mortos-Vivos em um tapa-olho cravejado de joias e um longo vestido preto justo, descansou contra o braço dele.

Tella estremeceu, lembranças da ponte do lado de fora do Castelo Idyllwild voltando rapidamente.

Os lábios de Jovan se retorceram, caracteristicamente cruéis – exatamente como as Moiras real – enquanto ela examinava a corte reunida no palco.

Tella desviou o olhar. Ela reconheceu vários dos outros atores: alguns deles estavam vestidos como nobres, mas muitos estavam fantasiados para

parecer mais como as Moiras. Tella viu a empregada grávida, suas servas e o envenenador misturado entre a pequena multidão.

Ela não viu Dante. E ela estava frustrada consigo mesma por ter procurado por ele.

Metade das velas penduradas no teto explodiu, deixando a mesa de banquete nas sombras. Apenas Armando e o palco continuaram radiantes.

Os lábios de Jovan se retorceram, caracteristicamente cruéis – exatamente como as Moiras real – enquanto ela examinava a corte reunida no palco.

Tella desviou o olhar. Ela reconheceu vários dos outros atores: alguns deles estavam vestidos como nobres, mas muitos estavam fantasiados para parecer mais como as Moiras. Tella viu a empregada grávida, suas servas e o envenenador misturado entre a pequena multidão.

Ela não viu Dante. E ela estava frustrada consigo mesma por ter procurado por ele. Rainha dos Mortos-Vivos, suspirou dramaticamente.

— Estou muito entediada.

— Talvez eu possa ajudar com isso. — Caspar entrou em cena vestindo um casaco de veludo vermelho que combinava com o sangue escorrendo do canto de sua boca e da borda de um olho.

Aparentemente ele estava fazendo o papel do Príncipe de Copas.

Tella ousou dar uma olhada em Jacks, para ver como ele reagiria ao se encontrar representado no palco. Sua expressão permaneceu neutra, beirando o desinteresse, mas Tella sentiu o braço que ele enrolou em torno de seu ombro se tornar ártico quando Caspar acenou com a mão, acenando para dois jovens artistas no palco.

Tella não reconheceu nenhum deles. Eles eram jovens, um menino e uma menina um pouco mais jovens que Tella. Algo sobre a maneira que eles estavam fantasiados era particularmente perturbador. Todos os outros artistas estavam claramente vestidos como personagens.

Mas esse garoto e garota pareciam estar usando suas melhores roupas, nitidamente pressionados e levemente fora de moda quando comparados com o restante da quadra, como se nenhum deles tivesse razão para se vestirem bem com frequência, então havia pouca razão para atualizar seu guarda-roupa. Isso fez os dois parecerem mais reais do que o resto, como se Caspar tivesse acabado de arrancá-los da rua e prometido a eles dois sacos de doces

se o seguissem.

— Qual é o seu nome? — Caspar perguntou à menina.

— Agathe.

— Que nome adorável, Agathe. E o seu? — Ele perguntou ao menino.

— É Hugo.

— Outro excelente nome. — O tom de Caspar passou de doce a escorregadio. — Na verdade, gosto tanto de seus nomes que vou escrevê-los para ter certeza de que nunca os esquecerei.

Agathe e Hugo trocaram olhares perplexos, como se sentissem que algo não estava como deveria ser, mas depois os dois assentiram, claramente ansiosos para agradar uma Moira.

Caspar tirou dois pedaços de papel do bolso, o exato tamanho e formato de cartas.

— Ah, — ele lamentou. — Parece que eu não tenho tinta. Eu suponho que vou ter que usar o meu sangue imortal em vez disso.

Ele pegou um punhal adornado de jóias e o pressionou contra a ponta de seu dedo. Sangue transbordou, e Caspar fez um show de uso do sangue para escrever na carta. Assim que terminou, uma nuvem de fumaça teatral de prata apareceu, suficiente para cobrir metade do palco. Quando clareou, Agathe não estava mais lá. Em seu lugar estava um carta.

Caspar a pegou, e mostrou para Jovan e Armando.

— Você a transformou em uma carta! — Jovan exclamou. — Faça novamente! Faça novamente!

Hugo começou a correr, mas o dedo sangrento de Caspar já estava em movimento, escrevendo o nome do garoto em sua outra carta em branco.

Outra nuvem de fumaça, e então Hugo se foi.

Caspar andou até onde o garoto estava e pegou a carta do chão.

Jovan bateu palmas.

— Quanto tempo eles vão ficar assim?

Caspar deslizou em direção ao trono.

— Você pode mantê-los assim enquanto você os ache divertidos. — Caspar colocou uma longa língua rosa para fora e lambeu uma das cartas antes de passá-lo para Jovan. — Eu vou fazer para você um baralho inteiro, para que você possa jogar um jogo real.

O braço de Jacks de repente pareceu mais pesado e gelado do que antes, enquanto se agarrava ao ombro de Tella.

— Foi assim? — ela sussurrou. — É isso que você realmente fez?

Você transformou pessoas em cartas e jogou com elas?

Jacks respondeu contra seu ouvido.

— Eu nunca lambi uma carta assim.

— Mas o resto... — Tella virou para que pudesse ver seu rosto, para caçar por qualquer remorso. Ela sabia que as Moiras eram más – Jacks havia a amaldiçoado para conseguir o que queria – mas a ideia de prender alguém, transformá-los em um pedaço de papel sem poder e brincar com eles por prazer e entretenimento parecia como um novo tipo de vil.

Jacks deu-lhe um sorriso preguiçoso e sussurrou: — O que você está tentando encontrar, Donatella? Você está procurando por algo bom em mim? Você nunca verá, porque não existe.

— Eu não preciso de você para me dizer isso.

— Então, por que continuar olhando para mim como se estivesse procurando respostas?

Ela inclinou a cabeça em direção ao palco.

— É isso que você planejou fazer com o verdadeiro nome de Lenda?

Prendê-lo num cartão?

— Ele quer me destruir — disse Jacks em voz baixa. — Estou apenas tentando me defender.

— Então, por que você agora quer mais do eu o nome dele?

— Porque eu posso ter mais. — O braço frio em torno de Tella ficou ainda mais apertado quando Jacks disse a palavra *mais*.

— Como? — Tella perguntou. — Como você planeja tirar mais de Lenda?

— Minha resposta só vai te fazer mais infeliz.

— Eu preferiria conhecimento à felicidade nessa situação.

— Eu vou beber o sangue dele, direto de suas veias. É assim que o poder é dado e roubado. Não vai funcionar de for engarrafado. Eu poderia pegar emprestado um pouco de sua magia desse jeito, mas não seria minha para manter.

Ele também podia fazer isso. Tella lembrou como ele parou o coração de todos no salão depois do beijo. Isso durou apenas um minuto, mas era isso

era tudo de que ele precisava.

Sem outra palavra, Jacks se virou para o palco e sorriu como se estivesse entretido com o espetáculo, mas Tella imaginou que seu desconforto era sua verdadeira fonte de prazer.

Ele gostava de atormentá-la, assim como o Príncipe de Copas na peça gostava de brincar com as crianças que ele colocara nas cartas.

Lenda não estava andando em uma fina linha com essa peça, ele a estava cruzando.

Ela pode ter lido muito sobre isso, mas Tella imaginou que a peça não era realmente para Elantine, mas para Tella – para convencê-la de quão perversas as Moiras eram, para que ela ajudasse Lenda a destruí-las em vez de ajudar Jacks a recuperar seus poderes.

Outra ideia ocorreu a ela então. Mais cedo naquele dia, Jacks disse a ela que haviam apenas duas maneiras de libertar alguém de uma carta. *Um humano deve voluntariamente tomar o seu lugar dentro do cartão, ou um imortal com grande poder deve quebrar a maldição e libertar todos os que estão presos em cartas.*

Jacks disse que libertaria a mãe dela, mas Tella sabia que ele nunca tomaria o lugar de Paloma. E se Jacks não quisesse apenas Lenda a fim de restaurar seu próprio poder? E se Jacks quisesse o poder de Lenda para que ele quebrasse a maldição das cartas e libertasse todas as Moiras? Talvez a verdadeira razão pela qual ele quisesse o trono fosse para que as Moiras não pudessem reinar mais uma vez, exatamente como antes.

No palco, a peça continuou.

Um estouro disse a Tella que mais fumaça havia explodido. Quando ela olhou de volta para o palco, todos os nobres que faziam parte da corte foram embora, e em seu lugar havia mais cartas.

Tella assistiu com horror quando Caspar os pegou e começou a embaralhá-las para Armando, o Rei Assassinado, e Jovan, a Rainha dos Mortos-Vivos.

— Se você se cansar desses eu posso sempre fazer mais — disse Caspar.
— Ou podemos facilmente trocar um escrevendo o nome de outra pessoa no cartão.

— Você poderia imaginar se nós governássemos assim? — Elantine

começou a rir, um som livre desenfreado que rapidamente se transformou em uma tosse rouca quando a cortina verde se fechou para o intervalo.

A imperatriz estendeu a mão para a taça de água, mas derrubou seu copo e o de Jacks, junto com o que sobrou do vinho deles.

Tella tentou passar a taça para Elantine, mas a imperatriz sacudiu a cabeça como se ela não confiasse em Tella.

— Jacks — ela resmungou.

Jacks saltou da cadeira e saiu do quarto para buscar mais água.

Elantine tossiu, um som final crepitante. Então sua expressão se concentrou. Ela olhou para Tella com olhos claros e astutos. Quando falou, sua voz também era diferente; ela não era mais a imperatriz que adorava Jacks. Seu tom era agudo como um dente de leão.

— Minta para mim — disse Elantine. — E eu vou ter você jogada desta sala antes de Jacks retornar. Ou me diga a verdade e se encontre com um poderoso aliado. Agora, responda rapidamente: o que você está fazendo com aquele jovem cruel que quer o meu trono?

A garganta de Tella ficou subitamente seca. Seu primeiro instinto foi acreditar que este era um teste de Jacks, mas então seus pensamentos voltaram para quando Elantine perguntou como Jacks planejava matá-la. Ela alegou estar apenas brincando, mas a pergunta não soou como se fosse apenas para diversão.

— Você está ficando sem tempo — disparou Elantine.

— Ele está mantendo minha mãe como prisioneira — Tella confessou. Não era que ela confiasse em Elantine, mas qualquer mulher que pudesse governar um império sozinha por cinquenta anos teria que ser mais sagaz que uma raposa, o que, com sorte, significava que ela realmente via através de Jacks. — Até que minha mãe esteja livre eu também não ficarei livre de Jacks.

Elantine achatou sua boca em uma linha afiada.

O pulso de Tella subiu.

Mas antes que a imperatriz pudesse responder, Jacks entrou novamente na sala e lhe entregou uma taça de água.

— Obrigada, meu querido menino. — Elantine levou a água aos lábios, mas Tella teria jurado que Elantine não beberia dela.

Ela distraiu Jacks dizendo: — Eu estava apenas dizendo a sua linda noiva que eu quero que ela se junte a nós na Véspera de Elantine para assistir aos fogos de artifício do topo desta torre.

Tella não se lembrava muito do que aconteceu depois disso. Jacks e Elantine continuaram conversando, mas Tella mal ouviu uma palavra que eles disseram. Ela não conseguia parar de pensar sobre a peça, sobre as Moiras que conhecera fora do Castelo Idyllwild, e o que ela estaria fazendo para Lenda e o Império se ela ganhasse o jogo e desse Lenda para Jacks.

*

Ao retornar para sua suíte, Tella puxou o Oráculo.

A imagem não ficou clara até que ela imaginou ganhar o jogo e entregar Lenda para Jacks como prometera. Instantaneamente, a imagem ficou mais nítida com Tella, a irmã e a mãe, todas felizes e abraçadas. Uma foto boa demais para ser verdade. Talvez tenha sido.

Durante anos Tella confiara no Oráculo sem questionar. Mas se o verdadeiro Oráculo estivesse preso dentro dessa carta, não mostraria a Tella o que fosse necessário para que ela o ajudasse a escapar?

QUINTA NOITE DO CARAVAL

A princípio parecia que não haviam estrelas. De baixo, o céu parecia um espelho brilhante de preto. Mas de cima, por um breve momento dentro de sua carruagem celeste, Tella pôde ver que céus não eram ao todo escuros. Um fino contorno de estrelas brancas brilhava na forma de um coração. Englobou a maior parte de Valenda, brilhando luz de poeira de fada nas bordas da cidade antiga, sugerindo feitiços e sonhos de infância.

Tella se aproximou da janela da carruagem. Mesmo com a luz incandescente das estrelas, estava escuro demais para espiar claramente as pessoas abaixo. Mas ela imaginou aqueles que ainda estavam jogando correndo pelas ruas. Ninguém tinha dito nada diretamente a ela, mas Tella tinha ouvido algumas empregadas discutindo como todo estavam descontentes por Elantine ter cancelado a quarta noite de Caraval.

Com sua vida dependendo do resultado do jogo, Tella também não queria perder uma noite do jogo. Mas seu corpo havia avidamente tomado o resto. Depois do jantar de Elantine, Tella dormiu, dormiu e dormiu. Ela meio que esperava acordar coberta de sangue jorrando de seus olhos. Mas ou Jacks tinha dado a ela um adiantamento, ou o sangue que Dante e Julian tinham usado para alimentá-la ainda estava fazendo efeito para neutralizar o beijo assassino de Jacks.

Infelizmente, ela não estava completamente não amaldiçoada. Sua coração mais uma vez bateu mais devagar do que deveria.

Batida... batida.

Nada.

Batida... batida.

Nada.

Batida... batida.

Nada.

Nada.

Tella apertou seu peito e amaldiçoou Jacks. A batida extra que faltava parecia a maneira como ele a beliscava e insistia para que ela se apressasse.

Quando sua carruagem desceu sobre o Templo do Distrito, ela puxou a terceira pista, que copiou da parte de trás do pôster de sua mãe, para que fosse mais fácil de carregar.

Se você encontrou isso, você está no caminho certo, mas ainda não é tarde para voltar atrás.

As pistas não podem mais lhe dizer para onde ir; para encontrar o objeto que Lenda precisa, seu coração deve liderar.

Tella estava agora bastante certa de que o objeto que ela precisava para vencer era o amaldiçoado Baralho do Destino de sua mãe. Ela também acreditava que não era apenas um jogo e que Lenda realmente queria esse baralho. Mas ela imaginou que ele não sabia onde estava. Então, através da pista, ele instruiu Tella a seguir seu coração, esperando que ela saberia onde sua mãe havia escondido as cartas.

Uma nuvem pungente de incenso cercou a carruagem de Tella quando ela pousou no Templo do Distrito. Orações e hinos ainda enchiam as ruas, mas não era tão cheio quanto algumas noites atrás.

Nenhum sussurro de Lenda alcançou os ouvidos de Tella.

Ela parecia ser a única jogadora cujo coração a guiara para cá.

Embora não fosse tanto o coração dela conduzindo como o anel de opala de fogo de sua mãe, o qual Elantine acreditava ser algum tipo de chave ligada aos Templo das Estrelas.

Tella esperava que a imperatriz estivesse certa e que, se fosse uma chave, destrancaria os segredos de que Tella precisava para encontrar o Baralho do Destino de sua mãe. Mas Tella duvidava que fosse assim tão simples, e a conexão do anel com o templo a deixou cautelosa.

As religiões praticadas em Valenda pareciam ser santuários de entretenimento em vez de santuários de fé. Mas Tella ouvira que aqueles que adoravam no Templo das Estrelas eram verdadeiros crentes, dispostos a sacrificar a juventude, a beleza ou o que mais as estrelas lhe pedissem. E embora Tella não soubesse muito sobre as estrelas, ela tinha ouvido que os

antigos seres eram sem alma, ainda menos humanos que as Moiras. Isso a fez suspeitar de alguém disposto a se juntar à sua congregação.

Ela apertou a corda em sua cintura, que segurava no lugar a frágil capa que ela pediu a um criado do palácio para adquirir. Para entrar no Templo das Estrelas, ela precisava se parecer com um acólito, dócil e complacente, e se vestir com uma bainha de acólito horrendo.

Ela estremeceu com o vento cortando entre as pernas. Tella nunca tinha sido modesta, mas se sentia como se estivesse apenas usando um lençol dividido, presa por um nó amarrado no ombro e um cordão trançado em volta da cintura. A corda arrastou no chão com ela a cada passo. Completamente desagradável e difícil de ser executado.

E tudo sobre o Templo das Estrelas fez com que ela quisesse se virar e fugir na direção oposta.

Asas maciças empoleiradas no topo do teto abobadado do templo, brilhando como chamas frescas, e ainda por toda a sua magnificência, ninguém permaneceu do lado de fora da grande entrada do templo. Talvez seja por isso que havia tantas estátuas espalhadas pelos seus amplos degraus de pedra da lua, dando a impressão de visitantes e vida. Embora qualquer um que olhasse para essas esculturas de perto nunca as tivesse confundido com humanos.

Grossos e altos como colunas do templo, os homens possuíam braços musculosos do tamanho de troncos de árvores, enquanto às mulheres foram dados seios transbordantes e olhos feitos de águas-marinhas. Tella imaginou que eles deveriam ser as estrelas. Eles poderiam ter sido bonitos, se ela não tivesse notado as outras estátuas. Os menores, mais finos, de joelhos diante das estrelas.

Perturbadoramente real e realista. Tochas ardentes lançavam luz vermelha sobre as estátuas humanas, as gotas de suor nas têmporas e os calos nas mãos. Seus pés estavam nus, e alguns curvados em submissão, enquanto outros estendiam os braços, oferecendo bebês ou crianças pequenas.

Tella se engasgou com algo que se parecia com desgosto em sua boca quando se perguntou o que sua mãe poderia ter trocado pelo anel de opala no dedo de Tella.

— Se você não gosta disso, você realmente não aprova o que se encontra

dentro. — Dante se inclinou contra um dos pilares que flanqueiam a enorme porta do templo, toda pele bronzeada e tatuagens brilhantes...

E, ah glória, ele estava sem camisa.

Tão sem camisa.

Tella se obrigou a não olhar, passar por ele e ignorá-lo, mas ela não conseguia tirar os olhos dele ou impedir a onda de calor que se espalhava pelo peito e pelo pescoço. Ela tinha visto homens jovens despidos antes – ela estava certa de que o tinha visto sem camisa – mas de alguma forma Dante parecia diferente no topo daqueles degraus. Mais alto e mais grosso. Mais consumido. Ele estava vestido como uma das estátuas, com apenas um grande pano branco enrolado na metade inferior, acentuando a perfeição bronzeada de suas pernas e peito.

Tella fechou a boca, mas já era tarde demais. Ele tinha visto o queixo dela cair, e agora o desgraçado vaidoso estava sorrindo. Todos os dentes brancos e lábios impecáveis, como se ele fosse uma das estrelas adoradas dentro do Templo. E Tella tinha que admitir que, naquele momento, ele poderia tê-la convencido. Assim como ele conseguiu enganá-la para que acreditasse que ele realmente se importava com ela.

Essa foi a primeira vez que ela o viu desde que ele levou seu corpo quebrado para longe do Castelo Idyllwild. Ela imaginou que ele esperava um agradecimento por salvá-la naquela noite. Mas depois do que ele disse a Julian, sobre apenas se importar porque ela poderia levá-los às cartas, Tella não iria agradecer a Dante por nada.

Ela queria dizer algo espirituoso ou contundente, mas para seu horror tudo o que saiu foi: — Você nunca deve usar uma camisa.

Seu sorriso foi devastador. Dante empurrou o pilar e apoiou um cotovelo contra uma das estátuas mais perto dela. O luar dançou sobre os grossos espinhos negros tatuados em sua clavícula enquanto seus olhos escuros faziam o mesmo com Tella. Eles deslizaram até seu vestido até...

Ele franziu o cenho.

Algo mergulhou no estômago de Tella.

— Por que você está olhando assim para mim?

Dante estendeu a mão, agarrou a ponta do cordão que segurava seu pedaço e tecido, e o puxou.

Cada centímetro de pele de Tella ficou quente.

— O que você está fazendo?

— Ajudando você. — Ele inclinou a cabeça em direção a uma das estátuas femininas que usavam uma peça semelhante à de Tella, apenas a corda em torno de seu meio começou diretamente abaixo de seus seios e, em seguida, enrolou várias vezes criando um padrão de diamante até dar nó na cintura, deixando apenas duas pequenas borlas penduradas perto de seus quadris curvos.

— Você tem tudo errado. — Dante roubou a outra extremidade do cordão.

— Vamos ter que remover a corda e amarrá-la de novo.

Tella apanhou ambas as extremidades de volta e deu um passo vacilante para trás.

— Você não pode desmontar meu vestido nessas escadas.

— Isso significa que eu posso desmontá-lo em algum outro lugar?

Sua voz baixa escorria promessas sombrias.

Tella golpeou-o com a corda.

— Eu só estou brincando. — Dante levantou as duas mãos com um sorriso surpreendentemente desprotegido. — Eu não estava planejando tirar suas roupas aqui ou em qualquer outro lugar. Mas vamos ter que consertar seu lençol se você quiser entrar.

— É uma bata, não um lençol — argumentou Tella. — E eles não se importam como isto está amarrado.

— Se você acha isso, então você claramente não sabe o suficiente sobre esse santuário. Um mundo diferente existe do outro lado dessas portas de mármore. Mas se você quiser entrar assim, vá em frente. — Ele sacudiu uma extremidade do cordão em suas mãos.

Tella o fitou com um olhar zangado.

— Eu acho que você gosta de me atormentar.

— Se você odeia tanto isso, por que não foi embora?

— Porque você está no meu caminho.

Era uma desculpa pobre e ambos sabiam disso.

Era muito mais fácil desprezá-lo em sua cabeça do que cara a cara.

Ela apenas continuava vendo o jeito que ele olhava para ela enquanto a carregava do castelo de Idyllwild. Houve um momento em que ele parecia tão

traíçoeiramente jovem e próximo à vulnerabilidade. Mas foi porque ele realmente se importou em perdê-la? Ou ele só temia porque perdê-la significava perder sua chance de encontrar o Baralho do Destino de sua mãe?

Ela estava tentada a perguntar, jogar o que ela ouviu em seu rosto e ver se ele vacilava ou se suavizava.

As palavras pesaram na ponta da língua de Tella.

Mas nenhuma delas saiu.

Tella realmente não queria sua resposta porque não importava o que ele dissesse, não havia uma boa maneira de a história terminar. Tella ainda não tinha certeza de Dante ou Julian eram Lenda. Sua conversa com Scarlett havia semeado fios de dúvida. Mas se Dante se tornasse Lenda, então Tella precisava ter certeza de que todos os sentimentos que ela tinha por ele estavam desligados.

Depois de assistir à peça na noite passada e concluir que Jacks pretendia liberar todas as Moiras, Tella havia debatido seus planos.

Ela não queria ser responsável por liberar as Moiras de volta ao mundo para que elas pudessem reinar sobre o Império como deuses cruéis. Mas ela não queria morrer de novo, e ela também não podia chegar tão perto de salvar sua mãe – e finalmente, perguntar a ela todas as perguntas que estavam se construindo desde o dia em que ela desapareceu de Trisda – apenas para falhar.

Tella não seria covarde e fingiria que não tinha escolhas só porque não gostava delas. Ela teve escolhas e fez a sua. No final do jogo, Tella daria Lenda para Jacks.

Isso fez com que ela esperasse que Dante não fosse Lenda. Mas mesmo que ele não soubesse, ainda não havia futuro para ele e Tella.

Tella não estava orgulhosa de si mesma por essa escolha, ou por evitar as coisas não ditas entre eles. Ela sabia que estava tomando o caminho menor por nem mesmo insinuar como ela quase morreu e como Dante a salvou. Mas ele também não disse uma palavra sobre isso. Isso era provavelmente o que ele queria também.

— Tudo bem. — Tella jogou-lhe ambas as extremidades da corda.

Ela poderia deixá-lo fazer uma coisa e depois mandá-lo embora. — Apenas seja rápido sobre isso.

Ela envolveu as próprias mãos ao redor da metade superior do lençol.

Ela lembrou a si mesma que não era modesta. No entanto, Tella sentia como se estivesse se segurando em vez de simplesmente manter seu lençol no lugar. Cada centímetro de sua pele se tornou mais sensível, formigando de consciência quando ele se aproximou.

Ele cheirava a tinta e outras coisas escuras e sedutoras.

Ela apertou o tecido frágil enquanto ele encontrou o nó em sua cintura e lentamente começou a desfazê-lo. Ele puxou e puxou até Tella ficar tão perto dele que tudo o que ela podia ver eram os cumes de seu peito tatuado. Seus braços era cobertos de símbolos, mas seu peito parecia contar uma história. Um navio destruído com velas rasgadas colidiu em seu abdômen, enquanto estrelas quebradas olhavam de cima para baixo. Uma floresta em chamas cobria um dos lados da caixa torácica. Sob a clavícula, um coração negro combinando com um em seu braço chorou um sangue tão real que ela pensou que poderia ouvi-lo bater. Quando ele se virou ligeiramente, ela teve uma rápida visão de pontas de penas azul-pretas que pertenciam às belas asas tatuadas em suas costas.

Tella disse a si mesma para não olhar. Mas quando ela fechou os olhos, tudo se intensificou. O roçar das articulações de Dante contra a curva de seu quadril deixou seu coração acelerado. O polegar largo cavando suavemente em sua cintura fez sua respiração travar enquanto ele continuava trabalhando com o cordão até que a corda deslizasse de sua cintura para suas mãos. Deixando-a apenas no lençol.

Os olhos de Tella se abriram.

Dante passou a língua pelos lábios, como um tigre que acabara de derrotar um gatinho.

Tella segurou o tecido com mais força.

— Não se atreva a sair com esse cordão!

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você honestamente acha que eu deixaria você nesses passos assim depois de trabalhar tanto para ganhar sua confiança?

— Eu pensei que você estava trabalhando para Lenda.

Ele se aproximou mais.

— Pense o que você quiser, mas se você acreditar honestamente que essa é

a única razão pela qual estou aqui agora com minhas mãos em cima de você, você não é tão inteligente quanto eu pensava.

Então a corda estava deslizando ao redor dela.

Uma corrida febril de sangue contornou seu coração quando os braços de Dante se enrolaram atrás dela, e ele puxou a corda, puxando-a sob seu peito.

— Muito apertado?

— Não.

— Você tem certeza? Por um momento você parou de respirar. Ou sou só eu que tenho esse efeito em você? — Seus lábios passaram por sua orelha, fazendo cócegas no espaço macio perto da borda de sua mandíbula, soltando uma risada baixa.

Ela teria batido nele se o vestido dela não tivesse caído no chão.

— Você está gostando disso, não é?

— Você preferiria que eu odiasse colocar meus braços em volta de você?

— As mãos de Dante se enrolaram em torno dela novamente, e desta vez ele fez um pouco mais do que apenas roçar o tecido de seu vestido. Tella sentiu a pressão de seus dedos deslizando sobre sua caixa torácica enquanto ele envolvia o fio em toda volta até que ele cruzou um pouco acima do umbigo.

Isso não deveria tê-la feito corar. Foi aí que a história deles acabou, não onde ficou interessante novamente.

Dante arrastou a corda atrás dela mais uma vez, as mãos agora persistentes em sua cintura.

— Como se sente?

— Bem.

— Eu quis dizer a corda.

— É o que eu quis dizer também — disse Tella. Mas ela estava bastante certa de que suas palavras ofegantes traíam essa mentira.

— Me conte sobre suas tatuagens — disse ela, na esperança de se distrair enquanto ele terminava. — Elas significam alguma coisa ou são apenas belas fotos?

— Você acabou de chamá-las de *bonitas*?

— Você tem algo contra a palavra?

— Não se você estiver usando isso em referência a mim — ele respondeu, Mas Tella jurou que ele amarrou a corda nas costelas dela um pouco mais

apertado do que o necessário, enquanto dizia: — Eu interpreto tantos papéis que as tatuagens me ajudam a lembrar quem eu sou. Cada uma conta uma história verdadeira do meu passado.

— O coração negro chorando sangue — disse Tella. — É para uma garota que você amou uma vez?

— Eu não falo sobre essa. Mas eu vou te falar sobre o navio com velas rasgadas. — Seus dedos brevemente roçaram seus lados, lembrando-a de onde exatamente o navio estava desenhado em seu corpo. — Meu pai tentou se livrar de mim quando eu era jovem. Ele me vendeu para uma família nobre de outro continente. Mas ou as Moiras estava do meu lado, ou verdadeiramente empenhadas em me destruir. O navio dos nobres foi atacado por piratas que não mantinham prisioneiros. Eu poderia ter sido uma vítima também, mas eu disse a eles que eu era um príncipe fugitivo.

— E eles acreditaram em você?

— Não. Mas eles foram entretidos o suficiente para me manter vivo.

Tella se viu sorrindo ao pensar no jovem Dante tentando enganar um barco cheio de piratas.

— Então, isso significa que você sabe truques de pirata?

— Eu conheço todos os tipos de truques. — Dante terminou de amarrar a corda. Mas ele deixou as mãos no recuo de sua cintura, quente contra o tecido fino. — Se você parar de tentar me afastar, eu vou te ensinar alguns.

— Eu pareço estar te afastando?

— Não, mas você quer — Ele pressionou dois sob o queixo e inclinou seu rosto para o dele. Uma de suas mãos permaneceu na corda em sua cintura, enquanto a outra se movia do queixo para acariciar sua mandíbula. Ela costumava pensar que os olhos dele se limitavam ao preto, mas sob o brilho radiante das tochas, os olhos de Dante pareciam dourados e cheios de algo que se parecia com saudade.

Ele olhou para ela como se quisesse que ela se perdesse em algum lugar em seus olhos, para que ele pudesse ser o único a salvá-la.

Mas Tella sabia que isso não era para encontrá-la. Isso foi sobre localizar o baralho das cartas. Isso foi sobre as Moiras e poder e vida e morte. Tella queria saber como seria se perder em alguém como Dante e confiar que ele a encontraria. Mas a única pessoa em que ela podia confiar era ela mesma.

— Obrigada pela sua ajuda, mas acho que eu posso me virar sozinha daqui. — Ela deu um passo para trás, soltou o queixo de sua mão, e passou por ele.

Quando o coração dela pulou sobre a próxima batida, pareceu mais uma tristeza do que uma pressão de Jacks, mas ela se forçou a continuar andando. Para não se virar.

Ela ouviu Dante chegar ao seu lado, mas ela não o encarou.

— Por que você não pode me deixar em paz?

— Eu posso. Mas eu não quero, e acho que você também não quer.

Antes que ela pudesse pedir a ele para sair de novo a porta perolada na frente deles se abriu.

Tudo do outro lado era tão pálido quanto as asas esmagadas de pombas brancas ou douradas como estrelas caídas. Ao contrário da Igreja de Lenda, isso parecia com um verdadeiro templo. E o jovem que abriu a porta parecia quase exatamente como uma das estátuas de estrelas divinas nos degraus.

Tella quase esperava ver Caspar ou Nigel, ou outro jogador do Lenda, mas esse jovem era estranho para ela. Parecia mais uma confirmação de que o jogo se tornara muito real ou que Tella estava no caminho errado. Ela acreditava que, para ganhar Caraval, tudo que ela precisava fazer era encontrar o Baralho do Destino de sua mãe – mas acreditar em alguma coisa não a fazia ser verdade.

A dúvida a beliscou quando ela entrou no Templo das Estrelas.

O homem que abriu a porta realmente poderia ter sido uma escultura viva. Seus braços e pernas, e as partes dele que Tella podia ver espreitando de todos os couros cobrindo seu peito e coxas, pareciam mais com pedra do que com músculos. Talvez ele não tenha ficado tão alto quanto as estátuas do lado de fora do santuário, mas ele era mais alto do que Dante. O tipo de altura que fez Tella inclinar o pescoço para ver completamente seu rosto.

Ela engoliu um suspiro quando viu sua bochecha.

A metade direita de seu rosto era quase perfeita, do queixo quadrado ao nariz aquilino ao Kohl escuro em volta dos olhos. Mas tudo o que Tella viu quando olhou para a metade esquerda foi uma marca queimada em sua bochecha – uma estrela brutal de oito pontas com um símbolo no centro feito de nós intrincados que Tella não reconheceu.

Ela tentou desviar os olhos, mas tinha certeza de que ele a pegou encarando. Como se para a insultar, ele traçou as linhas implacáveis da estrela com a ponta de um dedo.

Mas embora seu rosto estivesse marcado, uma faixa prateada coroava sua testa, e um manto azul-real pendurado em seu ombro direito mantido no lugar por um alfinete de prata que combinava com o anel de sinete no dedo que ele usava para traçar sua bochecha. Ele deve ter estado em uma posição de poder,

o que só a deixou mais nervosa. Se o tempo era tão perverso quanto todos diziam, esse jovem severo deve ter feito coisas indescritíveis para chegar ao topo.

— Eu sou Theron. — Com uma simples flexão de seu pulso, como se estivesse acostumado a ter outros seguindo seus comandos, ele pediu para Tella e Dante andarem mais fundo no vestíbulo.

O teto se erguia acima deles como uma série de alas interconectadas, todas negras com alfinetes de ouro agrupados como constelações. Abaixo, o espaço octogonal era basicamente preenchido por uma doente de três camadas que pingava luz de velas. Os pisos eram de pedra-sabão branca; brilhante o suficiente para refletir o portão brilhante cobrindo as portas duplas na parede de trás.

Parecia o tipo de lugar que uma pessoa deveria sussurrar. Tella teve a súbita vontade de tirar os chinelos, como se pudessem sujar o chão impecável. Apesar de todo seu vislumbre e brilho, havia algo insidioso no lugar. Mais estátuas de pedra alinhavam as paredes, só que todas estavam congeladas com expressões de choque, horror e dor.

— Nosso templo é alimentado pela magia antiga das estrelas — disse Theron. — Os cofres abaixo são mais seguros do que qualquer outro no mundo, mas ocasionalmente os tolos pensam que podem invadir e roubar deles.

— Ainda bem que não estamos planejando roubar nada — disse Tella.

Theron não fez mais que sorrir.

— O que exatamente você quer aqui?

— Eu tenho uma pergunta sobre...

— Se você está aqui para o jogo, não temos nenhuma pista — interrompeu Theron. — Também não somos uma atração turística como muitas das outras basílicas. Para ir além deste salão e ter suas perguntas respondidas, você terá que provar que seus motivos não estão contaminados e que você realmente busca as estrelas.

Ele levou Tella e Dante mais para dentro de um pedestal solitário de marfim, encimado por uma tigela de cobre martelado, velho e maltratado comparado a tudo mais.

— Para nosso exame, precisamos de uma gota de sangue.

Dante olhou de lado para Tella.

Mas ela não precisava dele para lembrá-la de quão poderosa uma gota de sangue poderia ser. Dante e Julian usaram sangue para curá-

la depois que a Rainha dos Mortos-Vivos e Suas Servas a atacaram, mas o sangue podia ser usado para roubar coisas, como dias.

— Eu só preciso de uma picada de um dedo. — Theron estendeu a mão direita, revelando um anel opala em forma de estrela negra, afiado o suficiente para cortar a pele, e um pouco familiar.

Parecia notavelmente com o da mãe dela.

Elantine estava certa.

Os olhos de Tella baixaram para a mão dela. As duas pedras dos anéis eram cruas e em forma de estrela. Mas a cor do Theron era diferente. Sua pedra era negra, com brasas de azul pulsante e fios verdes. O de Tella era uma lavanda flamejante e brilhante cercada por um centro de cerejas em chamas com uma linha fina de ouro no meio que fazia parecer uma faísca prestes a pegar fogo. Mas, mesmo antes de mudar de cor após o desaparecimento de sua mãe, havia sido muito mais claro que o de Theron.

— Seu anel — Tella perguntou. — É apenas para picar os dedos, ou representa outra coisa?

— Você não ganhou a resposta para essa pergunta.

— E se eu tiver um anel semelhante? — Tella estendeu a mão.

O olhar de Dante se estreitou e pousou no dedo de Tella.

Um vinco se formou entre os olhos alinhados de Theron.

— Como isso veio em sua posse?

— Era da minha mãe.

— Ela está morta?

— Não.

— Ela não deveria ter dado isso a você.

— Por que não? O que isso significa?

— Isso significa que ela tem uma dívida conosco que não foi paga.

Dante ficou tenso ao lado de Tella.

Esta não foi uma boa notícia, mas foi melhor do que nenhuma informação.

— O anel no seu dedo é uma chave — disse Theron. — Se realmente pertencesse à sua mãe, ela deve ter colocado algo em nosso cofres que só

pode ser recuperado com o anel. No entanto, a cor disso significava que ele foi amaldiçoado.

— Como eu quebro a maldição?

— A única maneira é cumprir sua dívida — Theron respondeu categoricamente. — Até que o pagamento seja feito, a chave do seu dedo não funcionará para abrir o cofre dela.

— Tella... — O tom de Dante sugeriu um aviso.

Mas o que quer que fosse, Tella não queria ouvir. Sua mãe não só estava aqui, mas logo dela estava nos cofres. Talvez fosse o Baralho do Destino que Tella precisava encontrar. Ou talvez fosse outra coisa que contasse a Tella mais sobre quem era sua mãe.

— O que ela deve? — Tella perguntou. — O que ela colocou em seus cofres?

— Eu não posso responder a essas perguntas — disse Theron. — Mas o anel pode. Tem uma memória, ativada pelo sangue. Se realmente fosse de sua mãe, seu sangue deveria trazer uma visão do que ela nos prometeu. Tudo o que você precisa fazer é picar o dedo com uma de suas pontas e soltar o sangue na tigela.

— Tella... — Dante rosnou. — Eu não acho que você deveria...

Mas Tella já estava pressionando a ponta do dedo no antigo anel da mãe. Vermelho escorreu, uma pétala de rosa brilhante, antes de cair na bacia de cobre e ficar branca.

Tella prendeu a respiração quando a gota de sangue se transformou em uma névoa que refletia a imagem de uma mulher em pé na frente de uma tigela exatamente como a que estava diante de Tella. Mas não era uma mulher qualquer. Era a mãe de Tella, Paloma. Ela era mais velha do que ela tinha visto na foto da Mais Desejada Elantine – ela parecia ter a mesma idade de quando ela tinha desaparecido de Trisda. Mas ela parecia muito mais dura do que Tella se lembrava.

Não havia indícios de seu sorriso enigmático, nenhum brilho em seus olhos escuros. Esta era uma versão insensível de sua mãe que Tella não conhecia.

Na visão, Paloma não estava vestida em um lençol como Tella, ou se ela estava, estava escondido pelo manto azul escuro que usava. Ela parecia estar

falando com alguém, mas quem quer que ela estivesse falando era meramente uma sombra.

— *Paradise, a Perdida* — disse a sombra. Sua voz ecoou como uma fumaça que vinha a vida. Grossa e pesada e sufocante. — Eu pensei que você jurou nunca fazer outra barganha conosco.

— Os votos são feitos para serem quebrados disse Paloma. — Aparentemente os feitiços também são, porque o que você colocou em minhas cartas para escondê-los ficou fraco.

— É por isso que sugerimos colocá-las em nossos cofres do tempo, com os outros itens que estamos segurando para você.

— Sugerido? — Paloma bufou. — Eu pensei que você havia dito que eu não poderia colocá-las no meu cofre.

— Não, nós dissemos que você precisaria pagar um preço extra.

Paloma ficou rígida.

— Então você se lembra — disse a voz. — E, como somos generosos, a oferta ainda permanece.

— Pelo mesmo preço de antes?

— Sim. Seja grata por não estarmos exigindo mais para proteger um item tão terrível.

— O que mais você poderia pedir de uma mãe do que desistir de sua filha primogênita?

— Nós poderíamos pedir o sua segunda filha também.

— Eu nunca daria as duas para você — disse Paloma. — Mas você pode ter meuinha segunda filha.

— O que nos serve ter sua segunda criança? — Perguntou a sombra.

— Além de ser um lindo enfeite?

— Eu vi o futuro. Ela possuirá grande poder. Se você não acredita em mim, eu tenho os cartões para provas disso. Embora eu achei que todos estaremos melhor se eu nunca os usar novamente. — Paloma levantou o queixo teimosamente. A maldição que aprisiona as Moiras está perdendo o poder. Ele enfraquece toda vez que as cartas são usadas.

— Isso não é nossa preocupação.

— Deveria ser. Mais Moiras vão escapar. Deixe-me usar seus cofres para esconder essas cartas enquanto procuro uma maneira de destruí-las. A

menos que você queira que esse local de adoração se torne o Templo da Estrela Caída – porque eu garanto que, se as Moiras retornarem, eles só permitirão que as pessoas os adorem.

A sombria figura pareceu escurecer, mudando de cinza esfumaçado para quase preto.

— Muito bem disse finalmente. Dê-nos a sua segunda filha nascida e nós vamos deixar você usar nossos cofres para segurar suas cartas amaldiçoadas.

— Feito. — Paloma usou uma faca para cortar a palma da mão. — Minha filha...

— Não! — Tella bateu na tigela sob o pedestal, destruindo a imagem antes que ela pudesse mostrar-lhe coisas mais terríveis. — Minha mãe não tinha o direito de fazer isso! — Tella balançou a cabeça, passando os dedos pelos cachos enquanto se afastava. — Mesmo que essa imagem seja real, eu não sou dela para ser dada de presente.

— E ainda — disse Theron. — Ela já a tem. Foi prometido em sangue. Quando você...

Tella começou a correr antes que Theron pudesse terminar. Ele disse quando você, o que fez parecer que Tella tinha que fazer algo antes que eles pudessem levá-la, e ela não planejou permitir que isso acontecesse, nunca. Tella nunca pertenceria a ninguém.

Theron não a seguiu. Talvez isso significasse que tinha sido um teste e que o que ela tinha visto não era real, ou talvez ele não tivesse que seguir, porque as pessoas só perseguiam coisas que elas não possuíam.

Pelo som disso, Dante também não a perseguiu, embora Tella não tenha poupado nem um olhar atrás dela enquanto corria pelos degraus do Templo das Estrelas. Seu lençol inútil quase rasgou em sua pressa, mas ela não parou de correr.

Scarlett estava certa. Sua mãe tinha sido pior que seu pai. Pelo menos ele esperou até Scarlett ter idade antes de vendê-la como uma cabra. O peito de Tella nunca pareceu tão vazio. Ela sacrificou tudo por sua mãe, arriscou sua liberdade e sua vida, acreditando que sua mãe ainda a amava e precisava dela. Mas a verdade era que ela nunca se importou. Não só ela havia deixado Tella, ela a entregou como um vestido usado.

Tella poderia ter continuado correndo, mas seus chinelos estavam começando a rasgar, e as estradas se tornaram desconhecidas.

A grama irregular, escurecida pela noite, esfregou-se contra os sapatos. Em vez de incenso e óleos, o ar cheirava a cervejas grossas e sidras. Com uma rápida varredura de seus olhos, Tella viu palcos temporários e cortinas teatrais penduradas nas árvores.

Ela tropeçou em um parque. Mas Tella não tinha ideia de a que parte da cidade pertencia.

Não o Bairro das Especiarias. Tudo era bonito demais. Dos confeitos fritos dos vendedores de rua, polvilhados com violetas esmagadas e açúcar, aos vestidos de joias usados pelas mulheres e os brilhantes cintos de armas ornamentando os homens. Apenas as espadas nos cintos não pareciam reais e nem as joias das mulheres.

Parecia que ela corria direto para o meio de um pequeno festival feito de peças de parque, ou algum tipo de feira para celebrar o próximo aniversário da imperatriz – talvez para todos os Valendans não participarem do Caraval. Olhares curiosos se moviam em sua direção.

Mas Tella duvidava que alguém a confundisse com um dos artistas. A menos que essas peças em particular envolvessem um sacrifício feminino, Tella estava completamente errada. As mulheres aqui estavam todas cobertas por vestidos de mangas de sino com saias esvoaçantes, enquanto Tella tinha pernas nuas e braços expostos.

De repente, ela estava congelando. Agora que ela parou, a fadiga a atingiu como uma onda de gelo, deixando-a sacudida e sem fôlego, sem um coração funcionando corretamente para aquecê-la.

Espiando um feirante vendendo capas, Tella pegou uma escura que parecia do tamanho dela.

— Ladrão! — gritou o vendedor.

Tella começou a correr.

— Devolva isso! — Um pesado conjunto de braços a derrubou no chão, e um peito pesado pressionou-a contra a grama áspera.

— Saiadecima!

Ela tentou se soltar.

— Vocêpodepegarasuacapadevolta!

O vendedor saiu de cima dela e arrancou a capa de seus ombros.

Mas ele deixou uma mão no pescoço dela e apertou. Forte e apertado. Até que Tella sentiu as cordas de sua garganta se esfregarem juntas.

— Ladra suja. — Ele manteve seu rosto preso ao chão. — Isso vai te ensinar a não...

— Solte-a! — rugiu uma voz.

A mão foi arrancada do pescoço de Tella, então os braços estavam levantando Tella, puxando-a com força para um peito que cheirava a tinta, suor e fúria.

— Eu acho que é contra a lei matar alguém por pedir uma capa emprestada — Dante rosnou para o vendedor.

Manchas de vermelho raivoso coloriram o rosto barbado do homem.

— Ela não estava pegando emprestado. Ela roubou!

— Isso não é o que parece para mim — disse Dante. — O manto está em suas mãos agora. Eu nunca vi isso na dela. Mas eu vi você tentando matá-la.

O vendedor estalou uma série de maldições.

— Dê-nos a roupa e eu não vou prendê-lo — disse Dante.

Tella só podia ver seu peito deste ângulo, mas imaginou que Dante parecia um guerreiro – parado ali sem camisa, em todo o seu esplendor divino e vestido como uma estrela vingativa que acabara de cair do céu.

— Tudo bem — resmungou o homem. — Eu não quero mais a coisa suja.

— E eu vou pegar uma para mim, em preto. — A voz de Dante era impiedosa, um tom que Tella nunca tinha ouvido cruzar seus lábios, ainda assim tudo o que ele fez com ela foi gentil. Ele gentilmente colocou a capa em volta dos ombros nus dela e sacudiu as pernas.

— Você está bem? — ele perguntou.

Tella desejou que ela pudesse ter acenado com a cabeça ou rido e brincado com ele por estar tão preocupado. Mas quando ela tentou rir, soou como se estivesse estrangulada, e quando ela tentou assentir, a cabeça caiu pateticamente sobre o peito dele.

Ela não queria chorar. Nem o vendedor imundo nem a mãe eram dignos de uma única lágrima. Mas, embora Tella pudesse facilmente livrar-se das sensações das mãos rudes do vendedor, ela não poderia fazer o mesmo com as palavras que sua mãe dissera. Não apenas sua mãe a deixara, ela havia

vendido Tella. Não Scarlett, que nem sequer foi considerada. Parecia que sua mãe não estava sem amor.

Ela simplesmente não amava Tella.

Mais lágrimas caíram dos olhos de Tella.

— Eu espero que ela morra! — Tella não sabia se ela tinha murmurado ou se enfurecido. — Durante anos eu orei a qualquer santo que pudesse estar ouvindo para que por favor mantivesse-a viva até que eu fosse capaz de encontrá-la. Eu desperdicei todas as minhas orações, e ela me entregou como um trapo manchado. Mas eu levo tudo de volta! — Tella gritou então. — Eu levo tudo de volta!

Você pode deixá-la morrer ou apodrecer em sua prisão de papel. Eu não me importo mais. Eu não me importo mais...

Tella não sabia quantas vezes ela murmurou as últimas cinco palavras.

Dante continuou acariciando seus cabelos e suas costas com dedos fortes e reconfortantes enquanto continuava a carregá-la.

Ocasionalmente, ele pressionava algo que parecia um beijo no topo da cabeça dela. Mas não foi até que ela ficou em silêncio que ele finalmente perguntou: — Onde você quer que eu leve você?

— Algum lugar para esquecer.

Tella enterrou a cabeça contra o peito quente de Dante. Ela estava tão cansada. Cansada de jogos e mentiras, e corações partidos, e cansada de tentar salvar a si mesma e sua mãe. Ela queria esquecer tudo isso. Talvez ela tenha fechado os olhos e dormido, ou talvez tenha levado apenas um momento para levá-la para longe do parque.

Parecia que muito pouco tempo se passara antes que ela ouvisse sua voz baixa novamente.

— Você está bem para andar?

Tella conseguiu um aceno de cabeça e Dante colocou-a suavemente na frente de um conjunto estreito de degraus desmoronados, cobertos de musgo e atados com teias de aranha abandonadas. Ruínas tão abandonadas que nem os insetos ficaram. Mas eles pareciam estar iluminados pelas estrelas. Tella olhou para cima e viu que eles estavam na borda do coração branco cintilante que Lenda tinha colocado no céu.

— O que é este lugar? — Tella perguntou.

— Os mitos mais antigos de Valenda afirmam que isso pertencia a um governador que governou muito antes do Império Meridiano começar, quando as Moiras reinaram na Terra. — Dante guiou-a até os degraus no esqueleto de uma antiga propriedade. Nana Anna de Tella sempre dizia que a beleza de uma pessoa era determinada por seus ossos. Se isso fosse verdade, os ossos dessa mansão fizeram Tella pensar que deve ter sido resplandecente uma vez.

Os pilares desmoronados e pátios cobertos de mato falavam de riquezas antigas, enquanto as estátuas rachadas e os fantasmas de tetos pintados sugeriam a arte desaparecendo. Apenas uma relíquia parecia ter evitado a carícia mortal do tempo. Uma fonte no pátio central, moldada na forma de

uma mulher vestida como Tella, que segurava um jarro que despejava uma corrente interminável de água vermelha na piscina ao redor de seus tornozelos.

— Dizem que este lugar está amaldiçoado — continuou Dante. — Durante uma das muitas festas do governador, sua esposa descobriu que ele planejava envenená-la para que ele pudesse se casar com sua amante mais jovem. Em vez de beber o veneno, a esposa acrescentou três gotas de seu próprio sangue e o despejou como oferenda para uma das Moiras – o Envenenador. Ela prometeu viver o resto de sua vida em serviço como uma de suas servas, contanto que ela conceda a ela um único pedido.

— O que ela pediu?

— A esposa não sabia quem era a amante do marido, mas sabia que a mulher estava na festa. Então ela desejou que o marido se lembrasse apenas da esposa.

— O que aconteceu então?

— O Envenenador concedeu seu desejo. Depois de beber um copo venenoso de vinho, o marido esqueceu todas as pessoas que ele conheceu, com exceção de sua esposa. — Dante lançou um olhar irônico para a estátua derramando sua jarra sem fundo.

— Isso é suposto ser a esposa? — Tella perguntou.

— Se você acredita na história. — Dante sentou-se na beira da fonte, deixando a água vermelha escorrer atrás dele em notas musicais suaves enquanto continuava com a história. — A esposa não ficou satisfeita. O Envenenador havia apagado todos da memória do marido. Um governador não é útil se ele conhece apenas uma pessoa. Uma vez que a notícia de sua condição escapou, ele foi destituído de sua posição e logo eles foram forçados a sair de casa.

Assim, embora a primeira barganha não tivesse acabado bem, a esposa derramou mais sangue e chamou o Envenenador novamente, pedindo-lhe que restaurasse a memória do marido. Ele a avisou que, se fizessem isso, o marido tentaria matá-la mais uma vez. Então a mulher prometeu servir o Envenenador na vida após a morte também, e pediu outro favor. Ela pediu o poder para fazer o marido esquecer apenas uma pessoa. O Envenenador concordou, mas novamente ela alertou que haveria consequências. A mulher

não se importava, desde que ela mantivesse sua casa e seu título.

— Eu acho que sei onde isso está indo — disse Tella.

— Você quer tentar terminar a história? — Dante ofereceu.

— Não. — Tella se sentou ao lado dele na beira da fonte. — Você tem voz para contar histórias.

— Claro que eu tenho.

— Você está tão cheio de si mesmo. — Ela se inclinou mais perto de cotovelo nas costelas, mas Dante aproveitou a oportunidade para deslizar o braço pesado em torno de sua cintura e enfiá-la em seu lado.

Ele estava tão quente, um escudo humano abrigando-a do resto do mundo. Ela se permitiu pressionar mais perto dele quando ele disse: — O Envenenador restaurou a memória do marido. Então a Moira disse à esposa que se ela pegasse um jarro de água e o despejasse na piscina no centro do pátio, ele se voltaria para o vinho que teria o poder de fazer o marido esquecer a outra mulher que ele amava. A esposa obedeceu, mas quando ela derramou a água e transformou-se em vinho, ela também começou a se transformar, mudando para a pedra enquanto seu marido observava da varanda acima. Ele só teve sua memória de volta algumas horas, mas já era tempo suficiente para ele chamar uma Moira também.

— Então ele a transformou em pedra? — Tella perguntou.

— Ele desejou que ela morresse, mas o Envenenador tinha prometido que ela iria manter a casa e seu título, e a Moira sempre manteria suas barganhas.

Tanto Tella quanto Dante se mexeram para observar a mulher congelada mais uma vez. Ela não parecia furiosa, como Tella teria suspeitado, ou como se estivesse tentando combater o feitiço. Em vez disso, ela quase pareceu apreciá-lo, revelando seu vinho amaldiçoado da maneira que outra pessoa poderia derramar um desafio.

— Acredita-se que qualquer pessoa que beba desta fonte pode esquecer o que quiser — disse Dante.

— E eu pensei que você estava me contando a história para me ajudar a esquecer.

— Consegui? — Ele perguntou.

— Por um minuto — ela admitiu. Mas infelizmente esse momento já havia passado. Tella mergulhou o dedo na fonte, cobrindo-a em redemoinhos

de vinho amargo. Teria sido tão fácil colocar o dedo na boca dela, fechar os olhos e apagar o que a mãe havia dito e feito.

Mas mesmo que ela acreditasse no mito trágico de Dante, ela não tinha certeza se realmente queria esquecer. Tella baixou a mão, manchando o vinho amaldiçoado contra o branco de sua batinha.

— Você sabe qual é a parte mais triste? Eu deveria saber o tempo todo. Eu fui avisada — disse Tella. — Quando eu era criança, eu lia minha sorte. Continha o Príncipe de Copas. Então, durante quase toda a minha vida, soube que estava destinada a um amor não correspondido. Eu nunca me deixei ficar perto de ninguém, exceto minha irmã, por medo de que eles partissem meu coração. Nunca me ocorreu que aquele de que eu realmente precisava me proteger era minha própria mãe.

Tella tossiu em um som que pareceu um soluço e soou como uma risada ferida.

— Parece que as pessoas que dizem que você não pode mudar seu destino estão certas.

— Eu não acredito nisso — disse Dante.

— Então o que você acredita?

— O destino é apenas uma ideia, mas acho que, acreditando nisso, transformamos isso em algo mais. Você acabou de dizer que evitou o amor porque acreditou que não estava no seu futuro, e por isso esteve.

— Esse não foi o único cartão que eu puxei. Também tirei a Morte da Donzela e, pouco depois, minha mãe desapareceu.

— Apenas uma coincidência. Pelo que ouvi de sua mãe, parece que ela teria saído se você tivesse pego o cartão ou não.

— Mas... — Tella quase contou a ele sobre o Oráculo e todas as previsões que ele havia lhe mostrado. Mas teria realmente revelado o futuro ou estaria manipulando-a como suspeitara na noite passada?

Teria usado vislumbres de possíveis futuros não para ajudá-la, mas para guiá-la em direção a Jacks para que ele pudesse libertar as Moiras?

Tella se considerou tão corajosa e ousada ao tentar mudar o destino de sua mãe e irmã. Mas talvez o noivo de Scarlett fosse na verdade uma pessoa decente. E talvez o Oráculo tenha mentido sobre a mãe dela também. Ele a mostrara na prisão e morta, mas se Tella não vencesse Caraval, se ela

deixasse as cartas trancadas no cofre das estrelas, sua mãe não morreria ou acabaria sangrando em uma prisão. Ela apenas permaneceria onde estava, presa em um cartão.

Como ela merecia.

Como se lesse seus pensamentos, Dante acrescentou: — Não acredito que o que você viu hoje prove que sua mãe não o amava. O que ela fez pareceu terrível, mas julgá-la com base em um momento como esse é o mesmo que ler uma página de um livro e assumir que você conhece a história toda.

— Você acha que ela tinha uma boa razão para o que ela fez?

— Talvez, ou talvez eu só espero que ela seja melhor do que a minha mãe. — Ele disse da mesma forma descuidada que ele contou a história sobre suas tatuagens, como se isso tivesse acontecido há muito tempo, que não importava. Mas as pessoas não tatuavam histórias sobre as quais não se importavam mais, e Tella sentia que Dante sentia o mesmo sobre sua mãe. Sua mãe já não poderia estar em sua vida, mas ele ainda se sentia ferido por ela.

A mão de Tella encontrou os dedos de Dante no escuro. Em algum lugar no espaço entre o Templo das Estrelas e este local amaldiçoado, algo havia se deslocado entre eles. Antes seu relacionamento era muito parecido com o Caraval. Parecia um jogo.

Mas no momento em que ele a colocou nos degraus dessas ruínas, pareceu como se tivessem entrado no real. Quando ela fez sua próxima pergunta, não foi porque ela estava tentando descobrir se ele era Lenda; se alguma coisa, ela esperava desesperadamente que ele não fosse.

— O que sua mãe fez com você?

— Eu acho que você poderia dizer que ela me deixou com o circo.

— Você está falando sobre o Caraval?

— Não era o Caraval, apenas um grupo de artistas sem talento que viviam em tendas e viajavam pelo continente. As pessoas gostavam de dizer que minha mãe só fazia o que acreditava ser melhor para mim, mas meu pai era mais honesto. Ele gostava de beber e uma noite ele me disse exatamente que tipo de mulher ela era.

— Ela era uma...

— Eu sei o que você está pensando e não. Embora eu a tivesse mais

respeitado se ela fosse uma prostituta. Meu pai disse que ela só dormiu com ele para que ela pudesse roubar algo que ele tinha coletado em suas viagens. Eles passaram uma noite juntos, e quando ela voltou logo depois que eu nasci, para me deixar, ela escreveu uma carta para sua esposa contando tudo sobre a experiência, e garantindo que eu nunca fui realmente bem recebido pela família.

Tella imaginou um Dante mais jovem, todos os membros desengonçados e cabelos escuros cobrindo a dor em seus olhos.

— Não tenha pena de mim. — Dante apertou a mão em volta da cintura de Tella e pressionou os lábios contra a cabeça dela, perto da orelha dela, enquanto dizia: — Se minha mãe fosse uma pessoa mais amável ou melhor, eu poderia ter me tornado bom, e todo mundo sabe como é chato ser bom.

— Eu definitivamente não estaria aqui com você se você fosse *bom*.

— Tella imaginou a palavra *bom* murchando ao lado de Dante. *Bom* era a palavra que as pessoas usavam para descrever como dormiam à noite e pão recém saído do fogo. Mas Dante era mais parecido com o fogo. Ninguém chamou um fogo de bom. Os fogos eram quentes, queimando coisas que as crianças eram advertidas a não brincar.

E ainda assim, pela primeira vez, Tella nem pensou em se afastar dele. Ela costumava pensar que era ridículo, a idéia de que uma garota daria seu coração a um garoto, mesmo sabendo que isso também lhe daria o poder de destruí-la. Tella havia trocado coisas com outros homens jovens, mas nunca corações, e embora ela ainda não tivesse planos de entregar aquela parte a Dante, estava começando a entender como os corações podiam ser lentamente doados, sem que ninguém percebesse. Como às vezes apenas um olhar, ou um raro momento de vulnerabilidade como o que Dante acabara de compartilhar com ela, era o suficiente para roubar uma fração de coração.

Tella arqueou o pescoço para olhar para ele. Acima de sua cabeça, o céu havia mudado, enchendo-se de fitas de nuvens contundidas que davam a impressão de que a noite caíra para trás. Em vez de seguir em frente, os céus pareciam estar mudando em direção ao pôr-do-sol, a uma época em que não havia nenhuma estrela de espionagem, deixando-os desacompanhados e sozinhos no jardim amaldiçoado.

— Então — ela disse cautelosamente. — É tudo isso o seu jeito de me

dizer que você é o vilão?

Sua risada estava escura.

— Eu definitivamente não sou o herói.

— Eu já sabia disso — disse Tella. — É a minha história, então claramente eu sou a heroína.

Sua boca se inclinou para ambos os cantos, e seus olhos brilharam, crescendo tão quentes quanto o dedo agora estendendo a mão para traçar sua mandíbula.

— Se você é a heroína, o que isso faz de mim?

Seu dedo mergulhou na clavícula dela.

O calor se espalhou pelo peito dela. Este teria sido o momento de se afastar; em vez disso, ela deixou uma sugestão de desafio escorregar em sua voz.

— Eu ainda estou tentando descobrir isso.

— Você gostaria da minha ajuda? — Dante baixou a mão para seus quadris.

Tella está respirando engatado.

— Não. Eu não quero sua ajuda... Eu quero você.

O olhar de Dante pegou fogo e ele tomou sua boca com a dele.

Isso não era nada como o beijo bêbado que eles compartilharam no chão da floresta, uma combinação grosseira de luxúria e desejo por entretenimento temporário. Este beijo parecia uma confissão, brutal e crua e honesta de um jeito que os beijos raramente eram. Dante não estava tentando seduzi-la; ele estava convencendo-a de como pouca coisa importava, porque nada que ele estivesse fazendo com as mãos poderia ter sido considerado bom. No entanto, cada pincelada de seus lábios era doce. Onde outros exigiram, Dante perguntou, lentamente passando a boca pela dela até que ela separou os lábios, deixando a língua escorregar para dentro quando ele a puxou para o seu colo.

Talvez o encantamento do chafariz estivesse no trabalho porque Tella imaginou que quando terminasse de beijar Dante, esqueceria qualquer outro menino que tivesse tocado em sua boca.

Os lábios de Dante se moveram para sua mandíbula, beliscando e lambendo suavemente enquanto suas mãos encontravam a corda que ele

amarrara em volta de sua cintura. Atando os dedos com ele, ele puxou-a para mais perto, até que tudo foi feito de apenas os dois.

De suas mãos e seus lábios e os lugares onde sua pele se encontrava.

Eles não tinham se separado e Tella já estava pensando em beijá-lo novamente, e novamente, saboreando não apenas seus lábios, mas cada uma de suas tatuagens e cicatrizes, até que o mundo terminasse e eles não passassem de sombras e fumaça, e Tella não conseguia mais lembrar a sensação de tirar a capa dos ombros e passar as mãos pelas costas. Ou o gosto quando seus lábios falaram palavras contra sua boca que pareciam promessas que ela esperava que ele guardasse.

E pela primeira vez em sua vida, Tella queria ainda *mais*. Ela queria que a noite durasse para sempre e que Dante lhe contasse mais histórias sobre Moiras, seu passado e qualquer outra coisa que ele quisesse dizer. Naquele momento, dentro daquele beijo, ela queria saber tudo sobre ele. Ela o queria e não mais a assustava.

Ele estava certo. Tella queria culpar as Moiras por seus infortúnios, mas era ela que sempre fugia da possibilidade do amor. E no fundo ela sabia que não era realmente sobre as Moiras. Era sobre a mãe dela e como ela saiu sem nunca olhar para trás.

Tella alegou que ela não queria amor – ela gostava de dizer que o amor prendeu e controlou e rasgou corações. Mas a verdade era que ela também sabia que o amor curava e mantinha as pessoas juntas, e no fundo ela queria mais do que tudo. Ela gostava dos beijos, mas uma parte dela sempre desejava que sempre que ela se afastasse de um garoto ele corresse atrás dela, implorasse para ela ficar, e então prometia que ele nunca iria embora.

Ela aceitou as cartas que tinha recebido e as transformou em seu destino porque parecia ser a única maneira de se proteger depois que sua mãe partisse. Mas talvez se Tella escolhesse rejeitar o que ela viu nas cartas, ela poderia ter um novo destino. Um onde ela não precisava ter medo do amor.

Quando o beijo finalmente terminou, suas capas estavam ambas amontoadas no chão, seus braços estavam em volta um do outro, e o céu havia voltado para onde deveria estar, para a hora negra, pouco antes do nascer do sol. Apenas a lua permaneceu, sem dúvida desejando ter lábios depois de testemunhar o que Tella e Dante acabaram de fazer.

Dante falou contra sua boca, desta vez alto o suficiente para ela ouvir suas palavras.

— Eu acho que gostaria de você mesmo se você fosse a vilã.

Ela sorriu contra seus lábios.

— Talvez eu gostasse de você mesmo se você fosse um herói.

— Mas eu não sou o herói — ele lembrou a ela.

— Então, talvez eu esteja aqui para te salvar. — Desta vez, ela o beijou primeiro. Mas não foi tão doce quanto antes. O gosto era acre.

Metálico. Errado.

Tella se separou, e naquele momento ela jurou que as estrelas retornaram e brilharam um pouco mais, simplesmente para ser cruel.

A luz caiu sobre Dante iluminando o sangue que escorria do canto de sua boca. Lento e vermelho e amaldiçoado.

Tella saiu da fonte e se afastou. Ela nem prestou atenção em onde ela foi enquanto limpava os lábios com as mãos. Sangue jorrava dos cantos de sua boca, impiedosamente trazendo-a de volta à realidade de sua situação, e ao jogo que ela e Dante estavam em lados diferentes. Sua mãe talvez não merecesse mais ser salva, mas Tella ainda precisava disso.

Batida...

Nada.

Batida...

Nada.

Batida...

Nada.

Era quase como se Jacks estivesse assistindo, esperando pelo momento de felicidade de Tella para que ele pudesse arrancá-lo.

Entre os seus batimentos cardíacos agonizantes, ela ouviu os passos pesados de Dante quando ele se levantou da fonte e a seguiu até que ele ficou diretamente atrás dela.

— Tella, por favor, não corra. — Sua voz era tão gentil quanto a mão que ele colocou em suas costas nuas. Seu corpo inteiro ficou frio de repente, exceto onde a palma de sua mão descansava. Tal contraste com o toque sempre frio e o coração invencível de Jacks. E, no final, todos os Jacks seriam os únicos a triunfar.

Tella poderia ter sido a única pessoa capaz de recuperar o Baralho do Destino de sua mãe dos cofres das estrelas e vencer o Caraval, mas Jacks e as Moiras que ele planejava libertar seriam os verdadeiros vencedores. Uma vez que ela der Lenda para Jacks, Tella não seria mais amaldiçoada, mas ela seria escravizada pelas estrelas por usar o anel de sua mãe. A liberdade pela qual

ela lutou tanto desapareceria. E havia uma boa chance de Lenda e Caraval desaparecerem também.

Tella realmente era o vilão depois de tudo.

Ela ainda poderia ter sentido como se dar Lenda a Jacks fosse o caminho certo a seguir se ela acreditasse que sua mãe valia a pena salvar. Mas naquele momento, Tella preferiu a ideia de manter Paloma presa em um cartão.

— Tella, por favor, fale comigo — disse Dante.

— Eu não vou correr. Mas preciso de um momento.

Sem deixar Dante ver seu rosto, Tella voltou para a fonte. Ela segurou o vinho em suas mãos, tomando cuidado para não engolir enquanto enxaguava o sangue de sua boca. Depois que ela terminou, cuspiu nos arbustos e pegou o manto para limpar os lábios antes de colocá-lo de volta em seus ombros. Ela estava empertigada. Dante a viu chorando, ele a viu sangrando, a viu à beira da morte. Um pouco de sangue em sua boca não estava prestes a assustá-lo.

— Você ainda não confia em mim, não é? — Ele perguntou.

Finalmente ela se virou.

A noite tinha ficado mais escura, mas Tella podia ver a testa de Dante coberta de linhas e suas mãos estavam rígidas ao seu lado, como se segurasse para não tocá-la.

— Eu não confio em mim — ela admitiu.

Dante deu um passo lento para mais perto.

— É porque agora você acredita que não é um jogo?

— Importa o que eu digo? Você me diria a verdade, se eu perguntasse se era tudo real?

— Se você tiver que perguntar, eu suponho que você não acreditaria em mim.

— Tente-me — disse Tella.

— Sim. — Dante deu outro passo. — Para tudo.

— Mesmo nós?

Sua cabeça mergulhou um pouco.

— Depois de tudo o que aconteceu, acho que já era óbvio.

— Mas talvez eu ainda queira ouvir. — Mais importante, ela precisava ouvir. Tella acreditava que o jogo era real. Ela queria acreditar que o que

estava acontecendo entre ela e Dante era real também. Mas ela sabia que só porque finalmente admitiu para si mesma que queria mais com ele, não significava que ele sentia o mesmo. O jogo pode ter sido genuíno, mas isso não significava tudo sobre o relacionamento deles. — Dante, por favor, eu preciso saber se você está aqui apenas por causa da Lenda, ou se isso é real.

— O que faz algo real, Tella? — Dante colocou um dedo na corda ao redor de sua cintura. — Ver alguma coisa torna isso real? — Ele puxou a corda e puxou-a para mais perto, até que tudo que ela podia ver era o rosto dele. — Ou ouvir algo torna isso real? — Sua voz ficou um pouco áspera. — Que tal sentir algo, é o suficiente para torná-lo real? — Sua mão livre deslizou para cima e debaixo de seu manto até que repousasse sobre seu coração. Se o coração de Tella estivesse funcionando corretamente, poderia ter pulado na palma da mão da intensidade de sua voz áspera e seus olhos escuros e profundos enquanto ele abaixava a cabeça em direção a ela.

— Eu juro para você, isso – nós - nós nunca fizemos parte do plano de Lenda. A primeira vez que eu beijei você, eu fiz porque eu tinha acabado de morrer e voltar à vida, mas eu não estava me sentindo vivo. Eu precisava de algo real. Mas esta noite te beijei porque te queria. Eu não parei de te querer desde a noite do Baile do Destino, quando você estava disposta a arriscar sua vida porque queria me deixar com raiva. Depois disso, eu não pude ficar longe.

Sua mão deslizou lentamente de seu coração para a parte de trás de seu pescoço, pressionando contra sua pele macia quando ele se inclinou ainda mais.

— Eu continuava voltando para você, não por causa de Lenda, ou do jogo. Mas porque você é tão real e viva e destemida e ousada e bonita e se o que está entre nós não é real, então eu não sei o que é.

Os dedos de Dante ficaram tensos ao redor do pescoço dela e ele a beijou novamente, como se fosse a única maneira que ele sabia como terminar o que ele estava dizendo.

Não durou quase o tempo suficiente. Mas isso a derrubou. Fez ela se perguntar se jóias escondidas em caixas com segurança às vezes ansiavam ser roubadas por ladrões – porque agora ele estava definitivamente roubando seu coração, e ela queria que ele pegasse ainda mais.

Quando ele terminou o beijo, suas mãos envolveram suavemente ao redor de sua cintura, um contraste suave com o tom farpado de sua voz quando ele disse: — Agora, me diga por que você estava sangrando.

Tella respirou de maneira desigual.

Era hora de confessar a verdade.

— Aconteceu a noite do Baile quando Jacks me beijou — disse ela.

Ela pretendia mantê-lo curto e simples, mas no momento em que ela abriu a boca tudo começou a se espalhar, tão rápido e desleixado quanto a água jorrando de um jarro quebrado. Toda a história de seu relacionamento com Jacks, por que ela fez um acordo com ele, como ela falhou, como ele deu a ela um cartão com sua mãe presa dentro dele, e tudo que ele ameaçou se Tella falhasse com ele de novo.

De sua parte, Dante permaneceu imóvel e ilegível enquanto a estátua derramava um fluxo interminável atrás deles, exceto quando Tella dizia o nome de Jacks; Os dentes de Dante se juntariam então. Caso contrário, ele permaneceu dolorosamente calmo.

— Deixe-me ter certeza de que eu entendi — disse Dante. — Se você não vencer este jogo e der Lenda para Jacks, então você vai morrer.

Tella assentiu.

Dante trabalhou seu queixo como se estivesse se preparando para outra rodada de maldições.

— Jacks disse por que ele quer Lenda?

— Jacks me disse que quer seus plenos poderes de volta, mas acho que é mais que isso. Acredito que Jacks queira aproveitar o poder de Lenda para libertar todos as Moiras das cartas em que estão presas.

As mãos de Dante se apertaram em torno de Tella.

— Isto é minha culpa. Eu deveria ter admitido que foi um erro que você não estava na lista. Se eu não tivesse contado essa mentira sobre você está noiva...

— Eu provavelmente ainda o teria beijado — Tella terminou. Ela não queria mais acreditar no destino, mas aquela noite parecia fadada.

Mesmo sem a mentira de Dante, Jacks a teria encontrado no baile.

Ela não teria o que ele queria e as coisas teriam progredido da mesma maneira. — Não é sua culpa. Jacks é quem me amaldiçoou.

Ele fez isso.

— Eu poderia matá-lo. — As mãos de Dante se afastaram de Tella quando uma lasca de luar cortou seu rosto, cortando entre os dois lados de sua expressão rasgada. Era o jeito que alguém olhava no meio de uma briga quando eles estavam debatendo entre o que eles deveriam dizer e o que eles queriam dizer.

Então suas mãos a envolveram mais uma vez, como se ele tivesse tomado uma decisão repentina.

— Você confia em mim?

Tella respirou fundo. Quando Dante se foi, ela o queria lá. Quando ele estava lá, ela o queria perto. Ela gostou da sensação de suas mãos e do som de sua voz. Ela gostou das coisas que ele disse, e ela queria acreditar nelas. Ela queria confiar nele. Ela só não tinha certeza de que ela acreditava.

— Sim — disse ela, esperando que, ao dizer as palavras, isso fosse verdade. — Eu confio em você.

Um pedacinho de sorriso.

— Bom. Há uma maneira de consertar tudo isso, mas preciso da sua confiança. Lenda é mais poderoso durante o Caraval, e sua magia vem da mesma origem que a de Jacks. Se você ganhar o jogo, Lenda irá te curar. Você não precisa de Jacks.

— Mas para vencer, eu tenho que me entregar às estrelas, e não sei se posso fazer isso.

— Você não vai fazer isso — prometeu Dante. — Eu vou encontrar outra maneira para você entrar em seus cofres.

— Como? Você ouviu Theron. Ele disse que só o meu anel pode abrir o cofre, mas é amaldiçoado até que a dívida da minha mãe seja paga.

— Então, vou encontrar outra maneira de pagá-lo.

— Não!

O sorriso de Dante se alargou.

— Se você tem medo que eu planeje me entregar às estrelas, não fique assim, eu não sou tão altruísta.

— Então o que você vai fazer?

— Toda maldição tem um jeito de ser quebrada e uma brecha. Se as estrelas não aceitarem outro pagamento para quebrar a maldição do seu anel,

encontrarei a brecha.

Tella nunca tinha ouvido isso assim, mas ela supunha que fazia sentido. Alinhava-se com o que Jacks havia dito sobre haver apenas duas maneiras de libertar alguém de um cartão – ou quebrar a maldição ou tomar o lugar de uma pessoa. Este último deve ter sido a brecha. Mas a ideia disso assustou Tella mais do que o pensamento de quebrar a maldição.

— Não se preocupe. — Dante pressionou os lábios contra a testa dela, seu beijo quente contra sua pele quando ele sussurrou: — Confie em mim, Tella. Eu não vou deixar nada acontecer com você.

Mas de repente ele era o que ela estava preocupada. E Tella não estava acostumada a confiar nos outros com seus segredos, muito menos em sua vida. Ela sentiu que Dante estava experimentando emoções conflitantes também.

Uma nuvem cobriu a lua que sumia, deixando seu rosto inteiro sombreado na escuridão quando ele se afastou, mas Tella achou que ele ainda parecia estar lutando contra alguma coisa.

— Você acha que pode voltar para o palácio com segurança?

— Por quê? — Ela perguntou. — Onde você vai?

— Eu ainda tenho um trabalho para fazer hoje à noite. Mas não se preocupe, eu te encontrarei nos degraus do Templo das Estrelas depois dos fogos de artifício amanhã à noite.

A noite seguinte era a última noite do Carnaval. Os fogos de artifício seriam à meia-noite, marcando o fim da véspera de Elantine e o início do dia de Elantine. Estaria cortando perto de quando o jogo terminou ao amanhecer.

Tella queria discutir, mas Dante já estava indo embora. Ele chegou à beira do jardim. Ele ainda estava perto o suficiente para chamar. Mas Tella se encontrou silenciosamente atrás dele.

Ela disse a si mesma que confiava nele; ela só estava o seguindo porque estava preocupada com o que ele poderia fazer para salvá-la.

Mas a verdade era que ela queria confiar nele mais do que ela realmente confiava. Uma parte dela ainda não descartara a possibilidade de ele ser Lenda. Mas se ele fosse Lenda e se importasse com Tella, ele a teria anulado no jardim com seu sangue, em vez de empurrá-la para ganhar o jogo e recuperar as cartas da mãe primeiro.

Ou Dante realmente se importava com Tella, ou ele era o mestre de Caraval e ele não se importava.

Talvez se ela descobrisse para onde ele estava sempre fugindo. Mas Tella estava devagar demais. Ou talvez Dante soubesse que ela estava seguindo ele. Quando chegou à saída do jardim, ele se foi.

Tella procurou nas ruínas próximas por um tempo. Ela até se atreveu a voltar para o parque onde ela roubou o manto. Mas não havia sinais dele, e suas pernas estavam começando a tremer de fadiga.

Era quase amanhecer quando a carruagem do céu de Tella se aproximava do palácio. A constelação em forma de coração de Lenda desapareceu. Tochas pontilhavam o terreno com luz, mas o ar ainda parecia gelado depois de uma noite sendo separado do sol. Tella queria fechar os olhos e entrar em colapso dentro do quarto da torre, mas a carruagem parou. Quem estava na carruagem antes dela estava demorando uma eternidade para desembarcar.

Tella abriu a janela e enfiou a cabeça, como se olhando para a caixa antes que ela pudesse acelerar o ritmo de seus ocupantes. Para seu espanto, funcionou.

A porta da carruagem se abriu, seguida por um flash de tecido cerise familiar. Tella não poderia ser positiva – além do vestido, tudo o que ela viu foi uma cortina de cabelo escuro e grosso. Mas por trás, a jovem parecia exatamente com Scarlett.

Tella continuou a assistir, mas sua irmã não se virou. Ela correu para a frente, saindo da casa da carruagem antes que o cocheiro de Tella se mexesse. Então a porta da carruagem diante dela se abriu novamente. Tella só viu as costas dessa pessoa também, mas ela instantaneamente reconheceu seu andar descuidado, suas roupas amarrotadas e sua cabeça de cabelos dourados. *Jacks.*

Tella esperava que o sol nascesse logo porque esta noite bizarra precisava terminar. Se o mundo de Tella virasse mais uma vez, ela iria quebrar.

O que sua irmã estava fazendo com Jacks?

Claro, Tella ainda não estava certa de que a jovem que havia saído da carruagem era Scarlett. Tella não deu uma olhada clara no rosto dela. Mas Tella conhecia sua irmã e conhecia Jacks, que era baixo o suficiente para arrastar Scarlett para essa bagunça.

Tella saltou da carruagem no momento em que tocou o chão e quase torceu o tornozelo. Isso não a impediu de sair correndo da casa da carruagem, mas a atrasou o suficiente para perder sua irmã.

— Você está fugindo de alguém, ou correndo atrás de alguém? — O Príncipe de Copas saiu da beira do jardim de pedra, bloqueando o caminho de Tella quando ele jogou uma maçã roxa brilhante para frente e para trás entre as pontas de seus dedos ágeis. Mais uma vez, ele não usava um casaco e sua camisa era apenas meio passada, como se ele tivesse ficado impaciente e tirado de uma empregada antes que ela pudesse terminar seu trabalho. Suas calças estavam amarrotadas, mas quando o sol nascente atingiu o couro amanteigado, Tella pensou ter visto um respingo que parecia sangue.

Ela respirou fundo várias vezes, tentando acalmar seu coração acelerado.

— O que você estava fazendo com a minha irmã?

— Eu detecto algum ciúme?

— Você é delirante.

— Eu sou? — Jacks passeou entre os servos congelados para sempre mais fundo no jardim de pedra, forçando Tella a seguir.

— Esse relacionamento não é real — Tella gemeu. — Como eu poderia estar com ciúmes?

— Talvez você esteja desejando que fosse real.

— Você se ilude muito.

— Só porque minha noiva não me elogia o suficiente. — O tom de Jacks era irreverente, mas ele não tirou os olhos de Tella enquanto ele apoiava uma bota contra a estátua de pedra aterrorizada ao lado dela. Então ele tirou uma adaga da bota e começou a tirar a pele de sua maçã, como se de repente ele tivesse perdido o interesse em sua conversa.

— Você ainda não me disse o que estava fazendo com a minha irmã — exigiu Tella. — Eu quero que você fique longe dela.

Jacks levantou os olhos da faca.

— Ela é a única que veio me procurar.

— Por que ela faria isso?

— Eu prometi que não diria.

Tella bufou.

— Não aja como se você tivesse uma consciência.

Jacks cortou o último pedaço de pele de sua maçã e deu uma mordida profunda.

— Só porque meu código moral é diferente do seu, não significa que eu não tenha um.

— Talvez você deva reavaliar — disse Tella. — De acordo com os padrões da maioria das pessoas, matar alguém é pior do que quebrar a confiança de uma pessoa.

— Eu matei alguém desde que você me conheceu? — Jacks passou a língua pelas pontas dos dentes brancos afiados antes de afundá-los na maçã mais uma vez. Suco brilhante, vermelho como sangue, pingava do canto da boca. Zombando dela enquanto ele comia.

Ele agiu descuidado e preguiçoso, mas era o mais calculista e confiante de todos. Ele provavelmente a viu da mesma maneira que viu sua maçã, como algo suculento para dar uma mordida e depois descartar.

Outra gota de vermelho caiu de seus lábios e Tella se lançou para ele. Ela bateu a maçã de suas mãos pálidas. Então ela foi para a garganta dele.

Suas mãos foram ao redor de seus pulsos em um flash.

— Você não pode me matar.

— Mas eu posso tentar. — Ela chutou para ele.

Ele facilmente se esquivou.

— Você só vai se cansar — ele disse calmamente. — Você já parece exausta. Salve suas forças para ganhar o jogo hoje à noite.

Ela continuou a chutar.

Ele facilmente a evitou novamente. Seu rosto cruel parecia entediado.

Mas Tella jurou que sentia o sangue correndo por suas veias, aquecendo as mãos que ainda envolviam seus pulsos. Ele poderia ter parecido indiferente, mas seu coração batia tão rápido quanto o dela.

Tella parou no meio do chute. Seu coração estava batendo.

Ela tropeçou para trás e ele a soltou.

— Você tem um batimento cardíaco.

— Não. Meu coração não bateu em muito tempo. Você é a pessoa que está delirando agora. — Sua voz estava mais fria do que ela já tinha ouvido, mas o frio que trouxe não apagou a memória ardente de suas mãos quentes em torno de seus pulsos.

— Eu posso ser um monte de coisas, mas sei o que senti — disse Tella.

Apenas uma pessoa poderia bater de novo: seu único amor verdadeiro. Eles disseram que seu beijo foi fatal para todos, menos para ela – sua única fraqueza...

— Eu fiz seu coração bater — Tella cantou. Era selvagem e absurdo, uma ideia verdadeiramente feroz. Mas Tella também sentiu a verdade em seus batimentos cardíacos, que agora acelerou em vez de diminuir. Batida. Batida. Batida. Batida. Batida. Nunca se sentiu tão forte. Tão livre. — Eu sou seu único amor verdadeiro.

Seu beijo não pode me matar.

A carranca de Jacks se aprofundou.

— Você não deve acreditar em todas as histórias que ouve. Eu pareço estar apaixonado por você?

— Você sempre parece um monstro para mim, mas isso não significa que o mito não seja verdade. — E Tella imaginou que não tinha que amá-lo para ser seu verdadeiro amor. Dado que ele era uma Moira e um puro mal, Tella também imaginava que o amor para ele não era o mesmo que teria sido para um humano. Mas essa parte não importava. O que importava era que ser seu verdadeiro amor significava que ela estava imune ao beijo dele. Ela não

precisava mais ganhar o jogo para viver.

— Isso não muda nada. — A expressão de Jacks se tornou tão afiada que um punhado de facas pareceria macio em comparação.

Mas Tella estava acostumada com sua aparência mercurial. Eles não podiam machucá-la, e nem seus lábios venenosos.

— Não — disse Tella. — Isso muda tudo.

— Não para sua mãe. — Jacks esmagou o calcanhar de sua bota em cima da maçã que Tella havia derrubado no chão, até que a fruta não passava de carne e suco sangrando. — Você ainda precisa de mim se quiser libertá-la.

— Talvez eu não me importe mais em salvá-la. — Tella disse como se quisesse dizer isso, mas as palavras tinham gosto azedo em sua boca. Não é bem mentira, mas não a verdade.

Jacks pareceu sentir sua falta de convicção. Ele piscou uma covinha enquanto se aproximava.

— Você me chamou de monstro e até eu acho isso frio, Donatella.

Sua covinha desapareceu, e por um momento ela viu seu rosto vazio de terror, da mesma forma que a primeira vez que ele falou de estar preso dentro de um cartão.

— Se alguma parte de você quiser ver sua mãe viva novamente, você vai repensar comigo. Lenda teme que as Moiras fiquem livre e roubem seu poder, e ele quer nossos poderes mais do que qualquer coisa. Se ele colocar as mãos no Baralho do Destino com as Moiras, ele destruirá todos nós, junto com sua mãe. A única maneira de salvá-la é ganhar o jogo e me ajudar a libertá-la. A menos que você seja tola o suficiente para tomar o lugar dela, e com base no que acabou de dizer, duvido que esteja disposta a fazer isso.

Jacks jogou o queixo com um dedo esguio antes de sair do jardim como se a conversa não tivesse mudado absolutamente nada.

*

Quando Tella se arrastou de volta ao palácio logo depois do amanhecer, a torre de ouro foi transformada para a véspera de Elantine. Os corrimãos estavam cobertos de ramos de tecido brilhante, lembrando o véu de lágrimas da Noiva Prometida. E para o desconforto de Tella, todas as empregadas que ela viu pintaram pontos vermelhos em seus lábios, transformando-se em Suas

Servas.

A ala de safira onde Scarlett ficou era a mesma. Tella havia parado ali primeiro para descobrir por que sua irmã estivera com Jacks. Claro que Scarlett não atendeu a porta.

Tella poderia ter batido um pouco mais na porta da irmã, ou esperado um pouco mais, mas o corpo dela estava implorando por sono, e talvez Jacks estivesse falando a verdade. Talvez Scarlett tivesse vindo atrás dele para avisá-lo para não machucar sua irmã. Parecia algo que Scarlett faria.

Tella havia passado por mais criadas com os lábios costurados a caminho do quarto da torre. Elas devem estar trabalhando desde antes do nascer do sol. Quando Tella partiu na noite anterior, todas as portas tinham sido desfeitas, mas agora havia diferentes máscaras sobre cada arco e entrada, uma antiga tradição destinada a honrar as Moiras na esperança de que elas trariam bênçãos em vez de maldições.

A gaiola de pérolas da Morte da Donzela estava pendurada acima da porta de Tella. Tella sabia que era apenas outra tradição da Véspera de Elantine, mas parecia um aviso, mais uma lembrança do que ela tinha a perder se decidisse desistir do jogo. Ela não precisava mais ganhar Caraval para viver, mas ela poderia deixar sua mãe presa em um cartão?

Tella queria odiá-la. Ela quis dizer isso quando gritou para o céu que sua mãe poderia apodrecer em sua prisão de papel. E ainda metade de Tella queria libertá-la ainda mais do que antes. Ela queria provar a Paloma que ela não era apenas um ornamento inútil a ser dado, que ela era destemida, inteligente, corajosa e digna de amor.

O anel amaldiçoado de sua mãe pesava no dedo de Tella. Talvez Dante encontrasse essa brecha que ele mencionou, para contornar a maldição, mas se ele não o fizesse, Tella sabia que ela não poderia escravizar as estrelas para resgatar uma mulher que nunca a amaria.

Mas e se Dante conseguisse achar um jeito de Tella usar seu anel para entrar nos cofres das estrelas sem ter que se entregar?

Se Dante fosse realmente Lenda, poderia Tella se virar para ele e entregá-lo a Jacks, sabendo o que Jacks planejava fazer?

Tudo estava tão torcido.

Tella disse a si mesma que, se Dante era Lenda, significava que ele não se

importava com ela. Mas talvez ele não tenha se oferecido para curá-la mais cedo naquela noite porque ele acreditava que ela não estava mais amaldiçoada. Ele poderia ter pensado que, quando ele lhe deu o sangue antes, ela foi salva. Mas se isso fosse verdade, por que ela estava sangrando de novo?

Tella queria pensar o melhor de Dante, mas se ele se importava com ela era irrelevante. Se Dante fosse Lenda, ele não hesitaria em destruir as Moiras.

Tella não costumava fazer escolhas seguras. Em sua experiência, a escolha segura muitas vezes parecia não ser uma escolha, como educadamente recuar e permitir que outras pessoas com mais poder fizessem o que bem entendessem. Lenda e Jacks tinham mais poder que Tella. Mas cada um deles precisava que ela conseguisse a única coisa que queriam: o Baralho do Destino de sua mãe. Sem Tella, nenhum deles poderia tocar naquele baralho amaldiçoado. Sem Tella, Lenda não poderia destruir as Moiras e a mãe de Tella, e sem Tella, Jacks não poderia libertar as Moiras ou roubar a magia de Lenda, para que ele estivesse novamente em seu poder e tivesse a habilidade de controlar corações e sentimentos e emoções.

Parecia que ambos esperavam que ela vencesse o jogo para eles.

Mas talvez a única maneira de Tella sair vitoriosa fosse se ela decidisse não mais jogar em seus jogos, se deixasse sua mãe onde estava e seus cartões malditos onde eles estavam, seguros no cofre das estrelas, onde nem Jacks nem Lenda poderia tocá-los.

Algo como culpa arrepiou-se dentro de Tella ao pensar em permitir que sua mãe permanecesse presa em um cartão. Mas Paloma havia tratado a vida de Tella como se fosse uma peça de garantia. Sua mãe não era melhor do que Jacks ou Lenda, e Tella seria condenada antes de permitir que qualquer um deles a usasse como um peão em um tabuleiro de jogo novamente.

Tella levantou-se da cama com um sobressalto. Coração acelerado, pulso acelerado – mais duas confirmações, ela não era mais amaldiçoada. Deveria tê-la feito se sentir pronta para conquistar o mundo. Em vez disso, ela não conseguia se livrar da sensação pesada de que o mundo estava se preparando para conquistá-la.

Seu primeiro instinto foi verificar o Oráculo para ver se o futuro dela tinha mudado, mas ela não podia mais confiar no cartão, e ela acabou deixando as Moiras ditarem suas escolhas.

As sombras rastejando pelo chão e as linhas de sono gravadas em seus braços deixaram claro que ela estava dormindo por horas.

Mesmo que ela não planejasse mais terminar o jogo, não pretendia dormir tanto.

Era quase crepúsculo. A luz que entrava pela janela dela tingia tudo dentro de sua suíte com um vermelho assustador, exceto pela carta branca perolada que estava calmamente na beira da cama, como se estivesse esperando por ela.

Tella abriu-a, os olhos um pouco embaçados quando começou a ler. Mas depois das duas primeiras linhas, sua visão se aguçou e sua mente acabou de acordar.

Minha querida Donatella, Obrigada pela doação da sua companhia na outra noite no meu pequeno jantar. Foi um prazer inesperado conhecer você. Eu não percebi até depois que você saiu o quanto você me lembrou de alguém especial

que eu conheci. Você não se parece particularmente com ela, mas tem o mesmo espírito e vibração indomáveis que Paradise, a Perdida. Isso me fez pensar se ela era sua mãe desaparecida.

Eu provavelmente não deveria dizer isso com quem ela era, mas Valenda diminuiu o dia em que Paradise desapareceu. Ela era um tesouro. Se ela for sua mãe e eu puder ser de alguma ajuda em sua busca para encontrá-la, me avise.

Até nos encontrarmos novamente, Elantine

Tella se sentiu acordada quando terminou de ler. Ela pode ter lido mais de uma vez. No momento em que ela olhou para cima e para fora da janela novamente, o sol quase se pôs. A qualquer minuto, Lenda formaria uma nova constelação no céu, mostrando a cidade que o Caraval estava iniciando novamente.

Antes de ler a carta de Elantine, Tella tinha se contentado em desistir do jogo, deixar sua mãe desleal e seu maldito baralho de cartas exatamente onde estavam. Enquanto Tella nunca abrisse o cofre, as Moiras não seriam libertadas, e Lenda não poderia destruir sua mãe.

Parecia um compromisso razoável. Mas agora, depois desta mensagem de Elantine, essa escolha foi como desistir. Foi como se contentar com o quase final que Armando havia falado.

Tella sabia que era tolice imaginar uma versão melhor de sua mãe do que a que ela tinha visto dentro do Templo das Estrelas. E, no entanto, a carta de Elantine fez Tella esperar que houvesse mais na história de sua mãe, exatamente como Dante sugerira.

— Entrega — chamou uma voz fraca do outro lado da porta.

Tella escondeu a nota de Elantine em sua cama enquanto uma serva surda entrava na suíte.

O intruso carregava uma enorme caixa de ameixa coberta com um laço roxo do tamanho de um melão. Deve ter sido o traje de Véspera de Elantine, de Tella, do Minerva.

— Eu suponho que você vai precisar de ajuda para se vestir hoje à noite.
— A empregada levantou a tampa da caixa. — Oh, esta é o mais bonito que eu já vi! Você não se esqueça de chamar a atenção.

Um brilho de brilhos de prata flutuou sobre a sala quando a empregada tirou um vestido azul-prateado da caixa. A costureira poderia ter lutado com Tella sobre sua escolha de ir como o Herdeiro Perdido, mas ela fez um trabalho sublime com o vestido, mesmo que isso lembrasse Tella um pouco demais dos olhos de Jacks.

Era sem encosto, coberto apenas por uma capa de gaze de cor prata derretida. Depois de ajudá-la a colocar o vestido, a empregada prendeu a fina capa às delicadas tiras de contas nos ombros de Tella, que se alimentavam em um corpete azul-claro. Teria sido indecente se não fosse pelas folhas cintilantes de prata agarradas ao peito e arrastando-se por seu torso, como se tivesse sido jogada aos ventos por uma tempestade mágica. Sua saia esvoaçante era uma combinação de azul meia-noite e metal líquido, brilhando em ondas sobrenaturais toda vez que ela se movia, fazendo parecer que ela poderia desaparecer com um giro rápido.

— É magnífico — disse a menina. — Você está pronta para o... — Sua sentença foi cortada quando ela ergueu a coroa de velas com seu sombrio véu preto do fundo da caixa. — Você está indo como o Herdeiro Perdido de Elantine? Tem certeza que é sensato?

— Tenho certeza que não é da sua conta. — Tella pegou a coroa.

— Eu estava apenas tentando ser útil — a garota se desculpou com uma rápida reverência. — Me perdoe novamente, mas eu ouvi rumores sobre o seu noivo, e depois do que aconteceu antes, achei que você poderia gostar de um aviso.

Tella tentou se abster de pedir mais. A última vez que ela falou com uma empregada atrevida não terminou bem, mas esta empregada parecia genuinamente nervosa, e Tella poderia ter reconhecido sua voz em sua primeira noite no palácio. Ela parecia a empregada que a lembrou de um coelho e sentiu pena de Tella.

— O que aconteceu antes? — Tella perguntou.

— Você realmente não ouviu falar? O palácio inteiro está borbulhando sobre isso. Eles estão dizendo que o verdadeiro herdeiro perdido, o filho

desaparecido de Elantine, reapareceu. Claro, ninguém confirmou isso. — A empregada silenciava sua voz. — A imperatriz adoeceu logo após o início dos rumores.

— O que há de errado com ela? — Tella perguntou.

— Eu não estou a par desse tipo de informação — disse a empregada. — Mas soa sério.

— Tudo é provavelmente parte do Caraval — disse Tella. Se a imperatriz realmente tinha uma criança desaparecida, parecia uma grande coincidência que a criança aparecesse durante o Caraval.

Mas e se a imperatriz estivesse genuinamente doente? O pensamento fez Tella mais desconfortável do que ela esperava. Em sua carta, Elantine falou sobre a mãe de Tella como se ela a conhecesse. Ela a chamou de tesouro. Tella queria saber por que, mas ela não iria se nada acontecesse com a imperatriz.

— Obrigado pela ajuda e — disse Tella para a empregada. — Você está livre para sair.

Tella estava vestida. Tudo o que ela precisava fazer era coroar-se.

Infelizmente, o círculo ceroso de velas que formavam a coroa do Herdeiro Perdido era pesado e desajeitado, e o véu espesso preso a ele era impossível de ver.

Antes de colocar na cabeça, Tella puxou o tecido do véu. Só que o teimoso não queria se mexer.

Ela puxou de novo.

O véu se soltou, mas o mesmo aconteceu com o anel da coroa de velas pretas. Eles se desfizeram em grossas lágrimas, desmoronando até que tudo o que restou foram cinco pontas afiadas em pontas de opalas negras.

Parecia uma versão ininterrupta da Coroa Despedaçada. A mesma coroa que Tella viu quando Armando leu sua fortuna.

A Coroa Despedaçada previa uma escolha impossível entre dois caminhos igualmente difíceis. Tella sabia que o círculo em suas mãos não era a mesma coroa. Aquela coroa estava presa em um baralho de cartas e essa coroa ainda tinha que quebrar. Mas ela não gostou que seus dedos ficassem dormentes onde quer que eles tocassem.

Ela queria enfiá-lo na caixa. Parecia uma má idéia colocar essa coroa. Mas

ela se recusou a ter medo disso ou das idéias que ele trouxe à mente.

Tella olhou no espelho quando a colocou no topo da cabeça. A coroa não era tão pesada como quando as velas faziam parte dela, mas a partir do momento em que tocou seus cachos, Tella sentiu uma agitação, como se usar a coroa fosse o primeiro passo em direção a uma escolha impossível que ela não estava pronta para fazer.

Ela tentou rejeitar o sentimento. Só porque ela ia falar com a imperatriz sobre sua mãe não significava que Tella iria se sacrificar para as estrelas para que ela pudesse ganhar o jogo para salvar Paloma. E, no entanto, Tella se viu colocando a moeda sem sorte de Jacks no bolso de sua fantasia, junto com o Oráculo e o cartão prendendo sua mãe.

VÉSPERA DE ELANTINE
ÚLTIMO DIA
DO CARAVAL

As estrelas eram espetacularmente ardentes naquela noite, iluminando Valenda com seu esplendor e brilho. Lenda as tinha colocado na forma de uma ampulheta gigante. Ela brilhava em tons dourados do deserto e vermelho, pingando estrelas vermelhas como grãos de areia, sem dúvida contando até o amanhecer e o fim do Caraval.

A ampulheta estava pendurada acima do palácio, onde a última noite do jogo estava acontecendo. Tella tinha vislumbrado quando ela olhou pela janela. O pátio de vidro abaixo, que preenchia o espaço entre a torre de ouro e as outras alas do palácio, começava a se encher de pessoas fantasiadas para se parecer com as amaldiçoadas Moiras.

Felizmente nenhum dos jogadores do jogo foi permitido dentro da torre. A estrutura antiga estava quase estranhamente quieta. Tella só podia ouvir o som de seus passos na escada de madeira quando ela subiu, subiu.

Durante o jantar, na outra noite, Elantine mencionara ter visto os fogos de artifício de Elantine no andar mais alto. Ela até disse a Jacks que esperava que Tella se juntasse a eles para o show. Não era um convite real, e Jacks nunca tinha mencionado isso de novo, mas Tella esperava que a imperatriz quisesse dizer isso.

Guardas a pararam no topo. Deve ter havido uma dúzia deles, a armadura deles soando alta e áspera enquanto bloqueavam o caminho de Tella.

Suas pernas queimavam de subir, mas ela conseguiu se levantar e falar sem ofegar.

— Eu sou a noiva do herdeiro e Sua Majestade me convidou para assistir aos fogos de artifício com ela esta noite. — Tella mostrou sua carta a Elantine, mostrando o selo real como se fosse um convite.

Mas não foi necessário.

Os guardas separaram as fileiras de Tella como se estivessem esperando por ela. Ela se perguntou se era porque o convite da imperatriz para assistir aos fogos de artifício tinha sido genuíno, ou se a imperatriz sabia que sua carta atrairia Tella para cá. Ela estava cansada de deixar o destino ou as Moiras ditarem seu futuro, mas algo sobre esse encontro com Elantine era inevitável.

O topo da torre era muito mais estreito que o fundo, apenas um cômodo, não particularmente grande, e mais tarde ela se lembraria dele como interminável. As paredes e o teto eram feitos de vidro transparente, um observatório construído para observar, sonhar e desejar. A ampulheta agitada de Lenda estava tão perto que Tella jurou que podia ouvir as estrelas caindo dentro dela, sibilando e provocando uma música perigosa enquanto Tella se aventurava mais.

A suíte em si era elegância simples. Uma árvore branca cinzenta crescia no meio, cheia de folhas prateadas que pareciam estar à beira de cair. Ao redor, havia um círculo de salões adornados, todos olhando para o vidro cristalino, prateado e branco, exatamente como a árvore. O único ponto de cor ousada na sala veio do buquê de rosas vermelhas no vaso ao lado de Elantine.

A imperatriz estava sentada em um assento tão perto das janelas que quase tocava o vidro. Ela não parecia estar fantasiada, embora houvesse algo fantasmagórico sobre ela e não era apenas o vestido branco que ela usava.

Duas noites atrás, quando Tella a conhecera, a imperatriz Elantine era a definição de animada, cheia de sorrisos e abraços. Mas talvez ela tenha doado muitos. Agora ela estava encostada na cadeira, cera e doentia, exatamente como a empregada ansiosa dissera.

Até a voz de Elantine soou febril quando ela falou.

— Você subiu todo esse caminho, minha querida, você pode também fazer a pergunta queimando sua língua.

— O que aconteceu com você? — Tella soltou.

Elantine olhou para cima. Seus olhos escuros eram maiores do que Tella se lembrava, ou talvez seu rosto se tornasse mais fino. Elantine parecia ter envelhecido duas décadas em dois dias. Tella jurou que a mulher ficou ainda mais velha quando ela ficou sentada lá. Rugas frescas se formaram em suas

bochechas pálidas quando ela disse: — Isso é chamado de morrer, minha querida. Por que você acha que eu queria ter uma celebração tão magnífica do septuagésimo quinto aniversário?

— Mas, mas você parecia tão bem na outra noite.

— Um tônico da lenda. — Os olhos de Elantine cortaram as rosas vermelhas na mesa ao lado dela. — Ele tem me ajudado a esconder minha saúde fracassada de Jacks.

— Então você conheceu Lenda?

Um sorriso enrugado moveu a boca da imperatriz.

— Depois de toda a ajuda dele, mesmo que soubesse quem era Lenda, não trairia seu segredo. E eu não acho que você tenha escalado todo esse caminho para perguntar sobre ele.

O olhar de Elantine caiu ao pé da carta na mão de Tella.

Tella ainda queria questionar a imperatriz mais sobre Lenda, que parecia estar em toda parte e em nenhum lugar ao mesmo tempo.

Mas, embora Elantine estivesse morrendo, quando ela falou de novo, seu tom era agudo o suficiente para eliminar quaisquer argumentos.

— Paradise, a Perdida é sua mãe, não é?

— Eu a conhecia como Paloma — confessou Tella. — Embora meu pai sempre ficasse chateado quando eu a chamava assim em vez de mãe.

Elantine estalou a língua.

— A Paradise tinha um gosto tão infeliz nos homens.

Tella teria concordado, mas ela não queria falar mais sobre seu pai.

— Como você a conheceu? — Tella perguntou quando se sentou. Ela ainda não sabia toda a etiqueta adequada sobre como tratar uma imperatriz, mas parecia estranho desprezar a mulher que governava todo o Império Meridiano.

Elantine respirou fundo, seu corpo tremendo mais do que deveria ao esforço.

— A última vez que vi Paradise, ela estava roubando o Baralho do Destino que mencionei na outra noite. Eu avisei a ela que as cartas só trariam problemas, mas eu deveria ter escolhido uma palavra diferente. Como miséria ou agonia. Paradise apenas disse que amava problemas. Mas acredito que o que ela realmente amava era a vida.

Elantine olhou pela janela, onde as estrelas carmesim de Lenda continuavam brilhando no jogo abaixo.

— Paradise poderia ter sido muito mais do que uma foto em uma loja de pôsteres de Procurados. Ela era inteligente e esperta, rápida em rir e amar. Embora ela tentasse não deixar as pessoas saberem o quão profundamente seus sentimentos eram. “Criminosos não amam,” ela me disse uma vez. Mas acho que Paradise tinha medo do amor porque quando ela amava, ela o fazia tão ferozmente quanto vivia.

Tella imaginou que isso tudo deveria fazê-la se sentir melhor, mas de alguma forma, só doía mais saber que sua mãe podia amar tão intensamente, e ainda assim ela nem se importava com sua própria filha.

Tella deveria ter se afastado e parado de se torturar. Mas havia algo quase íntimo sobre o conhecimento da imperatriz. Suas duas frases soavam muito mais profundas do que quase tudo que Aiko compartilhara. Tella tinha ouvido falar que Elantine era selvagem em sua juventude, mas ela não teria sido uma jovem ao mesmo tempo que a mãe de Tella.

— Como você a conheceu? — Tella perguntou.

A imperatriz voltou lentamente para Tella.

— Essa é uma história que você terá que perguntar a Paradise.

— Eu não acho que isso vai acontecer. — Tella se levantou lentamente de seu assento. — Aqui é onde minha busca por ela termina.

— Piedade — disse Elantine. — Eu não achei que você fosse do tipo que desistiu tão facilmente.

— Ela desistiu de mim primeiro.

— Eu não tenho certeza se posso acreditar nisso. — A voz de Elantine foi suave. Tella poderia ter pensado que era por fadiga, mas não havia nada de fraco nisso. — A Paradise que eu conhecia não acreditava em desistir. E se você realmente é filha dela, então eu tenho certeza que ela não teria desistido de você. Na verdade, imagino que, se ela fosse sua mãe, ela a amava muito profundamente.

Tella bufou.

— Eu vou fingir que não ouvi isso — disse Elantine. — Tenho certeza de que há uma lei que diz que você não pode zombar de sua imperatriz no rosto dela. Mas imagino que o que você acabou de fazer tem mais a ver com a sua

mãe do que comigo. E, admito, suspeito que meu filho se sente da mesma maneira que eu em relação a sua mãe. Eu também fui um fracasso como mãe. Eu cometi erros que significaram que eu me separei do meu filho por muito tempo. Mas isso não significa que eu não amava meu filho. Muitas das escolhas que fiz e que acreditei que eram as melhores serviram apenas para nos separar.

— Mas eu ouvi que sua criança desaparecida retornou.

— Eu esqueci a rapidez com que as notícias se espalham neste palácio. — Elantine sorriu, mas de alguma forma a expressão fez seus olhos parecerem tristes em vez de felizes. Quando seus lábios enrugados se inclinaram para cima, suas pálpebras caíram. Esta não era a expressão de uma mãe que acabara de se reunir com seu filho.

Mas a imperatriz não estava descartando os rumores. Isso fez com que Tella se perguntasse se essa pessoa que se apresentou era realmente o filho de Elantine, ou apenas uma maneira de impedir Jacks de assumir o trono agora que Elantine estava morrendo.

— Durante a maior parte da minha vida, coloquei o Império Meridiano acima de tudo, até do meu filho. Eu agora me arrependo de tantas dessas escolhas, mas é tarde demais para mudar o que eu fiz. Eu suponho que é por isso que eu estava pensando em você esta manhã. — A tristeza nos olhos de Elantine se intensificou. — Eu não sei o que aconteceu com sua mãe depois que ela deixou você, mas eu espero que você a encontre, Donatella. Não seja como eu e aceite a facilidade de um quase final, quando você pode ter o verdadeiro final.

— Não tenho certeza se entendi o que isso significa — disse Tella.

— Nem todo mundo consegue um final verdadeiro. Existem dois tipos de finais, porque a maioria das pessoas desiste da parte da história em que as coisas são as piores, onde a situação parece desesperadora. Mas é aí que a esperança é mais necessária.

Somente aqueles que perseveraram podem encontrar seu verdadeiro final.

Elantine sorriu, mais feliz do que triste dessa vez, enquanto olhava para a mão de Tella.

— Veja. Acredito que até o anel da sua mãe concorda.

Tella deu um solavanco para trás quando a opala em seu dedo pulsou. As

cores dentro dele estavam se movendo. A linha de ouro no centro explodiu como uma chama dentro da pedra, devorando o violeta e o cereja em torno de suas bordas até que toda a pedra preciosa incendiava o âmbar luminescente.

A torre balançou, sacudindo as pernas de Tella. Durou apenas um segundo. Mas Tella jurou que naquele momento até as estrelas lá fora piscavam. O anel sempre foi bonito, mas agora era do outro mundo, brilhante o suficiente para iluminar a mão inteira.

O que Dante fez?

Pânico branco-quente passou pelas veias de Tella. Ele deve ter encontrado a brecha ao redor da maldição do anel. Por que ele teve que fazer isso por ela? Ele disse para não se preocupar, que ele não era tão altruísta, mas ele deve ter pago um preço para quebrar a maldição da pedra.

Tella tremeu e a coroa em sua cabeça vacilou. Ela estendeu a mão para firmá-la. Mas a mão dela estava tão trêmula quanto as pernas.

Em vez de endireitar a coroa ela a derrubou. Caiu e bateu no chão com um estrondo lírico.

— Ah, meu. — Elantine colocou a mão sobre a boca.

Tella engoliu uma maldição. Cinco peças afiadas de obsidiana, pontilhadas de opalas negras reluzentes, olhavam para ela do chão.

Agora era uma imagem espelhada da Coroa Despedaçada.

A voz de Tella tremeu quando ela disse: — Eu sinto muito.

— Não seja criança. Eu tenho pessoas que podem limpar isso para mim e você não fez nada de errado.

Mas Tella faria algo errado.

Ainda trêmula, ela olhou para a coroa quebrada no chão enquanto sua escolha impossível se tornava clara demais. Dante havia encontrado um jeito de Tella entrar no cofre da mãe, o que não exigiria sacrifício por parte de Tella. Claro, Tella não sabia se Dante tinha feito isso para salvá-la das estrelas, ou para garantir que ela pegasse os cartões. Tella nem tinha certeza de qual deles queria ser verdade. Se Dante tivesse sacrificado alguma coisa para salvar Tella, que tipo de pessoa ela seria se ela o trair para Jacks? Mas isso estava assumindo que Dante era Lenda. Tella ainda não sabia quem era Lenda.

E ela não saberia se não vencesse o jogo.

Mas talvez seja melhor não ganhar o jogo.

Ganhar o jogo virá com um custo que você se arrependerá.

Nigel havia avisado Tella sobre isso, embora, mesmo que ele não soubesse, ela sabia que arrependimentos estavam no futuro dela. Se ela escolhesse trair Lenda para Jacks para que Jacks pudessem pegar o poder de Lenda, Jacks liberaria as Moiras e provavelmente destruiria Lenda no processo. Mas, se Tella não traísse Lenda, se ela lhe desse as cartas com as Moiras, ele as destruiria. Ao fazer isso, Lenda também destruiria sua mãe, já que todas as cartas estavam conectadas.

O olhar de Tella viajou pela janela. Tão alto que as pessoas abaixo eram pouco mais que manchas de cor, iluminadas pelas estrelas agitadas, as lanternas brilhantes, e toda a excitação febril pela última noite de Caraval e a Véspera de Elantine.

Em outra história, Tella poderia ter ido até lá e se juntado a eles. Ela poderia ter bebido vinho temperado e dançado com estranhos. Talvez ela tivesse beijado alguém abaixo das estrelas. Deveria ter sido o que ela queria. Ela disse a si mesma para querer. Para sair do jogo separado em que ela foi empurrada e a mulher que se afastou dela.

Parar de fingir que sua mãe se importava. Mas as palavras de Elantine sobre finais verdadeiros e quase-finais continuaram a atormentar Tella.

Ela queria virar as costas para a mãe, mas parecia mais desistir do que soltar-se, contentando-se com menos quando ela tinha uma chance em muito mais. Tella não queria deixar sua mãe machucá-la novamente. Mas e se Elantine estivesse certa e a mãe realmente a tivesse amado?

A mãe de Tella tinha colocado as cartas nos cofres das estrelas para que ninguém pudesse chegar até elas. Talvez sua mãe nunca tivesse planejado tocá-las novamente. E se ela tivesse oferecido Tella para as estrelas, mas ela nunca pretendia entregar Tella? Talvez trancar as cartas em um cofre que só podia ser aberto por uma chave amaldiçoada tivesse sido a maneira de Paloma mantê-las seguras.

Mas então, de alguma forma, sua mãe acabara presa em um cartão.

Tella não sabia quando ela saiu da torre, mas de repente ela estava descendo as escadas, correndo em direção ao pátio onde Caraval estava acontecendo, pensando apenas em sua mãe.

O ar estava tão denso de magia que parecia como se tivesse açúcar de confeitiro na língua de Tella, uma doce recepção a um mundo sombriamente encantado. Moiras e símbolos das Moiras estavam em toda parte. O pátio do palácio havia se transformado em um mercado, como se tivesse sido arrancado de um mito. Havia tendas com nomes como: *Vestidos mágicos de sua majestade Empório da Sacerdotisa Facas e Gravatas para Assassinos Óculos Mágicos do Oráculo*. Então havia os avisos, cartazes gigantes em homenagem a ainda mais Moiras: *Dê um beijo para a Senhora da Sorte e ela lhe dará o maior desejo do seu coração.*

Por um tempo curto, mas bom, encontre Jester Mad!

Se você ver a Empregada Grávida, seu futuro está prestes a mudar...

Tella se recusou a se distrair – ela precisava chegar ao Templo das Estrelas, embora fosse um pouco mais difícil atravessar o pátio quando as pessoas começaram a se aproximar dela. Uma figura sombria fantasiada de Envenenador a convidou para provar seu veneno. Algumas Estrelas Caídas ofereceram-lhe uma pitada de poeira estelar.

Tella nem se incomodou em responder; ela correu pela aglomeração o mais rápido possível. O único momento em que ela fraquejou foi quando ela pensou ter visto Scarlett, vestida como a Noiva Prometida em um véu de lágrimas que gotejavam sobre seu rosto como diamantes chorosos. Mas se Scarlett soubesse o que Tella estava prestes a fazer, ela certamente tentaria impedi-la.

Tella não queria ser parada. Esta era sua única chance de salvar sua mãe, e se ela não a agarrasse, ela se arrependeria enquanto vivesse.

Durante o passeio de carruagem até o Templo do Distrito, ela ainda sentia pontadas de culpa pela ideia de entregar Lenda a Jacks. Mas Tella imaginou

que era apenas por causa de sua paixão por Dante.

Trair Lenda parecia trair Dante. Mas talvez eles não fossem o mesmo.

E se Dante era realmente Lenda, então era ele quem estava traindo Tella todo esse tempo.

Ela alcançou o Templo das Estrelas após o som de dez sinos.

Ela não precisou bater quando chegou às portas proibidas do santuário. Eles se abriram silenciosamente, como se o templo lhe desse um olá inaudível.

Theron estava do outro lado, uma torre de homem, tornado mais imponente pela brutal estrela de oito pontas que ardia em seu rosto impiedoso. Ele estava vestido da mesma maneira como quando ela o conheceu na noite anterior – grossos couros e uma capa azul royal.

Para seu crédito, Theron não mencionou a partida rápida de Tella na noite anterior. Tudo o que ele sabia guardado por seu comportamento estóico.

A batida dos chinelos de Tella contra o chão polido fez um único som enquanto ela o seguiu para dentro da entrada sombreada. A fonte de fogo no centro ainda não havia sido acesa, permitindo que uma espessa camada de frio se assentasse.

Tella tinha perdido sua capa em algum lugar no pátio real, o que deixou seus braços e costas expostos, ela deveria estar congelando.

No entanto, o pescoço dela ficou suado quando ela disse: — Estou aqui para abrir o cofre da minha mãe.

Os olhos de Theron baixaram para o anel de Tella.

— Você tem a sorte de ter um amigo tão bom.

Um arrepio de inquietação se juntou ao suor escorrendo pelo seu pescoço enquanto ela pensava em Dante.

— O que ele te deu para quebrar a maldição no anel?

— Só há uma maneira de quebrar a maldição. Mas há sempre uma maneira de contornar cada maldição. Nesse caso, fizemos uma troca que a levantou temporariamente do seu anel. Agora você quer continuar fazendo perguntas, ou gostaria de ver seu cofre?

— Primeiro, me diga o que Dante lhe deu nessa troca.

— Ele nos fez uma promessa. Eu não posso te dizer o que é, mas se você se preocupa com ele, você vai querer ter certeza de que ele mantenha sua

palavra.

— O que acontece se ele não a manter?

Theron traçou a marca em forma de estrela em seu rosto.

— Se o seu Dante falhar, ele vai morrer.

A boca de Tella ficou seca.

Sem mais palavras, Theron guiou Tella até a porta atrás do vestíbulo, vigiado pelas agonizantes estátuas de pedra. Ele usou seu anel para destravar o portão.

Ar quente cheirando a mistérios enterrados e magia antiga preenchiam o anexo octogonal do outro lado. Ao contrário da entrada, esta área não era toda de ouro brilhante e branco perolado. Era de madeira e envelhecido e preenchido com o mesmo tipo de gravidade que o primeiro andar da torre dourada de Elantine. Uma luz primitiva atravessava o chão granuloso, enquanto a magia, muito mais antiga que a de Lenda ou Jacks, roçava a parte de trás das mãos de Tella, provando-a com línguas invisíveis.

Theron tinha dito a verdade quando ele disse que este templo não era uma atração turística.

Os cofres foram enterrados nas profundezas. Do anexo, Theron levou Tella por uma porta que levava a uma sinuosa de escadaria de terra.

Ela não contava o número de passos, mas era o suficiente para fazer suas pernas suarem sob o vestido brilhante. Quando finalmente chegaram ao fundo, as passagens eram estreitas e escuras, iluminadas por uma fileira de velas que pareciam ter crescido do chão. Theron e Tella tiveram que se esquivar cautelosamente deles.

No meio de um corredor tão escuro que Tella só conseguia enxergar o contorno de Theron, ele finalmente parou na frente de uma porta de pedra sem alça.

— Isso será aberto apenas para você. Para permitir a entrada, tudo o que você precisa fazer é pressionar o seu anel na porta. Mas esteja avisada, a barganha que o seu Dante fez conosco permite que você abra este cofre apenas uma vez. Se você escolher remover ou deixar um objeto aqui, tenha certeza de sua escolha. Depois de fechar essa porta, a única maneira de abri-la novamente é pagando a dívida de sua mãe.

— Se eu nunca abri-lo — Tella perguntou. — Isso vai desfazer a troca que

foi feita em meu nome?

— Esse voto já foi selado. Deixar o cofre trancado seria um desperdício do sacrifício que ele fez.

Suor cobriu as palmas das mãos de Tella. Dante não deveria ter vindo em sua ajuda. Isso deu a ela mais esperança de que ele não fosse Lenda. Lenda não era conhecido por fazer sacrifícios, e por mais lisonjeador que fosse se ele tivesse mudado por ela, Tella silenciosamente rezou para que não fosse o caso, porque ela não podia fazer o mesmo por ele. Ela veio aqui para salvar sua mãe, não importando o custo.

Tella esperou Theron sair antes de abrir a porta do cofre. Ao contrário do corredor estreito, a sala do outro lado da porta era larga e radiante de luz, iluminada por alguma fonte invisível. O centro estava desocupado, mas as paredes estavam forradas de prateleiras brancas como leite, cheias de tesouros fantásticos. Pinturas realistas, instrumentos dourados, armas elaboradas, estatuetas dançantes, relíquias antigas, tiaras cravejadas de pedras preciosas, livros pesados e garrafas sem rótulo, com conteúdos agitados que poderiam ter sido mágicos.

Esta tinha sido a vida de Paloma antes de ela vir para Trisda.

Tella se deu um momento para admirar cada centímetro dos itens roubados. Ela queimava de curiosidade – e desejo, por alguns dos itens mais bonitos –, mas ela não queria perder tempo, ou arriscar tocar qualquer coisa que pudesse ser amaldiçoada como as cartas de sua mãe.

Tella manteve as mãos entrelaçadas na frente dela enquanto seus olhos continuavam procurando, até que ela viu a caixa. Uma brisa natural passou pelos ombros de Tella. Era uma simples coisa de madeira, sem ser notada, exceto pelo halo de escuridão pulsando em volta, como se a luz no resto da sala não pudesse tocá-la.

Tella não viu mais nada quando se aproximou e levantou a tampa. As cartas pareciam exatamente como Tella se lembrava. Tinham um tom de noite tão escuro que eram quase pretos, com pequenas manchas douradas que brilhavam na luz e fios enrolados com um relevo violeta-avermelhado, que fizeram Tella pensar em flores úmidas, sangue de bruxa e magia.

Tella se perguntou o que as cartas mostrariam se ela tentasse ler seu futuro agora, mas não ousaria virá-las. Sem nenhum redemoinho, Tella colocou o

Oráculo no topo do baralho. Então ela recuperou a carta aprisionando sua mãe e a colocando dentro do vestido.

A auréola em torno das cartas pulsava mais escura, como se adicionar cartas extras de alguma forma tornasse o baralho mais poderoso.

Tella ignorou o mal-estar que veio com isso. Ela exalou, expirando a pesada pressão contra o peito que a avisou para parar. Ela estava quase lá. Tudo o que ela precisava fazer agora era pegar o baralho e vencer o jogo. Então ela poderia ter sua mãe de volta.

Sua mão pairou sobre a pequena pilha, imaginando quanto tempo demoraria para Lenda encontrá-la. Dante deve ter dito a Lenda que as cartas estavam no templo. Havia uma chance que Lenda já estivesse a esperando nos degraus. E Nigel prometeu: *Se você ganhar o Caraval, o primeiro rosto que você verá será o de Lenda.*

Tella respirou fundo. Se isso fosse funcionar, ela precisava convocar Jacks antes de ganhar o jogo oficialmente ou sair do templo das estrelas. Ela enfiou a mão no bolso do vestido prateado, os dedos procurando a moeda sem sorte.

A voz de Theron instantaneamente inundou o cofre.

— Não use essa magia vil aqui, ou eu vou fechar esta porta e você nunca vai sair.

Tella arrancou a mão de seu vestido. Seus dedos tremeram.

Ela deveria ter chamado Jacks antes de entrar. Ser incapaz de chamá-lo agora parecia mais uma chance de mudar de ideia. Mas a decisão de Tella foi tomada. Uma vez que ela pegasse as cartas e saísse do cofre, não haveria como voltar atrás. Ela só teria que ser rápida para pegar a moeda sem sorte.

Mas ela ainda estava assumindo um risco. Uma vez que ela saísse do templo, cada Moira e pessoa presos dentro dos cartões seriam libertados por Jacks quando ele retirasse todo o poder de Lenda - ou todas as Moiras junto com a mãe de Tella seriam destruídas por Lenda, se Jacks não chegasse rápido o suficiente.

O mundo estava prestes a mudar. Ou todas as Moiras e a mãe de Tella seriam libertadas, ou Lenda as destruiria e se tornaria o humano mais poderoso do mundo.

Não é de admirar que as estrelas tenham brilhado mais cedo naquela noite. Tella imaginou-as fazendo isso novamente quando ela alcançou a caixa de

madeira, corajosamente pegou o amaldiçoado Baralho do Destino de sua mãe e ganhou oficialmente o Caraval.

O coração de Tella correu quando ela saiu do santuário. Depois de tudo naquela noite, deveria ter ficado sem batidas, mas conseguiu bater mais rápido quando o ar frio da noite chicoteou em torno de seu rosto e farfalhou as folhas prateadas de seu vestido.

Ignorando o frio, sua mão mergulhou em seu bolso mais uma vez para a moeda sem sorte de Jacks.

— Tella... — Uma voz baixa, dolorosamente familiar, chamou da base dos degraus, seguida pelo eco dos passos pesados de Dante.

Ela congelou.

Se você ganhar o Caraval, a primeira cara que você vê será Lenda.

Não. Não. Não.

Tella rapidamente fechou os olhos antes que pudesse vê-lo. Talvez se ela não abrisse os olhos, ele se afastasse, veria outro rosto e Dante não seria Lenda.

Ela o ouviu se aproximar. Botas pesadas e ansiosas contra as escadas.

— Eu pensei que nos encontraríamos depois da meia-noite — ela disse.

— Eu tinha a sensação de que você estaria aqui cedo. — Sua voz estava um pouco mais perto.

— Você não deveria ter vindo.

— Tella, olhe para mim. — Outro passo. Então ela sentiu o calor inebriante que sempre parecia envolvê-lo. Pressionou-se contra seus ombros e peito, como se ele estivesse bem na frente dela. — Eu não posso falar com você assim.

Ela manteve os olhos firmemente fechados. Não era assim que deveria ser. Ela suspeitava que Dante era Lenda, mas ela não deveria estar certa.

— Eu não quero falar com você — disse ela. — Eu quero falar com

Lenda.

— Então abra seus olhos e fale comigo.

Suas pernas fraquejaram.

Os braços dele serpentearam ao redor dela, mantendo-a firme enquanto o mundo que ela conhecia se partia em pedaços.

Dante era Lenda.

Lenda era Dante.

E ele ainda estava segurando-a. Uma mão saiu da cintura dela, movendo-se para cima até que os dedos roçaram suavemente sua bochecha antes de descansarem sob o queixo e inclinarem o rosto para o dele. Ela podia sentir suas palavras contra seus lábios enquanto ele falava.

— Tella, diga alguma coisa.

Ela abriu a boca para responder, mas ele estava tão perto que tudo que ela conseguia sentir eram seus lábios tocando os dele. Eles eram macios e separados e então pressionavam com mais firmeza contra sua boca.

Ela nem queria tentar resistir a ele. Mas foi muito mais que isso.

Eles se beijaram como se o mundo estivesse acabando, os lábios se juntando como se os céus estivessem quebrando e o chão estivesse desmoronando, como se uma guerra se enfurecesse ao redor deles e este beijo fosse a única coisa poderosa o suficiente para pará-lo.

Enquanto eles se beijassem, só ela e Dante existiam.

Tella não queria abrir os olhos; assim que ela o fizesse, o mundo mudaria. Dante teria ido embora e haveria apenas Lenda.

Foi tão brutalmente injusto. Ela havia apenas decidido o quanto queria Dante, e mesmo que ele conseguisse passar a noite, Lenda era alguém que ela nunca poderia ter. Ele foi como um espaço no tempo; ele poderia ser experimentado, mas nunca seria seguro.

Seus lábios pressionaram mais forte enquanto uma mão se enfiou no cabelo dela e a outra foi para baixo ao redor de seus quadris, cavando e puxando-a para mais perto, como se ele não quisesse que o beijo acabasse também.

Mas tinha que parar. Não importa quão boa fosse aquela distração.

Quanto mais tempo durava, em mais perigo ela estava.

Tella se inclinou em direção a ele em um batimento cardíaco espetacular,

provando seus lábios pela última vez. Então ela se forçou a deixá-lo. Ela nunca seria capaz de fazer o que precisava se continuasse.

Seus olhos se abriram relutantemente.

Ela queria que ele parecesse diferente. Ela queria que seu olhar estivesse frio e distante. Ela queria que ele olhasse para ela como se realmente fosse ele quem ganhasse esse jogo. Ela queria que seus lábios se curvassem cruelmente enquanto tentava roubar o baralho de cartas de seu aperto. Mas ele nem sequer olhou para elas. Ele só olhou para ela. Uma mão ainda estava em sua cintura. Estava mais quente do que deveria em uma noite tão fria.

— Você ganhou o jogo — disse ele. Ele ergueu a outra mão, como se estivesse procurando o rosto dela.

Ela teve um vislumbre da rosa negra que cobria sua pele. Ela poderia ter rido do quanto aquela imagem revelava da sua identidade, esse tempo todo. Mas então seu braço se moveu e Tella teve um vislumbre da parte inferior de seu pulso, logo abaixo da cicatriz que ele ganhou no último Caraval.

Ela agarrou. Ele estremeceu, mas não lutou com ela quando ela empurrou o punho da manga dele.

Ela engasgou com tanta força que doeu.

— Sangue de Deus.

Na parte de baixo de seu pulso, estragando uma de suas adoráveis tatuagens, estava uma violenta marca em forma de estrela, exatamente como aquela no rosto de Theron.

Ela disse a si mesma que ele só fizera isso pelas cartas, não por ela.

Isso foi sobre o poder das Moiras, ela lembrou a si mesma. Mas ainda parecia errado que ele deixasse ser marcado de maneira tão permanente.

— O que você prometeu a eles? — Tella perguntou.

— Não importa. Eu fiz isso por você, e eu faria de novo. — Dante girou o pulso até que de alguma forma ele estava segurando a mão dela. Ele ainda nem olhara para as cartas. Seus olhos escuros ficaram fixos nela, como se ela fosse seu prêmio.

E, infelizmente, ela acreditou nele.

Foi tão errado.

Se ele fosse Lenda, ele não deveria se importar. Ele não deveria ainda olhar para ela como se ela tivesse acabado de destruir o mundo dele com um

beijo. Ele deveria rir dela por ser tola o suficiente para se apaixonar por ele. Ele não deveria se inclinar para mais perto, como se tivesse se apaixonado por ela também. Ele deveria rasgar os cartões das mãos dela e abandoná-la nos degraus da escada. Ele deveria quebrar seu coração.

Ela não deveria quebrar o dele.

Finalmente, o coração de Tella parou de bater tão rápido. Ela não podia fazer isso. Ela não podia tirar mais dele do que ela já tinha tirado. Jacks teria que encontrar outra fonte de poder para libertar sua mãe e as Moiras.

— Você precisa sair. Imediatamente. — Tella arrancou sua mão da dele. — Eu usei a moeda sem sorte de Jacks antes de você chegar.

Ele está a caminho daqui agora. Quando ele chegar, vai roubar seus poderes e libertar todas as Moiras.

Os olhos de Dante finalmente caíram para as cartas agarradas nas mãos de Tella. Ela ainda não estava totalmente pronta para pensar nele como Lenda. Os Lendas deveriam ser melhores que a verdade.

Sonhos perfeitos e idealizados e esperanças cristalinas que eram perfeitas demais para existir na realidade. E ela poderia tê-lo descrito dessa maneira naquele exato momento, se a expressão nua que cruzou o rosto de Dante não fosse profunda e desapontada.

— Você quer dar as cartas para Jacks?

— Sinto muito — disse Tella. Ela apertou o baralho mais forte, mas Dante não fez nenhum movimento para pegá-lo, embora um músculo tenha saltado em sua mandíbula, e seus dedos ficaram brancos, como se tudo nele lutasse contra esse desejo.

— Isso tem a ver com sua mãe, não é? — Ele perguntou.

— Eu pensei que poderia deixá-la ir, mas ela é minha mãe. Eu tenho muitas perguntas para ela, e apesar de tudo o que ela fez, não consigo parar de amá-la. — A voz de Tella falhou. — Eu não posso permitir que você a destrua junto com as Moiras.

Sua expressão se dividiu, como se tivesse sido rasgada ao meio, uma máscara de dois lados formada de arrependimento e determinação.

— Se eu pudesse libertar sua mãe, eu faria. Mas a única maneira de libertar alguém de uma carta sem quebrar a maldição é tomando o seu lugar.

— Eu não estou pedindo para você libertá-la — disse Tella. — Eu estou

pedindo para você ir antes de Jacks chegar aqui. — Ela empurrou o peito de Dante, mas ele era indomável. Ele não se mexeu. Seu pânico aumentou e ela o empurrou novamente. Mas ele não reagiria e não fugiria. Ele não estava com medo. Era algo muito pior. Ele estava esperançoso de que ela iria escolhê-lo. Ele não saiu, e não aceitou as cartas, porque queria que ela as desse para ele.

E talvez ele imaginou que, se Jacks chegasse, ele poderia vencê-lo em uma luta. De qualquer forma, Tella ainda perderia a mãe ou perderia Dante.

A menos que ela salvasse os dois.

A idéia pareceu frágil a princípio, mas como todos os pensamentos, ficou mais forte quanto mais consideração ela deu a isso. Em todo esse tempo, ela continuava pensando que Jacks era o único que poderia libertar sua mãe. Mas Tella poderia tomar o lugar de sua mãe. Caspar havia mencionado como isso era feito durante a peça.

Tudo o que ela precisava fazer era escrever o nome de sangue na carta. Ela ainda tinha o sangue que Dante e Julian usaram para curar sua pulsação através de suas veias; Se seu sangue mortal não fosse suficiente, esse sangue deveria fazer funcionar.

Isso não parecia uma opção antes. Tella temia estar presa, seja o que acontecesse. Mas talvez o amor fosse uma entidade sobrenatural, como a Morte. E desde que Tella se abriu para a possibilidade do amor, não iria parar de correr atrás dela, já parecia muito mais poderosa do que a morte.

Ela subestimara o amor no passado. Ela imaginou que o tipo amor romântico era um tipo mais forte de luxúria, - mas esse momento não tinha nada a ver com a luxúria, e sim a ver com se importar mais em salvar Dante e sua mãe do que a se salvar. Isso a tornou destemida de uma maneira que nunca tinha sido.

Usando o anel de opala afiada de sua mãe, Tella perfurou a ponta do dedo com força o suficiente para sair sangue.

— Tella, o que você está fazendo? — Dante disse.

— Você pode pegar as cartas, mas me prometa que vai sair antes de Jacks chegar. — Ela apertou o dedo sangrando contra a carta que aprisionava sua mãe.

— Tella — repetiu Dante. — O que você está fazendo?

— Eu estou sendo a heroína.

— Não! — Dante gritou a palavra no momento em que percebeu o que ela queria dizer. — Tella, não faça isso. Sua mãe não iria querer isso.

Ele pegou a carta da mãe, mas já era tarde demais. O nome de Tella já havia sido escrito sobre a carta em sangue.

— Já está terminado — disse Tella.

Ela tentou sorrir então. Ela foi finalmente uma heroína. E isso lhe custara tudo.

Seus lábios tremeram e lágrimas quentes caíram de seus olhos.

— Tella. — Dante murmurou seu nome como se estivesse à beira de chorar também. — Eu sei que você não quer acreditar em mim, mas eu nunca quis que isso acontecesse com você. Quando eu configurei o jogo, eu sabia que sua mãe havia escondido as cartas, mas eu não sabia que ela estava presa dentro de uma delas.

Ele pressionou as pontas dos polegares em suas bochechas. Mas quanto mais lágrimas ele limpava, mais começavam a cair.

— Eu sinto muito, eu falhei com você.

Ela se inclinou em suas mãos. Ela não tinha pensado que Lenda seria alguém que teria que pedir desculpas, mas não era culpa dele. Isso foi escolha dela. Ela poderia ter feito outra se quisesse. Ela não sabia quanto tempo demoraria até que o feitiço fizesse efeito, mas ela imaginou que isso aconteceria em breve. E já que a história dela não teria um final feliz, pelo menos ela poderia tentar ter um último momento bom durante seu quase final.

— Eu menti para a minha irmã sobre o nosso beijo — disse Tella.

Dante pressionou os lábios na testa dela.

— Eu sei.

— Eu não terminei — ela repreendeu. — Eu queria que você soubesse por que menti. Eu não estava envergonhada. Eu disse isso para que minha irmã não se preocupasse, porque eu acho que sabia que, mesmo assim, eu poderia...

A noite. O mundo. As estrelas que assistiam acima de tudo desapareceram. Então Tella desapareceu também.

Aqueles que olhavam para o céu, ainda à procura de pistas, embora o jogo tivesse acabado de ser ganho, poderiam ter notado a aparição de mais estrelas, estrelas que não eram vistas há séculos. Pois fazia quase tanto tempo desde que sacrifícios de tal magnitude haviam sido feitos.

Humanos eram criaturas egoístas. As estrelas haviam testemunhado isso de novo e de novo e de novo.

Mas esta noite, enquanto as estrelas espiavam o mundo, eles viram o que pareceram ser atos verdadeiramente altruístas.

Primeiro, da jovem mulher.

Jovem tola.

Ela parecia promissora. Agora ela era inútil. Papel.

Mas foi interessante observar como o jovem respondeu.

As estrelas se aproximaram. Ele estava distraído, permitindo que elas se movessem mais livremente do que nas últimas noites. Foi uma delícia vê-lo com dor. Esse garoto, que parecia nunca se importar com ninguém além de si mesmo, tremia de raiva.

Espero que ele não tenha feito nada muito tolo. Ele fez um acordo com eles, que ansiavam que ele o mantesse. Não lhes faria bem se ele estivesse preso em uma carta ou morto.

Não que eles acreditassem que ele iria se sacrificar por ela. Os humanos não eram tão altruístas. Mas, claro, ele não era totalmente humano.

Ele pegou o anel que havia caído da mão da garota quando ela estava se transformando em uma carta. A pedra do anel queimava em vermelho e violeta, amaldiçoada mais uma vez, mas ainda assim, afiada o suficiente para perfurar a pele. O homem cortou a palma da mão. Sangue derramou, vermelho como desgosto e terror, porém cheio de poder.

As estrelas observaram com um interesse sombrio enquanto ele cobria o baralho de cartas com a magia de suas veias, mais magia do que um ser humano deveria possuir. Então ele falou as palavras, palavras antigas e terríveis que ele não deveria saber, muito menos estar disposto a proferir.

O sangue que cobria o baralho ficou preto e o mundo mudou mais uma vez.

Tella não deveria possuir a habilidade de abrir suas pálpebras. Um momento atrás ela estava impossibilitada de respirar, se mover ou sentir qualquer coisa a não ser presa. Ela estava inanimada, sem forças. Mas agora ela podia sentir a brisa fria brincando com seus cachos e a mão quente contra suas costas, conduzindo-a para um corpo ainda mais quente – O corpo de Lenda. Ele era Lenda agora, não Dante. Tella podia sentir pela mágica pulsando de suas mãos ardentes – mãos com poder suficiente para rasgar mundos ao meio.

Mas elas estavam gentilmente em suas costas, levantando-a e protegendo seu corpo em recuperação de desmoronar ao chão. Ela não sabia por quanto tempo esteve presa na carta, mas os efeitos de roubo de vida ainda permaneciam. Seus batimentos cardíacos estavam bons, mas suas pernas estavam líquidas, seus braços estavam sem ossos. Ela mal podia se mover. Ela se concentrou em piscar, movimentando suas pálpebras para cima e para baixo enquanto sua visão lentamente voltava e se focava. Eles ainda estavam no Templo das Estrelas, nos degraus da pedra da lua. O

entardecer não mudara, como se o tempo não houvesse passado, apesar do céu estar um pouco mais iluminado do que antes.

Brilhando com novas estrelas. Mas Tella não queria olhar as estrelas.

Ela queria vê-lo. A expressão dele era tão dura que aparentava que ele havia tomado uma porção da escuridão da noite. Ela queria alcançar e alisar o vinco profundo entre seus olhos, para amenizar a dor de sua expressão, mas ela não teve forças para se mover.

— O que aconteceu? — Ela sussurrou. — Por que não funcionou?

— Funcionou. — Seu aperto intensificou-se, pressionando-a para mais perto de seu peito enquanto afagava com sua mão as costas dela para cima e para baixo como que para ter certeza de que ela continuava corpórea. — Eu

vi você desaparecer e reaparecer no lugar de sua mãe na carta.

— Mas então como estou aqui? E onde está minha mãe? — O olhar de Tella deslocou-se em volta dos degraus brilhantes, sob as estátuas imóveis que ela podia jurar estarem assistindo a eles intensamente.

— Não se preocupe. Ela está segura — Lenda disse. Sua voz baixa estava tensa, dolorosa, como se a cada palavra que lhe dissera, fosse mais uma palavra que não poderia ser proferida. — Eu imagino que sua mãe esteja no mesmo lugar que estava antes de se transformar em uma carta, do contrário estaria conosco.

— Eu ainda não entendo — Tella disse.

As mãos contra suas costas pararam.

— Eu sei que você estava disposta a se sacrificar por ela, mas eu não estava disposto a sacrificar você.

Ele removeu uma de suas mãos em torno dela e um raio de luz lunar caiu sobre sua palma cor de bronze, iluminando um corte irregular no centro.

— Eu quebrei a maldição nas cartas.

— Mas... — Tella interrompeu, incerta de qual parte disso tudo protestar. Ela esteve disposta a sacrificar tudo, preparada para permanecer presa em uma carta para salvar sua mãe e ele, e para privar as Moiras da liberdade e reinar sobre o Império mais uma vez.

Mas uma parte muito egoísta dela estava tão aliviada. Parecia que sua história podia um dia ter um verdadeiro final feliz afinal.

Tella poderia afundar em etapas e chorar de alívio e descrença.

Lenda podia ter destruído todas as cartas e tomado o poder de todas as Moiras. Ele podia ter tido qualquer coisa que desejasse. Se ele destruísse as Moiras, sua magia não seria limitada a atingir o pico apenas durante o Carnaval. Ele teria o poder das Moiras: A habilidade do Oráculo de ver o futuro; a boa sorte da Senhora da Sorte; a habilidade do Assassino de viajar pelo espaço e tempo; à sabedoria da Senhora Prisioneira. E ele escolheu salvar Tella ao invés disso.

— Eu não acredito que fez isso por mim. — Ela elevou seu olhar da palma de Lenda para sua belíssima face. — Eu acho que isso significa que você é o herói afinal.

Sua expressão enegreceu à palavra herói, como se fosse algo que ele

preferia não ser chamado. Mas ela não se importou. Ele era seu herói.

Tella ainda podia dificilmente mover seus membros, mas ela contornou uma mão em volta da nuca de Lenda enquanto o primeiro de muitos fogos de artifício estourava no céu. Ela ouviu-os lampejar e explodir enquanto se aproximava e trazia junto a si os lábios dele. No início seus lábios permaneceram imóveis. O pânico atormentou-a de que algo estivesse errado, possivelmente fazendo-o se arrepender do que havia feito. Os lábios dela moveram-se mais tentativamente, prestes a se afastarem, quando ele ternamente beijou o canto de sua boca.

Talvez ele estivesse com medo de machucá-la anteriormente.

Ele foi impossivelmente gentil quando a beijou novamente; mãos quase afagando sua cintura enquanto seus lábios lentamente percorriam seu maxilar e logo seu pescoço. Tão suavemente, quase que torturante. Era o delicado som de música, o distante quebrar das ondas do oceano, mas ainda muito distante. Tella queria dissipar essa distância. Isso deveria parecer como o início de algo, mas de alguma forma parecia o fim. Como se cada toque emplumado de seus lábios fosse uma despedida não dita.

Ela firmou o aperto em volta de seu pescoço, tentando segurá-lo neste momento, mas ele já estava se afastando enquanto a rebaixava até os degraus.

— O que há de errado? — Tella perguntou.

— Eu preciso partir. — Seu olhar se fechou, seus lábios formaram uma linha severa, e então ele a soltou, completamente. Ele deixou seu corpo fraco, abandonando-a no topo dos gélidos degraus da pedra da lua. — Adeus, Tella.

Seu estômago caiu no vazio. Se ela estivesse em pé suas pernas teriam falhado.

Ele estava caminhando para longe. Deixando-a.

— Espere... Onde está indo?

Ele continuou a descer os degraus.

Por um momento ela temeu que ele não fosse se virar. Mas foi ainda pior que o fez. Seus olhos, os quais estiveram tão ardentes, tão cheios de emoção, não brilhavam ou iluminavam-se mais. Eles estavam rasos, negros e um frio crescente acompanhando cada batimento cardíaco como os fogos de artifício que desbotavam ao fundo.

— Existe outro lugar em que eu preciso estar. E, não importa o quão

pareça, eu ainda não sou o herói da sua história.

Algo se estilhaçou dentro de Tella. Deve ter sido seu coração, se despedaçando enquanto ele ia embora – como se ele não houvesse livrado as Moiras e condenado o mundo inteiro por ela.

Os passos sob Tella eram frios, mas nem se comparavam aos do frio garoto sem coração que a deixou ali. Ela já havia sido deixada por garotos antes, mas nunca havia doído tanto. Ela queria se levantar, ir embora de cabeça erguida, como se ele importasse tão pouco quanto ela aparentava importar para ele. Mas Tella ainda sentia como se seus os membros fossem de papel, fracos, finos e patéticos.

Um suspiro dramático cortou através do coro de fogos de artifício que permaneciam estourando ao fundo. Então Jacks que estava passeando pelo topo da escadaria, balançando sua cabeça enquanto caminhava. Sua jaqueta fitada estava coberta de espirais de ouro desbotadas. Sua camisa creme abaixo se pareceria ótima se o laço não estivesse rasgado desde os punhais até o colarinho. Dois dos botões perto de seu pescoço estavam faltando também.

— Eu te disse que era uma má ideia se colocar em uma carta.

— Como você sabe o que aconteceu? — Tella perguntou.

— Sou uma Moira. Eu sei das coisas.

Ela tentou se empurrar à uma posição mais digna, mas seus membros continuaram firmemente plantados à pedra gélida.

— Você sabia que isso aconteceria durante esse tempo todo?

— Era uma possibilidade. — Jacks continuou com sua descida preguiçosa. Se ele estivesse desapontado por ter perdido Lenda, sua voz não deu nenhuma indicação. Sua linda face demonstrava-se ilegível. Parecia perfeitamente indiferente, salva apenas pela pequena ruga entre suas sobrancelhas. — Definhar não faz o seu estilo.

— Eu não estou definhando. Estou brava — Tella disse. Jacks era a última pessoa com quem ela gostaria de abrir seu coração, mas como ele era o único

ali e seu coração já estava aberto pelos rachados, era impossível deter as palavras. — Metade do motivo de eu ter me colocado naquela carta foi para que você não tomasse os poderes dele ou o matasse. E então ele apenas me deixou aqui nesses degraus.

— Você honestamente esperava mais de Lenda?

Talvez ela não esperava mais de Lenda, mas ela queria mais de Dante. Como poderia alguém desistir de tudo que trabalhou para ter só para abandoná-la? E por que ele se incomodou em beijá-la de volta? Ele deveria só ter a deixado no minuto em que ela pressionou seus lábios contra os dele.

— Você está definitivamente definhando. — A boca de Jacks se retorceu em desgosto.

— Pare de me julgar. Só parece isso porque eu não posso me mover.

Se eu pudesse, não estaria deitada aqui. Estaria com a minha mãe.

— Então você sabe onde ela está? — Jacks falou pausadamente.

Tella fez uma careta.

— Você não tem nada melhor para fazer? Não devia estar celebrando com as todas outras Moiras que Lenda libertou?

— Vê como você está fraca depois de ficar numa carta por alguns muitos minutos? As outras Moiras estavam presas por séculos. Elas podem estar fora das cartas, mas, no fim, vai levar semanas para qualquer uma delas, ou a sua mãe, estarem fortes o suficiente para abrirem os olhos. Depois de acordarem, elas ainda não terão completamente seus poderes por causa de Lenda.

— Então por que você não está planejando como pegar de volta o resto de sua magia dele?

— E quem disse que não estou? — O sorriso de Jacks era apenas covinhas, as mais afiadas ela viu quando eles se conheceram. Ela as odiou agora assim como havia feito antes. Covinhas eram para ser charmosas e gentis, mas as dele sempre pareciam uma forma de ataque.

Os braços e pernas de Tella ainda não funcionavam, mas ela deu um jeito de o olhar de volta.

— Saia.

— Claro. Mas estou te levando comigo. — Em um movimento ágil Jacks pegou-a, revelando braços muito mais fortes do que aparentavam ser.

— O que está fazendo? — Tella guinchou.

— Te levando para sua irmã. Não desperdice sua fraca energia lutando.

Se Tella apenas pudesse ter lutado com ele. Mas ela não tinha forças e ela estava tão cansada de lutar. Sua batalha tinha morrido naqueles degraus no momento em que Lenda fora embora. Seu único triunfo foi ter libertado sua mãe, mas até que a visse em carne e osso, seria como se ela ainda estivesse perdida.

— Você está chorando? — Jacks perguntou.

— Não ouse me criticar por isso.

Suas mãos tencionaram. Um flash de frio beijou Tella, um lembrete de Jacks antes que seu coração voltasse a pulsar de novo.

— Se você está chorando por Lenda, não faça isso. Ele não merece.

— Mas se for pelas cartas — Jacks baixou seu olhar até ela, e por um momento relâmpago toda a indolência e despreocupação deixaram sua expressão. — Eu fiz o mesmo. Você não seria humana se não chorasse.

— Pensei que você não fosse humano.

— Eu não sou. Mas houve um tempo em que eu fui.

Agradecidamente não durou muito tempo — ele adicionou, mas Tella achou ter ouvido um resquício de arrependimento.

Ela esticou seu pescoço para olhá-lo. Seu olhar encontrou o dela e ela jurou que nele continha suavidade com algo parecido com preocupação, seus olhos azuis-platinados se inclinaram para baixo, lágrimas prestes a cair.

— Por que você está sendo tão legal? — Ela perguntou.

— Se você acha que eu sou legal, você realmente precisa passar mais tempo com pessoas melhores.

— Não, você está sendo gentil. Você está me carregando pertinho e contando coisas pessoais. Você me ama agora?

Ele respondeu com uma risada debochada.

— Você realmente está pensativa nisso, não está?

Tella deu-lhe um sorriso sarcástico.

— Eu fiz seu coração bater. Isso praticamente faz de mim uma Moira.

— Não — Jacks respondeu firmemente, todo resquício de humor dissipou-se. — Você continua muito humana, e eu não te amo.

Suas mãos tornaram-se tão frias que ela esperou que ele fosse soltá-

la e deixá-la assim como Lenda fez, mas por alguma razão Jacks a

manteve junto a ele. Seus braços permaneceram em volta dela enquanto a carregava para uma carruagem voadora. Ela tinha almofadas amanteigadas atadas a um acabamento azul-real espesso que combinava com as cortinas que forravam as janelas ovais. Ela se perguntou se era o mesmo cocheiro de quando eles se conheceram, a mesma carruagem da qual ele ameaçou empurrá-la para fora só para ver o que aconteceria. Ela foi um pouco mais dura com seu braço enquanto durou o pensamento. Mesmo que ele estivesse sendo gentil com ela, ele estava longe de ser amável ou confiável.

— Você se lembra o quão me detesta? — Ele perguntou.

— Eu nunca esqueci. Estava pensando em quando nos conhecemos.

Você sabia quem eu era?

— Não.

— Então, você é assim charmoso com todo mundo que conhece?

Sua mão lentamente acariciou o braço dela; seus dedos não estavam tão gelados como antes de seu coração começar a bater, mas eles continuavam frio toque.

— Quando eu possuí meus poderes por completo, eu podia fazer as mais vis coisas. Podia dizer coisas imensamente piores do que as que eu te disse na carruagem, e as pessoas ainda desejariam trair suas mães ou seus amantes para me agradar. Embora esses poderes tenham sumido, ser herdeiro do trono tem um efeito semelhante. — Os olhos que encontraram os dela eram cor de gelo, e tão desapaixonado quanto sem remorso. — Ninguém gosta de mim, Donatella, mas as pessoas aceitam qualquer coisa que eu diga. Às vezes minha única forma de entretenimento é ver quão longe consigo chegar antes que alguém hesite.

— Você realmente não tem sentimentos afinal, tem?

— Eu sinto.

— Mas não como os humanos?

— Não. Leva muito mais tempo até que eu sinta algo, e quando eu sinto é infinitamente mais forte. — Jacks removeu sua mão do braço dela, mas por uma fração de tempo, Tella sentiu seus dedos endurecerem como metal.

Quando o cocheiro pousou no palácio, o ar estava denso pela fumaça da celebração. Jacks nem ao menos perguntou se os membros dela estavam funcionando novamente, ele apenas ergueu seu corpo apático mais uma vez e

a carregou da carruagem enquanto o fogo de artifício azul brilhante final estourava ao fundo, criando uma chuva brilhante cor de safira sobre cada polegada do palácio encrustado de Elantine.

Os olhos de Jacks brilharam rapidamente na luz com algo Inumano demais para ser chamado de tristeza, e ainda assim era a única palavra que Tella tinha para isso.

— Por que você não está assistindo a queima de fogos com a imperatriz?

— Ela perguntou.

— Você não soube? O filho perdido dela retornou, e Elantine oficialmente o reconheceu, o que significa que eu não sou mais herdeiro.

Tella não se sentiu mal por ele. O reinado de Jacks poderia ter sido uma praga a todo o Império Meridiano. Ainda assim alguma coisa nessa situação ainda despertava um certo desconforto. Quando Elantine falou sobre seu filho perdido noite passada, não soava como se a mãe e a criança houvessem sido reunidas, isso fez Tella pensar que o novo herdeiro de Elantine não passava de uma farsa, um pretendente apenas para manter Jacks longe do trono.

Deve ter impressionado Tella que a imperatriz fez o necessário para proteger o império do Jacks, mas alguma coisa sobre isso não parecia correta.

— Não desmaie em mim — Jacks disse. — Eu prefiro não encarar ira da sua irmã.

— Eu não vou desmaiar — Tella mentiu. — E, falando na minha irmã, você ainda não me falou o que ela estava fazendo com você outra noite na carruagem.

— Me beijando apaixonadamente.

Tella chocou-se em uma respiração.

O canto da boca de Jacks torceu-se.

— Não morra em mim agora. Foi uma piada. Eu disse a sua irmã que encontrei sua mãe, então ela quis que eu a ajudasse a encontrar alguém, também.

Isso era muito melhor, mas ainda assim desconcertante.

— Quem ela estava procurando?

— Não o garoto com quem está sentada agora. — Jacks virou-se lentamente na direção do jardim de pedra.

O ar estava mais quente, como se esse canto do palácio fosse intocável por

qualquer coisa má. As estátuas pareciam ainda mais desestressadas do que a última vez que Tella as viu. Todas elas vacilaram e recuaram mais do que anteriormente. Era como se soubessem que Lenda acabara de libertar as Moiras de volta ao mundo – As mesmas Moiras cujo a muito tempo atrás haviam tornado este jardim cheio de serventes humanos em pedras imóveis apenas porque elas queriam decorações mais vívidas.

Tella estremeceu junto ao braço de Jacks.

Scarlett mostrava-se de todo óbvia. Ela e Julian sentados, unidos em um abraço, em um banco ao centro das estátuas, olhando-se gloriosamente apaixonados. Tella jurava que haviam borboletas noturnas brincando sobre suas cabeças.

Pelo menos uma irmã encontrou felicidade essa noite.

— Vocês dois finalmente se acertaram? — Tella resmungou.

Scarlett e Julian endireitaram-se abruptamente. Então Scarlett saiu do banco, voando até Jacks e a figura flácida de Tella.

— O que você fez pra minha irmã? — As luvas brancas com laços de Scarlett tornaram-se formidáveis couros negros enquanto ela apontava a Moira.

Ela faria mais do que apenas apontar se Julian não tivesse envolto um braço restritivo envolta de sua cintura. Ele estava vestido como Caos, vestido em uma armadura pesada e um par de manoplas com espinhos que o faziam aparentar como se estivesse pronto para lançar-se em batalha. Mas Tella viu um medo genuíno fervilhando sob a superfície de suas características robustas. Diferente de Tella, ele devia saber que Jacks era o Príncipe de Copas. E se Julian fosse realmente irmão de Lenda, ele deve ter se perguntado como a Moira permanecia viva.

Jacks apenas suspirou.

— Ninguém nessa família fala obrigado?

— Todas as vezes em que eu o vejo, minha irmã está machucada — Scarlett disse.

— Não toda vez. — Jacks mostrou seus dentes enquanto seus olhos rapidamente cortaram de Julian de volta para Scarlett. Tella não sabia o que Jacks silenciosamente dizia, mas o que quer que fosse fez Scarlett calar-se.

— E isso realmente não foi minha culpa — Jacks continuou. — Sua irmã

ganhou o jogo. Mas foi preciso muito dela. Ela desabou no Templo do Distrito e Lenda, sendo o cavalheiro que não é, apenas a largou lá.

— Você conheceu Lenda? — Scarlett perguntou, seu tom revelava curiosidade e suspeita. Combinava com a expressão fraturada no rosto de Julian, como se ele, também, estivesse surpreso e nervoso.

Sempre que Scarlett estava em um quarto, os olhos dele estavam sempre nela, mas agora ele assistia à Tella, como se estivesse com medo do que ela poderia dizer a seguir.

— Eu... — A língua de Tella de repente tornou-se espessa e os braços de Jacks tornaram-se instantaneamente tensos.

Esse deve ser o motivo pelo qual ele esteve fingindo estar tão preocupado como Lenda; ele ainda queria a identidade do Lenda para conseguir seus poderes completos de volta, então ele poderia fazer mais do que apenas matar com um beijo. Mas até mesmo Tella esteve desejando compartilhar dos segredos de Lenda, o peso da sua língua e a pressão da magia contra o seu peito a fez sentir como se ela não fosse capaz de revelar não importava quão fortemente ela tentasse.

— Eu não me lembro muito bem — Tella enrolou. Então ela olhou para Julian. — Assim que eu ganhei o jogo, Lenda foi embora.

Um flash de alívio alumiou os olhos de Julian.

A expressão de Scarlett tornou-se mais cautelosa.

Jacks respirou profundamente, com seu peito lentamente movendo-se para cima e para baixo contra as costas de Tella.

— Acho que é hora de eu ir. Sua mãe ainda precisa ser encontrada.

— Não! — Tella disse.

Scarlett continuou parada.

As sobancelhas de Jacks dançaram.

— Depois de tudo isso, você ainda não quer vê-la?

— Claro que eu quero vê-la. Eu não quero que você a toque.

— Eu vou colocar umas luvas — Jacks disse. Então, mais brandamente no ouvido de Tella. — As pessoas sabem que nunca é uma boa ideia barganhar com uma Moira, mas eles o fazem mesmo assim, porque nós sempre mantemos nossa palavra. Eu te disse que se você ganhasse o jogo eu a reuniria com a sua mãe, e é o que eu farei.

Jacks cuidadosamente colocou Tella nos braços gélidos de uma estátua com os braços abertos.

Por um momento ela sentiu um desejo pervertido de o agradecer, mas ele era a última criatura a qual ela deveria um dia agradecer.

— Eu ainda te odeio — ela disse.

— É provavelmente pelo melhor.

Suas pegadas não foram audíveis enquanto ele saía do jardim. Assim que ele se foi, Scarlett ajudou Tella a descer dos braços da estátua.

As pernas de Tella ainda estavam aquosas, mas ela conseguia permanecer em pé contanto que Scarlett mantivesse um braço em volta dela. Ela inclinou-se sob a suavidade da irmã. O ar no jardim permaneceu quente, mas o frio começara a infiltrar-se. A geada se formava nas estátuas abandonadas e as borboletas noturnas se foram.

— Nós podemos voltar ao palácio? — Tella resmungou.

— É claro — Scarlett disse.

— Você precisa de ajuda? — Julian perguntou.

Scarlett deu um rápido chacoalhar de cabeça e algo não falado passou entre eles. Julian pressionou um beijo ligeiro em sua bochecha, e voltou-se a Tella. Algo como simpatia preencheu seus olhos âmbar.

— Me desculpe — ele disse. Ele não mencionou seu nome, mas Tella sabia que ele estava falando de Lenda. — Ele pode fazer de alguém o centro de seu mundo quando eles são parte de seu jogo. Mas quando o jogo termina, ele *sempre* vai embora e nunca olha para trás.

Tella sentiu que Julian estava tentando ser prestativo, mas de alguma maneira ele acabou piorando.

— Não importa — ela disse. — Só estou feliz que o jogo acabou.

Julian esfregou a parte de trás de seu pescoço. Tella temeu que ele fosse dizer mais alguma coisa, algo que seria mais complicado de desconversar sem demonstrar emoções, mas ela imaginou que ele estivesse mais disposto a encontrar seu irmão do que continuar a conversar com ela. Julian deveria saber que as coisas não ocorreram como o planejado no momento em que ela surgiu amparada nos braços de Jacks.

Sem qualquer outra palavra ele deixou o jardim e desapareceu pela noite.

No minuto em que ele se foi, Scarlett voltou-se à Tella com os olhos

carregados de suas próprias perguntas. Tella não sabia dizer se a irmã queria perguntar sobre sua mãe, ou sobre o jogo, ou o que Tella havia feito para se colocar em um estado tão precário.

Tudo o que Tella sabia era que ela não queria brigar, discutir ou ver qualquer desapontamento no rosto de sua irmã. Scarlett merecia respostas, mas Tella não estava preparada para entrar na totalidade de sua história. Ela queria somente alguém para confortá-la e cuidar dela até que amanhecesse.

Scarlett segurou-a ferozmente.

— Estou pronta para ouvir qualquer coisa que queria falar.

— Eu preferiria esquecer. — Tella cedeu contra sua irmã. Ela não queria dizer nada, mas assim que começou a falar o resto escapou.

— Eu cometi um erro, Scar. Eu nunca quis me apaixonar por alguém, mas acho que me apaixonei por Lenda.

DIA DE ELANTINE

Este foi o dia de Elantine mais quieto que o Império Meridiano havia sequer testemunhado. Depois de uma semana de queima e construção de constelações, toda e qualquer celebração do aniversário da imperatriz foi cancelado devido ao estado contínuo de piora na saúde de Elantine. Seu povo havia sido informado sobre sua doença pela manhã, e toda a Valenda estava com um humor sombrio.

Até mesmo o Sol não brilhou tão reluzente; Parecia satisfeito em apenas se esconder atrás das nuvens. Apenas um canto dele esticou para fora, enviando um raio luminoso ao quarto onde Donatella Dragna sentou-se com sua irmã, Scarlett.

Por sua parte, a irmã Dragna mais jovem sentiu como se entrasse em um mundo onde seus sonhos e pesadelos se colidiram.

Ela sonhou com sua mãe tantas vezes. Geralmente eram pesadelos onde sua mãe havia a abandonado tudo de novo. Mas ocasionalmente, Tella teve sonhos em que sua mãe voltava.

Sempre acontecia da mesma maneira: Tella estaria dormindo em seu sonho, então sua mãe iria acordá-la com um beijo carinhoso em sua testa. Os olhos de Tella iriam se abrir, então seus braços iriam voar em volta do pescoço de sua mãe, e uma alegria indescritível iria tomar conta.

Sempre sentia como um desejo de chorar misturado com a necessidade de rir; o tipo de felicidade que é quase dolorosa.

Esse sentimento pressionava o peito de Tella, tornando difícil o ato de respirar e dificuldade de formar palavras. E deveria ser ainda mais potente agora que sua mãe havia retornado.

Ela deitava-se no topo da cama de Tella, tão pacífica quanto uma donzela em perigo, as bochechas pálidas, cabelo escuro, e lábios artificialmente

vermelhos. Tella tentava não se preocupar com as cores exageradas dos lábios e pele de sua mãe, se lembrando que por anos ela esteve pintada em uma carta, não numa mulher.

Sua mãe estava agora livre, e era graças à Tella. Essa vitória individual deveria ter dado à Tella asas para voar ao redor do quarto, para fora janela, e sob o pátio de vidro abaixo. Mas a ideia de asas fez com que Tella pensasse em um par de asas tatuado sobre belas costas cujas conjuraram pensamentos de uma pessoa em que ela não deveria estar pensando sobre. Lenda.

Suas veias aqueceram por pensar em seu nome.

Ela não tinha ideia de onde ele teria ido depois de a deixar nos degraus fora do Templo das Estrelas. E ela não queria pensar sobre isso. Ela não queria rever cada encontro que teve com ele, cada palavra que ele a disse, cada olhar que ele a deu, ou cada beijo que eles compartilharam. Cada memória doeu, por trás de seus olhos, em seus pulmões, e em sua garganta, tornando-a desconfortavelmente apertada sempre que se lembrava do seu último momento juntos.

Parecia fraqueza continuar pensando nele. Tella sabia que ela teria que estar completamente insensível para conseguir banir ele de seus pensamentos depois de tudo que eles tiveram experienciado. E Tella nunca quis ser insensível. Mas ela também não queria ser consumida por ele.

O único jeito de parar de pensar nele era focar seus pensamentos em sua mãe, que estava lá e eventualmente iria acordar.

Tella ainda estava aturdida por Jacks ter mantido sua promessa e trazido Paloma até ela. Talvez ele estivesse apaixonado por Tella afinal. Ela *era* seu único e verdadeiro amor. Embora Tella imaginasse que estar sendo objeto de afeição uma Moira fosse algo perigoso, ela não estava preocupada com as Moiras agora. Jacks deixou claro que iria demorar mais para as Moiras acordarem do que levaria para sua mãe.

Tella limpou a cabeça de Paloma com um pano frio, não que fizesse qualquer diferença. Sua mãe não tinha febre, mas Tella se sentia melhor se estivesse fazendo algo.

— Não parece que ela envelheceu desde que se foi — Scarlett disse.

— Isso não é natural.

— Estou absolutamente certa de que nada sobre ser aprisionada numa

carta é natural — Tella disse.

Isso lhe rendeu uma carranca mais profunda.

Assim que as irmãs chegaram ao palácio na noite passada, Tella adormeceu na cama de sua irmã. Ela acordou quando Jacks retornou com sua mãe muito inconsciente. Ele não mencionou onde a encontrou, mas ele deixou escapar algo sobre como ela esteve presa dentro de uma carta e como Tella fez um grande sacrifício para salvá-la.

Tella esteve esperançosa de que essa seria uma ocasião em que sua irmã iria escolher ignorar o assunto sobre sua mãe, mas é muito difícil ignorar alguém quando estão deitadas no quarto parecendo amaldiçoadas. Scarlett questionou Tella implacavelmente até que ela confessasse tudo.

Scarlett não lidou bem com a maior parte, especialmente a parte sobre Tella substituir o lugar de sua mãe dentro de uma carta. Depois de implorar a Tella que nunca mais arriscasse algo assim, Scarlett voltou sua raiva à mãe; ela não conseguia olhar para Paloma sem carranca.

Tella não podia culpar sua irmã. Por baixo de toda a raiva, Tella detectou que Scarlett nutriu uma grande quantidade de culpa por não ter sido informada sobre tantas coisas que aconteceram durante o Caraval, e que o jogo havia sido muito real dessa vez, mesmo que nada disso tenha sido culpa dela. E, surpreendentemente Tella não conseguia se arrepender de nada que havia feito. Mesmo que ela desejasse não ter se apaixonado tanto por Lenda, cujo agradecidamente sua irmã não estava mencionando.

Tella estava curiosa para saber se Julian havia dito que Dante era Lenda, já que a identidade parecia ser a única coisa em que Tella era fisicamente incapaz de falar. Scarlett havia compartilhado com Tella de que ela havia dado à Julian uma outra chance. Sensitiva aos sentimentos atuais de Tella sobre Lenda e Caraval, Scarlett não entrou muito em detalhes sobre eles, mas Tella imaginou que sua irmã não perdoaria completamente Julian a não ser que ele a desse mais do que alguns olhares e beijos ardentes, o que fizeram Tella suspeitar de que a irmã estava mais consciente da identidade de Lenda do que ela havia deixado noite passada.

— E se nós jogássemos um jogo — Tella sugeriu. — Você tem um baralho de cartas comuns? — Ela abriu a gaveta da mesa de cabeceira perto da cama de Scarlett.

— Não! — Scarlett saltou.

Se ela não tivesse reagido tão fortemente, Tella poderia ter fechado a gaveta sem olhar, mas no minuto em que Scarlett gritou, o interesse dela se intensificou.

Havia um livro dentro da gaveta, uma coisa de couro vermelho rebuscado, com uma carta igualmente sofisticada surgindo por baixo dela.

— O que é isso? — Tella arrancou a nota debaixo do livro. Estava endereçado à Scarlett. Tella não reconheceu o endereço do remetente, mas o nome acima dele lhe era familiar: Conde Nicolas d'Arcy.

Tella sentou-se, sem palavras, pois ela não achava que gritar seria uma boa ideia.

O rosto todo de Scarlett estava rosa.

— Eu posso explicar.

— Eu achei que estivesse dando outra chance ao Julian.

— Eu estou, mas também estou dando uma chance ao Nicolas.

— Nicolas? Agora você trata seu ex-noivo pelo primeiro nome?

Tella desesperadamente esperava que sua irmã estivesse brincando, fazendo Tella pagar por todos os segredos que havia guardado.

Embora tudo isso fosse verdade, o tenso olhar que Scarlett e Jacks trocaram agora fazia sentido.

— Foi essa pessoa que você pediu ao Jacks que a ajudasse a achar?

— Jacks te disse que eu pedi a ajuda dele? — Scarlett soava surpresa, como se ela tivesse confiado no Príncipe de Copas.

— Eu vi você sair na mesma carruagem que ele noite passada — Tella disse.

Scarlett levou suas mãos às suas bochechas, cobrindo a vermelhidão crescente.

— Eu encontrei ele depois que você me disse que ele iria encontrar nossa mãe. Eu estive procurando Nicolas sozinha, mas não tive sorte, e ir até Jacks pedir ajuda me deu uma desculpa para interrogá-lo sobre suas intenções com você. Não que ele tenha sido honesto sobre qualquer coisa.

— Eu não acho que nenhuma de nós pode criticar ninguém por ser desonesto — Tella rebateu.

— Eu planejava te contar sobre Nicolas, só estava esperando a hora certa.

— Scarlett olhou para sua mãe, um lembrete silencioso de que ela não era a única ali com segredos. — Eu não deveria ter escondido isso de você, mas eu sei que você nunca gostou dele.

— Eu ainda não gosto. Trocar cartas com ele é um erro.

— Não se preocupe — Scarlett respondeu. — Eu não estou planejando me casar com ele, mas eu gostaria que você não comentasse isso com Julian. Eu acho que um pouco de rivalidade pode ser bom pra ele.

— Então é por isso? — Tella estava mais do que um pouco atordoada. — Você quer uma competição entre o conde e Julian?

— Eu não chamaria de competição — Scarlett disse. — Eu não planejo dar a nenhum deles tarefas para cumprir, mas como eu saberia se Julian é o certo para mim se eu não tenho mais ninguém para comparar com ele? Achei que você se orgulharia de mim. Foi você quem sempre quis que eu tomasse minhas próprias decisões. — Scarlett sorriu ironicamente, tão astuta quanto um gato que acabara de aprender a fugir de uma casa e explorar o mundo lá fora.

Tella sempre pensou que sua irmã a subestimava – mas talvez fora ela quem havia subestimado Scarlett.

Tella ainda não gostava da ideia do conde. Mesmo que ela não confiasse mais no que o Oráculo a havia mostrado, ela teve um sentimento horrível quando se tratava do Conde Nicolas d’Arcy. Suas cartas sempre pareceram perfeitas demais. Ele era a definição de cavalheiro no dicionário; ninguém era tão cortês na vida real. Ou ele era terrivelmente maçante, ou era uma fraude. E ainda, apesar de suas reservas, Tella estava orgulhosa de sua irmã por ter feito uma escolha tão ousada.

— Scarlett, eu...

Sinos. Longos, baixos e pesarosos sinos tocaram por entre o palácio.

Tella estremeceu ao som trágico, esquecendo instantaneamente qualquer coisa que havia dito enquanto os sinos continuaram a chorar. Esses não eram ponteiros de relógios batendo as horas.

Esses eram os sinos da manhã, gritando uma canção de perda.

Na cama, a mãe de Tella moveu-se. Ela não acordou de seu descanso amaldiçoado, mas os sinos claramente a perturbaram.

Entre a melodia sombria, Tella ouviu uma onda de atividade no salão.

Passos apressados. Vozes tagarelando. Mais do que alguns soluços desenfreados. E ela soube.

A Imperatriz Elantine havia falecido.

Tella apenas a encontrou duas vezes, mas ela sentiu uma surpreendente onda de emoção ao pensar em seu fim de vida, em seu corpo repousando e seus olhos fechando-se para sempre.

Scarlett não parecia ter tanta certeza, ou ela só não devia ter ideia nenhuma. Ela levantou-se da cadeira e abriu a porta no exato momento em que uma serva andava apressada.

— O que é toda essa comoção?

— Sua Majestade faleceu — a serva confirmou. — Eles estão dizendo que o novo herdeiro – seu filho desaparecido – está agora fazendo sua primeira aparição da torre de ouro. Todos estão indo até o pátio de vidro para vê-lo. Você provavelmente pode ver a torre de sua janela.

A empregada disparou e Tella cruzou o quarto para abrir as cortinas da maior e mais larga janela. A luz fluíu, mel e brilhante. O sol tinha saído de trás as nuvens finalmente e parecia estar compensando o trabalho preguiçoso que tinha feito naquela tarde. Com os sinos da manhã ainda tocando, parecia errado que estivesse brilhando tão intensamente, irradiando sobre todo o pátio, que de fato estava se enchendo de pessoas.

— Eu não consigo acreditar que a imperatriz morreu — Scarlett disse.

— Você iria gostar dela — Tella murmurou. — Ela dava abraços do jeito que eu sempre quis que nana Anna tivesse feito.

— Nana realmente te deu braços?

— Uma vez — Tella disse. — Confie em mim, você não está perdendo nada.

Tella não chorou quando nana Anna morreu. Mesmo que a mulher tivesse feito um pouco de esforço para criá-la, Tella nunca sentiu qualquer afeição por ela. Mas Tella gostou da imperatriz. Seu conhecimento foi breve, mas Elantine havia retirado a maldição de Tella; se seus destinos nunca houvessem se cruzado, a mãe de Tella poderia ainda estar presa numa carta.

Tella levantou seu pescoço enquanto olhava além do pátio de vidro em direção a torre de ouro. Todas as janelas e varandas estavam abertas; Delas os empregados e servos jogavam pétalas de flores negras para a multidão

reunida abaixo. O tributo triste foi ainda mais melancólico que os sinos.

Apenas uma varanda falhou em jogar qualquer flor. Ao invés disso, esse terraço içou bandeiras azul-real com o brasão do Império Meridiano em realce branco. No centro dela ficou uma figura.

Todos os pêlos no corpo de Tella arrepiaram-se em atenção quando ela o viu.

Tella não podia ver seu rosto claramente, mas ela podia ver seu chapéu. Afiado, preto e inequivocamente Lenda.

Aquele canalha.

Tella sabia que Lenda era cheio de segredos, mas esse era um que ela não havia sequer considerado. Ele estava posando como filho desaparecido de Elantine. Foi por isso que ele a deixou nos degraus assim que os fogos de artifício começaram a estourar; ele saiu para assisti-los com a imperatriz. Embora Tella imaginasse que ele a deixaria de qualquer maneira.

Era tão inapropriado, mas Tella não conseguiu parar a risada que borbulhou dentro dela. Ela achava que era a chave para jogo dele.

Mas, é claro, Lenda estava jogando mais de um jogo. Ele não veio à Valenda meramente para destruir as Moiras e tomar seus poderes para si. Ele escolheu essa cidade como seu tabuleiro, assim poderia reivindicar o trono.

EPÍLOGO

Nos contos de fadas, dezesseis fora sempre a idade onde as garotas ou aprendiam que tinham poderes mágicos, eram verdadeiras princesas disfarçadas, ou foram amaldiçoadas e precisariam de um belo príncipe para ajudá-las a quebrar o encantamento negro. Tella não sabia o que a aguardaria durante seu décimo sétimo ano, mas o que quer que fosse, seria mais espetacular do que qualquer uma dessas coisas.

Com toda a melancolia durante o Dia de Elantine, ela quase esqueceu seu aniversário. No entanto, ela magicamente acordou à meia-noite, no primeiro momento.

Seu coração ainda estava um pouco pesaroso, mas ela decidiu que carregá-lo por aí apenas a tornaria mais forte.

Duas noites antes, quando ela tomou o lugar de sua mãe na carta, Tella temeu que esse fosse seu verdadeiro fim. Mas ela era jovem demais para finais. Suas aventuras apenas haviam começado. Elas seriam ainda maiores do que promessas, e mais brilhantes do que constelações. Ao final delas, Tella seria a única lendária.

Lenda iria se arrepender de tê-la deixado naqueles degraus sem nada além de um adeus.

Ou talvez ele já houvesse se arrependido...

Tella silenciosamente sentou-se na cama. O quarto estava escuro, em meio à noite e sombras, e ainda assim Tella viu seu presente tão claro como se estivesse à luz do dia. Uma única rosa vermelha com um caule branco impecável pousado sob a mesa ao lado de sua cama. Abaixo dela um envelope prateado conseguiu brilhar, pois, é claro, tudo sobre Lenda brilhava no escuro.

Tella pegou a carta e saiu da cama em direção à janela.

Ela ainda estava furiosa com ele. Ela iria fazê-lo se arrepender de ter ido para longe dela. Mas seu coração parecia ter se esquecido disso.

Ele tropeçou, pulou e bateu em um ritmo pesado enquanto ela abriu a nota que ele havia deixado.

Cheirava a ele, a tinta e a segredos e magia perversa. Sua escrita estava inteiramente espessa, em traços escuros. Enquanto lia recusou-se a sorrir, mas algo como esperança começou a aumentar em seu coração.

Donatella,

*Eu acredito que seja seu aniversário. Eu também
acredito que temos negócios inacabados; Eu ainda te
devo um prêmio por vencer o Carnaval. Me encontre
sempre que desejar para coletar.*

Estarei esperando.

— Lenda

GLOSSARY OF FATES AND TERMS

DECK OF DESTINY: A method of fortune-telling. Decks of Destiny contain thirty-two cards, comprised of a court of sixteen immortals, eight places, and eight objects.

THE FATES: According to the myths, the Fates pictured inside Decks of Destiny were once magical, corporeal beings. They supposedly ruled a quarter of the world centuries ago until they mysteriously vanished.

THE GREATER FATES

The Murdered King

The Undead Queen

The Prince of Hearts

The Maiden Death

The Fallen Star

Mistress Luck

The Assassin

The Poisoner

THE LESSER FATES

Jester Mad

The Lady Prisoner
Priestess, Priestess

Her Handmaidens

The Unwed Bride

Chaos

The Pregnant Maid

The Apothic

THE FATED OBJECTS

The Shattered Crown
Her Majesty's Gown

The Blank Card

The Bleeding Throne

The Aracle

Map of All

The Unbitten Fruit

Reverie Key

FATED PLACES

Tower Lost

Phantasy Orchard

The Menagerie

The Immortal Library

Castle Midnight

The Imaginarium

The Vanished Market

Fire Undying

LUCKLESS COINS: Coins with the magic ability to track a person's whereabouts. When the Fates still reigned on Earth, if one became fixated on a human, they would slip a luckless coin into their purse or pocket so they could follow them wherever they went. The coins were considered to be bad omens.

ALCARA: The ancient city from where the Fates ruled, now known as the Meridian Empire's capital city of Valenda.

OceanofPDF.com

ACKNOWLEDGMENTS

I'd been warned that writing a second book was difficult, but writing *Legendary* felt nearly impossible. I could not have done it on my own. I thank God for miracles, answered prayers, and the amazing people who helped me with this story.

I'm so thankful for my family, for my mom and my dad and my brother and my sister and my brother-in-law. When I started writing I didn't realize what a journey it would be for all of us. This book was an especially difficult part of it and I'm not sure how I would have gotten through it without your love, your endless encouragement, and all the times you listened when I cried. I have the best family and I love you all so much.

Sarah Barley, you are truly the fairy godmother of books. Thank you for sprinkling your magic over this story; you have helped make *Legendary* a better book than I could have written on my own. Thank you for your patience as I sent in draft after draft, for your enthusiasm and love for these sisters and this series, and for knowing the heart of Caraval so well. There were times I really veered off course and I'm glad I had you there to help bring me back.

Jenny Bent, you are amazing. I could fill these pages with a list of all the reasons why I'm thankful to have you as my agent. Thank you for never giving up on me, especially during the moments when I'd given up on myself.

Ida Olson, I will never stop being grateful for you and how you swooped in like a superhero to help me save this book.

To the tremendous team at Flatiron Books, I could not ask for a better home for this series. Thank you so much to everyone who worked on this book, with a very special thank-you to Amy Einhorn and Bob Miller—I'm so

grateful to have you as my publishers.

To the wonderful team at Macmillan Audio, thank you so much for your endless enthusiasm and for including *Legendary* as a part of your list. Rebecca Soler, my incredible audiobook narrator, I'm so thankful for you and for how you've brought both *Caraval* and *Legendary* to life with your fantastic narration.

Another special thank-you to Patricia Cave. If you ever leave publicity I will cry. Thank you for being the first to love Jacks and for all of your wise words.

Erin Fitzsimmons, you outdid yourself with this cover. Thank you so much for bringing your magic to this book.

Speaking of magic, thank you, Kate Howard and all the delightful people at Hodder and Stoughton, for giving this series a truly fantastic home in the UK. Thank you so much, Molly Ker Hawn, for finding this home and for being a tremendous support.

I feel incredibly blessed for all my amazing foreign publishers; thank you all for putting *Legendary* and *Caraval* in the hands of readers around the world.

A huge thank-you to all of my wonderful friends! Stacey Lee, thank you for sharing your creativity with me when mine had run dry, for endless brainstorming, brilliant ideas, and for being the friend I needed. Amanda Roelofs, thank you for always being my first reader and still being my friend, despite all the messy things I've sent your way; this story is much happier because of you. Thank you, thank you, thank you, Liz Briggs and Abigail Wen, for reading and so generously helping me with early drafts (readers, you might want to thank Liz, too—because of her there are more kisses). Katie Nelson and Roshani Chokshi, thank you for much-needed phone calls and for dropping everything to read early pieces of this when I wasn't sure if I was taking this story in the right direction. Kerri Maniscalco, Julie Dao, and Julie Eshbaugh—thank you for the marathon phone chats, the encouragement, and the treasure that is your friendship. To all the lovely and supportive local authors and writers, Jessica, Shannon, Val, Jenny, Kristin, Adrienne, Rose, and Joanna—I'm so thankful for the dinners and to call you all my friends.

I also want to thank all the amazing readers of this series! My heart is so full from your love and support. Thank you for your enthusiasm, your excitement, your comments, your pictures, and for picking up this book.

OceanofPDF.com

ALSO BY [STEPHANIE GARBER](#)

Caraval

OceanofPDF.com

ABOUT THE AUTHOR



Author photograph © Matthew Moores,
www.matthewdavidfilms.com

Stephanie Garber is the *New York Times* and internationally bestselling author of *Caraval* and *Legendary*. She grew up in northern California, where she was often compared to Anne Shirley, Jo March, and other fictional characters with wild imaginations and stubborn streaks. When she's not writing, Stephanie teaches creative writing and dreams of her next adventure. Legend has yet to send her a ticket to Caraval.

Visit her online at www.stephaniegarberauthor.com, or sign up for email updates [here](#).

www.worldofcaraval.com

 @SGarberGirl

 @stephanie_garber



**Thank you for buying this
Flatiron Books ebook.**

To receive special offers, bonus content,
and info on new releases and other great reads,
sign up for our newsletters.

Sign Up

Or visit us online at
us.macmillan.com/newslettersignup

For email updates on the author, click [here](#).

OceanofPDF.com

CONTENTS

Title Page
Copyright Notice
Dedication
Map
Seven Years Ago

Isla De Los Sueños

Chapter 1
Chapter 2
Chapter 3
Chapter 4
Chapter 5
Chapter 6

The Meridian Empire's Capital City, Valenda

Chapter 7
Chapter 8
Chapter 9
Chapter 10

Night One of Caraval

Chapter 11
Chapter 12
Chapter 13
Chapter 14
Chapter 15
Chapter 16
Chapter 17

Night Two of Caraval

Chapter 18

Chapter 19

Chapter 20

Chapter 21

Night Three of Caraval

Chapter 22

Chapter 23

Chapter 24

Chapter 25

Chapter 26

Chapter 27

Chapter 28

What Should Have Been Night Four of Caraval

Chapter 29

Chapter 30

Night Five of Caraval

Chapter 31

Chapter 32

Chapter 33

Chapter 34

Chapter 35

Chapter 36

Elantine's Eve: The Last Night of Caraval

Chapter 37

Chapter 38

Chapter 39

Chapter 40

Chapter 41

Chapter 42

Elantine's Day

Chapter 43

Epilogue

Glossary of Fates and Terms

Acknowledgments

Also by Stephanie Garber

About the Author

Copyright

OceanofPDF.com

This is a work of fiction. All of the characters, organizations, and events portrayed in this novel are either products of the author's imagination or are used fictitiously.

LEGENDARY. Copyright © 2018 by Stephanie Garber. All rights reserved. For information, address Flatiron Books, 175 Fifth Avenue, New York, N.Y. 10010.

www.flatironbooks.com

Map by Rhys Davies

Cover design by Erin Fitzsimmons

Cover photograph © Shutterstock.com

The Library of Congress has cataloged the print edition as follows:

Names: Garber, Stephanie, author.

Title: *Legendary*: a Caraval novel / Stephanie Garber.

Description: First edition. | New York: Flatiron Books, 2018. | Summary: Having made a deal with a criminal to save her sister Scarlett from a disastrous arranged marriage, Tella must win Caraval and uncover Legend's identity, or risk losing everything, including her life.

Identifiers: LCCN 2018001435 | ISBN 9781250095312 (hardcover) | ISBN 9781250192226 (international, sold outside the U.S., subject to rights availability) | ISBN 9781250095336 (ebook)

Subjects: | CYAC: Sisters—Fiction. | Performing arts—Fiction. | Games—Fiction. | Criminals—Fiction. | Fantasy.

Classification: LCC PZ7.1.G368 Le 2018 | DDC [Fic]—dc23

LC record available at <https://lcn.loc.gov/2018001435>

eISBN 9781250095336

Our ebooks may be purchased in bulk for promotional, educational, or business use.

Please contact the Macmillan Corporate and Premium Sales Department at 1-800-

221-7945, extension 5442, or by email at

MacmillanSpecialMarkets@macmillan.com.

First Edition: May 2018

First International Edition: May 2018

OceanofPDF.com